



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORANEA

ALLAN KARDEC PINTO ACOSTA BENITEZ

**O FUTEBOL PROFISSIONAL EM MATO GROSSO:
DA GÊNESE À COPA DO MUNDO DE 2014.**

Cuiabá
Dezembro de 2019.

ALLAN KARDEC PINTO ACOSTA BENITEZ

**O FUTEBOL PROFISSIONAL EM MATO GROSSO:
DA GÊNESE À COPA DO MUNDO DE 2014.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, Área de Concentração Estudos Interdisciplinares de Cultura, Linha de Pesquisa Epistemes Contemporâneas, como requisito final à obtenção do título de Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea.

Orientador:

Prof. Doutor Francisco Xavier Freire Rodrigues

**Cuiabá
Dezembro de 2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

B467f Benitez, Allan Kardec Pinto Acosta.
O FUTEBOL PROFISSIONAL EM MATO GROSSO: DA GÊNESE À COPA
DO MUNDO DE 2014 / Allan Kardec Pinto Acosta Benitez. -- 2019
269 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Francisco Xavier Freire Rodrigues.
Co-orientadora: Wanderley Marchi Junior.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de
Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura
Contemporânea, Cuiabá, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Futebol Profissional. 2. Mato Grosso. 3. Modernização. 4. Profissionalização.
5. Crescimento Econômico. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367, - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT

Tel: (65) 3615-8428 - Email: eccosuporte@ufmt.br

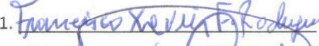
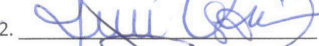



FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "O FUTEBOL PROFISSIONAL EM MATO GROSSO: DA GÊNESE À COPA DO MUNDO DE 2014"

AUTOR : Doutorando Allan Kardec Benitez

Tese de Doutorado defendida e aprovada em 13/12/2019.

Composição da Banca Examinadora:

1.  Doutor Francisco Xavier Freire Rodrigues (Presidente da Banca / Orientador)
2.  Doutor Renilson Rosa Ribeiro (Examinador Interno)
3.  Doutor Edson Benedito Rondon Filho (Examinador Interno)
4.  Doutor Wanderley Marchi Junior (Examinador Externo)
5.  Doutor Jorge Eto (Examinador Externo)

CUIABÁ, 13/12/2019.

AGRADECIMENTOS

Ao programa de Pós-graduação ECCO/UFMT (Estudos de Cultura Contemporânea- Universidade Federal de Mato Grosso) por adotar uma postura de vanguarda no âmbito dos estudos socioculturais; agradeço o meu orientador professor Dr. Francisco Xavier Freire Rodrigues que se firma como referência brasileira na Sociologia do Esporte, liderando o GEPECS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Esportes e Sociedade), que reúne grandes intelectuais com uma produção acadêmica de alta relevância; agradeço nosso principal líder na América Latina, professor Dr. Wanderley Marchi Júnior da UFPR – Universidade Federal do Paraná e da ALESDE – Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturais del Desport, pioneiro desbravador da Sociologia do Esporte que nos honra com suas publicações na América, Europa e na Ásia.

Agradeço a banca de defesa que contribuiu com a finalização deste trabalho.

Agradeço a historiadora e amiga, professora Neila Maria Souza Barreto, minha confreira do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e membro da Academia Matogrossense de Letras, que contribuiu com a pesquisa histórica.

E por fim, agradeço à minha família: minha mãe, a professora Nilza Lina Pinto Acosta Benitez que sempre incentivou e investiu nos meus estudos, à minha esposa Caroline Maria de Lima, aos meus filhos Fernando e Frederico que me inspiram a lutar por um mundo mais justo e fraterno.

Epigrafe

-O futebol, como o cinema e a literatura, obriga a ver coisas maravilhosas como a vitória, o êxito e a excelência, mas também a entrar em contato com o nosso lado mais mesquinho e odioso como o ódio, a frustração, a derrota e a perda. Esses sentimentos são ensaios sobre a vida como ela é como diria Nelson Rodrigues. Ele ajuda ainda a responder quem somos nós, que matéria é essa que constitui nosso interior! (ROBERTO DAMATTA)

RESUMO

BENITEZ, Allan Kardec Pinto Acosta. **O futebol profissional em Mato Grosso**: da gênese à Copa do Mundo de 2014. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

O tema central que fundamenta o debate desenvolvido neste estudo refere-se à análise da trajetória do futebol profissional em Mato Grosso, por meio de uma pesquisa histórica e sociológica, na intenção de desvendar os mais de 100 anos de prática desse esporte em nosso estado, dos primórdios à contemporaneidade. O objetivo geral desta tese foi analisar a trajetória do futebol profissional em Mato Grosso, em relação ao crescimento econômico do estado. O problema de investigação se debruçou sobre a relação entre o desenvolvimento do futebol profissional e o crescimento econômico no estado de Mato Grosso. A questão principal que norteou a investigação foi: por que o futebol profissional em Mato Grosso não acompanhou o crescimento econômico no estado? A pesquisa que fundamenta a presente tese se utilizou de técnicas de investigação qualitativas, tais como as entrevistas e análise de documentos. A técnica da entrevista foi importante na investigação, pois permitiu revelar a percepção que os agentes têm sobre o futebol de Mato Grosso. As 14 entrevistas realizadas foram com jornalistas, dirigentes de futebol, ex-jogadores, torcedores, gestores públicos, entre outros. O referencial teórico da tese ancora-se na sociologia do esporte, na teoria sociológica contemporânea, na sociologia das profissões e na literatura sociológica sobre o futebol. Dessa forma, nós podemos concluir que a heterogeneidade de interesses e dos projetos políticos e econômicos das elites econômicas do estado fez com que o futebol não tenha sido um projeto prioritário. Por essa razão, são poucas as empresas mato-grossenses que patrocinam os clubes de futebol local e, conseqüentemente, há um enfraquecimento econômico dos clubes de futebol, o que é um problema enorme diante do futebol-negócio, na contemporaneidade. Portanto, nós verificamos que há de fato uma dissociação total entre as classes econômica, produtiva e o futebol. Em função disso, existe uma carência de investimentos no futebol local, isto é, não há apoio desses grupos econômicos ao futebol mato-grossense, com exceção dos clubes Cuiabá e Luverdense. O futebol profissional de Mato Grosso ocupa um espaço periférico no mercado futebolístico brasileiro, em decorrência da incipiente profissionalização e modernização dos clubes, da pequena/pouca participação da televisão na receita dos clubes, da escassez de investimentos das empresas locais no futebol, da precária situação das categorias de base dos times e do amadorismo marrom que predomina no futebol amador do estado.

Palavras-chave: futebol profissional; Mato Grosso; modernização e profissionalização; crescimento econômico; crise do futebol.

ABSTRACT

BENITEZ, Allan Kardec Pinto Acosta. **Professional Football in Mato Grosso: From Genesis to the 2014 World Cup**. Cuiabá, 2019. Thesis (Doctorate in Contemporary Culture Studies) – School of Communication and Arts, Federal University of Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

The main topic that substantiates the debate developed in this study refers to the analysis course of the professional soccer in the state of MT through a historical and sociological research in order to reveal more than a hundred years (100) of this sport in our state, from the beginnings to nowadays. The main goal of this thesis was to analyze the course of the professional soccer in Mato Grosso, since the beginnings until the present days, correlating with the state economic growth. The problem of investigation was based on the relationship between the professional soccer development and the economic growth in the state of MT. The highlight that guided the investigation was: Why the professional soccer in MT didn't keep up with the economic growth in the state? The research that substantiates the present thesis used qualitative research techniques such as interviews and document analysis. The interview technique was important in our investigation because allowed us to reveal the agents' perception about the soccer in MT. The fourteen (14) interviews were conducted involving journalists, soccer leaders, former players, soccer fans, public agents and others. The theoretical framework of the thesis is based on the sport sociology, in the contemporary sociological theory, in the career's sociology and in the sociological literature about soccer. Therefore we can conclude that the heterogeneity of the interests and the political and economic projects of the economic elites of the state didn't make soccer a priority project. For this reason there are so few companies in MT that sponsor local soccer teams and, consequently, there is an economic weakening of these teams, what is a big problem in the soccer business nowadays. So we confirm that there is indeed a total dissociation between the economic and productive classes and the soccer. Because of this, there is a lack of investments in the local soccer, so, there isn't support from these economic groups for the soccer in MT, except for the Cuiabá and Luverdense Teams. The Mato Grosso professional soccer is part of a peripheral space in the Brazilian soccer business, as a result of the incipient professionalization and modernization of the teams, the small amount of television's financial participation in the teams' incomes, the lack of investments from the local business in the soccer, the precarious situation of the teams basis category and the –brown amateurism‖ that predominates in the amateur soccer in the state.

Key words: professional soccer; Mato Grosso; Modernization and professionalization, economic growth; soccer crisis;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1	
PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL EM MATO GROSSO: SURGIMENTO E AMADORISMO (Décadas de 1900-1930)	29
Processo de formação do estado de Mato Grosso	30
Cuiabá nos seus primórdios.....	34
As touradas e o surgimento do futebol.....	37
O princípio do futebol em Mato Grosso.....	42
O surgimento de clubes de futebol em Mato Grosso	47
A fundação das ligas na organização do futebol	50
Gestão esportiva do futebol em Mato Grosso	53
Manoel Soares Campos: o pioneiro na construção do estádio	55
Clube Esportivo DOM BOSCO.....	58
O aparecimento do Mixto Esporte Clube no futebol, pelas mãos de Zulmira Canavarros	60
O futebol no sul mato-grossense	63
O torneio de futebol de 1936	68
O aparecimento de uma federação de futebol em Corumbá em 1927.....	79
A Federação Mato-grossense de Desportos (FMD) em 1942	86
CAPÍTULO 2	
O PROFISSIONALISMO, A ERA DO RÁDIO, O ESTÁDIO DUTRINHA (1940-1960)	90
O futebol em Corumbá pós-década de 1930	90
O futebol em Várzea Grande.....	95
O futebol em Rondonópolis	97
O processo de profissionalização do futebol em Mato Grosso	99
Campeonatos estaduais de Mato Grosso	126
Estádio Presidente Dutra, o Dutrinha.....	128
Era do Rádio em Mato Grosso	137
O rádio e o futebol em Mato Grosso: narradores esportivos de Cuiabá.....	138
Ivo de Almeida: ídolo da radiofonia cuiabana	139
CAPÍTULO 3	
DO AUGÉ À DECADÊNCIA: O FUTEBOL DE MATO GROSSO NA ERA DO VERDÃO E DA TV.....	148
Os 71 anos da Federação Mato-grossense de Futebol.....	147

SUMÁRIO

A Era do Verdão: do auge à crise do futebol de Mato Grosso	152	
A Era da TV no futebol de Mato Grosso	174	
CAPÍTULO 4		
FUTEBOL NOS ANOS 2000: DA COPA DO MUNDO À CONTEMPORANEIDADE – MODERNIZAÇÃO, CLUBE-EMPRESA E RESSURGIMENTO DO FUTEBOL MATO-GROSSENSE		180
Crise e modernização do futebol mato-grossense	181	
A Copa do Mundo Fifa 2014 em Cuiabá: os caminhos dos clubes e seus legados.....	185	
Alternativas para a crise do futebol de Mato Grosso: clube-empresa, gestão, investimentos e ressurgimento	203	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	222	
REFERÊNCIAS	227	
APÊNDICES		
Apêndice 1 – Cronologia do Futebol em Mato Grosso	251	
Apêndice 2 – Relação das ligas	266	
ANEXOS		
Anexo 1 – Decreto nº 24.645.....	276	
Anexo 2 – Roteiro das entrevistas	277	

INTRODUÇÃO

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada (VERÍSSIMO, 2010, p. 25).

Sempre esteve presente, em nossa vida, a cultura do futebol com as suas emoções mais viscerais. Existem muitas histórias a respeito da origem do futebol. Todas, porém, levam ao magnífico jogo que hoje é disputado. Quase todas as culturas do mundo possuem alguma referência ao futebol.

Chineses, japoneses, italianos, gregos antigos, persas, vikings e muitos outros povos já praticavam algum tipo de jogo de bola em tempos muitos distantes. Os chineses, por exemplo, já tinham um jogo parecido há 3 mil anos atrás. Na Grécia Antiga e em Roma, os jogos de bola eram utilizados para preparar soldados para a guerra. Já na América do Sul e na América Central, existiu um jogo chamado *tlatchi*, semelhante ao futebol (GIULIANOTTI, 2010, p. 21).

Porém, foi na Inglaterra que o futebol realmente começou a tomar forma. Tudo começou em 1863, quando duas associações de jogos de bola (*football association* e futebol tipo rugby) se separaram, porque os partidários do rugby não aceitavam um jogo em que era proibido segurar a bola com as mãos. E isso acabou dando origem à The English Football Association, primeira associação inglesa de futebol.

Apenas oito anos depois, a Escola de Formação de Atletas (EFA) já contava com 50 clubes-membros. A primeira competição mundial, a The Football Association Cup (FA Cup) aconteceu no mesmo ano. Antes de se ouvir sobre o futebol na Europa, já aconteciam partidas internacionais na Grã-Bretanha. A primeira delas foi em 1872, entre Inglaterra e Escócia.

Não pretendemos aqui contar a história do futebol, pois seria impossível, em um texto desta natureza. Também não objetivamos narrar a história do futebol no Brasil, tema este já abordado por Mazzoni (1950), Franzini (2003) e vários outros autores. A escolha por investigar a trajetória do futebol profissional de Mato Grosso, do seu surgimento à contemporaneidade, decorre de uma agenda de pesquisa já iniciada no trabalho *O futebol de*

várzea na Comunidade São Gonçalo Beira Rio - Cuiabá/MT, de Benitez e Rodrigues (2018), no qual analisamos o futebol de várzea em Cuiabá como elemento da mediação cultural em uma comunidade tradicional.

O futebol transcende a condição de fenômeno esportivo, tornando-se também importante elemento sociocultural, interessando às mais amplas e variadas camadas sociais no mundo inteiro e, de maneira especial, no Brasil, considerado por muitos o país do futebol. Apresenta-se como uma expressão sociocultural do povo brasileiro, estabelecendo teias de significados e mediando relações que vão além da simples manifestação esportiva.

O que há de concreto nas histórias sobre o início da prática futebolística são as incontáveis controvérsias, tendo como resultado uma falta de consenso. Mesmo porque, em se tratando de futebol, o consenso é algo difícil de acontecer, já que as discussões, as controvérsias e as jocosidades funcionam como um combustível da importância que o futebol possui para o brasileiro.

A presente tese teve como tema geral o estudo da trajetória do futebol profissional em Mato Grosso por meio de uma pesquisa histórica e sociocultural, na intenção de desvendar os mais de 100 anos de prática desse esporte em nosso estado, dos primórdios à contemporaneidade. Pretende-se descrever cada período e suas especificidades, construindo assim um novo percurso histórico em que os relatos orais e os documentos oficiais e jornalísticos se encontrem no mesmo texto, ou seja, do primeiro jogo oficial à Copa do Mundo de 2014, do primeiro campo oficial de futebol à Arena Pantanal Engenheiro José Manoel Fontanillas Fragelli¹.

Buscamos entender e compreender os fatores que possibilitaram o processo de profissionalização do futebol em Mato Grosso, com ênfase nos seus aspectos sociais, culturais, políticos, esportivos e econômicos. Analisaremos os elementos/processos/fatores que configuraram as fases do auge e da decadência do futebol de Mato Grosso. A influência do rádio e da televisão foi abordada nesta tese, além do processo de modernização dos clubes de futebol.

Compreender todo o movimento em torno da Copa de Mundo e do -Padrão Fifall, que ocuparam espaço no imaginário coletivo de uma cidade, por meio dos impactos sofridos pelas intervenções de ordem estruturais e urbanísticas, as quais transformaram Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, em um grande canteiro de obras (algumas inacabadas), mas que ainda assim, em uma preliminar análise, vêm transformando a realidade do futebol local, que ora

¹ Nome do 42º governador de Mato Grosso, no período de 15 de março de 1971 a 15 de março de 1975.

mistura aspectos da modernidade globalizada com a mais provinciana possível das ações futebolísticas. E, apostando nesse aspecto da contemporaneidade, o nosso olhar evidenciará conflitos locais, de resistências e fronteiras culturais a partir do futebol profissional e sua história.

Compreender, ainda, as relações das elites políticas e empresariais com o sucesso ou o fracasso dos seus times de futebol ao longo do tempo se faz necessário, especialmente para elucidar cada período retratado da história. Entender também, enfim, a genealogia do futebol profissional à luz dos estudos da sociologia do esporte e dos estudos de cultura contemporânea.

Evidentemente, este estudo se propõe aberto, considerando-se as perspectivas que se insinuam sobre os fazeres socioculturais, bem como a diversidade de ações e movimentos que possam advir a partir das análises dos relatos orais.

Objetivos da tese

O objetivo geral desta tese foi analisar a trajetória do futebol profissional em Mato Grosso, desde seus primórdios até a contemporaneidade, em relação ao crescimento econômico do estado.

Os objetivos específicos foram definidos assim: (a) investigar o contexto histórico e social do surgimento do futebol em Mato Grosso; (b) compreender os fatores que desencadearam o processo de profissionalização e de modernização do futebol em Mato Grosso; (c) identificar os fatores que configuraram as fases divergentes entre o auge e a decadência do futebol em Mato Grosso; (d) verificar as influências do rádio e da televisão no desenvolvimento do futebol profissional de Mato Grosso; e (e) analisar e descrever o futebol profissional em Mato Grosso na contemporaneidade: a Copa do Mundo de 2014 e a mercantilização do jogo.

O problema da investigação

O problema investigado nesta tese foi a relação entre o desenvolvimento do futebol profissional e o crescimento econômico no estado de Mato Grosso. A questão principal que norteou a investigação foi: por que o futebol profissional em Mato Grosso não acompanhou o crescimento econômico no estado?

Elaboramos algumas questões secundárias de pesquisa para serem respondidas ao longo da investigação empírica. Quando foi e quais os elementos que configuraram os momentos de apogeu e de decadência do futebol profissional de Mato Grosso? De que forma o futebol se configurou como projeto das elites políticas locais? Quais os motivos que levaram à diminuição do número de torcedores nos estádios de futebol de Mato Grosso? Qual a contribuição dos estádios Dutrinha e Verdão para o futebol profissional de Mato Grosso? Qual a contribuição do rádio e da televisão para o futebol de Mato Grosso? Qual a contribuição da Arena Pantanal para a reconstrução do futebol de Mato Grosso? Qual a relação entre a transmissão dos jogos de futebol ao vivo pela TV e o esvaziamento da presença das torcidas nos estádios? Qual a relação entre projeto político das elites e o desenvolvimento do futebol em Mato Grosso?

As hipóteses

Hipótese 1: nossa hipótese principal aqui defendida é de que o futebol profissional de Mato Grosso não acompanhou o crescimento econômico do estado porque não faz parte dos projetos econômicos e políticos das atuais elites econômicas locais, fazendo com que o empresariado não invista no futebol local.

Elaboramos hipóteses secundárias com a intenção de nos auxiliar na análise dos dados e na solução do problema investigado.

Hipótese 2: existe uma relação direta entre o sucesso e o fracasso das elites políticas e seus times de futebol em Mato Grosso. Essas relações se configuram na cultura local de acordo com cada ciclo de poder (político ou empresarial).

Hipótese 3: os pequenos públicos nos estádios de futebol de Mato Grosso decorrem da má qualidade dos jogos, da carência de jogadores famosos, do televisionamento das partidas de futebol do Campeonato Estadual, da crise econômica dos clubes locais e do surgimento de novas opções de lazer no estado.

Hipótese 4: o rádio e a televisão foram importantes veículos de produção, valorização e massificação do futebol profissional em Mato Grosso.

Hipótese 5: os Estádios Dutrinha e Verdão fazem parte dos momentos de glória do futebol profissional mato-grossense.

Hipótese 6: a Arena Pantanal representa uma nova fase do futebol profissional de Mato Grosso.

Aspectos metodológicos da investigação

A investigação aqui desenvolvida, que deu origem a esta tese, se caracterizou como uma pesquisa qualitativa. A nossa investigação se utilizou de estratégias e métodos de pesquisa qualitativa.

Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 31-32), “[...] a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.]. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa, opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Os investigadores que utilizam os métodos qualitativos procuram explicar o porquê das coisas/fenômenos/fatos/processos, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Pode-se dizer que, na pesquisa qualitativa, o pesquisador/cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do cientista/pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58).

Sabemos que as características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*; precisão das relações entre o global e o local, em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo existente entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

A presente investigação pretende analisar a trajetória do futebol em Mato Grosso, dando ênfase aos fatores empíricos que possibilitaram o profissionalismo, o período de apogeu do futebol profissional e seu declínio. A intenção é entender os diferentes significados sociais, econômicos, políticos e culturais desse processo.

No campo das ciências humanas, as técnicas de coleta de dados são um conjunto de regras ou processos utilizados por uma ciência, ou seja, correspondem à parte prática da

coleta de dados (LAKATOS; MARCONI, 2001).

Os manuais de metodologia mostram que, durante a coleta de dados, diferentes técnicas podem ser empregadas, sendo mais utilizados: a entrevista, o questionário, a observação e a pesquisa documental. Nesta investigação, nos utilizamos da entrevista como uma das técnicas de coleta de dados.

Para Cervo e Bervian (2002), a entrevista é uma das principais técnicas de coletas de dados e pode ser definida como conversa realizada face a face pelo pesquisador junto ao entrevistado, seguindo um método para se obter informações sobre determinado assunto.

Conforme aponta Gil (1999), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas nas pesquisas sociais. Essa técnica de coleta de dados é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como de suas razões para cada resposta.

A entrevista é definida por Haguette (1997, p. 86) como um “[...] processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”. A entrevista, como forma de coleta de dados sobre um determinado tema científico, é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Por meio dela, os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também por intermédio de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos pela entrevista, pois que eles se relacionam com os valores, as atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados.

É sabido que as entrevistas podem ser classificadas em três tipos principais: entrevistas estruturadas/padronizadas, não estruturadas/despadronizadas e semiestruturadas. O tipo mais usual de entrevista é a semiestruturada, por meio de um roteiro de entrevista (LAVILLE; DIONNE, 1999).

As entrevistas estruturadas são aquelas em que as questões e a ordem em que elas aparecem são exatamente as mesmas para todos os entrevistados. As questões devem ser comparáveis, de forma que, quando aparecem variações entre as respostas, elas devem ser atribuídas a diferenças reais entre os respondentes. Geralmente, abrangem um número grande de entrevistados, para o que a própria padronização das perguntas auxilie na tabulação das respostas (MARCONI; LAKATOS, 1996).

Já as entrevistas não estruturadas são opostas às entrevistas estruturadas. O pesquisador não possui um conjunto definido de perguntas e nem as questões são perguntadas em uma ordem específica. O entrevistador possui, portanto, enorme liberdade de ação e pode incursionar por vários assuntos e testar várias hipóteses durante o curso da entrevista (GIL, 1999).

Em relação ao último tipo de entrevistas, a saber, as entrevistas semiestruturadas, pode-se dizer que elas sejam definidas como uma lista das informações que se deseja de cada

entrevistado, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões são feitas irão variar de acordo com as características de cada entrevistado. Geralmente, as entrevistas semiestruturadas baseiam-se em um roteiro constituído de [...] uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem previstal (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 188), apoiadas no quadro teórico, nos objetivos e nas hipóteses da pesquisa. Durante a realização da entrevista é importante seguir algumas recomendações, tais como fazer boas perguntas e interpretar as respostas; ser um bom ouvinte, não deixando se enganar por ideologias e preconceitos, no sentido de buscar a –objetivação (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Para Triviños (1987), a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos, suportados em teorias que interessam à pesquisa, podendo surgir hipóteses novas conforme as respostas dos entrevistados.

A técnica da entrevista foi importante na nossa investigação, pois permitiu revelar a percepção que os agentes têm sobre o futebol de Mato Grosso. Na verdade, a entrevista constitui um instrumento relevante nas pesquisas qualitativas, destacando-se como um dos principais materiais empíricos, como é no nosso caso. Foram realizadas 14 entrevistas de jornalistas, dirigentes, ex-jogadores, torcedores, gestores públicos, entre outros. Todos aceitaram oficialmente serem gravados e publicizados, tanto no texto quanto no documentário que será produzido, e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido: Ademir Moreira, Antero Paes de Barros, Cristiano Dresch, Francisco Anis Faiad, Aron Dresch, José Eustáquio, Pulula da Silva, Gerson Lopes Dias, Vivaldo Lopes Dias, Glauco Marcelo Almeida, Macedo Filho, Althair Caetano Fião da Silva, José Augusto Tenuta, Roberto França Aua.

A pesquisa ainda contou com a técnica da pesquisa documental, que visa reconstruir, por meio de documentos históricos, a história do futebol em Mato Grosso. Os jornais antigos foram pesquisados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), em atas de assembleias, jornais e *sites* de Cuiabá.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil, por vezes, distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, basicamente livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Segundo Gil (1999), a pesquisa documental se torna particularmente importante quando o problema de investigação requer muitos dados dispersos pelo espaço. Porém, deve-se ter atenção à qualidade das fontes utilizadas, pois a utilização de dados equivocados reproduz ou, mesmo, amplia seus erros.

A pesquisa documental é certamente muito utilizada em pesquisas puramente teóricas e naquelas em que o delineamento principal é o estudo de caso, pois aquelas com esse tipo de delineamento exigem, em boa parte dos casos, a coleta de documentos para análise (LAKATOS; MARCONI, 1996).

A pesquisa também se utilizou de fotografias e filmagens das práticas do futebol no estado de Mato Grosso. Realizamos a gravação das entrevistas em vídeos e áudios.

A justificativa da pesquisa

A presente pesquisa se justifica de diversas maneiras: pela sua alta relevância acadêmica, pois trata-se de um texto complexo de reconstrução histórica do futebol em Mato Grosso, com análises concretas no campo social, econômico e cultural, com materiais originais extraídos de entrevistas e análises com especialistas no assunto. Bem como se justifica pela manutenção de uma linha que dialoga com os primeiros estudos realizados, ainda no mestrado, quando abordamos o futebol de várzea em uma comunidade tradicional em Cuiabá (BENITEZ; RODRIGUES, 2018). E, por fim, pela relação direta deste pesquisador com o tema, oriundo do esporte educacional e professor de educação física e atualmente na condição de secretário de Estado de Esporte, Cultura e Lazer – em que uma das responsabilidades da função é justamente a gestão da Arena Pantanal e do esporte de alto rendimento no estado, incluindo o futebol profissional.

Do ponto de vista acadêmico, a tese se enquadra no campo de estudos da sociologia do esporte, contribuindo com a consolidação de uma agenda de pesquisa iniciada no mestrado sobre o futebol de várzea, tendo continuidade aqui com a análise do futebol profissional. Por se tratar de um estudo original sobre o tema em Mato Grosso, esta investigação se justifica do ponto de vista acadêmico, pois visa suprir uma lacuna na literatura dos estudos socioculturais do esporte.

Os resultados de uma investigação dessa natureza poderão ser utilizados na orientação de políticas públicas para o futebol do estado de Mato Grosso, além do potencial de auxiliar em projetos de modernização da gestão dos clubes locais. Por essa razão, a tese se justifica pela sua relevância social e política.

O referencial teórico utilizado

Nos estudos acerca do esporte como fenômeno sociológico, recomendamos a retomada das abordagens dos sociólogos sobre a temática. Sabemos que o alemão Norbert Elias (ELIAS; DUNNING, 1992 e 1992b) defendeu a tese segundo a qual o surgimento do esporte moderno é resultado de um processo social específico –de modificação de elementos da cultura corporal das classes populares e da cultura corporal da nobreza inglesas, iniciado em meados do século XVIII e intensificado nos séculos XIX e XX (RODRIGUES, 2007, p. 37). Ainda segundo Rodrigues (2007, p. 37),

Pode-se dizer que o esporte moderno decorre de um processo de modificação, esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como os jogos populares, jogos com bola, e de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Este processo inicia-se em meados do século XVIII e se intensifica no final do século XIX e início do século XX.

Eric Dunning (ELIAS; DUNNING, 1992a) acredita que muitos esportes têm, em parte, procedências religiosas. Ele argumenta que “[...] a análise de Durkheim da ‘efervescência coletiva’ gerada nos rituais religiosos dos aborígenes australianos poderia extrapolar-se, *mutatis mutandis*, à emoção e excitação geradas em um acontecimento esportivo” (ELIAS; DUNNING, 1992a, p. 12). Se concordarmos com a tese do esporte como resultado dos jogos antigos, é apropriado aceitar que o esporte tem origem religiosa e militar.

Os estudos sobre o esporte ressaltam que, além de origem religiosa, há ainda a função militar desempenhada pelos antigos jogos, estes posteriormente transformados em esportes. Os jogos antigos representavam, simultaneamente, um momento de descanso e formas de preparação para novas guerras. Eram “atividade agonística prevalentemente pré e pós-militar” (GRIFI, 1989, p. 38). Inicialmente, os principais jogos eram o tiro com arco, a luta, o lançamento do disco, a corrida a pé e a corrida com “carros” de tração animal. Esses jogos estavam relacionados à esfera militar (RODRIGUES, 2007, p. 38). Ainda segundo Rodrigues (2007, p. 38),

Os jogos populares sobreviveram na Inglaterra nas escolas públicas, onde não eram percebidos como ameaça à ordem pública e à propriedade. É nas escolas públicas que os jogos ganham regulamentação (o caso do futebol) e a feição do esporte moderno. A partir de 1800 ocorreu o declínio das formas de jogos populares, que ficam fora de uso, pois os processos de industrialização e urbanização levaram a novos padrões e condições de vida, com os quais estes jogos não eram mais compatíveis (ELIAS; DUNNING,

1992a). Algumas modalidades de jogos tradicionais estavam ligadas às festas (colheita, religiosa). Os jogos populares foram reprimidos pelo poder público.

Nesta tese, partimos do pressuposto de que as diversas transformações nas formas de praticar e no processo histórico e contínuo de regulamentação do esporte consistem em uma construção social, podendo ser considerada uma das dimensões do processo civilizatório e da esportivização da sociedade contemporânea. Pode-se dizer que a origem do esporte moderno é, portanto, um produto da esportivização dos passatempos antigos. Conforme Elias (ELIAS; DUNNING, 1992a, p. 157),

[...] muitos dos esportes que hoje se praticam de forma mais ou menos parecida em todo o mundo se originaram na Inglaterra. Dali se estenderam para outros países, principalmente durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. [...] Analogamente, o termo inglês *sport* foi adotado de maneira generalizada por outros países para designar genericamente esta classe de passatempos.

Com base no exposto, consideramos razoável adotar a perspectiva de que foi, portanto, na Inglaterra do século XIX que o esporte ganhou/adquiriu as principais das suas características atuais, como competição, especializações de papéis, rendimento físico-técnico, racionalização e *record*.

Para Rodrigues (2007, p. 39),

O controle da violência se deu por meio de um código de sentimentos e condutas em relação às atitudes esportivas. Isso foi difundido pelo processo civilizador, o qual passou a controlar não apenas as atitudes esportivas, como também a conduta social como um todo. O processo civilizador foi responsável pelo aumento da sensibilidade no que diz respeito à violência e pela consolidação de regras bem definidas em todas as manifestações esportivas, tendo como objetivo exercer controle mais eficiente sobre o comportamento dos indivíduos praticantes, o que levou, posteriormente, ao auto-controle rigoroso por parte dos esportistas, evitando violentar os outros jogadores, nas competições.

Nesta tese, vamos nos servir também de alguns teóricos da teoria sociológica contemporânea, tais como Pierre Bourdieu e Norbert Elias. Do primeiro tomaremos como base os conceitos de campo e *habitus*. Destacamos que cada campo é delimitado no espaço social e possui certo determinado grau de autonomia (BOURDIEU, 2004, p. 20):

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. E uma das grandes questões que surgirão a propósito dos campos (ou dos subcampos) científicos será precisamente acerca do grau de autonomia que eles usufruem.

Consideramos por campo um espaço de diferenciação social, que funciona conforme

regras e normas próprias, dotado de autonomia relativa diante da política, da economia, da religião e de outras esferas sociais. –Em cada campo existem atores sociais estratégicos preocupados em buscar maximizar seus interesses e poder influenciar nas definições e divisões sociais. Existem disputas por poderes materiais e simbólicos (RODRIGUES, 2007, p. 48).

O conceito de campo social nos auxiliará na análise das disputas entre as narrativas que tentam construir uma história do futebol em Mato Grosso, bem como das disputas entre os diversos atores sociais envolvidos na construção do futebol no estado. Entendemos que os principais atores (dotados de interesses em impor suas percepções, visões e padrões de classificação) do campo futebolístico mato-grossense são as instituições reguladoras (ligas, federações de futebol) clubes, atletas, dirigentes, torcedores e jornalistas (RODRIGUES, 2007, p. 48).

Além da noção de campo, é importante destacar aqui o conceito de *habitus*. Segundo Bourdieu,

Construir a noção de *habitus* como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, [...] como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos. (BOURDIEU, 1990, p. 26).

O conceito de *habitus* será utilizado aqui para nos auxiliar na análise da emergência de novos comportamentos e atitudes dos agentes esportivos de Mato Grosso, ligados diretamente ao processo de construção do campo futebolístico no estado.

[...] o conceito de *habitus* surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais. *Habitus* é aqui compreendido como: [...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Habitus nomeia sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, como princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente –reguladas e –regulares sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo, sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las (BOURDIEU, 2000).

Da teoria sociológica de Norbert Elias tomamos de empréstimo o conceito/noção de

processo civilizador. Pode-se dizer que dois elementos centrais teoria da civilização de Elias (ELIAS; DUNNING, 1992a, 1992b) são a monopolização estatal da violência e o estreitamento das relações interindividuais. Tais elementos sugerem a interiorização das limitações e o autocontrole dos impulsos, sob efeito das transformações provocadas pela formação do Estado. Trata-se de um processo que implica o refinamento dos comportamentos e a multiplicação das proibições e constrangimentos externos em caso de não interiorização das normas de regras de convivência social moderna. A centralização estatal e a concorrência entre a nobreza da corte e a burguesia são elementos do processo civilizador (RODRIGUES, 2007, p. 49).

O processo civilizador, na perspectiva de Elias, constitui uma mudança a longo prazo na conduta e nos sentimentos humanos em uma direção muito específica. O autor afirma que pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa civilização, pretendendo efetivá-la, gradualmente, por meio de medidas conscientes, racionais, deliberadas ao longo de séculos. Segundo Elias, a civilização não é racionalização, nem um produto da raça humana nem mesmo o resultado de um planejamento a longo prazo.

Os principais elementos deste processo de civilização foram: a formação do Estado, o que significa dizer o aumento da centralização política e administrativa e da pacificação sob o seu controle, processo em que a monopolização do direito de utilização da força física e da imposição de impostos, efetuada pelo Estado, constitui uma componente decisiva; um aumento das cadeias de interdependências; uma mudança que é inovadora no quadro de equilíbrio dos poderes entre as classes sociais e outros grupos, o que é o mesmo que dizer pelo processo de ‘democratização funcional’; a elaboração e o refinamento das condutas e dos padrões sociais; um aumento concomitante da pressão social sobre as pessoas para exercerem o autocontrole na sexualidade, agressão, emoções de um modo geral e, cada vez mais, na área das relações sociais; e, no nível da personalidade, um aumento da importância da consciência (‘superego’) como reguladora do comportamento (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 30)

Faremos uso da noção de processo civilizador no sentido de entender o processo de constituição das configurações esportivas, dos clubes, das praças esportivas; de criação das mediações institucionais reguladoras, do controle da violência e do disciplinamento, da expansão do autocontrole e dos mecanismos de controle social. O processo de consolidação das regras e leis do esporte será entendido aqui como uma dimensão do processo civilizador (RODRIGUES, 2007, p. 50).

Elias e Dunning (1992^a e 1992b) analisam a gênese dos fenômenos esportivos como um processo que é interdependente do processo civilizador. Isso não significa exatamente que o esporte seja um produto determinado por outros processos sociais globais. Eles argumentam que existem –cadeias de interdependência e, com isso, advogam que os esportes fazem parte dos processos globais, vêm inter-relacionados com eles, mas não são produtos deles. Trata-se

de enfatizar e analisar o complexo entrelaçamento entre as configurações sociais, políticas e econômicas e o surgimento dos esportes (RODRIGUES, 2007, p. 50).

Quando aborda a relação entre o processo civilizador e os esportes, Toledo (2000, p. 141) ressalta que

[...] a constituição das configurações esportivas esteve sempre imbricada ao processo de civilização e parlamentarização da vida pública, ou seja, na criação das mediações institucionais reguladoras, por um lado, e autocontrole individual na resolução dos conflitos, por outro, em qualquer instância da vida social, seja no âmbito da política, seja no âmbito dos costumes, dos jogos e dos divertimentos.

Para Rodrigues (2007, p. 50), a abordagem de Elias –[...] indica que o futebol, esporte com grande inserção em diversos segmentos sociais, teve o papel de disciplinar a violência nos costumes e divertimentos nas sociedades ocidentais que entravam na modernidade. O processo civilizador é visto de forma positiva, algo que produz a multiplicação e a expansão do autocontrole e do controle social. Concebe civilização no sentido de adestramento e pacificação dos costumes. Conforme Elias (ELIAS; DUNNING, 1992a, p. 157),

As transformações nas formas de praticar e no processo de regulamentação consistem numa construção social e institucional, podendo ser considerada uma das dimensões do processo civilizatório, esportivização da sociedade. A origem do esporte moderno é um produto da esportivização dos passatempos antigos.

Segundo Rodrigues (2007, p. 50), foi na Inglaterra do século XIX que o esporte adquiriu grande parte de suas características atuais, tais como competição, especializações de papéis, rendimento físico-técnico, racionalização e *record*. O controle da violência se deu por meio de um código de sentimentos e condutas em relação às atitudes esportivas. Isso difundiu-se pelo processo civilizador, o qual passa a controlar não apenas as atitudes esportivas, como também a conduta social como um todo. O processo civilizador pode ser considerado o responsável pelo aumento da sensibilidade no que diz respeito à violência e pela consolidação de regras bem definidas em todas as manifestações esportivas, tendo como objetivo exercer controle mais eficiente do comportamento, o que produz, posteriormente, o autocontrole rigoroso por parte dos esportistas, evitando violentar os outros jogadores (ELIAS; DUNNING, 1992b).

Consideramos que a grande contribuição de Elias e Dunning reside no fato de tomar a análise do desenvolvimento do desporto a partir da teoria que investiga o processo civilizatório. Considera o controle da violência como indicio de civilização que acompanha o

desporto ao longo de sua história. A institucionalização dos desportos, entre eles o futebol, configura-se como sinal da modernidade (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 41-42).

O conceito de modernização reflexiva foi cunhado por Beck em 1986 e, posteriormente, adotado por outros estudiosos como Anthony Giddens. É sabido que a base desse conceito surgiu a partir do debate sobre *modernidade e pós-modernidade*. A ideia de modernidade reflexiva aborda as transformações do mundo atual e rompe as amarras conceituais sobre modernidade e pós-modernidade. O conceito de reflexividade representa uma reinvenção da modernidade e de suas formas sociais e industriais. As transformações do mundo atual, o processo de crise e as consequências advindas delas promovem a ideia de que se vive em um mundo cada vez mais reflexivo, que incita a crítica ativa e a autoconfrontação. Dessa forma, a construção de um futuro que proporcione equidade intergeracional depende, cada vez mais, da confrontação e da crítica ativa de atores sociais e suas instituições.

Segundo Giddens, com o advento da modernidade, o homem passa a viver em um mundo rodeado de incertezas autocriadas, em que a reflexividade institucional passa a se inserir na base de reprodução dos sistemas. Nesse sentido, os fundamentos da razão propõem-se a substituir os da tradição, em um primeiro momento; a segurança e a certeza são as palavras de ordem. No entanto, a relação direta entre conhecimento e certeza é frágil. Em um mundo em que a reflexividade predomina, nenhum conhecimento é certo, todo conhecimento é revisado à luz de novos cenários (GIDDENS, 1997).

Para entender o futebol em Mato Grosso como elemento da modernidade e parte de um processo mais amplo de desenvolvimento e modernização socioeconômica e cultural, recorreremos a Anthony Giddens (1989, 1991, 1997). Dele tomamos de empréstimo o conceito de modernização para entender o processo de emergência de uma sociedade pós-tradicional, por meio da radicalização das instituições da modernidade. Tratam-se de processos de intensas mudanças mediante difusão extensiva das instituições modernas, universalizadas por meio dos processos de globalização. Modernização no sentido de processos de mudança intencional, que podem ser conectados à radicalização da modernidade. Esses são processos de *abandono*, desincorporação e problematização da tradição e da modernidade (GIDDENS, 1991).

Um outro aspecto importante na interpretação de Giddens acerca da modernidade é a reflexividade, que pode ser entendida como a aplicação de conhecimentos nas práticas sociais. Os indivíduos estão sempre examinando a realidade a partir de conhecimentos produzidos pelos especialistas. É importante ainda a noção de tradição, visto que a análise da passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade pós-tradicional envolve a complexa relação

entre as tradições e as instituições da modernidade. A tradição pode ser entendida como um elemento estruturante nas sociedades pré-modernas, capaz de criar e sustentar vínculos sociais. Tradição, segundo Giddens (1997), diz respeito à organização do passado em relação ao futuro, está ligada à –memória coletiva, envolve ritual, possui guardiões e tem força que combina conteúdo moral e emocional. Uma sociedade tradicional é aquela em que a tradição tem papel predominante. Pode-se considerar que –A tradição está ligada ao ritual e tem suas conexões com a solidariedade social, mas não é a continuidade mecânica de preceitos que é aceita de modo inquestionável (GIDDENS, 1997, p. 80).

A relação estreita e, muitas vezes, de complementaridade, ao invés de oposição, entre tradição e modernidade pode ser percebida na organização do futebol brasileiro e claramente está presente no recente processo de produção de novas normas e leis que regulamentam as relações entre clubes, jogadores e empresários. Os dirigentes dos clubes e das federações conseguem criar mecanismos para burlar a lei para beneficiar seus próprios interesses (RODRIGUES, 2007, p. 53).

Para Giddens (1991, p. 39), –a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter.

Conforme Rodrigues (2007, p. 534), a modernidade caracteriza-se pela descontinuidade, fragmentação, ruptura e deslocamento do sujeito de estruturas tradicionais (Giddens (1991), Harvey (1992), e Laclau (1990)). A era moderna inicia-se com a superação da ordem medieval, provocando alterações em praticamente todas as dimensões da vida humana. A modernidade, como projeto de civilização, assenta-se num conjunto de valores como racionalidade, individualismo, autonomia, desencantamento do mundo e universalidade, valores estes apresentados como universais. As sociedades modernas, muitas vezes identificadas com a formação social secular e urbano-industrial, caracterizam-se precisamente pela mudança rápida e constante, bem como pela reflexividade da vida social (GIDDENS, 1991, p. 37-38). A explicação das relações sociais travadas na modernidade é o propósito maior da sociologia como ciência (RODRIGUES, 2004b).

Para uma eventual contraposição entre a modernização em Giddens, buscamos, em Florestan Fernandes (1976), o conceito de modernização conservadora. Consideramos que alguns aspectos do processo de modernização pelo qual passa o futebol brasileiro nos últimos anos são indícios de uma modernização conservadora. Antes de apresentar uma definição desse conceito, acreditamos ser necessário alguns esclarecimentos sobre o contexto no qual Florestan Fernandes produz sua obra (RODRIGUES, 2007, p. 54).

Abordamos o processo de profissionalização do futebol de Mato Grosso a partir da ideia de profissão tomada de empréstimo da sociologia das profissões. A abordagem weberiana mostrou a necessidade de discutir o poder das profissões na estrutura social. Utiliza-se a divisão social do trabalho como fundamento das profissões. A profissionalização significa o monopólio de um saber, de um poder que se constitui em meio a lutas entre os atores sociais. Pode-se aqui lembrar as disputas pelo monopólio da prática legítima do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século XX, quando diferentes grupos sociais (aristocratas, industriais, estudantes e operários) lutavam em defesa ou do amadorismo ou do profissionalismo. Somente em 1933 o futebol torna-se uma profissão, favorecendo o advento de um mercado produtor e consumidor do espetáculo futebolístico (RODRIGUES, 2007, p. 59).

Na perspectiva de Max Weber e seus seguidores, as categorias centrais de análise são: mercado, poder e monopólio. Destacam-se duas correntes ou polos: (1) ênfase na dimensão cognitiva (FREIDSON; LARSON, 1977), (2) destaca a dimensão organizacional e institucional do processo de profissionalização (STARR, 1982).

Magali S. Larson e Eliot Freidson são expoentes da corrente que enfatiza a dimensão cognitiva no processo de profissionalização. Defendem que o controle sobre uma dada área de saber é fundamental para se organizar um grupo profissional. Tal controle significa uma relativa autonomia de um determinado campo (BOURDIEU, 1999).

Larson (1977) relaciona o discurso da competência profissional à ideologia burguesa, enfatizando a dimensão egoísta das profissões. Estas são caracterizadas como pertinentes a grupos com interesses específicos e estratégicos que disputam o domínio de áreas de conhecimento e mercados. A autora destaca ainda a história da ascensão do profissionalismo como forma específica de organização social. Revela o surgimento, a partir do fortalecimento das profissões, de uma nova forma de desigualdade estrutural. Mostra que o mercado tornou-se a instância estruturante na moderna sociedade capitalista, criando novas profissões e mercados de trabalho especializados. Parte de sua análise fundamenta-se em *A grande transformação*, de Karl Polanyi (1980). Larson considera o profissionalismo como um projeto coletivo de mobilidade social diretamente relacionado a um dado tipo de conhecimento. O monopólio desse conhecimento possibilita controlar um mercado de trabalho específico. Na verdade, busca-se o monopólio da *expertise* no mercado e o monopólio do *status* no sistema de estratificação (RODRIGUES, 2007, p. 59). As profissões passam a ser entendidas como mecanismos de funcionamento das sociedades modernas, organizadas em torno do mercado, o princípio geral desse modo de produção (RODRIGUES, 2007, p. 60).

O tema da Copa do Mundo, os conceitos de megaeventos e de legados serão abordados nesta tese a partir dos estudos do sociólogo do esporte Francisco Xavier Freire Rodrigues (2012, 2013, 2014, 2016). Em artigo intitulado *Estudo sobre os legados da Copa do Mundo Fifa 2014 em Cuiabá/MT*, publicado no *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport*, v. 7, n. 2, em 2016, o autor apresentou resultados de uma investigação sobre os legados da Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá (MT), tendo como base a utilização de métodos e técnicas de pesquisa qualitativa, sendo entrevistas a principal técnica de coleta de dados. Rodrigues (2016) abordou brevemente algumas das principais ações do poder público (governos federal, estadual e municipal) nos preparativos da cidade para receber os jogos da Copa do Mundo 2014 e com base nisso analisamos as percepções da população cuiabana acerca dos benefícios trazidos pelo megaevento. Os dados coletados mostram que parte do pessimismo que havia no início do mês de julho foi se modificando aos poucos.

As observações preliminares indicam que existem duas grandes perspectivas sobre os legados da realização de jogos da Copa do Mundo 2014 em Cuiabá (MT): 1) uma, pessimista em relação aos resultados do megaevento da Fifa, destacando os elevados investimentos públicos realizados pelos governos estadual e federal; 2) outra, otimista, considerando que a cidade recebeu grandes obras de mobilidade urbana e praças esportivas, além do crescimento nos empregos nos setores de comércio, construção civil e turismo.

O pertencimento clubístico foi analisado a partir dos estudos de Arlei Damo (1998, 2001, 2002, 2005, 2006, 2008). Trata-se da categoria analítica para entender a relação entre o torcedor e o clube de coração. O pertencimento clubístico e sua marca fundamental, a fidelidade clubística, emergem como elementos centrais para entendimento da dinâmica do futebol-espetáculo, da estabilidade do sistema simbólico que configura o campo futebolístico.

A estruturação da tese

A tese foi estruturada em seis partes, sendo –Introdução, quatro capítulos de desenvolvimento e as —Considerações finais.

Na –Introdução, apresentamos o problema de pesquisa, as hipóteses, os objetivos da investigação, a metodologia e o referencial teórico utilizado.

Os capítulos da tese são os seguintes, respectivamente: Capítulo 1 –Primórdios do futebol em Mato Grosso: surgimento e amadorismo (décadas de 1900-1930). Neste apresentamos, a partir de uma investigação minuciosa em diversas fontes, os fatores que possibilitaram o surgimento do futebol neste estado, destacando o início da trajetória do esporte bretão em Mato Grosso.

No capítulo 2 –O profissionalismo, a era do rádio, o Estádio Dutrinha (1940-1960), destacamos o advento do regime profissional, a influência do rádio na difusão do gosto pelo futebol em Mato Grosso e as contribuições do Estádio Dutrinha para o futebol local.

No capítulo 3 –Do auge à decadência: o futebol de Mato Grosso na era do Verdão e da TV, discutimos os fatores que levaram o nosso futebol ao auge e à decadência, com ênfase nos impactos da televisão e do Estádio Verdão.

No capítulo 4 –Futebol nos anos 2000: da Copa do Mundo à contemporaneidade – modernização, clube-empresa e ressurgimento do futebol mato-grossense, a abordagem assenta-se no contexto contemporâneo do futebol de Mato Grosso, a partir de análise de entrevistas acerca dos processos de modernização, da Copo do Mundo 2014 e dos eventuais impactos que a Arena Pantanal trouxe para o futebol local.

Nas —Considerações finais apresentamos a trajetória das argumentações capítulo por capítulo e as principais conclusões do estudo.

1 PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL EM MATO GROSSO: SURGIMENTO E AMADORISMO (DÉCADAS DE 1900-1930)

Este capítulo tem como objetivo discutir e analisar o processo do surgimento do futebol em Mato Grosso, com ênfase no período de 1900 a 1930. Trata-se de uma abordagem sobre o começo ou os primórdios do futebol em terras mato-grossenses, destacando os fatores que possibilitarão o advento desse esporte e os condicionantes sociais, econômicos, políticos e culturais de sua prática amadorística.

O leitor pode encontrar uma cronologia mais detalhada dos aspectos históricos do futebol em Mato Grosso no Apêndice 1 desta tese.

Cabe destacar aqui que, nos primórdios do futebol em Mato Grosso e, principalmente, na capital, Cuiabá, essas práticas esportivas se desenvolveram em conjunto com as festas e danças como siriri, cururu, a Festa de São Gonçalo, as lavações de São João, a Festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, a honra a São Benedito e ao Senhor Divino que, para os cuiabanos, não são tradições, são vivências. Juntamente com os festejos religiosos, a tourada, uma prática tida outrora como modalidade esportiva, era um momento/espço/evento de socialização, pois possibilitava encontrar os amigos, sair da rotina da cidade. A população aguardava ansiosa e, para esse momento, reservava os melhores vestidos, ternos, camisas e sapatos, na primeira metade do século XIX.



Figura 1 – Movimentação de pessoas durante as touradas.
Foto de Cláudio e Raimundo Bastos (década de 1920).
Acervo de Maria de Lourdes da Silva Ramos | C&C

As discussões sobre a origem do futebol em Mato Grosso são as mais diversas, tendo aspectos e posições divergentes e convergentes. Mesmo com as divergências existentes sobre essas origens, o que se faz mais importante aqui é revelar como o futebol se desenvolveu e passou a fazer parte do cotidiano das cidades de Mato Grosso que abraçaram esse esporte, a partir de 1900 e até 1930; e como se deu seu crescimento, em conjunto com o do estado, o surgimento dos clubes locais, a sua organização e os interesses que se juntaram para contribuir com os espaços atribuídos à prática do futebol, em diversas cidades mato-grossenses.

Como em outras regiões, o *football* ajudou a moldar as cidades mato-grossenses, onde surgiram estádios que, ao longo do tempo, sofreram modificações para melhor receber jogos, jogadores, públicos e a prática do futebol, uma paixão brasileira, mesmo passando por diversos conflitos de organização, ao longo da sua existência. Deve-se entender o futebol como um elemento da cultura contemporânea diretamente imbricado em diversos outros processos sociais contemporâneos (ELIAS; DUNNING, 1992). O futebol contribui com a produção do espaço urbano, especialmente em momentos de construção de estádios, praças esportivas e surgimento de associações esportivas e clubes recreativos (JESUS, 1999).

Processo de formação do estado de Mato Grosso

Mato Grosso, um estado que abraçou esse esporte chamado futebol, é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado na região Centro-Oeste. Tem a porção norte de seu território ocupada pela Amazônia Legal, sendo o sul do estado pertencente ao centro-sul do Brasil. Extensas planícies e amplos planaltos dominam a área, a maior parte (74%) abaixo dos 600 metros de altitude. Juruena, Teles Pires, Xingu, Araguaia, Paraguai, Rio Guaporé, Piquiri, São Lourenço, das Mortes e Cuiabá são os rios principais. Tem como limites os estados de Amazonas, Pará (ao norte); Tocantins, Goiás (ao leste); Mato Grosso do Sul (ao sul); Rondônia e a Bolívia, país vizinho (ao oeste). Ocupa uma área equivalente à da Venezuela e não muito menor do que a vizinha Bolívia.

Mato Grosso está estruturado/organizado em 22 microrregiões e 5 mesorregiões, dividindo-se em 141 municípios, sendo os mais populosos e importantes: a capital Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis, Sinop, Tangará da Serra, Barra do Garças e Cáceres. Pelo Tratado de Tordesilhas (de 7 de junho de 1494), o território do atual estado de Mato Grosso pertencia à Espanha. Os jesuítas, a serviço dos espanhóis, criaram no local os seus primeiros núcleos populacionais, de onde foram expulsos pelos bandeirantes paulistas em 1680. Em

1718, a descoberta do ouro acelerou o povoamento de seu território. Em 1748, para garantir a nova fronteira, Portugal criou a capitania de Mato Grosso e, lá, construiu um eficiente sistema de defesa. O Tratado de Madri, de 1750, reconheceu as conquistas bandeirantes na região de Mato Grosso, para dirimir questões de limites entre Portugal e Espanha. Com a chegada dos seringueiros, pecuaristas e exploradores de erva-mate na primeira metade do século XIX, o estado retomou o seu desenvolvimento.

Em 1977, a parte sul do estado foi legalmente desmembrada, formando, assim, um novo estado, Mato Grosso do Sul, o que na prática só se daria em 1979 (MATO, 2019).

Na sua dissertação de mestrado em História, intitulada *A invenção da capital eterna: discussões sensíveis sobre a modernização de Cuiabá no período pós-divisão do estado de Mato Grosso (1977-1985)*, Nathália da Costa Amedi (2014) trata dos discursos sobre a modernização de Cuiabá no pós-divisão do estado. Amedi (2014) argumenta que, com a divisão do estado de Mato Grosso, em 1977, e o desmembramento da parte sul do seu território, Cuiabá se viu diante de um novo desafio, o qual consistia basicamente em livrar-se da -estagnação, do -atraso e do -isolamento em que pareciam viver Mato Grosso e Cuiabá. Para a definição de uma -nova capital, cidade-símbolo do -novo Mato Grosso, na tentativa de romper de vez com o estilo -sertanejo, -bucólico e -intimista, era necessária a construção de uma nova imagem da cidade, como sendo uma cidade -moderna, -limpa, -industrializada, -nova, em oposição à antiga Cuiabá: rotulada de -suja, -velha, -atrasada – uma cidade com fortes marcas coloniais. A modernização funcionava como imperativo, na época.

O trabalho de Amedi (2014) analisa os discursos sobre a modernização da cidade de Cuiabá, no período pós-divisão do estado, em 1977, tendo como material empírico a fala de políticos, membros do governo, jornalistas, acadêmicos e representantes de associações representativas locais.

A perda de parte do território de Mato Grosso com a divisão do estado se colocava como uma questão importante nos discursos dos mato-grossenses, algo que precisava ser superado (AMEDI, 2014).

A questão da moradia e da mobilidade urbana, atrelada à prestação de serviços básicos, seria o mantra das reclamações dos moradores da cidade Cuiabá e objeto das promessas de políticos em campanha. Cuiabá, a cada pleito, emergiria como uma cidade com potencialidade de crescimento e desenvolvimento. O futuro do Estado precisava se refletir na sua capital. O —novo Mato Grosso, pós-divisão, demandava uma capital moderna, mas que preservasse suas tradições. A tradição estaria registrada no seu centro histórico, com seus casarões coloniais e ruas tortas. A modernidade

despontava na verticalização da cidade, na abertura de novas avenidas como a do CPA (Historiador Rubens de Mendonça), Perimetral (Miguel Sutil) e Fernando Corrêa da Costa e no seu Centro Político Administrativo, com prédios majestosos. O CPA era a cidade nova, a capital do capital (AMEDI, 2014, p. 150).

A autora afirma que, nos anos 1980, em Cuiabá, se verificou a potencialização do seu processo de crescimento, expandindo-se nas direções do Centro Político-Administrativo (CPA) e da Avenida Fernando Corrêa da Costa.

O intenso fluxo migratório, a mudança na centralidade do poder, os loteamentos irregulares e a favelização, a especulação imobiliária e a demanda por serviços públicos, como saneamento básico e transporte, compuseram um caldo de demandas e dilemas para a capital de Mato Grosso. Aquela cidade com traços coloniais já não era a mesma. A fotografia e os relatos apontavam para um espaço urbano em metamorfose: edifícios, avenidas largas e favelas mudavam drasticamente a feição da cidade (AMEDI, 2014, p. 151).

A autora conclui:

Podemos afirmar que até hoje Mato Grosso vive debaixo desse estigma de local –distantell, –isoladoll, –abandonadoll pelo poder central – –longe de tudoll e de todos. Um discurso construído e muito utilizado pelo poder instituído, ora para justificar a falta (que paralisa todas as formas de mudança e transformação social, econômica e política na região), ora para ressaltar uma peculiaridade do lugar que, apesar do –isolamentoll, forjou uma cultura diferenciada e um povo hospitaleiro (AMEDI, 2014, p. 156).

A imagem do estado isolado, abandonado foi forjada ao longo da sua história e funciona como aspecto relevante na identidade regional. Importante questionar a quem interessou a construção dessa imagem.

A cidade de Cuiabá, a partir do século XX, passou a ser comparada a outra cidade do mesmo estado: Campo Grande, até o ano de 1977, quando ocorreu a divisão do estado. Campo Grande, capital sul mato-grossense, sendo mais nova que Cuiabá – considerada a cidade mais antiga do estado –, era vista como uma cidade –modernall, –limpall e –ordenadall. Enquanto que Cuiabá era considerada como –velhall, –feiall, –atrasadall (AMEDI, 2014, p. 157).

Amedi argumenta que a tese do isolamento do estado de Mato Grosso e de Cuiabá tem sofrido muitas críticas atualmente, sendo praticamente substituída pela tese do não isolamento (GARCIA, 2003).

Segundo Fernando Tadeu de Miranda Borges (2001, p. 21-22):

O –isolamento‖ ou distanciamento de Mato Grosso dos centros decisórios e comerciais do país, pode ser avaliado bem como pode-se dele depreender consequências, pelo fato conhecido de que a notícia da Proclamação da República chegou a Cuiabá, no dia 09 de dezembro de 1889, isto é, quase um mês após o evento [...].

A tese do isolamento, na historiografia recente, foi criticada e abandonada seja porque tal isolamento não ocorreu de forma absoluta, como pretendiam os autores tradicionais, seja porque em tais interpretações havia mais –mitos‖ do que –fatos‖.

A capital de Mato Grosso, mesmo considerando o complexo de obras inacabadas, recebeu importantes investimentos e passou por significativas transformações urbanísticas no pós-Copa do Mundo de 2014, da qual foi sede de quatro jogos.

Além de apresentar os atrativos turísticos, econômicos e de infraestrutura da cidade para sediar os jogos, o governo se propôs a investir em obras de mobilidade urbana, na expansão de redes hoteleiras, com capitais privados e incentivos governamentais, na construção de estádio, centros de treinamentos e *fanparks* para se adequar as exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA) (AMEDI, 2014, p. 164).

Esse fato levou à cidade para o centro do debate sobre as cidades globais, tornando a tese do isolamento com menor potencial explicativo de sua condição como grande núcleo urbano que é.

É uma cidade que vive em contradição com a sua identidade em busca de uma eterna modernização. Defendemos, portanto, que essa característica de Cuiabá, que se reflete na cidade –remendada‖ e –feita as pressas‖ tem a ver com a constituição da sua própria história, marcada pela luta para se manter enquanto capital e pelas lutas separatistas, chegando até a divisão do Estado, em 1977 (AMEDI, 2014, p. 168).

O estudo das condições de produção do espaço urbano cuiabano deve considerar a possibilidade de contradições nos rumos das transformações pelas quais vem passando a capital de Mato Grosso.

Estudar Cuiabá no contexto do pós-divisão significa entender como uma região fadada ao –fracasso‖, segundo falas da época, com o desmembramento do Estado, conseguiu reverter – com todos os contrastes, dilemas e crises – a situação favoravelmente para si, seja com o seu crescimento econômico e populacional, seja com a sua presença como cidade referência para a região Centro-Oeste, ou ainda capacidade política de capitanear a sua candidatura e escolha como uma das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014, o que lhe agregou o título de —Capital do Pantan‖ (AMEDI, 2014, p. 168).



Figura 2 – Mapa político do Brasil, com o estado de Mato Grosso ao centro. (IBGE, [s.d.]

Cuiabá nos seus primórdios

É importante recuperar rapidamente o processo de formação da cidade de Cuiabá. O arraial e a vila foram construídos no processo de invasão de territórios indígenas:

[...] onde começou o que é hoje a cidade de Cuiabá, era —uma grande aldeia|. Lugar —coberto de matol|, com —grandiosos arvoredos|. Onde passava um córrego, depois chamado —Prainhal|. Na margem esquerda do córrego, —morros| escarpados; na direita, suaves —colinas| (ROSA; JESUS, 2003, p. 14).

Conforme ressalta Sá (1975), a cidade de Cuiabá foi criada em torno do córrego que hoje praticamente corta parte da cidade, denominado de —prainhal|. Canavarros (1998, p. 144) informa que, —[...] para os que se encontravam em Cuiabá em fins da década de 1720, a situação era desanimadora. Havia carências fundamentais: faltava água para as lavras, o abastecimento era difícil e cara a mão de obra|.

Logo em 1723, o arraial do Bom Jesus foi elevado a sede de freguesia e sua igreja recebeu o título de matriz. Essa igreja/matriz tinha sido construída a partir de fins de 1722, no

mesmo lugar onde hoje está a Basílica Menor do Bom Jesus, no centro histórico da atual cidade de Cuiabá (SÁ, 1975, p. 15).

Ergueu-se a primeira cadeia em 1724 (SÁ, 1975, p. 17); em 1725, casa para o governador Rodrigo César de Meneses; em 1727, o arraial foi elevado à categoria de vila, com governo local autônomo, exercido por sua Câmara. Para Otávio Canavarros:

A região da Vila de Cuiabá, situada na Baixada do mesmo nome, distante, apenas, 60 km do limite ocidental do Planalto Central Brasileiro, que lhe fica a Leste, pertence por sua hidrografia, topografia e clima ao sistema que os geógrafos denominaram —o complexo do pantanal, no qual a —peneplanície cuiabanal faz parte da —depressão paraguaial. (CANAVARROS, 1998, p. 63-64).

A fundação da vila, determinada pelo rei Dom João V, foi decisiva para a fixação dos vários componentes da população colonial mineradora, agricultora, criadora, pesqueira, artesanal, comercial, letrada, de homens livres ou escravos, no ambiente urbano da vila:

Falar em —fundação de vilal no Cuiabá significa referir a criação de Câmara, com eleições, estatutos e posturas municipais, normatização da edificação, da higienização, da saúde, da alimentação, das festas. E concessão de privilégios e imunidades aos —homens da governança (vereadores, juizes, oficiais camarários) locais, para praticar com a isenção possível o direito da crítica visando o —bem comum (ROSA; JESUS, 2003, p. 16).

A elevação do arraial do Senhor Bom Jesus do Cuiabá à categoria de vila desencadeou, portanto, o reforço do pequenino ambiente urbano, com elaboração, discussão, aprovação e implementação de normas ou leis municipais gerindo atividades urbanas – e mesmo rurais; com o fortalecimento de grupos tipicamente urbanos, ligados à ordem escriturária (escrivães, tabeliães, procuradores, advogados, juizes ordinários, almotacés, fiscais). No caso de Cuiabá, o Senado da Câmara foi composto de dois juizes, três vereadores e um procurador, “[...] onde quatro eram paulistas e dois portugueses casados com paulistas [...]” (ROSA; JESUS, 2003, p. 16). Em 1730, foi instalada na Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá uma ouvidoria, o que fez da vila sede de comarca laica.

Em 1732, conforme constam das contas dos dízimos de Cuiabá, a vila possuía, entre outros, os seguintes bairros, com nomes de rios, córregos, lavras e ribeirões: –Rio-abaixo, Rio-acima, Coxipó Mery (barra acima), Coxipó Açú, Jacey, Ribeirão de Fr. Braz, Cocais, Detraz das lavras de Braz Mendes (ROSA, 1996, p. 102-145).

Em 10 de junho de 1733, exercendo o seu direito de padroado, D. João V “[...] mandava fundar em Cuiabá uma vigararia para que aqueles moradores tenham quem lhes

administre o pasto espiritua|| (CANAVARROS, 1998, p. 123). Em resposta, o rei recebeu a notícia de que ela já estava fundada havia 11 anos. Entre 1734-1737, foram edificadas a residência oficial do ouvidor, depois ocupada por juizes de fora; a casa da Câmara e a cadeia. Essas construções, representativas dos poderes metropolitanos e locais, delinearão o Largo da Matriz, atual Praça da República, como o centro da vila, mantido depois como centro da cidade.

Canavarros (1998, p. 123) ressalta que, a partir do ano de 1745, –a paróquia de Cuiabá foi elevada a sede de prelazia||, o que aumentou a força de atração da vila, nos anos subsequentes, para jovens sacerdotes desejosos de iniciar ou intensificar suas atividades religiosas seculares. Em 1751, com a chegada do primeiro governador efetivo da recém-criada capitania de Mato Grosso, que se demorou alguns meses na Vila Real, materializou-se novo e importante equipamento urbano para sediar o Armazém Real, na esquina da então rua de Cima com a travessa, que, por isso, passou a ser denominada Travessa do Armazém, entre as atuais ruas Pedro Celestino e Campo Grande.

Ao final do ano de 1760, o vazio à esquerda da matriz começou a ser retificado após desapropriações, para ser a Praça Real, espaço oficial e público, reforçando com a proximidade do Largo da Matriz a composição do centro. Era a Igreja e a Coroa constituindo o centro da vila (ROSA, 1996).

Esse centro manteve-se por um século e meio como centro também da cidade. Atualmente, integra o Centro Histórico de Cuiabá. De acordo com Rosa (1996), embora a capital da capitania fosse, desde 1752, a Vila Bela da Santíssima Trindade, a Vila Real sempre foi mais populosa, possuiu equipamentos urbanos em maior número e dispôs de serviços urbanos mais diversificados.

A respeito da formação da cidade de Cuiabá, é importante destacar que o arraial inicial e depois a vila de Cuiabá tiveram sua localização mais ampla, continental, definida nos anos 1770 pelo advogado José Barbosa de Sá, morador da vila: –Acha-se esta vila assentada na parte mais interior da América austral [...], quase em igual paralelo com a Bahia de Todos os Santos pela parte oriental e pelo ocidente com a cidade de Lima, capital da Província do Peru, distante de uma e outra costa setecentas e cinquenta léguas|| (SÁ, 1975, p. 20).

O rio Cuiabá está ligado à história da vila e da cidade de Cuiabá, às quais deu nome. Da serra Azul, onde é débil veio cristalino, vem lambendo o sopé da cordilheira grandiosa, borbulhante, seguindo o caminho do seu destino, semeando vida. As cabeceiras de drenagem, ou –veredas||, ocorrem nas serras Arara e Azul e no planalto da Chapada dos Guimarães. A

principal nascente está em Rosário Oeste, a 120 km da capital. A sua porção sul é ocupada por extensa planície (de terras baixas e planas), constituindo o Pantanal Mato-grossense.

Nas várias versões da história da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá e da cidade de Cuiabá, o rio homônimo foi roteiro de aventuras esplendorosas, de epopeias trágicas e grandiosas, de práticas cotidianas quase invisíveis a viajantes e desbravadores. É um elemento principal de paisagem, representa vida para a cidade. Vivemos em contato com ele, vivemos dele, somos íntimos dele. A nossa culinária está ligada a ele. O nosso linguajar está ligado a ele. O nosso peixe advém dele. As hortas estão em seu entorno, assim como a cerâmica, as redes, a cana e a rapadura. Karl von den Steinen assim descreveu a cidade de Cuiabá: “[...] uma linda cidade balneária alemã, numa tarde de domingo, quando toca a banda militar (STEINEN, 1942, p. 331). Imaginou encontrar-se num vilarejo da Turíngia ao constatar –a liberdade patriarcal do bom gadol (STEINEN, 1942, p. 331) e verificar a sem-cerimônia com que porcos, cabritos e outros animais andavam pelas ruas.

Festas e danças como siriri, cururu, São Gonçalo, as lavações de São João, a festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, a honra a São Benedito e ao Senhor Divino para os cuiabanos são vivências que se tornaram tradições. Comer peixe, principalmente os mais nobres, como o pacu, assado; a mojica, feita do pintado com a mandioca; a pacupeva cozida, acompanhada do arroz sem sal; o bagre, ensopado; e a piraputanga, recheada com farofa de banana-da-terra, que hoje são pratos típicos da culinária cuiabana, são pratos do dia a dia, oriundos das famílias ribeirinhas. São comidas que invadiram os lares cuiabanos e se tornaram costumes e culinárias tradicionais, de âmbito regional e nacional. Cultuar os santos como Nossa Senhora, Santa Rita, São Benedito, Senhor Divino, São Pedro, São Gonçalo, São João, festejá-los, lavá-los, hoje, nas águas do rio Cuiabá ou, como outrora, em suas fontes, poços, chafarizes e bicas não são folclores, mas costumes que marcam as relações profundas dos córregos, rios, das suas águas com os moradores, num encontro de vida com as suas águas doces potáveis, sagradas e profanas (BARRETO, 2005).

As touradas e o surgimento do futebol

Em Cuiabá, antes mesmo de surgir o futebol em Mato Grosso, era corrente uma prática de lazer, modalidade esportiva nada segura para algumas pessoas, mas admirada e prestigiada pela grande maioria da população: as touradas (ARRUDA, 1997, p. 85), uma prática oriunda da Espanha e incorporada na sociedade cuiabana, apresentada na Praça do Alegre, antigo Campo d’Ourique, onde atualmente é a Praça Paschoal Moreira Cabral, atual

sede da Câmara Municipal dos Vereadores de Cuiabá. Mas, deve-se salientar que a prática não era para qualquer pessoa, pois tratava-se de um esporte um tanto de risco, como podemos observar em uma notícia de jornal da época:

Com grande animação, iniciaram-se no dia 12 do corrente as touradas na Praça do Ourique. A concorrência das famílias Cuyabanas àquele local, previamente preparado e ornamentado, foi enorme, apresentando os camarotes, botequins e ruas um aspecto garrido e encantador. Um triste acontecimento, porém, veio lançar um pouco de magoa do povo cuyabano: Mirandeiro, o velho toureiro que há muitos annos trabalha nas touradas de Cuyabá alegrando e divertindo os assistentes pela agilidade e presteza, foi victima de um desastre; ao fazer uma sorte foi tocado pelo boi que o atirou contra a cerca e lhe deu muitas marradas, de que resultou momentos depois a sua morte. Por esse motivo não houve touradas no dia 13 do corrente, continuando ellas nos dias 14 e 15, servindo de toureiro o capinha Paulo ([AS TOURADAS], 1916).

Juntamente com festejos religiosos, as touradas eram um momento de socializar, encontrar os amigos, sair da rotina da cidade, ou seja, um evento social. A população aguardava ansiosa e, para esse momento, reservava os melhores vestidos, ternos, camisas e sapatos. Na arena, os bois estavam no -curroll (local destinado aos animais), prontos para a batalha. O toureiro – muito bem-vestido – se apresentava com sua lança e seu cavalo, bem como o seu auxiliar, conhecido como -jacuball. Em maior número, os chamados -capinhas também aguardavam o momento certo para começar a distrair (e irritar) os animais, assim como as máscaras responsáveis pelas -palhaçadas. Arena cheia, tudo pronto. Começava o espetáculo.



Figura 3 – Tourada no Campo d'Ourique.
Acervo do Museu Histórico de Mato Grosso

Os festejos religiosos ligados às touradas tratavam-se da Festa do Divino, levada pelos portugueses que chegaram a Mato Grosso em meados do século XIX. Roberto Loureiro (2006), em seu livro *Cultura mato-grossense: festas de santos e outras tradições*, informa que a estrutura física montada para a realização da tourada era semelhante àquela da cavallhada, um torneio hípico que se constituía num dos mais populares folguedos, notadamente em Cuiabá, Poconé, São Luís de Cáceres e Porto Esperidião, onde se seguiam às festas religiosas, do Espírito Santo, depois, também, às de São Benedito – este um festejo popular com todos os ingredientes de um grande espetáculo cultural e esportivo, que se realiza ainda atualmente, todos os anos, no mês de junho, em Poconé, município pantaneiro próximo a Cuiabá –, a não ser pelos acréscimos dos currais, reservados para guardar os touros², dos mangueiros e dos troncos (local onde se acomoda a população, para assistir ao folguedo) – um corredor com portão no ponto em que aquele dava acesso à arena, todos de madeira roliça. Os personagens principais das touradas eram o toureiro³ e o jacuba⁴, montados a cavalo⁵, o capinha⁶ e os máscaras⁷, que se apresentavam a pé.

Antes de iniciar a lida com os touros, havia o desfile da apresentação, com a participação da trupe, que dava uma volta na arena com a banda tocando o hino do Divino. Os toureiros mais famosos eram levados de sua residência até a praça, acompanhados por um alegre cortejo e banda de música (LOUREIRO, 2006, p. 112-120).

À noite, após as touradas, uma multidão de homens e mulheres se reunia na praça da tourada para o -curroll, costume oriundo das cavallhadas e que consistia em ficar dando voltas no espaço entre a cerca da arena e as barraquinhas e bares improvisados, que ficavam no entorno da praça, semelhante aos comportamentos que presenciamos no entorno da Arena Pantanal José Fontanillas Fragelli, em Cuiabá, nos dias atuais, onde as touradas não são mais

² Quando o touro era solto na arena, o toureiro se aproximava para tirar a sorte, que consistia em encravar, no cogote do animal, o ferrão, haste de ferro com uma ponta chamada de chopá, a parte do agulhão que penetra no touro, presa a uma lança de madeira enfeitada com fitas coloridas, brancas e vermelhas, as cores do Divino.

³ Ao toureiro e ao capinha cabia -fazer a sortel no touro, manobra executada para enganar o touro e fincar-lhe o agulhão. O toureiro usava uma casaca vermelha com o peito azul, com três ordens de botões dourados, botas, calça branca e chapéu com plumagens. O jacuba usava uma blusa vermelha, calça branca, tendo por cima do ombro uma capa azul, botas longas e chapéu sem plumagens.

⁴ Cabia ao Jacuba oferecer ao público a tourada e receber o dinheiro ofertado.

⁵ Os cavalos se apresentavam ricamente ataviados com capas coloridas e proteção lateral contra as arremetidas dos touros.

⁶ O capinha usava camisa vermelha, calça branca e chapéu preto com uma fita e se apresentava descalço. Cabia-lhe tirar a sorte quando isso era consentido pelo toureiro, a pedido do público ou quando o toureiro falhava na tarefa.

⁷ Eram reservadas as brincadeiras com o touro e o socorro aos toureadores, em caso de perigo iminente ou acidente. Eles usavam variadas vestimentas e mantinham sempre coberto o rosto.

praticadas, substituídas pelos jogos de futebol, uma vez que aquelas foram proibidas, em Mato Grosso, no começo da década de 1930.

É importante considerar aqui como os esportes se constituem como tradições, na sociedade moderna; são construções socioculturais que se enraízam no cotidiano das pessoas. Observa-se que a tradição não é a mesma coisa que o costume, pois o objetivo das tradições é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas (tradições) se referem impõe práticas fixas, tais como a repetição. Já o costume, para Hobsbawn e Ranger (1984), nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e [...] pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedentel (HOBSBAWN; RANGER, 1984, p. 10). Indo mais adiante em sua análise sobre as tradições, os autores afirmam que, quando ocorrem transformações rápidas da sociedade, que debilitam ou destroem os padrões sociais para os quais as -velhas|| tradições foram feitas, produzem-se novos padrões com os quais essas tradições tornam-se incompatíveis. Sendo assim, inventam-se novas tradições (HOBSBAWN; RANGER, 1984). Para eles, as tradições classificam-se em três categorias:

- a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidade reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. (HOBSBAWN; RANGER, 1984, p. 17).

Usando os conceitos que Hobsbawn e Ranger (1984) formulam a respeito das tradições para pensar o significado dessa retomada das touradas cuiabanais a partir da década de 1960, poderíamos dizer que a tourada em Cuiabá se tornou uma autêntica tradição, uma -tradição inventadall. Inventada para um momento em que era necessário legitimar um interesse específico, o da construção de uma identidade regional enraizada em costumes antigos, outrora banidos.

A tourada, ora considerada como esporte, ora como dança ou ritual, despertou os estudos de Camargo (2012, p. 18). Ademais,

- [...] a tourada não pode ser considerada apenas um esporte. É muito mais do que isso, uma vez que não haveria como entender por que desperta nos homens ressonância mais profunda do que um esporte ou um exercício perigoso qualquer, como as proezas de um acrobata ou a disparada de um automóvel sobre a rigidez de uma pista de corrida. (LEIRIS, 2001, p. 15).

Para Marisa Camargo (2012, p. 19),

Somos levados a admitir com Michel Leiris que a tauromaquia comporta certo elemento esportivo, mas que é algo mais do que um esporte, em vista deste caráter trágico que lhe é inerente. Ela poderia ser vista como um esporte acrescido de uma arte em que o trágico seria seu aspecto fundamental. Contudo, se é diferente de um balé, ainda que possa ser vista como uma dança raivosa entre dois adversários: o homem conduzindo o animal numa espécie de valsa fúnebre fazendo balançar na frente do touro a capa vermelha, no esforço de integrá-lo a sua dança.

Contemplar a violência que permeia a relação do homem com o touro e, por que não?, do touro com o homem, na tourada, pode fazê-la parecer, à primeira vista, uma atitude não civilizatória, mas a teoria do processo civilizador nos permite entender e ver aspectos sociais da violência nessa modalidade esportiva. Nesse sentido, Elias argumenta que:

[...] a sociedade que não oferece aos seus membros, e, em especial, aos mais jovens, oportunidades suficientes para a excitação agradável de uma luta que não exige, mas pode envolver, força e técnica corporal pode, inevitavelmente, arriscar-se a entorpecer a vida de seus membros; pode não proporcionar correctivos complementares suficientes para as tensões não excitantes produzidas pelas rotinas regulares da vida social (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 95).

A partir de 1934, já não era mais permitida a realização de touradas. Presidente à época, Getúlio Vargas decretou a proibição de qualquer evento em que houvesse maus-tratos aos animais, conforme o Decreto nº 24.645, de 10 de julho de 1934 (Anexo 1) (BRASIL, 1934). -O Brasil tentava se modernizar e para isso era necessário abandonar algumas práticas, conta a historiadora Maria Auxiliadora de Freitas (2011).

Assim, as touradas se resumem hoje a páginas de livros e fotografias. Algumas delas compõem o acervo do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Assim, verifica-se que a tourada não era para praticantes menos preparados ou desatentos. Nascia daí então a vocação de apreciação dos desportos. Era necessária uma forma esportiva que se tornasse de fato agraciada pelo povo, com necessidade de se aprimorar para cativar o público que ali existia. Assim, o futebol se apresentaria para tal fim, pois se tornou o esporte mais praticado e consumido no estado, além de importante veículo de produção de sentidos e possibilidades de sociabilidade.

O princípio do futebol em Mato Grosso

Segundo Póvoas (1983), o futebol em Mato Grosso teve seu início em 1905, com o padre Antônio Maria Malan, que, após o retorno de uma das suas viagens à Cuiabá, trazendo consigo na bagagem duas bolas de couro onde os alunos do Colégio Salesiano São Gonçalo praticavam a atividade no campo que ali havia.

Nesse período governava Mato Grosso Antônio Paes de Barros (Totó Paes), que ficou conhecido por ter sido o pivô da violenta revolução de 1906, que culminou com o seu desaparecimento. O esporte que no Salesiano São Gonçalo veio a surgir rompeu os muros da escola e se espalhou, ganhou o gosto dos mato-grossenses que tinham, até então, como *hobby* a tourada. Esta deu lugar então ao futebol, uma atividade com vários atores em um espetáculo em que a bola era a protagonista (DUARTE, 2013, p. 20).

Segundo Duarte (2013, p. 21), em 13 de setembro de 1913 foi disputada a primeira partida de futebol em Cuiabá, entre as equipes do Internacional Foot Ball Club (Porto) x Cuyabá (Centro). O primeiro, fundado em outubro de 1913, no segundo distrito (Porto), por Gustavo Kuhlmann, diretor do Grupo Escolar Senador Azeredo; e o Cuyabá Foot Ball Club (Centro), fundado em agosto de 1913, quando o professor Leowegildo de Mello era diretor da Escola Barão de Melgaço (TENUTA, 2020?a, p. 41-67).

Conforme Tenuta (2020?a, p. 68-74), –a novidade da realização do campeonato logo se espalhou e mobilizou a população para o então inusitado evento. Ficou estabelecido que a disputa seria em três jogos e em três domingos seguidos, saindo vencedora a equipe que somasse o maior número de pontos. As disputas aconteceram no largo do Campo d'Ourique, local anteriormente utilizado para as touradas, atual Praça Moreira Cabral, e no Largo do Arsenal, atual estádio Presidente Dutra, no dia 15 de novembro de 1913, cujo ganhador foi o Cuyabá F.C., no que foi considerado o primeiro jogo oficial de futebol em Cuiabá, segundo José Tenuta (2019), que também informa que, na verdade, não foram três disputas, mas, sim, quatro.

Ainda segundo, Tenuta, o estudioso do futebol de Mato Grosso:

O primeiro campeonato que temos notícia é de 1913, mas os primeiros times são de 1909. As equipes que existiam não eram organizadas. Eram precárias. Existiam dificuldades para se vestir, adquirir meia, calção, chuteira. Então, o professor Leowegildo Martins de Melo fundou o Cuyabá Foot-ball, era tudo em inglês, era goal, shooting, corner. E o Gustavo Kulman, no primeiro Distrito do Porto, fundou o Internacional Futebol Clube. Eles fizeram um campeonato de três jogos, dos quais saiu campeão o Cuiabá. Considero 1913 o pontapé inicial do futebol na nossa cidade, pois duas equipes jogaram pela primeira vez, até onde se tem registros documentados, de acordo com as regras da FIFA. A partir daí, surgiram muitas equipes de duração temporária devido às dificuldades. Sobre os times dessa época, poderíamos citar o

Riachuelo, não o Riachuelo que conhecemos do bairro Grande Terceiro, é um Riachuelo da década de 1910. Também tivemos o River, Sul América, o América do Sul. Poderíamos chegar facilmente à casa de 50 equipes de futebol nesse período. Como disse, muitos de efêmera duração. Antes de 1920, surge o Pátria, que é um time do 16º Batalhões de Caçadores. E surge também o Tupi, que viria até 1930 a grande equipe do futebol de Cuiabá juntamente com o Tiradentes, que era considerado o time da elite, pois mandava os jogos no Campo D' Ourique, que era uma praça de touradas. (TENUTA, 2019).

Conforme o Jornal —O Debate‡ de 9 de dezembro de 1913:

[...] as 5 horas, logo a bola foi ter ao campo do —Internacional‡ que se concentrou numa defesa fortíssima, correta, rebatendo todos os kicks vantajosamente, mostrando a força incontestável da partida auri-verde. Quase ao terminar o primeiro tempo foi feito um goal pelo —Cuyabá‡ havendo, entretanto, um hand, sendo punido este team com a penalidade de um free-kick.

O segundo half-time foi mais interessante. O Internacional fortificou o ataque, redobrou de esforços e trouxe várias vezes a bola ao campo inimigo cuja defesa Lopes, mais do que nunca, fez inumeras vezes. Contra o —Internacional‡ foi feito um goal, quase ao terminar o jogo por F. Mendes que estreou com felicidade. Schwenck esteve fraco, Dacio sem training não pode sobressahir. Leo⁸ guardou bem o seu posto, com auxílio de Mario que foi um esplendido center-half. Dudú esteve bom, valendo-se de alguns passings que lhe fizeram, apesar de estar deslocado da sua posição foward. Mendes sempre destemido, apesar de um pouco adoentado, Viterbo progrido a passos largos. Kuhlmann aproveitou-se bem da sua calma e aproximou-se diversas vezes do goal inimigo. (TENUTA, 2020?a, p. 71-72).

Eram os primórdios de uma era na qual uma prática viria a ser adotada como o esporte capaz de reunir multidões e posteriormente se transformar em paixão nacional e elemento extremamente imbricado na cultura nacional brasileira. Se voltarmos a refletir um pouco sobre como o futebol estava surgindo e se estabelecendo como prática esportiva em cada lugar/canto do Brasil, Lenine Póvoas nos diz que: —No ano de 1919 tinha sido realizado um campeonato sul-americano no Rio de Janeiro, vencido pelo Brasil, [e] isso contribui para a popularização do _esporte-rei‘ em todo o país‡ (PÓVOAS, 1981), nos mostrando que a bola já encaminhava para uma grande difusão, abrindo os caminhos para uma atividade que se tornaria posteriormente o —xodól do povo brasileiro, o esporte das multidões e uma verdadeira paixão nacional.

⁸ O jogador Leo é o mesmo professor Leowegildo de Mello.

É importante o leitor ter em mente que o estado de Mato Grosso ainda era uno e no governo se encontrava o pecuarista e industrial Antônio Paes de Barros⁹ (1903-1906), que governou o estado durante 2 anos, 11 meses e 22 dias e, dessa forma, entra para a história por participar, também, da introdução do futebol no estado de Mato Grosso. –O homem não é só um ser intelectual e moral, é também um ente físico; logo, a escola, que o tem de educar, deve curar não só da sua inteligência e do seu coração, mas também do seu corpo; não deve educar meio homem, porém o homem todol (BARRETO, 1974 apud SÁ, 2018, p. 76). A educação do corpo se dava por meio de práticas corporais e dos esportes, ou seja, de uma educação física.

O inspetor-geral dos Estudos da Província de Mato Grosso, Padre Ernesto Camilo Barreto¹⁰, ao tratar sobre a educação pública primária, defende a importância da formação completa da criança, alegando –[...] a necessidade da aplicação da ginástica às escolas primárias; porque só pela tríplice educação poderá ela desempenhar sua missão civilizadora (MATO GROSSO, 1874). Tal orientação tem como referência as discussões que vinham sendo travadas no cenário nacional, nas quais a escola, bem como a disciplina de Ginástica, eram compreendidas como instrumentos para a reforma social e propulsoras do progresso e da civilização, em um amplo projeto político-social (SÁ, 2018, p. 77), sendo uma bandeira de luta para monarquistas, conservadores e, especialmente, liberais e republicanos (SOUZA, 2000).

A proposta de educação do corpo apregoada por Camillo Barreto só foi concretizada, no estado de Mato Grosso, no regime político republicano, com a sua implantação, em 1910, nos grupos escolares, pelos normalistas paulistas Leowigildo Martins de Mello e Gustavo Kuhlmann.

A questão da ginástica como esporte e modalidade de educação e produção social dos corpos aparece como resultado da iniciativa do Padre Ernesto, pois este foi o introdutor da disciplina Educação Física em Mato Grosso, antes chamada Ginástica (aplicação de ginástica nas escolas). Pode-se dizer que o referido padre exerceu ou cumpriu uma missão civilizatória, no sentido eliasiano (ELIAS; DUNNING, 1992).

⁹ Conhecido como Totó Paes, Antônio Paes de Barros era industrial de larga visão. Foi assassinado na Fábrica de Pólvora do Coxipó do Ouro, em virtude de movimento armado de 1906, chefiado pelo coronel Generoso Pais Leme de Souza Ponce. No entanto, Ponce não foi responsável pelo seu assassinato.

¹⁰ Padre Ernesto Camilo Barreto nasceu na cidade de Cachoeira, Bahia, em 19 de fevereiro de 1826 e, por longo tempo, assinou o nome de Ernesto de São Joaquim Barreto. Foi sacerdote, educador, jornalista e deputado provincial (em 1869). É patrono da cadeira nº 14 da Academia de Letras. Era maçom. Deixou descendentes em Cuiabá (BARRETO, 2017a, p. 3).

Mello, com argumento similar ao de Ernesto Camillo Barreto, defendeu o uso da ginástica para a formação integral da criança, afirmando que [...] não seria, portanto, natural que a escola cuidasse dos educandos moral e intelectualmente, desprezando a educação física (MATO GROSSO, 1911, p. 10-11).

A implantação da educação física, nesse modelo escolar, fazia parte de um projeto nacional de formação de um novo cidadão para atuar na sociedade brasileira, um cidadão com formação integral em seus aspectos físico, intelectual e psicológico (SÁ, 2018, p. 77).

Mais tarde, em 1913, os professores Gustavo Fernando Kuhlmann e Leowegildo Martins de Melo ampliaram o projeto de Ernesto Camillo Barreto, inclusive criando, nas escolas públicas, times de futebol com os mesmos princípios da disciplina, dos regulamentos, da higiene corporal, da alimentação saudável, conforme podemos ver em parte das memórias de Rubens Mendonça (SÁ, 2018, p. 77).

O jornal *A Juventude*, em 23 de novembro de 1916, em seu semanário dizia:

Considerando o sport como um excelente educador físico da mocidade, é um dos nossos maiores desejos trabalhar em seu favor, embora o encontremos hoje quase que exausto, mas mesmo assim as nossas colunas serão francas a todas as colaborações dos sportmen e registraremos com prazer as notícias esportivas que nos vierem. Desde já contamos com a dedicação dos clubes ora existentes (TENUTA, 2020?a, p. 86).

É importante destacar aqui que a preocupação com o desenvolvimento saudável da criança esteve presente desde a formação dos grupos escolares em Mato Grosso, criados por meio da Resolução nº 508, de 16 de outubro de 1908, e instalados, em 1910, por Leowigildo Martins de Mello e Gustavo Fernando Kuhlmann, ambos formados pela Escola Normal Caetano de Campos e convidados em missão de trabalho para reorganizar a Instrução Pública do Estado de Mato Grosso. Voltado para formar quem seriam os futuros cidadãos republicanos, esse modelo de escolarização foi organizado em uma nova cultura escolar, no sentido de dar maior racionalização à organização e ao processo formativo da infância, centrando-se na formação do indivíduo como participante do processo produtivo e da vida política do país, procurando nele [...] cultivar um corpo belo, forte, saudável, higiênico, ativo, ordeiro, racional, em contraposição àquele considerado feio, fraco, doente, sujo e preguiçoso (VAGO, 1999, p. 40).

No caso específico do futebol, sua implantação nas escolas antes mencionadas se deu por volta do ano de 1913. O historiador Rubens de Mendonça, citando Fernando Figueiredo, lembra que, em 1909, chegou a Cuiabá a primeira bola de futebol, trazida por um padre

salesiano vindo da Itália, mas somente em 1913 se realizou a primeira partida de futebol entre dois clubes – o Internacional e o Cuyabá – no Campo d’Ourique (BARROS, 1982 p. 105), a ela comparecendo o então presidente do estado, Joaquim Augusto da Costa Marques¹¹ (1911-1915). Jogavam pelo Cuyabá Foot Ball Club Danglars Canavarros¹², Aristides Figueiredo, Mário Esteves, Alcindo de Siqueira, José de Souza Vieira¹³, Fernando Corrêa¹⁴, Francisco Mendes. O Internacional Foot Ball Club, com domicílio no bairro do Porto, tinha como presidente o professor Gustavo Fernando Kuhlmann (BARRETO, 2019a, p. 243; SÁ, 2009, p. 7)¹⁵, sendo formado pelos jovens residentes na área portuária da capital. Lá também jogavam o próprio Kuhlmann e Aristides Prado, oficial do exército. Já o Cuyabá FootClub, mais elitizado, era presidido por Leowegildo Martins de Melo¹⁶, professor, contando em seu elenco com jovens da sociedade cuiabana da época (SÁ, 2009, p. 7).

¹¹ Costa Marques foi advogado e pecuarista.

¹² Canavarros foi esposo de Zulmira Canavarros, fundadora do Mixto Esporte Clube, em Cuiabá.

¹³ Posteriormente, tornou-se o Seu Vieira, da Farmácia Vieira, em Cuiabá. Foi pai do Dr. Ênio Vieira, conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso (TCE-MT). Já falecido.

¹⁴ Fernando Corrêa da Costa (1951-1956) foi governador de Mato Grosso.

¹⁵ Gustavo Fernando Kuhlmann era oriundo de São Paulo. Professor, dá nome a uma escola no município de Cuiabá. Casou-se com Emília Amarante Peixoto de Azevedo, com quem teve os filhos José Bonifácio de Azevedo Kuhlmann e Adozinda Caraciolo de Azevedo Kuhlmann. Ocupou a cadeira 14 da Academia Mato-Grossense de Letras. Kuhlmann era filho de Alberto Kuhlmann, que, como engenheiro, participou ativamente da urbanização da cidade de São Paulo; como deputado estadual, da primeira Constituição do Estado de São Paulo, promulgada em 1891; e, como jornalista, trabalhou para alguns jornais, tais como *O Estado de São Paulo*. Era irmão de Guilherme Jorge Kuhlmann, que havia se formado também na Escola Normal Caetano de Campos (1906) e atuava, na ocasião, como diretor escolar do Grupo Escolar de S. José do Rio Pardo. Inicialmente, Mello e Kuhlmann trabalharam juntos. A sua primeira ação conjunta foi visitar as escolas públicas primárias da capital para terem clareza do contexto educacional. Segundo relatório de Mello (1911), tudo estava por fazer. Eles não iriam admitir que, em muitas localidades do seu estado de origem, a situação era muito próxima à encontrada em Cuiabá, diferenciada, especialmente na capital, pelo amplo funcionamento da Escola Normal de São Paulo e dos grupos escolares. Então, investiram na reorganização do ensino público; implantaram a Escola Normal, a Escola-Modelo e os grupos escolares; elaboraram os programas e horários das escolas isoladas, tudo isso conforme acontecia no estado de São Paulo, por determinação da própria presidência de Mato Grosso (Decreto nº 258, de 20 de agosto de 1910). No entanto, a inviabilidade de se –copiar|| exatamente as diretrizes educacionais de outro estado foi advertida por Mello em seus relatórios. Juntamente com essas ações iniciais, Mello assumiu a direção da Escola Normal e Modelo anexa e Kuhlmann, a direção do Grupo Escolar do Segundo distrito, ambas em Cuiabá. Kuhlmann criou e dirigiu (em 1912) o jornal mensal *O Amiguinho*, voltado para o público infantil; e publicou o livro *Bondade e pátria*, aprovado pelo Conselho Superior da Instrução Pública, em 1915, para ser adotado nas escolas primárias para a formação moral e cívica das crianças. Mais diretamente, na direção do Grupo Escolar Senador Azeredo, teve uma atuação elogiosa, mas também foi alvo de críticas, principalmente no que se refere à prática de avaliação, que, na escola graduada, tomou o caráter não só de conclusão de curso, como era utilizada nas escolas isoladas, mas também de promoção do aluno para o próximo nível (representando sucesso, quando o aluno era promovido para a série seguinte, ou fracasso, quando permanecia na mesma série), gerando resistência por parte do professorado. Com astúcia, os professores dos grupos escolares encontraram uma forma de camuflar os resultados dos exames, selecionando somente os alunos que consideravam –aptos|| a prestarem as provas. Desse modo, a aprovação/sucesso seria garantida(o) (SÁ, 2009).

¹⁶ –[Leowegildo Martins de Melo] Nasceu em Itararé-SP, aos 27 de julho de 1889. Estudou e participou ativamente da Reforma educacional paulista do final do século XIX. Foi contratado pelo Governo do Estado de Mato Grosso durante a administração de Pedro Celestino Corrêa da Costa, para implementar, ao lado de seus conterrâneos estaduais, Gustavo Kuhlmann e Valdomiro Campos, uma reforma de ensino que tinha por

Sobre os professores Gustavo Fernando Kuhlmann e Leowegildo Martins de Melo, assim testemunhou o jornalista Macedo Filho:

[...] queria dizer que em 5 de novembro de 1913 foi realizado o primeiro jogo oficial de Cuiabá entre Escola Modelo com um time chamado Cuiabá Esporte Clube e a Escola Senador Azeredo, com o time do Internacional, no Campo D'Ourique, tendo os professores Leowegildo Melo e Gustavo Kulmann, que são nomes de escolas em Cuiabá hoje em dia. Esses dois educadores, que vieram de São Paulo, trazidos pelo governador do Estado, para implantar um modelo de educação em Mato Grosso, esses dois homens foram os protagonistas do primeiro jogo que se conhece na capital do estado. O primeiro jogo foi vencido pelo time do Cuiabá pelo placar de 3 tentos a 1. Posteriormente, o professor Leowegildo morreu e o Gustavo Kulmann resolveu voltar para São Paulo. Curioso que, depois desse jogo, os dois times acabaram. Foi o próprio Leowegildo que fez o primeiro gol numa partida oficial aqui na cidade. Ele morreu. O outro foi embora. Os times acabaram. Mais tarde, surgiram os times Tupi e Tiradentes. Queriam realizar um torneio, uma competição, mas precisava de uma terceira equipe. Aí o Cuiabá voltou só para participar, mas não ganhou nada. E assim forma os primeiros movimentos dos jogos na nossa Capital. 5 de novembro de 1913. (MACEDO FILHO, 2019).

O surgimento de clubes de futebol em Mato Grosso

Este item trata da criação dos clubes de futebol em Mato Grosso. Elaboramos um quadro com datas e nomes dos clubes, que se encontra como Apêndice 2 desta tese.

Pode-se dizer que os primeiros clubes de futebol no Mato Grosso foram criados por volta de 1910, em Corumbá. Em 1910, surgiram os dois primeiros clubes de futebol corumbaense, o Sul da América e o Nacional, em Corumbá, que existiu até 1930; além do Foot Ball Club 7 de Setembro e o 53º Foot Ball Club Sul (criado pelo 53º Batalhão de Caçadores em Corumbá).

Desde meados da década de 1910, cogitava-se criar uma liga de futebol em Cuiabá, o que só seria realizado, de fato, em princípios da década seguinte, com a fundação da Liga Mato-grossense de Desportos Atléticoes em 1922, que reunia os três principais times de futebol da cidade: Tiradentes, Tupi e Comercial. Leônidas Pereira Mendes, engenheiro civil, vereador e diretor da Repartição e Obras Públicas do Estado, foi apontado como principal patrono da ideia, que era celebrada como importante recurso para o —fortalecimento da raça mato-grossense. (DIAS, 2017, p. 75).

base metodológica os princípios da Escola Nova. Foi nomeado Diretor da Escola Normal e Modelo _Barão de Melgaço_, permanecendo no cargo até o ano de 1916. Casou-se em Cuiabá com a Profª. Azélia Mamoré Martins de Melo, conhecida como Professora Ponah, deixando descendentes. Advogado provisionado, foi promotor de Justiça em Cuiabá. Colunista em diversos periódicos de Mato Grosso e nacionais, fundou a revista Pró-Família. Faleceu em Cuiabá, no dia 4 de agosto de 1922, com apenas 33 anos de idade. (LEOWEGILDO, 2019).

É importante reforçar que –Desde 1914, quando visivelmente inicia-se o processo de intensificação da prática do futebol em Mato Grosso, o ‘demasiado entusiasmo do povo’ era já apontado por alguns críticos como responsável pelo esmorecimento da modalidade, embora provavelmente tenha exercido a influência contrária. (DIAS, 2017, p. 75).

Cabe ainda ressaltar que, posteriormente, surgiram outros clubes, como o Tupy e o Tiradentes Futebol Clube, por volta de 1914 e 1915, conforme publicação no jornal *A Cruz* de 22 de agosto de 1920, anunciando um jogo do já temido Tiradentes: –FOOT-BALL – Hoje, no campo d’Ourique, às 14 horas, haverá match do 4. Team para um encontro entre o Ypiranga e Tiradentes (TENUTA, 2020?a, p. 97). Em 1º de janeiro de 1913, foi fundado o Corumbaense Futebol Clube, o qual recebeu o apelido de Carijó.

Em 1914, foi criado o Rosariense Sport Club, tendo como presidente Ulisses Cuyabano, em Rosário Oeste. No dia 8 de outubro de 1915, foi fundado o Guarany Foot Ball Club, em Cuiabá. No ano de 1916, foi fundado na Vila Ladário, hoje município do mesmo nome, o Ladarense Esporte Clube. Em 9 de abril de 1916, houve a tentativa da reorganização do Riachuelo Foot-Ball Club.

O mesmo *A Cruz*, na edição de 31 de março de 1919, em sua página 1, anunciava a diretoria do Tiradentes Foot-Ball Club, assim constituída:

Presidente de Honra: Dr. Fenelon Muller (reeleito), Presidente – Dr. Ernesto Faro, primeiro Vice Presidente: Ten. Nerval da Paixão Gomes de Mattos, segundo Vice Presidente Bel. Hercílio Viegas de Oliveira, 1º Secretário – Raul Dorileo, 2º Secretário – Sérgio Pereira Borges, 1º Thesoureiro – Cid Camacho, 2º Thesoureiro – Nuno de Mendonça, diretor esportivo – Aristotelino Alves Praeiro (reeleito), comissão fiscal: Manoel Bodstein – reeleito; Arthur Veríssimo Pereira, Theodoro Paulino do Espirito Santo; conselho deliberativo – Major Aristides Prado de Oliveira, Bel. Francisco Corrêa Filho (TIRADENTES, 1929, p. 1).

Segundo Tenuta (2020?a, p. 104), na edição de *O Jornal* que circulou no dia 22 de abril de 1922, fica comprovada a existência dos clubes antes referenciados conforme: o título ‘Desportos – Foot-Ball’:

As 16 horas da tarde do domingo ultimo, no campo da praça General Osório, houve o encontro entre os 1º teams do Tupy e do Tiradentes, os dois valorosos clubs de foot-ball. Os quadros estavam organizados do seguinte modo.

TUPY: Bouret, Ricardo e Pinto; Augusto, Gregorio e Alex; Ponciano, Juquinha, Alves, Faria e Damião. TIRADENTES: Bizarro, Tapuia e Rondon; Romão, Lisando e Taury; Mario, Mendes, Emiliano, Jockei e Marcondes.

Ambos os clubes citados encontram-se, hoje, desaparecidos. Para a fundação de uma liga congregadora dos clubes, foi necessário mais um clube. Então surgiu o Cuyabá. Sobre a palavra –clubell, em memórias de Manoel Carlos Soares Campos ([1983?], p. 16) encontramos que:

[...] do que foi dado conhecer, verificamos que aqui, como em todo o Brasil, o futebol nasceu das peladas nos logradouros públicos, cresceu e passou a formar agrupamentos, chamados – CLUBES –; dava-se-lhes um nome, criava-se uma bandeira, símbolo em torno do qual se processavam os embates esportivos. Por este processo sumário nasciam e morriam com a mesma facilidade, muitas organizações criadas pelo idealismo e amor de tantos que sentiam despertar, dentro de si, essa paixão que hoje arrasta multidões e assola nosso planeta, atraídos por esse movimentado, maravilhoso e apaixonante esporte. [...] Destacamos o Esporte Clube Tupy e o Tiradentes Esporte Clube que na época proporcionavam ao esporte cuiabano, jornadas gloriosas. Da fase áurea desse passado é de justiça destacarmos o grande e ardoroso desportista – José Aníbal Bouret (Zelito Bouret). (CAMPOS, [1983?], p. 16).

Conforme Barros (1982, p. 106), José Aníbal de Souza Bouret Filho, o Zelito Bouret,

[...] foi fundador do Tupy [...], mas Zelito era tudo no clube, inclusive o goleiro, naquele tempo, —goal keeperll. Ele comprava uniforme, bola, chuteiras e até —cracksll do futebol chileno como os irmãos Waldo e Luiz Olavarria, os quais tomaram os apelidos de —chinelão e chinelinhol, pois um era grande e outro pequeno. Waldo não era outro senão o antigo comerciante do Porto e proprietário do —armazém Chilenoll. E falava-se que o Tupy era o Clube dos —pobresll enquanto que o Tiradentes era dos —ricosll (BARROS, 1982, p. 106).

Como destaca Cleber Dias (2017), em Mato Grosso, desde 1910, também os militares estavam envolvidos em diversas iniciativas esportivas e mantinham equipes de futebol com relativa importância futebolística, em diversas cidades importantes. Por volta de 1910, havia o 53º Foot Ball Club (o 53º Batalhão de Caçadores); depois, em princípios da década seguinte, o Pátria Foot-Ball (do 16º Batalhão de Caçadores). Militares de Coimbra, Corumbá, Três Lagoas e Campo Grande também formavam suas próprias equipes esportivas, bem como organizavam eventos cívicos em que os esportes compunham parte da programação, além de integrarem a direção ou as equipes de ligas ou clubes de futebol (DIAS, 2017, p. 71-72).

Em 1929, praças e oficiais da Marinha e do Exército em Corumbá (MS), além de participarem de competições contra equipes civis, criaram ainda seu próprio evento esportivo: a Taça Tuiuti Riachuelo. Nessa época, o campo do Ladário Atlético Clube, ligado ao pessoal da Marinha, já servia como uma das principais instalações esportivas de Corumbá, sediando várias partidas de futebol (DIAS, 2017, p. 72).

Da mesma forma, em Cuiabá, Diogo Clemente dos Santos organizava atividades esportivas em comemorações cívicas, em 1917. Em Campo Grande, em 1924 encontramos, nessas atividades, o tenente Roberto Drumond, do Regimento de Artilharia Montada e servindo ainda no Regimento de Artilharia Mista de Campo Grande (DIAS, 2017, p. 72).

A fundação das ligas na organização do futebol

Vamos destacar aqui o surgimento das ligas voltadas para a organização do futebol, em Mato Grosso. Em 27 de junho de 1922, por meio de uma reunião, surge uma entidade denominada Liga, para administrar o então *sport* em Cuiabá – fundada oficialmente em 14 de julho no mesmo ano –, como noticia *O Correio do Estado*, em 2 de julho:

No dia 27 do mês próximo passado, em uma reunião em que compareceram os Snrs. Bel. Jayme Joaquim de Carvalho e José Annibal Bouret Filho, pelo Tupy Foot-Ball Club, Prof. Philogonio Corrêa e Guilherme Schwenche pelo Tiradentes Foot-Ball Club e Dr. Leonidas Pereira Mendes e Alencastro Maria Alves, pelo Commercial Foot-Ball Club, ficou organizada uma sociedade, que terá por fim o desenvolvimento do Sport, entelligentemente praticado, que recebeu o nome que serve de epigráphe a estas linhas. Brevemente devem ser publicadas pela imprensa as bases da referida liga. A sua primeira diretoria ficou constituída: Presidente: Dr. Arnaldo Cunha De Azevedo. Vice-Presidente: Dr. Paulo Colombo Pereira de Queiroz. Secretario: Francisco Corrêa da Costa Filho Thesoureiro: Manoel Deschamps Calvacanti. A sua instalação e posse da sua diretoria, dar-se-á, no dia 14 de julho, no Palácio da Instrução (CORREIO DO ESTADO, 1922, p. 3 apud DUARTE, 2013, p. 21).

Pode-se considerar que, do ponto de vista institucional, o futebol de Mato Grosso começou a se organizar com –a fundação da Liga Mato-grossense de Desportos Atléticos em 1922, que reunia os três principais times de futebol da cidade: Tiradentes, Tupi e Comercial. Leônidas Pereira Mendes, engenheiro civil, vereador e diretor da Repartição e Obras Públicas do estado, foi apontado como principal patrono da ideia, que era celebrada como importante recurso para o *“fortalecimento da raça mato-grossense”* (DESPORTOS, 1922, p. 3).

A Liga Mattogrossense de Sports Athleticos, conforme publicação d’*O Jornal*, edição de 2 de setembro de 1922 retratada por Tenuta (2020?a), informou as suas atividades assim dizendo:

[...] em sua última sessão realizada a 29 do mez ultimo findo, pelos seus membros a ella presentes dr. Paulo de Quiroz, Francisco Correa Filho, M. Deschamps Cavalcante, Dr. Leonidas Mendes, José Bouret Filho e Guilherme Schuwenk, resolveu que se dê começo ao campeonato de football, no corrente anno, a 7 de setembro, com o torneio –Initiumll, entre os

três clubs a ella filiados – Tiradentes, Tupy e Commerciall. [...] (TENUTA, 2020?a, p. 117).

Nessa mesma época, Cuiabá realizava, então, o seu primeiro torneio municipal, entre as equipes organizadas pela Liga, com o nome de Torneio Initium, sagrando-se campeão o Tupy¹⁷, o -time dos pobres¹⁸, chegando em segundo lugar o Comercial e, em terceiro, o Tiradentes, o -time dos ricos¹⁸. Era então a primeira evidência de um torneio em Mato Grosso (CORREIO DO ESTADO, 17.09.1922, p. 2 apud DUARTE, 2013, p. 21).

Terminado o Torneio Initium, iniciava-se o primeiro campeonato de *football* realizado pela Liga Matogrossense de Sports Athleticos (LMSA), na data de 10 de setembro de 1922 (DUARTE, 2013, p. 22).

Havia dois campos abertos para o público, o Largo do Arsenal, hoje Praça Benjamin Constant¹⁸; e o Campo D'Ourique, atual Praça Moreira Cabral (DUARTE, 2013 p. 22). Salientaram-se, no Tupy: Zelito Bouret, Ricardo, Ponciano, Gregório, Juvenílio, os irmãos Chinelão e Chinellino¹⁹, João Augusto. No Tiradentes, destacaram-se Bianchi, Jockey, jogador vindo de Corumbá, Gonçalo, Marcondinho, Lisandro, Taury Ramos.

Retomando a questão do surgimento das ligas, cabe ressaltar que, em 1923, era criada uma liga em Corumbá (MS), envolvendo quatro equipes de futebol da cidade (Corumbaense, Riachuelo, Ladarense e Comércio), a chamada Liga Mato-grossense de Esporte Atlético. Essa liga empreendeu esforços no sentido de determinar os critérios para escolha dos árbitros.

Segundo ficou decidido, cada clube indicaria quatro pessoas, cujos nomes seriam submetidos a uma votação secreta. Apenas àqueles que obtivessem 3/4 do total de votos poderiam atuar como árbitros. A preocupação com o controle rigoroso sobre os árbitros visava disciplinar os jogadores, mas também os torcedores, que deveriam se acostumar ao estrito cumprimento das regras (SPORT, 1929b, p. 4).

¹⁷ José Aníbal Bouret Filho, conhecido por Zelito Bouret, foi fundador, diretor e goleiro do Tupy. Comprava uniforme, bola, chuteiras e até *craks* do futebol chileno como os irmãos Waldo e Luiz Olavarria, os quais tomaram os apelidos de Chinelão e Chinellino, pois um era grande e o outro, pequeno. Waldo não era outro senão o antigo comerciante do Porto e proprietário do Armazém Chileno.

¹⁸ Onde se encontra localizado, hoje, o Sesc Arsenal, em Cuiabá.

¹⁹ -[Waldo Olavarria] Veio do Chile. Chegou em Cuiabá em 1926. Casou-se em Cuiabá com Silvina Fonseca Migueis. Filhos: Elza Migueis Olavarria; Diva Migueis Olavarria; Waldo Olavarria Filho; Iva Migueis Olavarria; Alair Migueis Olavarria; Renato Migueis Olavarria. Waldo Olavarria Calvo, veio do Chile, onde trabalhou na área do comércio, onde abriu o armazém chileno na região do porto, fornecendo secos e molhados para a região e para os ribeirinhos que vinham de toda a região fazer suas compras. Naquela época usava muito as compras vias caderneta, onde eram feito o acerto no final do mês. Recebeu homenagem de Cuiabá, estampando o seu nome em rua: O CEP da Rua Waldo Gustavo Olavarria Calvo - Cuiabá é 78040-320. A Rua Waldo Gustavo Olavarria Calvo pertence a Cidade de Cuiabá. Sendo um dos endereços com CEP do Bairro Santa Rosa. Foram jogadores de futebol. Ramificação: Olavarria; Olavarria de Pinho; Pinho Maluf; Bastos de Pinho Filho; Migueis Olavarria; Olavarria Calvo. (BARRETO, 2019a, p. 264).

Segundo Dias (2017, p. 76), a preocupação com a arbitragem dos jogos de futebol tornou-se uma questão bastante valorizada, certamente em reação aos conflitos e atos de indisciplina de jogadores e espectadores, que também foram aumentando, no período.

Em matéria intitulada –Sportl, o jornal *Tribuna* enfatizava a importância de um bom árbitro de futebol:

Um bom juiz é a garantia de uma boa partida. A presença em campo de um juiz conhecedor de regras, sensato e equilibrado, e de cuja idoneidade moral não se possa duvidar, traz para os jogadores e assistentes uma confiança absoluta que perdoa até o erro a que está sujeito todo ser humano (SPORT, 1929a, p. 4).

Com essas ligas, de Corumbá e Cuiabá, de certa forma, contemporâneas, as cidades disputavam o importante papel de serem representantes do esporte mato-grossense em geral e não apenas das respectivas cidades onde estavam sediadas.

Cuiabá era capital do estado, o que agregava prestígio à sua vida social; por sua vez, as elites de Corumbá concentravam considerável poderio econômico, o que também lhes incitava a pretensão de pioneirismo e centralidade sobre a vida cultural de Mato Grosso (DIAS, 2017, p. 76).

Segundo memórias de João Moreira de Barros (1982, p. 105), houve, também, o clube denominado Destemido, de vida efêmera.

Conforme Dias (2017, p. 76), na segunda metade dos anos 1920, outras ligas ou federações surgiram em Três Lagoas, Campo Grande e Ponta-Porã, sem relação direta com os acontecimentos de Corumbá ou Cuiabá.

Sobre o clube Destemido, o jornal *A Cruz*, em sua edição de 12 de agosto de 1934, atesta a sua existência quando informa que:

Recebemos da Associação de Imprensa Matogrossense O officio – De ordem do Sr. Presidente, [...] acaba de receber o officio [...] em a Associação Athetica Typographica e o Destemido Sport Club comunicam que o Match de domingo, se realizará em homenagem a esta Associação de Jornalistas (TENUTA, 2020?a, p. 191).

Em 1936, pelo Destemido Sport Club, jogaram Bugrinho, Nauílio de Almeida, Nascere, Oscarino, Genésio, Milton, Preza, Ferraz, Pinto, Erasmo e Hilário e, pela Typographica, Otacílio, Miranda, Carlos, Mandioca, Ferreira, Chico, Díogenes, Chupapaia, Duílio, Conceição e Venâncio.

O Comércio Esporte Clube, de Manoel Soares de Campos²⁰ e Altair de Matos, construiu campo próprio graças ao esforço e tenacidade daqueles dois abnegados jogadores. Segundo Campos (1983, p. 5), o Comércio Esporte Clube era uma sociedade civil, fundada em 10 de agosto de 1931, registrada em 26 de outubro no cartório de títulos e documentos no livro 1, nº 18, cuja diretoria fundadora era composta de Altair Cavalcanti de Mattos (presidente), José Henrique Vieira Neto (vice), Carmino Germano de Campos (primeiro-secretário), Antônio Lésino Lopes (segundo-secretário), Manoel da Costa Granja (primeiro-tesoureiro), Aclyse Cavalcanti de Mattos (segundo-secretário), Armando José Vieira (orador), Gastão Proença (diretor esportivo), Antônio Martins da Fonseca (segundo-diretor esportivo), além de uma comissão especial formada por Athayde H. de Mattos, Armínio Albernaz, João Cassimiro de Araújo e uma comissão de sindicância composta por Danaras Canavarros, Fuad Boabaid e Cid Camacho (CAMPOS, [1983?]).

Naquele período, surgiam, no sul do estado, outros clubes. Em Campo Grande (hoje MS), os clubes da S. S. Campo-Grandense, do Militar, do S. C. Americano, do Clube Recreativo Amambahy, do Comercial Sport Club (alvinegro), do Democrata Foot-Ball Club (alvianil) e do Internacional F. C. (alviverde/ex-Guarani S. C.). Em Aquidauana (MT), o time do 6º Batalhão do Exército, o Aquidauanense Foot-Ball Club, e o Oriente Sport Club. Em Maracaju (MT), o Maracaju Sport Club. Em Ponta Porã (MT), o Ponta Porã Foot-Ball Club. Em Miranda (MT), o Imparcial Mirandense Foot-Ball Club, o Bela Vista Brasileira, o Bela Vista Paraguaya, o Universal Mirandense e o União Sportiva Mirandense. E, em Porto Martinho (MT), a filiação da Liga Sportiva Martinhense à FMS Federação Sul Mato-Grossense – de Corumbá, composta pelo Sport Club Martinhense e o Commercio Foot-Ball Club (IELO, 2016).

Gestão esportiva do futebol em Mato Grosso

Em 26 de maio de 1942, em Cuiabá, foi fundada a Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD), denominação originária da Federação Mato-Grossense de Futebol (FMF),

²⁰ –Farmacêutico, filho de Antônio Soares Campos, falecido em outubro de 1900 e de Augusta Campos, falecida em 14 de março de 1905. Prefeito de Cuiabá de 15 de março de 1951 a 16 de junho de 195, interinamente. Casou-se com Irene Gomes Monteiro, filha de João Gomes Monteiro Sobrinho e de Almerinda da Costa Teixeira. Filhos: Paulo Cesar Soares de Campos, engenheiro agrônomo, casado; Frederico Carlos Soares Campos, engenheiro civil, prefeito de Cuiabá de 1966 a 1969 e depois de 01/01/1989 a 01/01/1993, casado com Ione de Azevedo Campos. Proprietário da primeira indústria de cerâmica da cidade. Em 1953, foi aprovado para o cargo de engenheiro da Prefeitura de Várzea Grandel. (BARRETO, [2019?]).

com a finalidade de gerir o futebol no estado, isto é, 15 anos após a fundação dessa federação em Corumbá (MT).

Vale ressaltar que já havia sido fundada em Corumbá (MT) essa federação em 15 de setembro de 1927 que, na verdade foi mais tarde transferida para Cuiabá, com a denominação de Federação Mato-grossense de Desportos – FMD, sob o fundamento de que somente nas capitais dos Estados-Membros do País poderiam funcionar as Federações Regionais de Futebol, composta de: Americano Esporte Clube; Clube Esportivo Dom Bosco; Estado Novo Esporte Clube; Paulistano Futebol Clube; Terceiro Distrito Esporte Clube; Liga Esportiva de Corumbá; Liga Mirandense de Futebol; Liga Esportiva Aquidauanense; Liga Municipal de Amadores de Campo Grande; Liga Três-lagoense de Desportos. (MELLO, 2017).

Foram seus fundadores: César Augusto de Matos, pela Liga Esportiva de Corumbá; Ranulpho Paes de Barros, pela Liga de Campo Grande; José Monteiro de Figueiredo, pelo Paulista Esporte Clube de Cuiabá; Carlos Emílio Bianchi, pelo Clube Esportivo Dom Bosco; Frederico Rubens de Matos, pelo Americano Esporte Clube; Raul Santos Costa, pelo Mixto Esporte Clube; Frederico Vaz de Figueiredo, pela Liga Três-Lagoense de Esporte; Hélio Ponce de Arruda, pela Liga Mirandense de Esportes Amadores; Emanuel Ribeiro Daubian, pelo Estado Novo Esporte Clube; Lúcio de Almeida, pela Liga Esportiva Aquidauanense; Hilda Lima Corrêa, pelo Clube Esportivo Feminino de Cuiabá; e Salim Nadaf, pelo Terceiro Distrito Esporte Clube (SILVA, 2009a).

Sobre aquela federação, com o objetivo de informar sobre período significativo da história do futebol em Mato Grosso, o ex-jogador Ademir Neves Moreira assim testemunhou²¹:

[...] O futebol em Mato Grosso teve sua origem na década de 30, 40 quando era administrado pelas ligas. [...]. As competições eram realizadas pelas respectivas ligas dos seus municípios. Em Cuiabá as competições eram realizadas pela LEC, criada em 11 de junho de 1936 e brilhantemente dirigida, presidida, por José Vieira do Amaral. Não existia no Estado de Mato Grosso uma entidade que organizasse as competições. Foi, então, que em 1942 as respectivas ligas, os clubes, já todos mencionados no prefácio, na abertura desta solenidade, se reuniram e constituíram a Federação Mato-grossense de Desporto, que o Dr. Bonilha deu ênfase: —Federação Mato-grossense de Desporto!!, porque a estrutura organizacional do futebol brasileiro e a legislação esportiva tinham como entidade máxima do futebol

²¹ Ademir Neves Moreira é natural da cidade de Cuiabá, professor de Educação Física, pós-graduado em Futebol, Planejamento Educacional e Políticas Públicas, Medicina do Esporte e da Atividade Física. Foi atleta de futebol, jogando pelo Mixto Esporte Clube (1963-1965; 1967-1970; 1972-1973), Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense (1966), Palmeiras (1966; 1970) e São Cristóvão (1971). Encerrou a carreira na década de 1970. Foi secretário municipal de Esportes de Cuiabá (1993-1994; 1997-2002); secretário estadual de Esportes (1995-1997; 2003). Foi diretor de Desenvolvimento de Futebol da Federação Mato-Grossense de Futebol (2005-2013).

a CBD-Comissão [Confederação] Brasileira do Desporto, que administrava todos os esportes, e em Mato Grosso, em Cuiabá, a FMD-Federação Mato-grossense de Desporto, que congregava todas as outras modalidades no Bairro do Porto. Criou-se a Federação Mato-grossense de Desporto, que teve como primeiro Presidente o Dr. Alexandre Addor Filho e que daí para cá inúmeros presidentes, a exemplo aqui do Bonilha que foi Presidente de 1971 a 1976, o Levi, até que em 31 de maio de 1976 foi nomeado como interventor do futebol pelo Almirante Heleno Nunes, que era Presidente da CBD, o Dr. Carlos Orione, como o próprio Bonilha já disse aqui, que, mesmo como adversário de outras gestões, reconhece os relevantes e inúmeros serviços prestados pelo Dr. Carlos Orione que confunde com a história do futebol mato-grossense. O Dr. Carlos Orione, com toda sua equipe, tem inúmeros e relevantes serviços prestados e no seu currículo, que foi citado aqui, Presidente da Federação, assim mesmo porque foi abreviado, fizeram uma síntese, senão, não teríamos tempo suficiente para ouvir todo esse brilhante currículo. Inúmeros e relevantes serviços prestados e o futebol de Mato Grosso, Dr. Carlos Orione, ao completar seus 71 anos de Fundação, por coincidência, Deputado Emanuel Pinheiro, coincidiu, concomitantemente, com o centenário do futebol mato-grossense. No dia 15 de novembro de 1913, onde, no Campo d'Ourique, Largo da Forca, Campo do Alegre, hoje onde abriga a Câmara dos Vereadores, o Centro Geodésico da América do Sul, foi realizada a primeira partida de futebol entre o Cuiabá do Centro e o Internacional do Porto. Cuiabá, presidido pelo Professor Leowegildo de Melo, e o Porto, presidido pelo nosso Professor Kuhlman, 3X0 para o Cuiabá. Nesse sentido, o futebol de Mato Grosso, ao completar os seus 71 anos no dia 26 de maio deste ano, coaduna com o centenário do futebol mato-grossense. (MATO GROSSO, 2013, p. 9).

Manoel Soares Campos: o pioneiro na construção do estádio

Com o decorrer dos anos, em 1936 a presidência do Comércio Esporte Clube (CEC) já pertencia a Manoel Soares Campos, acompanhado por Henrique José Vieira Neto na vice; Álvaro Duarte Monteiro e Alcides Leite Pereira, nas secretarias; Gastão Proença e Fioravanti Barbieri, nas tesourarias; e Vasco R. Palma, como orador oficial. Como diretores esportivos, Otavio Leite Pereira, Acllyse Cavalcanti de Mattos e Danglars Canavarros. A eles coube a pesada tarefa de levar a cabo a construção do primeiro estádio de Cuiabá.

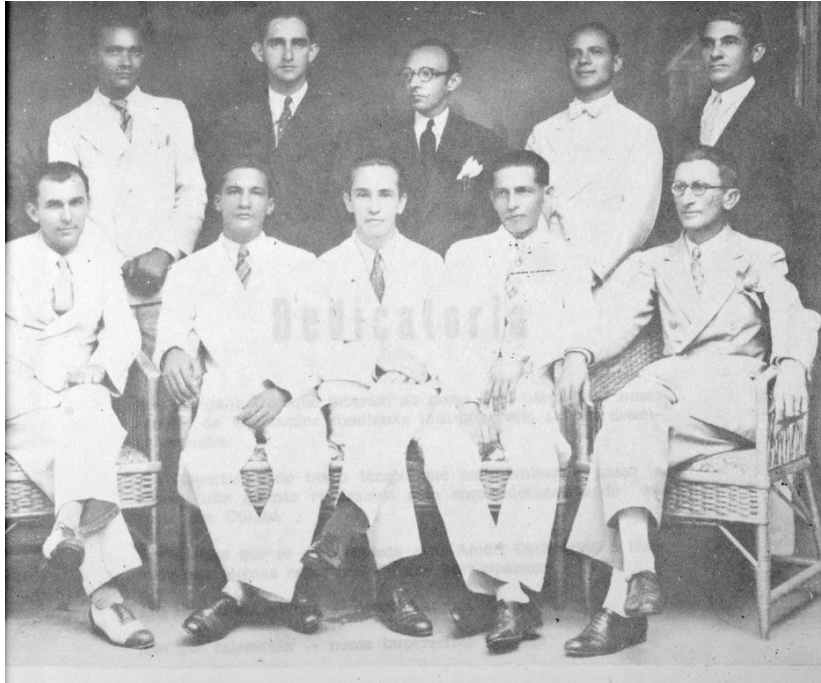


Figura 4 – Primeira diretoria do Comércio Esporte Clube.

Em pé, Otávio Leite Pereira, Aclise de Mattos, Vasco R. Palma, Fioriavanti Barbieri e Danglars Canavarros. Sentados: Dr. Henrique José Vieira Neto, Álvaro Duarte Monteiro, Manoel Soares Campos, Alcides Leite Pereira e Gastão Proença (CAMPOS, [1983?], p. 8-9).

Um dos benfeitores técnicos do CEC foi o tenente Júlio Costa, pertencente aos quadros do 16º Batalhão de Caçadores (BC), que contribuiu com os seus conhecimentos técnicos e suas práticas esportivas baseadas em leis e regulamentos, aperfeiçoando as correntes em Cuiabá. A sua perseverança e dedicação levou o CEC à conquista do campeonato de 1936. Mais tarde, Júlio Costa foi transferido para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Academia Carioca de Letras (ACL), vindo a falecer logo depois (CAMPOS, [1983?], p. 13).

Em 1935, Cuiabá já contava com cinco entidades esportivas de futebol, que alegravam a cidade, embora os locais de jogos/disputas continuassem no antigo Largo do Arsenal e no Campo D'Ourique, hoje ocupado pela Câmara Municipal de Cuiabá. Os clubes eram: Americano Futebol Clube, Comércio Esporte Clube, Clube Esportivo D. Bosco, nascido no Colégio Salesiano, CEC, fundado em agosto de 1931, Mixto Esporte Clube e Paulistano Futebol Clube. Embora organizados, faltavam a todos o suporte financeiro e a estrutura indispensável à sua sobrevivência (CAMPOS, [1983?]).

Para Soares Campos ([1983?]), os clubes eram ligados ao CEC não só pelos laços naturais de comércio, mas também pelos laços de amizade. Dessa forma, seus dirigentes participavam, inclusive, como membros da diretoria do CEC. Segundo Campos ([1983?]), apesar da interventoria de Antunes Maciel, em 1932, atendendo ao pedido de Vieira Neto,

cedendo a título precário a área pretendida, e de sua entrega, em 1934, pela Interventoria de César de Mesquita Serva, pairava no seio da diretoria do CEC certa insegurança quanto à validade desses atos e, para que os trabalhos já executados não se perdessem por imprevidência, em fins de 1935 dirige-se ao então governador do estado, Mário Corrêa da Costa, expondo-lhe os seus objetivos e temores. Após ouvir o relatório sobre a situação dos locais onde se realizavam os jogos de futebol, assim se pronunciou o governador, na ocasião: -Além de amigo, acredito em vocês, e, nesse sentido, baixarei um ato que tranquilizará, devendo a escritura ser lavrada depois de concluídas as obras (COSTA, 1935 apud CAMPOS, [1983?], p. 7).

Dessa audiência nasceu o Decreto nº 42, de 23 de dezembro de 1935, publicado no *Diário Oficial do Estado* nº 7.096, de 7 de janeiro de 1936 (MATO GROSSO, 1936). Assim, nasce o primeiro estádio oficial de futebol em Cuiabá.

O estádio situava-se nos fundos do antigo Esquadrão de Cavalaria, que existia na atual Praça General Mallet. Algum tempo depois, o interventor Júlio Müller²² fez construir no local um pequeno estádio com arquibancada de cimento, mais tarde Colégio Estadual de Mato Grosso, atualmente Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller. Surgia ali, então, o primeiro estádio de Mato Grosso, chamado Estádio do Comércio, por se tratar do campo do Comércio Esporte Clube, a quem pertencia ao estádio, fundado em 19 de agosto de 1931 e inaugurado em 7 de setembro de 1936 (CAMPOS, [1983?]).

Vale a pena ressaltar que o Governo do Estado de Mato Grosso, à época, doou apenas o terreno do campo. Mário Corrêa da Costa, governador do estado e ex-jogador de futebol, o fez por meio do Decreto nº 42, do dia 23 de dezembro de 1935, em que se referia que:

Art.1º- Fica cedido a título gratuito ao —Comércio Esporte Clube desta cidade, toda a área de terreno situado no 1º distrito da capital, de propriedade do Estado, medindo 172 metros pela rua Candido Mariano, 169 metros pela rua Poconé, 88 metros pela Praça General Mallet e 91 metros para o Bosque Municipal, para a instalação de um campo de —foot-ball, sede da sociedade e praça de desportos.

²² -Em 13 de setembro de 1937, com a morte de Correia da Costa, Júlio Müller foi eleito governador pela Assembleia Legislativa, com mandato até 15 de agosto de 1939. Tomou posse no dia 4 de outubro, tendo administrado o estado como governador constitucional por pouco mais de um mês, já que a implantação do Estado Novo no dia 10 de novembro suspendeu todos os mandatos eletivos do país. Entretanto, no dia 24 de novembro foi reconduzido ao governo de Mato Grosso, desta vez como interventor federal no estado. Durante sua gestão, construiu o Hospital Geral, o Colégio Estadual de Mato Grosso e a ponte Júlio Müller, ligando Cuiabá a Várzea Grande. Fundou o Departamento Estadual de Estatística, o Departamento de Saúde Pública e reformou a imprensa estadual. Foi ainda durante seu governo que, em setembro de 1943, foram desmembrados de Mato Grosso os territórios federais de Guaporé (hoje Rondônia) e Ponta Porã. Este último, contudo, voltou a integrar o estado por força da Constituição de 1946. Cinco dias depois da deposição de Getúlio Vargas (29/10/1945), Júlio Müller foi destituído da interventoria. (FGV, 2009).

Art.2º – Finda por qualquer motivo a existência da mesma sociedade, reverterá o referido terreno ao domínio do Estado, independente de interpelação judicial.

Art. 3º – Na cessão ora feita, será respeitado o contrato assinado entre o Estado e o cidadão José Vicente de Medeiros, com referência ao prédio situado na Praça General Mallet, findo o qual reverterá este em benefício da referida sociedade esportiva.

Art. 4º – Revogam-se as disposições em contrário. Palácio do Governador do Estado, em Cuiabá, 23 de dezembro de 1935, 47 da República. Dr. Mário Corrêa. (MATO GROSSO, 1936).

O estádio de futebol foi construído pelo CEC, com a ajuda de vários empresários locais, conforme Campos ([1983?], p. 15). Ponderam Luiz e Ramos (2017, p. 20):

No Brasil, nos parece que situações futebolísticas por vezes se articulam com condições políticas específicas, ou vice-versa. Essa relação futebol-política se mostra tão coerente no contexto nacional que eleições para governantes criam tom de arquibancada, e torcidas organizadas viram palanque eleitoral.

O Surgimento do CLUBE ESPORTIVO DOM BOSCO

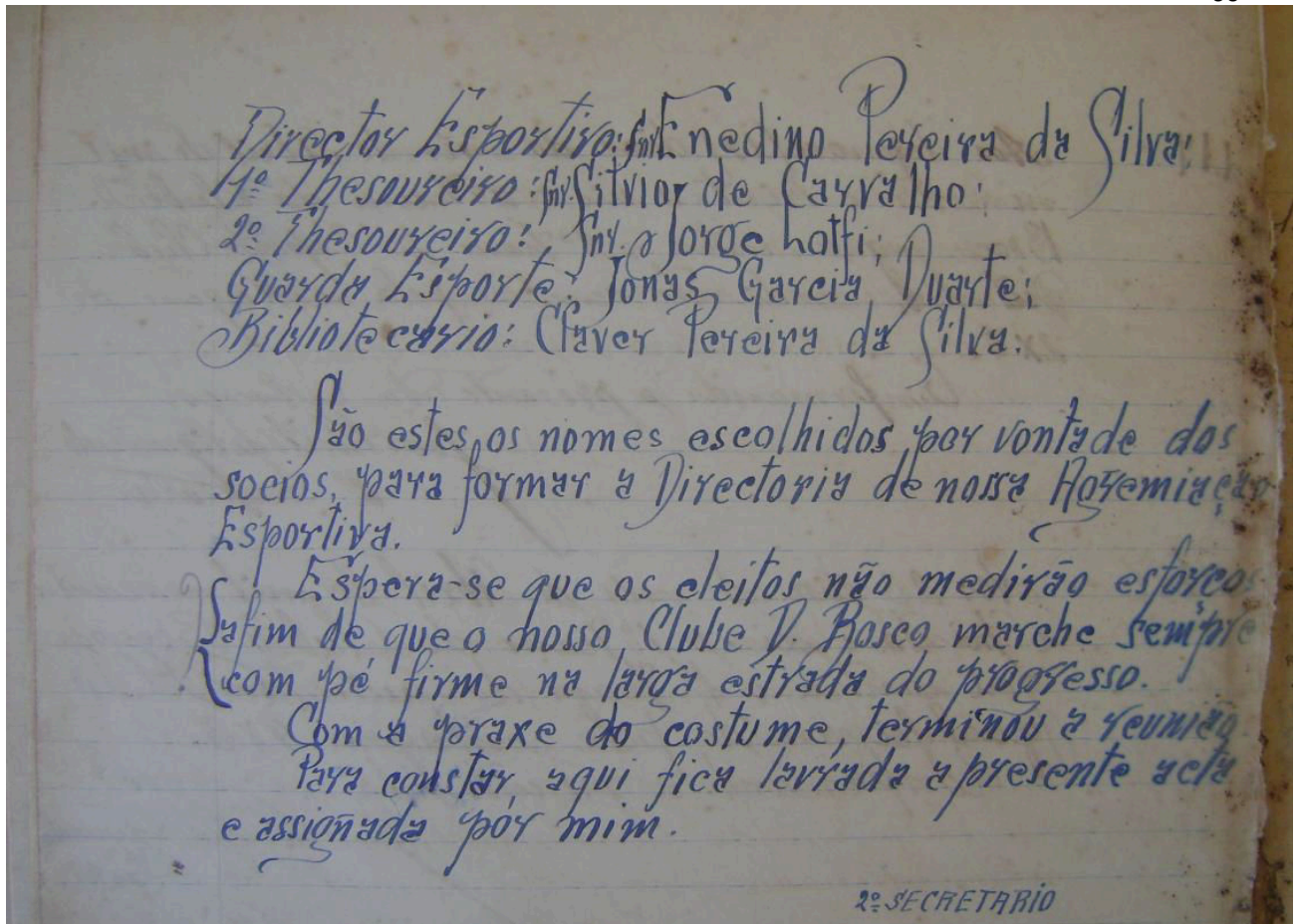
Pelo lado cuiabano, nascia em 4 de janeiro de 1925 o Clube Esportivo Dom Bosco, rompendo os muros do Colégio Salesiano, tendo como base o time do Oratório Festivo Dom Bosco, por iniciativa do mestre João Botta, o qual ocupou a sua primeira presidência, tendo como vice-presidente Sávio Amarante e como presidente de honra o saudoso padre Ricardo Remetter. O time recebeu a alcunha de Azulão da Colina Iluminada, por situar-se geograficamente em parte alta da cidade de Cuiabá, hoje conhecida como Morro da Luz. E, em abril de 1925, foi fundado, também em Cuiabá, o Sport Club Cuiabano, conforme noticiou o jornal *O Farol* (DESPORTOS, 1925a) , para alegria dos amantes do futebol, tendo como presidente Danglars Canavarros, cuja posse aconteceu nas dependências do Cine Parisien, localizado no antigo Grande Hotel, hoje localizado na Avenida Presidente Getúlio Vargas, na capital mato-grossense. Esse mesmo jornal, em sua edição nº 36 de 13 de dezembro do mesmo ano, noticiou o aparecimento do Palmeiras, outro time de futebol. (DESPORTOS, 1925b, p. 2)

119. Nos dias dez de Maio de mil novecentos trinta e seis, reuniu-se todos os socios y fim de proceder a eleição da nova Directoria que devera governar o Club neste anno de 1936 a 1937.

Tendo o Permo. Sny. P. Ricardo Remetter, (que entao precedia a mesa) aberta a sessão, distribuiu-se as sedulas aos socios alli presentes e obteve-se o seguinte resultado:

Pres. de Honra: - Permo. Sny. P. Ricardo Remetter; (releito)
 Presidente: Sny. Flavio Amarante;
 Vice-Presidente: Sny. João Alberto de Fioveiredo;
 Orador Official: " Flavio da Silva Guimarães;
 1º Secretario: Sny. José Rogaciano de Lima Bastos;
 2º Secretario: " José de Carvalho;
 Capitão Geral: " Bonediato de Carvalho; (releito)

¹ Fonte: acervo do Clube Esportivo Dom Bosco. DUARTE, Ederson Brandão Clube Esportivo Dom Bosco: Uma História do Futebol. Cuiabá. -2013. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Educação Física, 2012. Orientador: Prof. PhD. José Tarcísio Grunennvaldt. P.33.



Atualmente, o Dom Bosco é o clube esportivo mais antigo de Mato Grosso, mesmo antes da divisão, deste para a criação do Estado de Mato Grosso do Sul e o segundo mais antigo do Centro-Oeste brasileiro. O único que possui sede própria localizada, no bairro bandeirantes em Cuiabá, uma região de morro, denominado Morro da Colina, em uma área com 13.330,39 metros quadrados, onde sua sede social possui 2.778m², contendo 08 metros quadrados de área coberta/construída. As suas cores são o azul (celeste) e a branca e seu mascote é um Leão, daí o surgimento o apelido “Leão da Colina”. O hino do clube foi composto por Benjamim Ribeiro². O Clube Esportivo Dom Bosco alcançou sua fase de maior brilho por volta de 1977 a 1980, reconhecida como “a Academia do Futebol” em vista de um modo peculiar de se jogar o futebol.³ Possui 6 títulos do Campeonato Mato-grossense (1.958, 1.960, 1.963, 1.966, 1.971 e 1.991). No Ranking da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de 2010 o Clube Dom Bosco ocupava a 26ª posição e um total de 65 pontos, sendo, ainda o 3º colocado no Campeonato Brasileiro de Futebol da Série “C” em 1.981.

O aparecimento do Mixto Esporte Clube no futebol, pelas mãos de Zulmira Canavarros

Em 1934 surgiu o Mixto Esporte Clube, por meio de uma reunião que aconteceu no mês de maio daquele ano e que teve como local a casa de Avelino Siqueira, situada na Rua 7 de Setembro, quase em frente à Igreja do Senhor dos Passos, onde estava a Papelaria e Gráfica Avelino de Siqueira, na capital de Mato Grosso. A anfitriã foi dona Maria Luiza Hugueney de Siqueira, viúva de Avelino. Nessa reunião, tomaram parte Zulmira Canavarros, Danglars Canavarros, esposo de Zulmira, Naly Hugueney de Siqueira, Carlos Hugueney de

² Depoimento. Barreto. Neila Maria de Souza. Cuiabá. 14.11.2019.

³ DUARTE, Ederson Brandão Clube Esportivo Dom Bosco: Uma História do Futebol. Cuiabá. -2013. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Educação Física, 2012. Orientador: Prof. PhD. José Tarcísio Grunennvaldt. P.51.

Siqueira, Dácio Gomes Pulchério, Raul Santos Costa e Delfino Nonato de Faria, um grupo de sete (DORILEO, 2016, p. 45-50).

Sobre Zulmira Canavarros, pioneira no futebol mato-grossense, destacamos que:

Zulmira Canavarros (1895-1961) foi a primeira mulher em Mato Grosso a fundar um clube de futebol. Trata-se do Mixto Esporte Clube fundado a 20 de maio de 1934. Professora, compositora, pianista e dramaturga. Foi, também, uma intensa ativista cultural e social, além de uma intensa empreendedora.

Nascida a 14 de novembro de 1895, em Cuiabá como Zulmira d'Andrade Canavarros. Considerada uma mulher de vanguarda e disciplinada, bem como, um gênio musical em Mato Grosso, da primeira metade do século XX. Foi pianista, compositora e arranjadora de talento. Possuía a genialidade, espontaneidade, criatividade e versatilidade para musicar versos, comédias, e teatro de revistas. [...]

O Clube Esportivo Feminino foi fundado em 1928 pela professora Zulmira Canavarros, que liderando um grupo de moças cuiabanas criou um clube para recreação, esporte e cultura, à época numa sociedade patriarcal e excludente. O Clube Feminino foi um sucesso e se tornou um polo de cultura e esporte da elite cuiabana. E os esportes começaram a ser jogados de forma mista, por mulheres e homens, o que motiva a criação, em 1934, do Mixto Esporte Clube, que tinha disputas de vôlei e basquete.

Após a fundação do Mixto ambos se separaram em suas trajetórias, se tornando o Mixto um clube centrado no lazer esportivo, e o Clube Feminino no lazer cultural. O Clube Feminino possui sua sede na Rua Barão de Melgaço esquina com a rua Campo Grande, próximo à antiga sede do Mixto, num casarão tombado pelo Patrimônio Histórico de MT, necessitando de um olhar cuidador.

Sobre a fundação do Mixto Esporte Clube, Benedito Pedro Dorileo, em seu livro —Zulmira Canavarros – A Egéria cuiabana (Entrelinhas), relata que o momento da fundação ocorreu na residência da família Hugueney, sobressaindo, também, outra mulher Naly Hugueney de Siqueira. Duas mulheres pioneiras no futebol de Mato Grosso uno.

A reunião aconteceu nos primeiros dias do mês de maio de 1934, escolhendo como local a casa de Avelino Siqueira, situada na Rua 7 de setembro, quase em frente à igreja do Senhor dos Passos, onde estava localizada a Papelaria e Gráfica Avelino de Siqueira, cuja anfitriã foi Maria Luiza Hugueney de Siqueira, viúva de Avelino. Nessa reunião tomaram parte Zulmira Canavarros, Danglars Canavarros, esposo de Zulmira, Naly Hugueney de Siqueira, Carlos Hugueney de Siqueira, Dácio Gomes Pulchério, Raul Santos Costa e Delfino Nonato de Faria, um grupo de sete. Nascia o Mixto Esporte Clube, em 20 de maio de 1934.

À noite, na mesma casa, elegia-se a primeira diretoria, com lavratura de Ata por Delfino Nonato de Faria, assim composta; Presidente: Zulmira d'Andrade Canavarros; Vice-presidente – Carlos Hugueney de Siqueira; 1º Secretário – Delfino Nonato de Faria; 2ª Secretária – Balbina Garcia; 1º Tesoureiro – José Hugo Salla; Orador Oficial – Raul Santos Costa; Oradora Oficial: Maria Alzira Alderett; 1º Diretor Esportivo – Haroldo Cunha; 2º Diretor Esportivo – José Rogaciano de Lima Bastos; 1ª Diretora Esportiva – Odemar Addor; 2ª Diretora Esportiva – Elza Moreira de Barros. Conselho Fiscal: Julieta Gomes da Silva, João Fernandes, Maria Nogueira e Airton Pulchério.

Zulmira Canavarros compôs o hino do O Mixto 'Sport Club' —agora se apresental, como um dos mais belos hinos do Brasil. O Hino Oficial, Zulmira compôs ao piano, música e letra, com assistência do Acadêmico Ulisses Cuiabano: —O Mixto Sport Club/Agora se apresenta. /E pelo branco e negro, /As cores que ostenta/No seu pavilhão. /Seremos sempre unidos/E

sempre destemidos. /Havemos de lutar/E trabalhar/De todo coração. /Hurra!... Hurra!.../O Mixto Sport Club/Será o lema/Desta nossa sociedade. /A união e a lealdade. /Debaixo do nosso céu de anil, /Tremula altaneira/Nossa gentil bandeira. /E pelo sport, em nossa Cuyabá, /Teremos por fanal, /Luctar, luctar, luctar/Por nosso ideal, até hoje entoado por sua vibrante torcida.

A origem do nome e as cores foram decididos pela criação do novo clube por Zulmira Canavarros, Ranulfo Paes de Barros e companhia, que se debruçaram a escolher um nome e as cores para o clube. Várias opções de nomes surgiram, mas, o consenso era com o nome MIXTO. Essa palavra tem o significado de mistura de coisas diferentes, ou opostas. O nome representava perfeitamente a ideologia do novo clube, um clube formado sem preconceitos, por mulheres e homens. É nome próprio (Mixtum, do latim), grafado de acordo com a ortografia da época, antes da reforma ortográfica de 1943.

[...] Essa pioneira foi uma das fundadoras da rádio Voz d'Oeste, em 1939, primeira rádio de Mato Grosso, que conectava o estado ao resto do país de forma mais rápida. Além dos programas jornalísticos, a rádio oferecia programas musicais, onde Zulmira, ao lado de músicos como Ivo Arruda, Décio Gama e Juvenílio de Freitas, encantavam a população mato-grossense.

[...] Zulmira Canavarros empresta o seu nome a logradouro público em Cuiabá, cuja rua passa em frente ao IFMT – Instituto Federal de Mato Grosso, antes Escola Técnica Federal de Mato Grosso – ETF, ao Teatro do Cerrado Zulmira Canavarros, na Avenida André Maggi, localizado na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, no Centro Político Administrativo, inaugurado em dezembro de 2014. Era casada com o jogador de futebol Danglars Canavarros. (BARRETO, 2019d).

Sobre Ranulpho Paes de Barros, assim se pronunciou Manoel Soares Campos ([1983?], p. 111):

Companheiro incansável de todas as horas. Leal, sincero, honesto e eficiente na solução dos problemas esportivos que dependessem de sua decisão. Equilibrado em suas atitudes, impunha-se pela cordialidade no trato; pela prudência e controle em seus pronunciamentos. Essas virtudes não eram simples ornamentos, mas, parte integrante de sua personalidade, levando-as consigo para a sepultura. Para enobrecê-lo aí suas realizações à frente do Mixto Esporte Clube. Por várias vezes vestiu a camisa do C.E.C. A mesma linha de conduta; a mesma firmeza em suas atitudes. O elevado nível de seus pronunciamentos políticos, o faziam merecedor da amizade e respeito de todos. Lutou com bravura nessas duas frentes – Esporte e Política – em que as paixões obliteram a mente, semeando ressentimentos e ódios que a ninguém enobrece. Fomos companheiros dessas gloriosas jornadas. Ranulpho saiu engrandecido dessas batalhas, cercado da estima de quantos o conheceram. Ranulpho Paes de Barros, faleceu nesta Capital, no dia 02 de fevereiro de 1975.

São contemporâneos do Mixto o Americano, o Paulistano, o Atlético, o Palmeiras; mais tarde, o Clube Esportivo Operário de Várzea Grande (Ceov) e, ainda, o Riachuelo, o São Cristóvão, o Boa Vista. –O amor à camisa era a essência do amadorismo, quando os atletas se entregavam à porfia em eleição ao heroísmo e ao espírito olímpico, assevera Dorileo (2016, p. 48).

O primeiro time de futebol organizado do Mixto Esporte Clube data de 1940, com frustrantes resultados nesse ano, com uma derrota de 3 a 1 para uma improvisada equipe de

tipógrafos da cidade, no campo do Bosque Municipal, hoje Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller.

É importante lembrar que o Mixto Esporte Clube é originário do Clube Esportivo Pelote, em junho de 1934 um time de vôlei feminino que funcionava numa quadra de esportes no bairro da Boa Morte, centro de Cuiabá. O Pelote foi criado sob a inspiração da rapaziada das redondezas da Igreja Nossa Senhora da Morte, atualmente localizada na Praça Antônio Correa da Costa, e o patrocínio de Maneco Cuiabano, que cedeu o quintal de sua residência para o campo de esporte do Pelote, próximo à antiga sede do Mixto, entre as ruas Cândido Mariano e Campo Grande. Ao final dos jogos de vôlei, eram realizados, no mesmo local, bailes tradicionais, que continuaram como tradição na vida do clube alvinegro (CAMPOS, [1983?], p. 55).

Um dos jogadores de destaque do Clube Pelote, em Cuiabá, atual Mixto Esporte Clube, foi Cyriaco Pires de Miranda Sobrinho²³, nascido em 8 de agosto de 1916. No futebol foi o ápice: um atleta completo, respeitado e admirado por todos. Jogou sempre pelo Americano F. C. e pela seleção cuiabana (GALVÃO, 2010, p. 90).

Relata artigo de jornal do historiador Lenine de Campos Póvoas, publicado n' *O Estado de Mato Grosso* do dia 20 de junho de 1982, sob o título –Cuiabá de outrora – Futebol II – Os grandes ases!:

No final da década de 30 e começos da de 40, a figura empolgante foi o goleiro do Americano F. Clube, Cyriaco Pires de Miranda Sobrinho, Pires –, o maior de todos os tempos no futebol-mato-grossense, e, sem dúvida, um dos maiores do futebol brasileiro. [...] Até hoje não conheci nenhum outro atleta que, como ele, tivesse sido perfeito em todas as modalidades de esporte que praticou: —craquell completo de vôlei, cujas cortadas eram inteiramente indefensáveis; —estrelal admirável de basquete, que, para encestar, era só pular e colocar a bola com a mão dentro da cesta; e goleiro sensacional no futebol. [...] Ninguém disputava com ele uma bola alta na área (PÓVOAS, 1982 apud GALVÃO, 2010, p. 90).

O futebol no sul mato-grossense

É importante destacar aqui que, pelo lado sul mato-grossense, em Corumbá, entre os anos de 1930 e 1936, surgiam, em diferentes bairros, os clubes de rapazes, em sua maioria estudantes que jogavam à noite, no meio das ruas. Assim, a título de exemplo, na rua 7 de Setembro havia um quadro forte, constituído de Teodoro Velasquez (Lua), Erahyr Martins

²³ –Em fins de 1939, num jogo contra o Dom Bosco, Cyriaco foi vítima de um ato de perversidade, pois um dos atacantes do Dom Bosco, não conseguindo fazer o gol que desejava, aproveitou-se de uma jogada alta na área para dar-lhe um chute que lhe deslocou a perna direita, rompendo o seu menisco. Esse fato lamentável afastou-o dos esportes. Em setembro de 1940, casou-se com Filomena Miraglia, filha de tradicional família italiana já radicada em Cuiabá. Em 1941 comprou do seu sogro, Francisco Miraglia, a conhecida Casa Luz. Em 1947 nasceu seu único filho, Gennaro Pires de Miranda. Foi um dos fundadores da telefonia em Cuiabá. Conseguiu o primeiro carro de bombeiro para Cuiabá. Mudou-se para São Paulo e tornou-se sócio do Esporte Clube Pinheiros, onde praticava vôlei, agora é veteranol (PÓVOAS, 1982).

Daude, Isaías Martins Daude, Paulo Báez, Renato Báez²⁴, Emygdio do Prado Atagiba, Leopoldo Vera, Sebastião da Costa Matos, Afonso Toledo, Rubens de Moraes Dias, Savro Sava, Floriano Henrique de Carvalho, Alberto (Gia).

Ao falar sobre o futebol em Campo Grande, Reginaldo Araújo ([S.d.]), no seu livro *Futebol: uma fantástica paixão – a história do futebol campo-grandense*, destaca que:

[...] o futebol campo-grandense surgiu em 1932 com a fundação da Liga Esportiva Municipal de Amadores – LEMA, a 30 de agosto desse mesmo ano, mais tarde denominada Liga Esportiva Municipal Campo-grandense – LEMC, tendo seu princípio na década de 20, em um campo de chão batido do exército e num espaço do Colégio professor João Tessitore, instituição educacional comprada pelos padres salesianos. Surgiram craques como José Oscar Brun, na Sociedade Sportiva Campo-grandense (SSC), o primeiro time de futebol organizado. A Brun se juntava Valdir Santos Pereira, fundador e os primeiros jogadores: Nico, Soldado, Quinca, Chico Preto, Inácio, Carandá e Periquito. O uniforme do S.S.C. era todo branco (calção e camiseta) sobressaindo na altura do peito do jogador, cravando na camiseta, o emblema em formato de um coração, de cor vermelha e, logo abaixo as letras SSC, também em tom avermelhado. Outros times foram surgindo: Em 1930, o Democrata Futebol Clube, Sírio Esporte Clube (da colônia libanesa), Andaraí Clube (militares), Cruzeiro Futebol Clube (dirigido por japoneses), Esporte Clube Juventus, Royal Futebol Clube, Estudantino Esporte Clube e Renner Esporte Clube. [...] Para Araújo, Valdir Santos Pereira foi o maior expoente das lides futebolísticas, no sul de Mato Grosso e detém o título de sócio Benemérito do Operário Futebol Clube, o —Galo da Bandeirantes!, como também é conhecido o Operário fundado em 1938. Depois veio o E. C. Comercial. [...] Em 1966, o Operário era composto por Palermo, Nero, Evilázio e Benitez, Nevem, Pafúncio, Zé Leite, Ernesto e Pelé. A origem do Operário está ligada ao Clube dos Trinta, tido como contestador. Fechado o clube, seus sócios e frequentadores, a maioria operários, fundaram o Operário F. C. e quem tomou a frente nos primeiros momentos do —Galol, foi Plínio Bittencourt, primeiro presidente provisório. O uniforme ficou sendo calção preto, meias brancas e camisas listradas em preto e branco. [...] Em 1951, o presidente do clube, dr. Sílvio Andrade, inventou de mudar o jogo de camisas para enfrentar o Comercial, numa partida decisiva no Estádio Belmar Fidalgo. O Operário perdeu e os torcedores invadiram o campo, arrancaram as camisas dos jogadores, amontoaram no meio do gramado, jogaram gasolina e puseram fogo. No amadorismo o —Galol, de 1938 até o ano de 1945, só havia ganho dois campeonatos da LEMC, enfrentando um jejum de 16 anos, pois, somente voltaria a ser campeão em 1966, na gestão do saudoso Leite Neto, ao encerrar seu glorioso caminho no futebol amador da cidade, em 1972, ofertou aos seus torcedores oito títulos de campeão. [...] Em 1944 foi fundado o União Futebol Clube, na Vila Carvalho, composto por Guilherme Cáceres (vice-presidente), Vicente, Professor, Salina, Alberto, Salina II e Chico (roupeiro) e, mais Lúcio, Cristóvão, Stanislau, Loirinho e o mestre Tito. [...] Em 1947 disputava campeonatos amadores ao Sociedade Esportiva Noroeste, formado por Benedito Lebrinha (técnico), Rodolfo (massagista), Rubens, Hélio, Lúcio, Eufrázio, Dominginho, Chico Preto e João Ezequiel Monteiro (presidente) e, mais Alã, Aquiles, Ademir e Zelito, empunhando as cores semelhante ao

²⁴ Renato Báez foi escritor da memória do futebol em Corumbá (MS).

Fluminense do Rio de Janeiro. Conquistou os títulos de 1947, 49, 50, 52, 53 e 54, quando levantou o título inédito de tricampeão, da LEMC. [...] Na década de 40 nasceu o Cruzeiro Esporte Clube, fundado pelo japonês João Eissumiahira, um hoteleiro em Campo Grande. O nome foi inspirado no esquadrão do Cruzeiro, de Belo Horizonte, com o uniforme igual, tendo como craque o radialista Sabino Preza, cujo time desapareceu na década de 60. [...] Em 1936 existia em Campo Grande cinco clubes: E. C. Juventus, S. E. Campo-grandense, Royal F.C., Estudantino E. C. e Renner E. C.; este último o convidou para defender suas cores. Estes clubes receberam a contribuição para organização dos seus campeonatos de uma liga fundada em agosto de 1938 chamada LEMA – Liga Esportiva Municipal Amadores. Foi o início da organização do esporte da cidade fundada pelo mineiro José Antônio Pereira e Elias Gadia, na secretaria geral. Em 1941 Gadia fundou o Andaraí F.C. que disputou o campeonato até 1949, sagrando-se campeão várias vezes. Em 1944, com a criação do Conselho Nacional de Desportos e a regulamentação oficial das práticas esportivas no país a LEMA foi transformada na LEMC – Liga Esportiva Municipal Campo-grandense. A 15 de março de 1943 foi fundado o Clube Comercial por Eteócles Ferreira. Campeão em 1948 com Jamil Nagilis (presidente), Nagib Ourives (técnico), França, Alcebiades, Afif, Nelson Trad, Lelo, Davi Medeiros e Alberto Fadul (torcedor), Sáter, Vidal, Aldo, Alceu, Hélio Maia e Alberto Nagilis (mascote). De 1942 a 1971, o E.C. Comercial, nos campeonatos disputados e organizados pela LEMC, de 1942 a 1971, teve brilho insuperável, conquistando 12 títulos de campeão. Na década de 50 os sapateiros influenciados pelo time do Alfaiate F. C. fundou o São Crispim F.C., em 17 de março de 1954 e, em 1955 passou a integrar o quadro de elite do campeonato da LEMC, já com o nome mudado para 1º de maio. Depois vieram o E. C. Taveirópolis em 1939, desde a sua fundação até a chegada do profissionalismo, em 1972, no sul de Mato Grosso, nunca aceitou participar dos campeonatos organizados pelo LEMC, sendo a sua melhor campanha em 1984, quando ficou entre os quatro classificados; o Mamoré Futebol Clube, em 1947, atuante nos anos 40 e 50, liderado pelas famílias Capriata, Ortiz e Reis, que participou de campeonatos brilhante nas décadas de 40 e 50. Em 1951 jogou com Baiano, Ivanildo, Benitez, Orlandão, Aderbal, Carlito e Toti (vice-presidente), Chulipa, Bandeira, Valter, Edinho e Milton pé-depato. [...] Em 1955 surgiu o Asas Esporte Clube, nome que homenageia o símbolo maior da aeronáutica brasileiro, o avião. Foi campeão em 1958 e bicampeão em 1959. Foi campeão em 1963 e com a chegada da profissionalização em 1972, o ASAS E. C. deixou de existir. [...] Um dos maiores expoentes do futebol Campo-grandense, na década de 70 foi Helder Ferrari Paniago, fundador da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul, eleito o primeiro presidente da entidade. Homem de respeito tornou-se fanático torcedor do Operário Futebol Clube, nome este afiançado para romper as muralhas da indiferença futebolística, advindo de Cuiabá, com a divisão do Estado de Mato Grosso, no tocante a fundação da Federação de Futebol. (ARAÚJO, [S.d.], p. 47-49).

Recordamos que, em 1936, o Madureira, do Colégio de Santa Teresa, formou um time com Otávio Báez, Olavo de Oliveira Lima, Milton de Almeida, Antônio Olivas, Luís da Silva Juruena, João Sena Campos, Celso Codorniz Filho, Epitácio Santa Lucci de Castro, Otávio Urt, Benzi, Sapogia.

A esses times considerados de segunda categoria juntaram-se, em 1935, o Bom Retiro, no período de 1934 a 1937, o Trincheira, o União, mais tarde denominado Centenário, e, depois, o Oeste.

Em 1935, houve em Corumbá o primeiro jogo interestadual de futebol, quando o Noroeste, de Bauru (SP), visitou a Cidade Branca. Depois de vencer o Corumbaense e o Ladário ou Riachuelo, o Noroeste perdeu para o Mato Grosso Esporte Clube pela contagem de 1 a 0, com os seguintes jogadores: Luís Silva (Santos-Cuê); Walfrido de Sousa e Francisco Dias (Chambalé); Cobre-mira, Almeida (paulista) e Benedito Melquíades de Jesus; Álvaro Selasco, Diomedes Rosa Pires, Antônio Ferri, Alberto Soriano de Amorim (Beirochão) e José Jorge Alfonzo. O goleiro era Manoel Apolinário Leite (Poli), que passou daí em diante a defender as cores de clubes corumbaenses (BÁEZ, 1966, p. 57).

Segundo Báez (1966), em 1936, em Corumbá, aconteceu uma partida amistosa internacional entre o Corumbaense e a seleção de Puerto Suárez, em disputa da Copa A Noite, tendo como resultado 2 a 2. Tempos depois, o Corumbaense voltou a disputar a mesma taça com os vizinhos de Puerto Suárez, na cidade boliviana, tendo obtido novo empate de 2 a 2.

Renato Báez (1966) informa que, a partir de 1939, o futebol amador, na região sul de Mato Grosso, entrou em decadência, com a paralisação do campeonato municipal, dando margem ao fortalecimento da segunda divisão de esporte amador. Na sua opinião, era o reflexo do profissionalismo, que, desde 23 de janeiro de 1933, com a fundação da Liga Carioca, vinha sendo praticado no Rio de Janeiro.

Pelo lado norte mato-grossense, em setembro de 1935, a situação do futebol em Cuiabá foi descrita por Manoel Soares Campos ([1983?], p. 18) assim:

Recebemos do senhor Altair Cavalcanti de Mattos a presidência do Comércio Esporte Clube, e, confessamos, nossa preocupação como dar prosseguimento a obra iniciada pelo seu ex-presidente e fundador. Tínhamos a nos ajudar os exemplos de Altair de Mattos, perseverante na busca de soluções concretas que resultassem em seguro apoio as nossas entidades desportivas. Contávamos já com o Decreto 42 que nos permitia, sem inquietações, prosseguir nos trabalhos de longa data encetados. Partimos para a reorganização de nossa diretoria que deveria ser composta de pessoas afinadas conosco e, também preocupadas na solução dos sérios problemas que deveríamos solucionar (CAMPOS, [1983?], p. 18).

Para dar prosseguimento aos trabalhos realizados pela diretoria anterior, o CEC organizou a seguinte diretoria: Otavio Leite Pereira, Aclise Cavalcanti de Mattos, Vasco Roiz Palma, Fioravanti Barbieri e Danglars Canavarros, além de Henrique José Vieira Neto, Álvaro Duarte Monteiro, Manoel Soares Campos, Alcides Leite Pereira e Gastão Proença.

O local destinado às futuras instalações do primeiro estádio de futebol de Cuiabá foi descrito assim por Soares Campos ([1983?], p. 20):

Bastante irregular. Partindo do Bosque Municipal de começo-plano; à medida que se aproximava da Praça General Mallet apresentava acentuadas e progressiva elevação atingindo seu ponto mais alto no local onde se acham construídos o belo edifício do Colégio Estadual e seu Ginásio de Esporte; junto à rua Poconé, desaparecida com a abertura da atual Avenida Getúlio Vargas, profunda e ampla cratera a ser aterrada com o material resultante dos desmontes da parte a ser nivelada. Os trabalhos de nivelamento prosseguiram com maior intensidade sob a direção dos nossos valorosos companheiros – José Poli, conhecido por mestre Pepino e Nicola Maiolino experimentado funcionário do Ministério de Agricultura, conforme croquis da planta original [...].

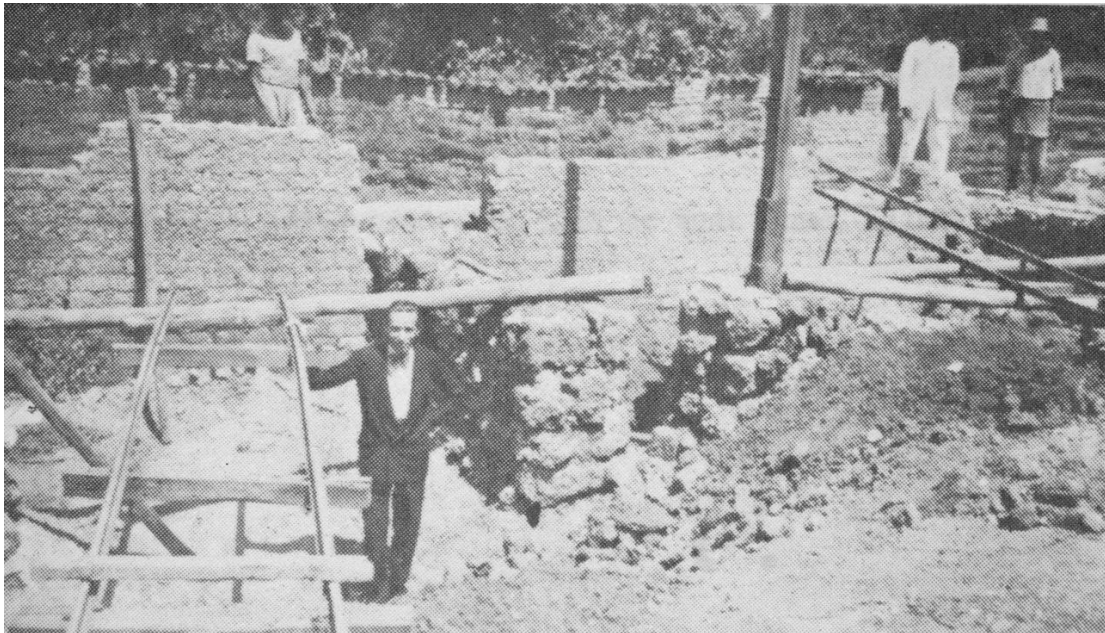


Figura 5 – Levantamento do muro ao lado da rua Poconé, desaparecida com a abertura da avenida Presidente Vargas, em 1936. Usamos adobe porque não dispúnhamos de recursos financeiros para um melhor material. (CAMPOS, [1983?], p. ?).

Com as obras em sua fase final, a preocupação dos dirigentes do CEC se voltou para a criação de um órgão que pudesse dirigir e orientar o esporte na capital cuiabana. De uma reunião no Bar Sargentini, localizado na esquina da rua Cândido Mariano com a rua Pedro Celestino, em uma sala cedida pelo seu proprietário Nicola Molinari e com as presenças de todas as entidades esportivas: Clube Esportivo Feminino, Mixto Esporte Clube, Esporte Clube Pelote, Esporte Clube Formoso, Comércio Esporte Clube, Americano Futebol Clube, Clube Esportivo D. Bosco, Esporte Clube Paulistano, Esporte Clube Destemido e Associação Atlética Tipográfica, no dia 11 de junho, nasceu a primeira diretoria da Liga Esportiva Cuiabana (LEC), ficando ela assim composta: presidente: Desembargador José Vieira do Amaral; vice: Dr. João Ponce de Arruda; primeiro-secretário: Dr. Oscar Corrêa Pina; segundo-secretário: Álvaro Duarte Monteiro; orador: Dr. Francisco Bianco filho; primeiro-

tesoureiro: Luiz Pereira Cuiabano; segundo: Ulysses Cuiabano, conforme registro no Cartório de Títulos e Documentos, Livro nº 55 de 29 de outubro de 1.937, conforme Campos ([1983?], p. 20).

Deve-se ressaltar que, a partir desse momento, a modalidade esportiva estava se encaminhando para uma melhor organização, a qual abria as portas para uma futura estruturação esportiva, mais profissional e semelhante às existentes em outros estados da federação.

Campos ([1983?]) destaca que Cuiabá se deslumbrou com a então competição que se iniciara, em que a Liga Esportiva Cuiabana (LEC) promovera uma marcha com as equipes, que se deslocaram da Praça Ipiranga, passando pela Rua 13 de Junho, contornando a Praça da República, em seguida a Praça Alencastro e subindo a Rua Cândido Mariano, chegando a em frente ao estádio, na atual Avenida Presidente Vargas (DUARTE, 2013, p. 23).

Para Duarte (2013, p. 24), se tratava de uma experiência um tanto formidável para a época, com a população, às vezes, exaltada, aplaudindo os jogadores e os ovacionando com muita alegria, os vendo ali uniformizados para uma nova consagração da cidade. A partir desse momento Mato Grosso se juntava a outros estados, no sentido de terem suas devidas ligas, ora fundando a sua para a organização dos jogos de seus clubes.

O torneio de futebol de 1936

Em 7 de setembro de 1936, teve início o torneio de futebol organizado pela LEC, fundada em 11 de junho de 1936, como já dito, tendo como primeiro presidente o Sr. Desembargador José Vieira do Amaral e composta pelos clubes: Comércio Futebol Clube, Paulistano Futebol Clube, Americano Esporte Clube, Associação Atlética Tipográfica, Esporte Clube Destemidos, Mixto Esporte Clube e Clube Esportivo Dom Bosco, em um total de sete clubes filiados. No campeonato, os resultados foram os seguintes:

PRIMEIRO ENCONTRO

D. BOSCO	TIPOGRÁFICA
Moacyr, Paulo, Savio, Bernardo, Chambalé I, Aureliano, Fabio, Totó, Carvalho, Armindo e Giba	Otacílio, Miranda, Carlos, Armindo, Ferreira, Chico, Diógenes, Duílio, Chupapaia, Conceição e Venâncio.

Juiz: Ivo Máximo, da Liga Esportiva de Campo Grande. Resultado: D. Bosco 2 x 1 Tipográfica.

SEGUNDO ENCONTRO

MIXTO	AMERICANO
Bené, Haroldo, Dendem, Pedrinho, Frederico, Bastos, Ademar, Plinio, Beto, Curvinho e Otavio.	Ítório, Mariano, Bouret, Nestor, Pequenino, Hermínio, Salgado, Dutra, Agabo, Fontes e Barros

Juiz: Naulio de Almeida, do E. C. Destemidos. Resultado: Mixto 0 x 1 Americano.

TERCEIRO ENCONTRO

PAULISTANO	COMÉRCIO
Sergio, Canú, Rubens, Silvio, Ciríaco, Pio, Joaquim, Bruno, Ventura, Arnoldo, Totosinho	Zeno, Marinho, Lulú, Juca, Garimpeiro, Pequitito, Arlindo, Thogo, Evaldo, Cândia, Lício

Juiz: Marcello Miraglia do Americano F. C. Resultado: Paulistano 0 x 1 Comércio.

QUARTO ENCONTRO

DESTEMIDOS	D. BOSCO
Bugrinho, Nauílio, Nascere, Hamilton, Genésio, Milton, Preza, Ferraz, Pinto, Erasmo, Caboclo	Moacyr, Paulo, Savio, Bernardo, Chambalé I, Aureliano, Fabio, Totó, Carvalho, Armindo, Giba

Juiz: Achilles Verlangieri, do Mixto E. C. Resultado: Destemido 1 x 0 D. Bosco.

QUINTO ENCONTRO

AMERICANO	COMÉRCIO
Ítório, Mariano, Bouret, Nestor, Pequenino, Hermínio, Salgado, Dutra, Agabo, Fontes e Barros	Zeno, Marinho, Lulu, Juca, Garimpeiro, Pequitito, Arlindo, Thogo, Evaldo, Cancio, Lício

Juiz: Ary Kellern, do C. E. D. Bosco. Resultado: Americano 1 x 2 Comércio.

SEXTO E ÚLTIMO ENCONTRO

COMÉRCIO	DESTEMIDOS
Zeno, Marinho, Lulu, Juca, Garimpeiro, Pequitito, Arlindo, Thogo, Evaldo, Cancio, Lício,	Bugrinho, Naulio, Nascere, Oscarino, Genésio, Milton, Preza, Ferraz, Pinto, Erasmo, Hilário

Juiz: João Gardés Neto, da A. A. Tipográfica. Resultado: Destemidos 2 x 1 Comércio.



Figura 6 – Os atletas continuam sua marcha em direção ao Estádio. Aqui, eles desfilam pela rua Cândido Mariano, em 7 de setembro de 1936. (CAMPOS, [1983?], p. 22, foto 3)

Sobre o campeonato de 1936, Tenuta afirma que:

[...] em 36, tivemos o primeiro campeonato com sete equipes: o Paulistano, Dom Bosco, Americano, Comércio, Mixto, Destemido, que eu descobri que era um time de Santo Antônio de Leverger, e a Associação Atlética Tipográfica, pois Cuiabá tinha muitos jornais avulsos e cada jornalzinho desse tinha sua tipografia e eles tinham muitos funcionários e decidiram montar um time. E os campeonatos começaram a fazer muito sucesso e ter renda, pois o público bancava esses times. E começaram a trazer jogadores de Corumbá, Campo Grande e em 37, foram para um novo campeonato. Mas nesse ano ocorreu algo inusitado. As pessoas que viveram nessa época e os escritos contam que ocorreu nesse estádio que era chamado de Campo do Bosque, e pelo que eu li, foi considerado o jogo do século em Mato Grosso. Foi a seleção cuiabana contra a seleção corumbaense. Corumbá era o papa título. Era o melhor futebol do Estado. Quando a seleção corumbaense chegou para o amistoso, o campeonato de Cuiabá estava no meio e era um grande sucesso. Todo mundo imaginava que depois desse confronto de seleções o campeonato cuiabano aumentaria de sensacionalismo. A seleção de Corumbá fez um amistoso e ganhou do comércio por 3 a 1. Aí teve o primeiro confronto com a seleção cuiabana. Seriam dois jogos. O primeiro jogo empatou 1 a 1. O segundo jogo foi marcado para um domingo. E na seleção de Corumbá se destacava um goleiro chamado Pretola, enquanto na seleção cuiabana era o Pires Miranda e era conhecido como Gigantes Pires, pois era algo e famoso como um gigante goleiro. E esse jogo ficou conhecido como o jogo do século. Terminou 2 a 1 para Cuiabá. A avenida Getúlio Vargas, que era conhecido como Rua Poconé, ficou fechada. Os jogadores foram carregados do campo até a Praça Alencastro. Foram soltando foguetes até a praça. Era um sucesso grande, pois também havia muita rivalidade. É, mas daí pra frente, a partir de 37, o campeonato virou uma bagunça e ninguém sabe por quê. Os times faltavam aos compromissos. E terminou o campeonato de forma bastante precária. Foi algo muito lamentável. Ninguém consegue explicar. Nenhum dirigente deu explicação convincente. Eu tenho uma tese de que o problema foi a ingerência política, pois cada time tinha um coronel político. Houve algum desacordo, pois o

campeonato se perdeu. Em 36, o campeão foi o Comércio. Em 37, foi o Mixto, apesar de tudo. Quando chega em 38, o Mixto, o Destemido, a Tipográfica e o Paulistano se afastam da Liga sem ninguém saber por quê. O estranho era que a luta de todas essas pessoas era por uma organização dos campeonatos, por times fortes e de uma hora para outra eles abandonam a Liga depois de dois campeonatos. Ficaram Dom Bosco, Americano e Comércio. Só três times. O treinador do Comércio, que era um tenente da 16ª Batalhão de Caçadores montou o Pátria para ter quatro times e reviver o campeonato com 4 equipes. O Americano foi campeão de novo. Em 39 e 40, não teve mais campeonato. O Mixto e o Paulistano continuavam com amistosos. O estádio ficou pronto, mas não teve campeonato e nem a Liga. Do período em que o futebol em Cuiabá saiu do provincianismo e ensaiava uma profissionalização até esse momento, para tudo de uma hora para outra por conta de disputa política. Não teve campeonato em 38, 39 e 40 (TENUTA, 2019).

Nessa primeira competição, o campeão do torneio foi o Clube Esportivo Destemidos, de Santo Antônio de Leverger (MT). Logo em seguida, veio a ser disputado o 1º Campeonato de Mato Grosso, iniciando-se no dia 13 de setembro e que teve o seu término no mesmo dia, com os mesmos clubes citados anteriormente, sagrando-se campeão do certame o Comércio Esporte Clube. O depoimento de Oscarlina Malheiros, registrado por Adriana Azevedo, nos traz à lembrança como era visto o futebol do passado: –Era ótimo o futebol daqui, desde o estádio. Eu fui madrinha de clube de futebol profissional, chamado ‘Destemidos’, aí apresentamos no Colégio Estadual, lá que nós desfilamos. Tinha Destemidos, Mixto, Dom Bosco, Operário, Comercial (PROENÇA, 1996 apud AZEVEDO, 2000, p. 60). –O futebol renasce em Cuiabá e o entusiasmo reinante havia contaminado o mundo esportivo, nos permitindo acreditar em um glorioso porvir, escreveu Soares Campos ([1983?], p. 82), em suas memórias. Após aquele torneio iniciado em 7 de setembro, a LEC convocara, portanto, os seus filiados para outro campeonato, em 1936, em um só turno, perfazendo um total de 21 encontros, campeonato iniciado, como já falado, em 13 de setembro de 1936 e concluído em janeiro de 1937 e cujas preliminares eram disputadas entre os segundos quadros dos clubes disputantes e cuja classificação ficou assim documentada:

Campeonato de 1935 – Classificação dos Clubes

CLUBES	JOGOS			GOOLS		PONTOS		
	V ²⁵	P ²⁶	E ²⁷	P ²⁸	C ²⁹	G ³⁰	P ³¹	Classif
Americano	3	0	3	12	6	9	3	2º
Comércio	4	0	2	11	4	10	2	1º
D. Bosco	3	1	2	10	5	8	4	3º
Destemido	1	4	1	9	12	3	9	6º
Mixto E. C.	1	2	3	7	12	5	4	4º
Paulistano	3	3	0	12	6	6	6	4º
A. A. Tipografica	0	5	1	3	13	1	11	7º

Fonte: (CAMPOS, [1983?], p. 34).

O Americano Futebol Clube, classificado em primeiro lugar, foi proclamado campeão de 1936, cabendo o segundo lugar ao Clube Esportivo D. Bosco (vice-campeão). Vários jogos amistosos foram, posteriormente, realizados, sendo que alguns deles intercalados com os jogos do campeonato.

Apesar de todas as dificuldades, foi realizado o campeonato de 1937, com os seguintes jogos:

Jogos do campeonato de 1937

DATA	CLUBE	GOLS	CLUBE	GOLS
07/03/1937	Mixto	6	Destemidos	2
14/03/1937	Civis	2	Militares	2
28/03/1937	Mixto	2	Comércio	2
11/04/1937	Comércio	3	Destemidos	3
18/04/1937	Americano	1	D. Bosco	1

²⁵ Número de vitórias.

²⁶ Número de partidas perdidas.

²⁷ Número de empate.

²⁸ Gols pró.

²⁹ Gols contra.

³⁰ Pontos ganhos.

³¹ Pontos perdidos.

DATA	CLUBE	GOLS	CLUBE	GOLS
21/04/1937	Mixto	4	Combinado	3
25/04/1937	Comércio	5	Mixto	2
02/05/1937	Comércio	1	D. Bosco	3

Fonte: Adaptado de Campos, [1983?], p. 36.

Do campeonato de 1937 participaram, pelo Mixto, os jogadores Bais e Russinho e, pelo Comércio, Irineu, todos eles jogadores paulistas transferidos para Cuiabá, mas que não participavam do campeonato por motivos já citados. Era comum que, a cada partida/disputa, cada clube procurasse conseguir a melhoria dos seus quadros e o Comércio aceitou o oferecimento de três jogadores de Corumbá, atualmente Mato Grosso do Sul, para compor os seus quadros, sendo eles: Chambale, Alfredinho e Marinheiro, que passaram a integrar o plantel do clube.

Sobre o futebol em Corumbá, segundo depoimentos do general César Bacchi de Araújo a Renato Báez (1966, p. 5-7), o futebol corumbaense teve o seu início em 1907, tendo como um de seus precursores o uruguaio Agostinho Vasques³², o qual levara da sua terra uma bola de couro para a prática do futebol, no terreno baldio da atual Avenida General Rondon, onde se encontra instalado o Parque Generoso Ponce, mais tarde campo de futebol do Riachuelo Futebol Clube. Os aficionados pelo futebol foram aumentando, se cotizaram e importaram do Uruguai bola, rede, inflador, meia, calção, camiseta, botina, travado ou chuteira, tornozeleira, joelheira – os últimos itens importados da Inglaterra. Então, a partir de 1909, 1910, os atletas corumbaenses passaram a treinar no antigo Largo de Santa Teresa, hoje Praça Dom Bosco, com uniforme completo e conforme o regulamento do próprio futebol. Diante daquelas práticas desportivas, o futebol foi progredindo lentamente, com esporádicas partidas amistosas (BÁEZ, 1966).

Da mesma forma, outro depoente, segundo Báez (1966, p. 6), o farmacêutico Lindolfo Bueno da Silva, relatou que

[...] em 1910 havia, em Corumbá (MS), um correeiro argentino, chamado Rodolfo Torquato, morador do Largo da Cadeia ou Praça da constituição, depois denominada Praça Uruguai, que naquela época, já fabricava a bola de couro para os quadros amadores, compostos de vários jogadores³³.

³² Agostinho Vasques e seus irmãos Manoel, Eduardo, Henrique e Delfino se juntavam a outros companheiros, entre eles Miguel Perez, Manoel Diniz, da Costa, Leopoldo Barbato, Júlio Plácido Rodrigues dos Santos Dumont, Savério Caglia, Eugênio Sgarb, Gilberto de Matos, Alberto Mosciaro, Fernando Rodrigues de Pinho, Marcos (Paraguaio), José Capiello (Pepão), José Amitrano (Pepito) (BÁEZ, 1966).

³³ Henrique Vasquez, Eduardo Vasquez, Delfino Vasquez, Manoel Vasquez, Eugênio Sgarb, Manoel Ganzo, todos uruguaiois; Pedro Acellaro, Savério Caglia, Nicola Salomone, italianos; Cassaletti, inglês; Leopoldo

Em 1910, surgiram também, os dois primeiros clubes de futebol corumbaense, o Sul América e o Nacional, conforme depoimento de Domingos Martins (citado por BÁEZ, 1966, p. 8-9). O Clube Nacional usava camisa com listras verticais, verdes e amarelas, e seu time era formado por Genaro Barbato, Marcos, Emílio Coronel, Nicola Ferri, Paladino, Dom Villa Gaúna, Hélcio Lugo, Afonso Barbato, Leopoldo Barbato, José Catalão (conhecido por Barrazaz), Osvaldo Sales, Francisco Portilho, Asunción, Joaquim Ortega, Henrique Vasquez (BÁEZ, 1966).

O Sul América era composto por Antônio Rosário Pécora, Nicola Salomone, João Francisco Campos, os irmãos e Samuel Barbato, Eugênio Sgarb, Pedro Macellaro, Alberto Mosciaro, Savério Caglia, Manoel Dias da Costa, Aristides Cursino Pereira, Gilberto de Matos, Agostinho Vasquez e outros.

Com o desenvolvimento e o crescimento do futebol, o terceiro time a surgir foi o Guarani, somando, em sua maioria, jogadores paraguaios, residentes em Corumbá, e cujo uniforme era camisa listrada verticalmente nas cores amarela e preta. O seu destaque era o goleiro José Catalão, que mais tarde jogou no Coriguá. O Guarani tinha como sua sede social uma saleta de uma casa comercial do português Antônio Senna, na rua Frei Mariano. O time era formado por: José Catalão (Barrazaz), conhecido como –o homem do murroll, porque só dava socos na bola, Leopoldo Barbato, Gaúna, Joaquim Ortega, Dom Villa, Genaro Barbato, Augusto Amaral, Moralez, Alcaraz, Asunción (argentino), Henrique Vasquez, Francisco Portilho, Osvaldo Sales, Afonso Barbato, João Francisco de Campos (BÁEZ, 1966).

Do Colégio Salesiano de Santa Teresa, em Corumbá, em 1912, surgiu o clube Botafogo, constituído de alunos jovens e cheios de sangue, bem orientados pelo técnico, tanto que, em uma disputa com o Guarani, naquele mesmo ano, o venceu por 2 a 1. A bola para essa partida foi levada por Padre Januário Audízio Ducotey, capitão do quadro. Havia, constantemente, animado futebol no Colégio dos Padres, como era mais conhecido, onde os clubes mirins e de adultos praticavam o esporte-rei, destacando-se, entre 1917 e 1929, os clubes Dom Bosco, Domingos Sávio, Sul América e Ipiranga.

Em 1º de janeiro de 1913, foi fundado o Corumbaense Futebol Clube, o qual recebeu o apelido de Carijó, em suas cores preta e branca, cuja ata de constituição foi lavrada em 1914, oficialmente, e dado posse aos seus diretores eleitos (BÁEZ, 1966, p. 13). Para enfrentar o Corumbaense, em sua primeira partida, surgiu o Riachuelo Futebol Clube, em 24

Barbato, Gilberto de Matos, Afonso Barbato, Alberto Mosciaro, Júlio Plácido Rodrigues Santos Dumont, Genaro Barbato, Aristides Cursino Pereira, Paladino, Manoel Diniz Dias da Costa, Fernando Rodrigues de Pinho, João Francisco Campos, José Catalão, Fidêncio, Norberto Dias da Costa, brasileiros; Dom Villa, espanhol; Emílio Coronel, Marcos, Hélcio Lugo, Gaúna, paraguaios.

de fevereiro de 1915, adotando as cores vermelha e branca e aproveitando a maioria dos jogadores do Guarani, com suas cores vermelha e branca. O Corumbaense disputou a primeira divisão do Campeonato Sul-Mato-Grossense de Futebol em 2000 e 2001 e atualmente encontra-se afastado das competições de futebol (BÁEZ, 1966).

O Riachuelo, na década de 1970, despontou como um dos melhores clubes de futebol do estado, revelando muitos craques, entre eles: Mansur, Adilson, Larinha, Durval, Sabará, Miron, Cesar Primo, Zé Milton etc. Alguns desses atletas, ainda hoje, demonstram o amor pelo clube e a honra de vestir a camisa alve-rubro nos campeonatos de futebol de veteranos nas cidades de Corumbá e Ladário. (AGOSTINI, 2015).

Nos anos seguintes, surgem novos times, como entre os anos de 1916 e 1917, como o Quinze de Agosto, dirigido por Gonçalo Cristovam (Nenê Guató); o Sete de Setembro, formado por militares do 53º BC, oriundo de Lorena (SP); o Iguatemi, que funcionava na Rua Tiradentes; e outros clubes, que emprestaram um colorido especial a Corumbá (BÁEZ, 1966). Em 1916, em função de vários desgastes entre os times de futebol existentes em Corumbá, surge o Coriguá, integrado por jogadores do Corumbaense, Riachuelo e Guarani, cujo nome foi composto pelas iniciais dos times citados: -coll, -rill -guáll, e que teve pouca duração, disputando apenas três ou quatro partidas amistosas, com os jogadores: José Catalão (Barrazaz), Leopoldo Barbatto, Osvaldo Sales, Joaquim Ortega, Antônio Leite, Alcindo Corrêa da Costa, Samuel de Oliveira Mota, Francisco Portilho, Martin Paniagua, Augusto Amaral, João Francisco Campos, Emilio Coronel (Coronel I), Ventura (Carapé), Simeón Romero, Henrique Vasquez, que usava sapato de bico fino e nunca calçou chuteira para jogar futebol (BÁEZ, 1966, p. 18).

Com o episódio da Caetanada³⁴, foram para Corumbá, em 1916, três batalhões do Exército: 52º, 53º e 54º, provenientes dos estados de Rio de Janeiro, São Paulo (da cidade de Lorena) e Santa Catarina, respectivamente e, com eles, vários de seus componentes praticantes do futebol. Do 53º, jogava futebol, por exemplo, Arlindo de Melo (alfaiate), que em 21 de fevereiro de 1917 embarcou para Cuiabá, regressou em 23 de janeiro de 1918, passando por Corumbá, indo diretamente para Lorena (SP). Em 1916, Francisco, jogador de futebol do time denominado 52º BC, campeão da Liga Militar, do Rio de Janeiro, participou

³⁴ A Caetanada foi um movimento político de luta armada, que resultou na cassação do governador, sob a interferência do presidente da República. A Caetanada ocorreu em meados de 1916, em plena efervescência da disputa entre dois partidos, o Republicano Conservador e o Republicano Mato-Grossense. Resultou que, em 10 de janeiro de 1917, foi decretada a intervenção federal em Mato Grosso, sendo nomeado interventor Camilo Soares de Moura Filho, que, habilmente, contornou a crise política propondo um acordo entre os partidos, assinado em 11 de outubro de 1917 e que permitiu a ascensão de Dom Francisco de Aquino Corrêa à presidência do estado, como forma de pacificação política.

de um combinado local, organizado por João Francisco Campos e Osvaldo Sales. O 52° BC perdeu por 2 a 1. O seu gol foi defendido por João Francisco Campos, porém foi o melhor quadro de futebol que pisou na Princesa do Paraguai. Militava no futebol o célebre Floriano, que veio a ser mais tarde o Marechal da Vitória, sendo que quem introduziu a –pegadall em Corumbá foi o goleiro do 52° BC (BÁEZ, 1966, p. 18).

Báez (1966, p. 18) argumenta que, por volta de 1916, foi fundado na Vila Ladário (MS), hoje município do mesmo nome, o Ladarense Esporte Clube, que dispunha de quadra de esportes própria, no mesmo local onde, por longos anos, foi o seu campo oficial. Era composto por maioria do pessoal da Marinha de Ladário, como Alarico de Andrade Faceiro, Francisco Barroso Magno, Haroldo Ruben Cox, Jerônimo Francisco Gonçalves, Raimundo da Costa Figueira, Durval Julião, Ernesto de Araújo, Brasil, entre outros (BÁEZ, 1966, p. 18).

Até 1917, em Corumbá, os times de futebol eram organizados quase sempre em campo por um jogador armador como capitão e de acordo com o desejo de cada jogador, para esta ou aquela posição. Os clubes possuíam jogadores de fama, tais como Henrique Vasquez, Henrique Moreira, Osvaldo Sales e Samuel de Oliveira Mota (BÁEZ, 1966).

Segundo Báez (1966, p. 20), em 15 de agosto de 1918 aconteceu um fato histórico na vida desportiva de Mato Grosso, quando:

[...] a tripulação do vapor —Mirandal, do Loide Brasileiro, ofereceu onze medalhas de ouro para a partida pebolística entre o —Riachueloll e o —Ladarensell. O alvirrubro venceu por 3 pontos a 1, marcados, dois pelo center-half Ricardo Mosciaro, sendo um de cabeça e outro de tiro de fora da área, e por Osvaldo Sales. O tento de honra dos Ladarenses foi consignado por Candelário Homs. Foi, assim, o Riachuelo o primeiro clube de Mato Grosso a disputar e conquistar medalhas de ouro.

Para enfrentar o Ladarense em seu próprio território, nasceu o Constituição Esporte Clube, formado de civis, que seria a Marinha em Ladário. Defenderam o Constituição: Pedro de Alcântara Maciel, Ricardo Maciel, Martinho Diogo de Jesus, João (Janjão) Maciel, João da Cruz dos Santos (Capivara), João Pereira da Silva, Francisco Leão, Armando Silva, Matias, Albino, Herondino Alves Ramos, Demétrio Ramires, Petronilho das Neves Pinto, Augusto Quintiliano da Cruz, João Viana, Manoel Apolinário Leite (Poli), Gonçalo Cristovam (Nenê Guató), Mucio de Sousa Pinto, Idelfonso Duarte, Gonçalo da Silva, João Cância Elias (BÁEZ, 1966).

Em 1918, fundou-se o Ipiranga Futebol Clube, em Corumbá, por Francisco da Silva Junior, o popular Mané Só, e cuja sede social e campo de jogos ficavam na localidade

conhecida como Zona da Fortaleza. Teve pouca duração e seus atletas foram posteriormente aproveitados em outros clubes da cidade.

Assim, o campeonato da cidade, em 1918, era disputado entre os clubes Corumbaense, Riachuelo, Quinze de Agosto, Sete de Setembro, Constituição e Ladarense, considerados de primeira categoria.

Em 1919 foi fundado, em Ladário, o Republicano Futebol Clube, por iniciativa de Araújo, calafate do Arsenal da Marinha, entusiasta do esporte.

Em 16 de setembro de 1921 surgiu, em Corumbá, o Comércio Esporte Clube, por iniciativa de comerciantes corumbaenses, que construíram no seu campo uma arquibancada de madeira na extensão da lateral direita, nas cores verde e branca do Comércio. Era composto por: Manoel Apolinário Leite (Poli), arrojado goleiro, substituído por Mucio de Souza Pinto, Tancredo, Francisco da Costa (Chicão), Flávio dos Santos (Negrão), Fausto Gerasate (Canhotoço), Paulino Lopes da Costa, Guilhobel Benedito de Magalhães, Francisco (Chico) Giordano, Ildelfonso Duarte, Francisco Leão, Gonçalino Modesto, Ranulfo Cunha, Ignácio Mosciaro, Raimundo Alceste Pordeus (Mundoca), Julio Mosciaro, Francisco Inácio da Silva Filho (Pequenino), Mariano Mônaco (Nanito), Agripino Ribeiro, Ramon Silvino Selasco (Shilica), Burlatin, Daniel Esmela (Saboneiro), Felipe By Ferri, Antônio By Ferri, Florêncio Crispim Barreto, Constantino Rosalez, Waldomiro Laporte, Deocleciano Santos Salles, João Pinheiro Rego, Benedito Pereira (Bene), Vicente Delvizio, Cândido da Silva, Arlindo de Melo, Luís Ramires Colman, Irapuã Potiguara, Aleixo Esnarriaga, Cândido Marques Martins, Marion Fragelli (BÁEZ, 1966, p. 26).

Em 1922, no Centenário da Independência do Brasil, em 7 de setembro, a Desportiva, equipe de futebol de Corumbá, prestou homenagens ao centenário, quando o Corumbaense e o Riachuelo se defrontaram no campo do Comércio. O Riachuelo jogou com Aurélio Fretez; Francisco Pécora e Osvaldo Sales; Nicanor Corrêa da Costa (Biba), Antônio José da Silva (Pereirão) e Dorotéo Guilherme; Ricardo Avalos, Martin Paniagua, Nenê Pereira (Cati), Francisco Delgado e Antônio Pécora (Tônico). O Corumbaense atuou com Augusto Carstens; David Stalck e Waldemar Rabelo; Ciríaco Urquiza (Chicuta); Aristarcho Moraes Guahyba e Manoel (Manoelzinho); Antônio Leite; Felício Calábria (Pé de anjo), Vicente Ferreira da Silva (Urso), Rafael Batista e Camilo Inácio Leite. O resultado foi de 1 a 0 para o Riachuelo, tento lavrado por Antônio Pécora (Tônico). Renato Báez considera como fato histórico nessa partida [...] a estreia de Antônio José da Silva (Pereirão), no quadro de titulares, e Milcíades Velasquez, no quadro de aspirantes. Ambos se tornaram com o correr dos tempos verdadeiros

craques da pelota [...] mais tarde, o mesmo fenômeno ocorreu com Júlio La Rosa (Nenito) (BÁEZ, 1966, p. 26).

No ano seguinte, em 1925, pelo lado sul de Mato Grosso, foi criada em Corumbá a Liga Mattogrossense de Esportes Athleticos, conforme publicação na *Tribuna*, edição de 13 de março de 1925, assim:

De acuerdo com a deliberação do Conselho desta Liga, convoco todos os membros da Comissão de foot-ball, a se reunirem, no dia 21 do corrente, às 19 horas, na sede do Riachuelo F.B.C., sita à rua Delamare, afim de ser marcada a data para o ultimo encontro do turno de 1924 entre o S.C. Ladareense e o Commercio S.C. como também para a organização da tavella de jogos que deverá vigorar no campeonato do corrente ano. Corumbá 18 de março de 1925 – Arcylyno Erico Zeferino. (TENUTA, 2019, p. 131).

O futebol em Corumbá, no ano de 1926, chegava ao seu apogeu, com os clubes Corumbaense, Riachuelo e Comércio. Nesse mesmo ano, o Ladariense e o Constituição, em 14 de março de 1926, se fundiram e daí nasceu o Ladário Atlético Clube. Vale registrar, para a história do futebol em Mato Grosso, que, nesse mesmo ano, havia em Corumbá dois quadros formados exclusivamente de índios, conhecidos por *ziconates*, os quais utilizavam bola de seringa, jogando somente com a cabeça, sempre oferecendo um espetáculo à parte no campo de futebol do Comércio. De Corumbá, os quadros de índios seguiram para Campo Grande e, depois, para São Paulo, com o mesmo objetivo de exibição do -cabeçabol (BÁEZ, 1966, p. 37).

Para Tenuta,

[...] enquanto o futebol cuiabano patinava em campos improvisados e inadequados para a sua prática, nos municípios do sul do estado de Mato Grosso já ocorriam partidas interestaduais envolvendo equipes do interior de São Paulo, conforme noticiou o jornal *A Gazeta do Commercio de Três Lagoas*, do dia 14 de outubro de 1925, onde era anunciado um jogo entre a Associação Treslagoense de Esportes Athleticos – ATEA, contra o América Futebol Clube de Araçatuba, de São Paulo, que terminou com o placar de 3x3. No mesmo jornal *Gazeta do Commercio*, na edição do dia 12 de dezembro de 1926, encontrei uma outra notícia, ainda mais perturbadora, pois dizia respeito à inauguração de uma praça esportiva. Vejamos a matéria: —Noroeste Bauruense vs ATEA: A Comissão diretora do ATEA oficiou ao Noroeste Bauruense convidando-o para vir tomar parte na inauguração do estádio local no dia 1º de janeiro próximo. Podemos antecipar que elle virál. (TENUTA, 2020?a, p. 139-140).

Báez (1966, p. 38) argumenta que, em 1927, aconteceu o Campeonato Municipal de Futebol disputado entre os clubes de primeira categoria: Corumbaense, Riachuelo, Comércio e Ladário. Sagrou-se campeão o Riachuelo Futebol Clube, com os seguintes jogadores: Gualberto Gomez Celiberto (Uruguai); Milcíades Velasquez e José Gonzalez; Honório da Silva Tavares, Antônio José da Silva (Pereirão), Benedito de Melquíades de Jesus (Antônio Bay Ferri); Aurélio Fretez; Florêncio Crispim Barreto (Pio); Clarindo Lino Duarte (Galego);

Camilo Inácio Leite e Antônio Pécora (Tônico).

O aparecimento de uma federação de futebol em Corumbá em 1927

Em 15 de setembro de 1927, nasce a Federação Esportiva Mato-Grossense, em Corumbá, com uma notável participação no erguimento do futebol, formada pelos clubes Corumbaense, Riachuelo, Comércio e Ladário e cuja sede, mais tarde, foi transferida para Cuiabá, com mudança também na sua denominação, que passou a ser Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD), sob o fundamento de que somente nas capitais dos estados-membros do país poderiam funcionar as federações regionais de futebol (BÁEZ, 1966).

A criação dessa federação veio fortalecer o futebol no sul de Mato Grosso, o que comprovam os jornais *Correio do Sul* de Campo Grande, em sua edição de 6 de maio de 1928, e o *Tribuna*, de Corumbá, do dia 23 de maio de 1928:

Notas Esportivas – Fizemos há dias, numa das edições desta folha, a transcrição de um artigo da —Tribuna, de Corumbá, sobre a necessidade da filiação de todos os núcleos esportivos existentes no Estado à Federação Esportiva Matogrossense, com sede naquela cidade, não só para fortalecer o esporte em nosso Estado, unificando-o, como também para, filiada que fosse a entidade esportiva com sede em Corumbá, à Confederação Brasileira de Esportes, pudesse Mato Grosso participar do Campeonato Brasileiro de Foot Ball, que, patrocinado pela dirigente máxima dos esportes nacionais, vem sendo disputado há alguns anos em nosso país, com o concurso de quase todos os Estados da união. Para essa unificação esportiva no estado vem trabalhando de maneira a merecer economias a Directoria da Federação Matogrossense, [...]. [...] Hoje podemos fornecer aos nossos leitores a seguinte notícia: O sr. Alzirino Valladares, actualmente ocupando a presidência da S.S Campograndense, recebeu do corara o ingresso da nossa Federação à Confederação Brasileira de Futebol de Esportes!. (TENUTA, 2020?a, p. 154-155).

À época, essa Federação já havia conseguido a filiação da Liga Mattogrossense de Sports Athleticos de Corumbá (LMSA), da Associação Treslagoense de Sports Athleticos de Três Lagoas (Atea), da Liga Esportiva Municipal de Amadores (Lema) e outras que virão, como a Mirandense Foot Ball Club.

Para o Campeonato Brasileiro de Futebol de 1928:

A Federação Sportiva Mattogrossense, com sede em Corumbá, escalou para tomarem parte no campeonato brasileiro formando o combinado que o Estado enviará ao Rio, em outubro próximo, os Snrs. Raphael Baptista e Leovigilio Roque de Carvalho que fizeram parte da delegação que a S.S. Campograndense enviou a Corumbá, ultimamente ao se disputar o campeonato estadual (TENUTA, 2020?a, p. 156).

Mato Grosso fez-se representar no certame com a seleção formada exclusivamente por jogadores de Corumbá, onde, à época, o futebol era mais difundido, seleção que realizou um jogo-treino contra a equipe do Botafogo de Futebol e Regatas, em 8 de novembro de 1928,

ganhando de 5 x 2. Após a estreia de 1928, Mato Grosso voltou a participar dos certames de 1929, em São Paulo, e de 1931, com selecionados à base de jogadores de Corumbá e Cuiabá. Ainda caminhava carente sua participação, talvez por conta da distância e da logística necessária de que o futebol local carecia, além da necessidade de uma melhor organização e a inexistência de um estádio de futebol.

Em 1929, foi inaugurado o *stadium* da Sociedade Sportiva Campograndense, com o início do campeonato estadual de futebol, em Campo Grande, hoje em Mato Grosso do Sul. Segundo Báez (1966, p. 44), em Corumbá, a partir de 1928, também apareceram os clubes de várzeas, deixando de ser exclusivamente de grã-finos e potentados para se vulgarizarem e se popularizarem, e a verdade é que, de jogadores anônimos, às vezes malnutridos e fisicamente fracos, é que surgiram vários craques do futebol corumbaense e de outras localidades. Assim, em Corumbá surgiram os campinhos: Campo do Carvalho ou Campo do Cantagalo, em frente à Igreja de Nossa Senhora de Caacupê; Campo da Fortaleza, na Avenida General Rondon com a Rua Ladário; Campo da Peixerada, no Porto, ao lado do estaleiro de construção naval dos Migueis (Família Migueis); Campo da Cervejaria, à beira-rio, ao lado da Cervejaria Corumbaense; Campo da Barranqueira, na margem esquerda do Rio Paraguai; Campo do Dezesete, ao lado esquerdo do Quartel do 17° BC; Campo do Beira-Mar, na Praia Vermelha, perto da antiga usina elétrica; Campo da Volta do Aranquã, na margem direita do Rio Paraguai; Campo da Ponta do Morro, onde se encontra edificado o Estádio Municipal de Corumbá; Campo da Figueira, na Estrada do Barão, que vai para a Fazenda Urucum; Campo do Esplanada, na Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, construída em 1939 pelos ferroviários desportistas; Campo do Brasil, na Rua Vereador Edu Pereira Rocha (BÁEZ, 1966, p. 44).

Nos times de segunda categoria do futebol corumbaense, ficou célebre na história o Fluminense Futebol Clube de 1927, com sede na residência de João Evangelista da Silva, antigo palacete verde da Rua Portocarrero, esquina com a Major Gama, time composto por Ventura; Silvério e Candinho; Luís; Waldemiro e Francisco; Deocleciano, Severiano, Cantídio, Joancito e Guilhobel.

Em 24 de agosto de 1930 foi fundado o Mato Grosso Esporte Clube, sendo o seu primeiro jogo amistoso organizado por Feliciano Cristovam e disputado no campo do 17° BC, em 14 de dezembro de 1930, com resultado de 2 a 2, um teste para disputar o campeonato de 1931, em que o Mato Grosso formou com a seguinte escalação: Tantão, Candinho, Cantídio da Silva, Chico da Costa, Benedito Melquíades de Jesus e José Jorge Alfonzo; Walfrido, Francisco Antônio Bernardo, Antônio Ferri, Florêncio Crispim Barreto (Pio) e Camilo Inácio Leite (BÁEZ, 1966).

Para o jornalista Ilarino Macedo filho, o surgimento da Liga Esportiva Cuiabana (LEC), na década de 1930, também foi importante para esse processo de profissionalização, décadas depois:

O futebol cuiabano lá pelos idos dos anos de 35 e 36, quando começou a ganhar uma nova roupagem com Manoel Soares de Campos, pai do ex-governador Frederico Campos, era um farmacêutico que era apaixonado pelo futebol e trouxe do Rio de Janeiro todos os movimentos que levaram o nosso futebol a um crescimento. Isso por causa da organização. Ele foi presidente do Esporte Clube Comércio. Como presidente, ele entendeu a necessidade de se construir um estádio, e o time deu início à construção de um estádio na avenida Poconé, hoje Avenida Getúlio Vargas, onde está o Colégio Liceu Cuiabano. Aquele estádio, hoje Escola Maria Arruda Muller, foi construído na gestão de Manoel Soares Campos enquanto presidente do time. Quando eles começaram a construir o estádio do Comércio, seu estádio próprio e um detalhe: o governador doou a área e consta que se o time se dissolvesse, devolveria a área para o Estado, tanto é que o campo e entorno pertencem ao Liceu Cuiabano. Com a organização do time do Comércio, criou-se a Liga Esportiva Cuiabana, LEC, que posteriormente, com crescimento do primeiro campeonato em 36 e posteriormente todo o desdobramento com o surgimento da Federação Mato-grossense de Desportos, que nem congregava ainda o futebol profissional, mas ela alimentava uma competição rigorosamente. Já com a criação a Confederação Brasileira de Futebol, com a extinção da Confederação Brasileira de Desportos, houve necessidade de todas as federações criarem no mesmo sentido e houve a Federação Mato-grossense de Futebol. Bom lembrar que esportes como basquetebol, vôlei, natação e futebol de salão eram todos ligados à Federação Mato-grossense de Desportos. Criada a FMF, eles tiveram que sair, pois era dividida em departamentos de vôlei, basquetebol e natação, por exemplo, e eles criaram suas próprias federações. (MACEDO FILHO, 2019).

Conforme ressalta Báez (1966, p. 49), em Corumbá houve um período no futebol denominado Período dos Matutinos, entre os anos de 1929 e 1932, constituído pelos clubes de futebol do Corumbaense e do Riachuelo, que conquistaram muitos aplausos das torcidas corumbaense e ladarense. No Matutino do Corumbaense jogavam:

Ruderico Bacchi de Araújo, João Pedro (Joanico) de Brito, Temístocles Rodrigues Leite (Japão), Angelito Albaneze, Enéas Pinheiro Rego, Sabino Vera Cruz, Osmar Posada, Carlos Albaneze, Onésimo Vale do Espírito Santo, Alfredo da Silva Pinto, Plínio Caetano Botelho, Oscar Gonçalves Preza, Stélio de Oliveira, Nestor da Silva Pinto, Ruy Lopes de Araújo, Florisval Sales. Quando de sua reorganização entraram José Jorge Alfonzo, Quirino Valentin dos Santos, Elesbão da Costa e Silva (Samba Lili) (BÁEZ, 1966, p. 49).

Esse time chegou a disputar com um combinado da cidade de Porto Murtinho, tendo o Matutino do Corumbaense Futebol Clube, como técnico, o médico João Leite de Barros.

No Matutino do Riachuelo jogavam: Ary Scaff, Carlos Zanlutti, Crescêncio Ibarra, Nelson Dêniz, Santiago Velasquez, Lívio Feitosa de Freitas, Isaias Ramos, Júlio La Rosa (Nenito), Rodolfo Ferreira Coronel, Onofre da Silva Tavares, Francisco Wanderley, José Reis Aguilhera (Chito).

Em Mato Grosso, o Clube Esportivo Dom Bosco é o mais antigo e permanece existindo entre nós, cheio de glórias; nasceu no Liceu de Artes e Ofícios, depois Colégio Salesiano São Gonçalo, em 4 de janeiro de 1925, tendo como presidente de honra o padre Ricardo Remetter (1890-1965)³⁵ e presidente o coadjutor João Botta (DORILEO, 2016, p.

48).

Sobre os religiosos se interessarem pela prática do futebol, segundo Caldas (1990, p. 24), a Igreja Católica, que sempre teve participação em eventos dessa ordem, não se opôs. Ao

³⁵ Ricardo Remetter nasceu em Cuiabá no dia 22 de setembro de 1965, dia celebrativo do mártir São Maurício, e faleceu vitimado por acidente automobilístico, com 50 anos de idade, em 2015. Orientou por longos anos o oratório festivo Dom Bosco, estimulando o esporte. Dirigiu o observatório meteorológico que levava o nome do fundador da congregação salesiana. Verificar referência nº 35.

contrário, como bem relata Anatol Rosenfeld, sua contribuição foi precisamente no sentido de incentivar ainda mais a prática do futebol em nosso país. Senão vejamos:

Deve-se até salientar o fato de que numerosos padres deram o impulso decisivo para a difusão do novo jogo. Uma certa notoriedade conseguiu o padre Manuel Gonzales, que deve ter fabricado a primeira bola brasileira de couro cru, para seus alunos do Colégio Vicente de Paula (Petrópolis) pudessem dedicar-se ao esporte (CALDAS, 1990, p. 24).

Segundo Campos ([1983?], p. 55), no ano de 1937 já aconteciam encontros intermunicipais. Corumbá e Cuiabá, na época, eram os centros esportivos de maior destaque do estado. Corumbá dispunha de clubes bem organizados, dentre eles o Corumbaense e o Riachuelo, em cujas equipes figuravam jogadores paraguaios de excelente nível técnico.

Campos ([1983?], p. 56) advoga que, com a ajuda da LEC e do prefeito de Corumbá, Arthur Marinho, a ida da seleção daquela cidade à nossa capital para três encontros pode ser resumida assim:

Primeiro encontro de futebol, em 7 de outubro de 1937

COMÉRCIO E. CLUBE	SELEÇÃO CORUMBAENSE
Moacir, Marinho, Lulu, Zé Estácio, Peque, Quitito, Santana, Lício, Gelson, Alfredinho, Marinheiro, Enock	Pretola, Japão, Walfrido, Xexê, totó, Ramão, Foguinho, Chito, Lazaro, Baixinho, Ciro.

Juiz: Paulo Corrêa da Costa. Vencedor: Corumbaense – 3 x 1.

Segundo encontro, em 10 de outubro de 1937

SELECIONADO CUIABANO	SELECIONADO CORUMBAENSE
Pires, Marinho, Lulu – J. Alves, Zenegrinho, Sávio-Totosinho, Arnaldo, Ventura-Fábio, Gelson, Agabo, Jonas, Marinheiro,	Pretola, Japão, Cantidio, Xexê, Totó, Ramon, Foguinho, Chito, Lázaro, Baixinho, Círio.

Juiz: Tte. Julio. Resultado: empate – 1 a 1.

Terceiro encontro, em 12 de outubro de 1937

SELEÇÃO CUIABANA	SELEÇÃO CORUMBAENSE
Pires, Marinho, Lulu, Zenegrinho, Totosinho, Chupapaia, Andrade, Gelson, Agabo, Jonas, Enock.	Pretola, Carmo, Japão, Xexé, Totó, Ramon, Cantidio, Chito, Lázaro, Baixinho, Círio.

Juiz: Otacílio Faustino da Silva de Corumbá. Vencedor: Seleção Cuiabana – 2 a 1 (CAMPOS, [1983?], p. 56).

A primeira partida organizada pela LEC aconteceu em 1936, jogo este em que o Dom Bosco enfrentou a Associação Atlética Tipografia e com isso se iniciou o campeonato amador, já se denominando uma competição organizada, com a equipe do Dom Bosco abrindo sua carreira de glória.

Segundo Duarte (2013, p. 32), –Álvaro Scolfaro nos diz que: A intenção do clube era desgarrar, desmembrar dos Padres, apesar de ter carregado ainda por uns 4 a 5 anos, os Padres mesmo fora do Colégio Salesiano, os Padres continuavam mandando fazendo parte da diretoria e o que o pessoal exatamente queria era exatamente tirar de lá [sic]].

Em 27 de março de 1937, a LEC levava ao conhecimento do mundo esportivo, em edital publicado posteriormente no jornal *O Radical*, edição de 7 de abril, jornal de publicação quinzenal (CAMPOS, [1983?], p. 36), a realização do próximo campeonato, o qual teve início em 3 de maio daquele ano, com o nome de Torneio de Futebol, e foi concluído em 5 de setembro de 1937. Participaram dessa fase, dividida em seis jogos, os seguintes clubes: Mixto, Destemidos, Paulistano, D. Bosco, Americano, Comércio, Tipográfica, e foi proclamado campeão do torneio o Clube Esportivo D. Bosco, com 10 pontos. Os demais classificados foram: Mixto, também com 10 pontos, em segundo; o Americano, com 8 pontos, em terceiro lugar; o Comércio, com 6 pontos, em quarto lugar; o Paulistano, com 5 pontos, em quinto lugar; com 3 pontos, o Destemidos, em sexto lugar e, em último, a Tipográfica (CAMPOS, [1983?], p. 37).

Para Manoel Soares Campos ([1983?], p. 45),

[...] a diminuição dos clubes que disputaram o campeonato de 1938, acarretou sensível diminuição de jogos oficiais. A ausência do Mixto Esporte Clube; os fracos espetáculos por vezes apresentados, afugentaram o público pagante resultando em rendas ridículas e afetando seriamente a situação financeira dos clubes, apesar dos preços moderados dos ingressos – adultos 3\$000; Crianças 1\$000 e estudantes 1%500.

O Comércio E. C. além de ser atingido como os demais, tinha ainda a sobrecarga da manutenção da praça de esportes. Nossos compromissos se avolumavam, e, as dificuldades na obtenção de recursos, não eram menores.

Com o advento do Estado Novo³⁶ o esporte foi oficializado, ficando portanto sob orientação do Estado.

O interventor federal substituto do Estado, seguindo os novos rumos ditados pelo governo da República, baixou o Decreto-Lei n. 314, de 16 de novembro de 1939, fazendo reverter para o domínio do Estado a área que nos fora doada em 1936, acessórios e benfeitorias mediante a indenização de 50:000\$000, conforme avaliação antecipadamente feita. Nossos compromissos ascendiam a 67.000\$000, tendo nossa diretoria, com recursos pessoais, coberto a diferença [...] (CAMPOS, [1983?], p. 45).

Em 1º de maio de 1937, por iniciativa e incentivo do capitão João Luiz Pereira Netto, membro do conselho técnico da LEC, realizou-se o primeiro campeonato de atletismo de Mato Grosso, nas seguintes especialidades: 100 metros (corrida) – vencedor final: Plínio Corrêa do Mixto S. C., com um tempo de 12 segundos; 200 metros rasos – Benedicto de Carvalho, do C. E. D. Bosco e João Corrêa, do Mixto S. C. Não houve a final por ter Carvalho tido uma síncope, sendo considerado vencedor João Corrêa; 400 metros – vencedor: Luiz de Carvalho, do C. E. D. Bosco; 800 metros – vencedor: Rubens de Carvalho, do S. C. Paulistano; 3 mil metros – vencedor: Uriel do Nascimento, da A. A. Tipográfica; arremesso de peso – vencedor: Ferreira de Moura, do C. E. D. Bosco; salto em distância – vencedor: Dorival, do Comércio F. C., com 5,65 metros; salto em altura – vencedor: Décio da Gama Barros, do Paulistano F.C., com 1,6 metro. A classificação final do torneio ficou assim constituída, conforme Campos ([1983?], p. 53):

CLASSIFICAÇÃO	CLUBES	PONTOS
Primeiro lugar	S. C. Paulistano	19
Segundo lugar	Mixto S. C.	16
Terceiro lugar	C. E. D. Bosco	10
Quarto lugar	Americano. F. C.	9
Quinto lugar	P. F.	8
Sexto lugar	A. A. Tipográfica	5
Sétimo lugar	Cia. Cáceres	1

³⁶ –Estado Novo ou *Terceira República Brasileira* foi o regime político brasileiro instaurado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que vigorou até 31 de janeiro de 1946. Era caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo (ESTADO, 2019).

Segundo Campos ([1983?], p. 53), foi também disputada a prova de cabo de guerra, saindo vencedora a equipe do Comércio Esporte Clube.

O jornalista Veiga Júnior, do Rio de Janeiro, em seu comentário no jornal *O Estado*, edição de 25 de junho de 1941, em sua coluna Esportes – Crônica Esportiva – com o título –A seleção que poderia ter vindoll, informa que,

Rio.22 – O futebol teve a sua época de ouro em Cuiabá nos anos de 1936 e 1937. Elementos veteranos que aparecem nos gramados dos antigos Largo da Fôrça do Arsenal, brilharam no seu fim de carreira no majestoso estádio do Bosque, enquanto reproduzia a renovação de valores. E, a substituir os Sávio, Garimpeiro, ambalé, Cancio, Aureliano, Aquino, Lisandro e tantos outros, surgiram os Jonas, Marinho, Pires, Zé Negrinho, Mingote, Chico Preto gente moça e vigorosa que desmereceria por certo os feitos daqueles jogadores que apareceram em 1930. Em 1937, pois Cuiabá estava senhora de uma plêiade valorosa de —playersl os quais haveriam de elevar o seu nome e dar-lhe o cetro de liderança futebolística no Estado em Outubro quando galhardamente venceram os valentes rapazes de Corumbá que marcou época nos anais esportivos da cidade verde. Naquela ocasião com elementos de Corumbá e Cuiabá que possuíam sem duvida os melhores futebolistas de Mato Grosso poderíamos ter tomado parte no Campeonato Brasileiro. A nossa seleção seria mais ou menos esta: Pires, Marinho e Japão; Zé Negrinho, Nascimento e Ramon; Dandão Chito, Berochão, Jonas e Enock. Gente capaz de brilhar em campos paulistas e cariocas. Não sairiam esses rapazes de Mato Grosso para vencer. Sairiam para jogar. E venderiam caro uma derrota porque eram valorosos, aguerridos e leais. Agora temos outra turma não tão numerosa como a que possuímos naqueles anos de fastígio do nosso futebol, mas apta também e bonitos feitos. E se torna bem mais fácil presentemente a participação de Mato Grosso no Campeonato Brasileiro. Que os Mingote, Chico Preto, Nascimento, Uriel e Cajabi se preparem. (VEIGA JÚNIOR, 1941 apud TENUTA, 2020?a, p. 258-259).

Sobre o jogador Chambalé, Veiga Junior recorreu ao livro *Reminiscência do futebol cuiabano*, de Manoel Soares Campos ou seo Campos, para informar que havia dois jogadores com o mesmo nome: o Chambalé cuiabano e o corumbaense – este último jogava pelo Corumbaense F.C e fez parte da seleção, por Mato Grosso, no campeonato brasileiro realizado em 1929, na cidade de São Paulo. Já o Chambalé cuiabano atuou mais no D. Bosco e no Estado Novo Esporte Clube, enquanto o outro também jogou pelo Comércio de Cuiabá (TENUTA, 2020?a, p. 260).

Em 1941 é fundado em Campo Grande o Andaraí Futebol Clube, tendo à sua frente os esportistas da Cidade Morena, Heretiano Rios, Dauto de Almeida Santiago, Sargento Elias Gadia, Plínio Bittencout, Severiano Ribeiro de Souza e Alberto Sandoval. Nesse mesmo ano aparecem o Grêmio Esportivo Renner, o Operário Futebol Clube, a Sociedade Esportiva

Campograndense e o Esporte Clube Juventus, disputando o campeonato patrocinado pela Lema.

Naquele mesmo ano, a LEC abriu inscrições para os times amadores que integrariam os quadros dos clubes a ela filiados e que deveriam se inscrever para o campeonato de futebol que teve início em 17 de agosto do mesmo ano, com o Torneio Início, e depois começou para valer no dia 24 de agosto de 1941, recebendo um público satisfatório, dando uma esperança para o futebol como esporte de massa que começaria a fazer história em Cuiabá. O vencedor do campeonato foi o Americano F. C. Os times inscritos foram:

CLUBE	JOGADORES
C. E. D. Bosco	Ariel, Canchinha e Miguel; Alberto, Uriel e Chico Prata; Cajabi, Jamil, Carvalho II, Stenio e José Leite.
Mixto E. C.	Pindú, Nuno e Ortiz; Darci, Santana e Ibarra; Emiliano, Alci, Addôr, Uchôa e Mayolino.
Americano E. C.	Dito, João Corrêa e Carneiro; Dourival, Pinto, Preza e Caboclo; Fernando, Pequenino, Hélio, Hermínio.
Paulistano E. C.	Nilton, Lulu e J. Alves; Romão, Totozinho e Hermes; Eufrásio, Nabor, Arnoldo, Uir e Alcides.

Fonte: Tenuta, 2020?a, p. 262.

A Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD) em 1942

Duarte (2013) argumenta que, em 1942, foi fundada a FMD, hoje intitulada Federação Mato-Grossense de Futebol (FMF), para a coordenação do futebol no estado de Mato Grosso. A FMD era composta por ligas e clubes como: Americano Esporte Clube, Clube Esportivo Dom Bosco, Estado Novo Esporte Clube, Paulistano Futebol Clube, Terceiro Distrito Esporte Clube, Liga Esportiva Corumbá, Liga Mirandense de Futebol, Liga Esportiva Aquidauanense, Liga Municipal de Amadores de Campo Grande e Liga Três Lagoas de Desporto (DUARTE, 2013, p. 24).

Na oportunidade, sagrou-se campeão do futebol de 1942, em Cuiabá, o Americano Esporte Clube e dos segundos quadros os clubes Mixto Esporte Clube e Clube Esportivo D. Bosco. O campeonato de 1942 teve como organizador, no início, a LEC; porém, ao seu final, já estava sob o comando da federação, cujo processo de fundação tivera início com o campeonato em andamento (TENUTA, 2020?b, p. 36).

Tenuta (2020?b, p. 37) ressalta que, antes da fundação da FMD, é importante registrar a criação do Conselho Regional de Desportos em Cuiabá (CRD-MT), sob a presidência do Coronel Crescêncio Monteiro da Silva, o qual conduziu os trâmites legais para a constituição da federação. Quando da criação da federação em Mato Grosso, o jornal *O Estadão* de 26 de maio de 1942 publicou:

Esportes – Sensacionalismo – Fundada a Federação Matogrossense de Desportos – Reunidos, hoje na Sala dos conselhos da Secretaria Geral, [...] presentes os srs. Cel Maximo Levi, Secretario Geral do Estado, Interino e Presidente do Conselho Regional de Desportos – Cel. Crescencio Monteiro da Silva, dr. Frederico Vaz de Figueiredo e dr. Oscar Corrêia Pina, membros do Conselho Regional dos Desportos, altas autoridades e representantes dos municípios do Estado e das representações dos clubes desta capital, [...]. Credenciaram-se como representantes dos municípios, das Ligas municipais e dos clubes desta capital, os seguintes senhores: Dr. Helio Ponce de Arruda, representante da Liga Mirandense de Futebol, dr. Altamiro Barboza, representante da Liga Esportiva Municipal de Amadores de Campo Grande; sr. Lucio de Almeida, representante da Liga Esportiva Aquidauanense; Gabriel Martiniano de Araujo, representante do município de Lajeado; dr. Frederico Vaz de Figueiredo, representante da Liga Treslagoense de Esportes; dr. André Melquiaes de Barros, representando a Liga Esportiva de Corumbá, da qual é presidente; Cel. Crescencio Monteiro da Silva, representando o município de Cáceres e o Americano F. C. desta capital; Zeno de Oliveira, representando a Liga Esportiva Cuiabana; dr. Alberto Luiz Addor, representante do Mixto E. C.; Manoel Carlos Pereira, representante do Paulistano E.C.; Carlos Emilio Bianchi, representante do C. Desportivo D. Bosco; Pedro da Silva Cesar, representando o Estado Novo F.C.; Salim M. Nadaf, Ricardo Antunes da Silva, Eurides França e Nicolau Bussiki, representantes do 3º Distrito; d. Hilda Lima Corrêa, representando o Clube Esportivo Feminino, da qual é presidente. [...] que aprovaram automaticamente a fundação da Federação Matogrossense de Desportos. [...] dr. André de Barros, que hipotecou todo apoio de Corumbá [...] Idêntica atitude teve o representante de Campo Grande, dr. Altamiro Barboza [...]. (TENUTA, 2020?b, p. 39).

Em 1943, foi realizado o primeiro Campeonato Mato-Grossense de Futebol sob organização da federação, que ainda era de categoria amadora. Segundo Duarte (2013, p. 22), em 31 de janeiro de 1943 foi realizado o primeiro jogo do campeonato: Mixto E. C. 5 x 1 C. E. Dom Bosco, em que o jogador Hugo (Mixto) fez o primeiro gol da competição. Nessa primeira edição, a equipe do Paulistano Futebol Clube foi a campeã.

Passados vários anos, precisamente em 1967 o futebol mato-grossense se profissionalizou, definitivamente, para o mercado da bola. Assim, na realização do primeiro Campeonato Estadual profissional, o Operário E. C. se sagrou campeão e, a partir desse memorável ano, o esporte futebolístico do estado de Mato Grosso tomou sua devida proporção no âmbito nacional como profissional, no que se valorizou a competição e se

ampliaram as possibilidades de disputa para muitos times da região, em nível nacional. Dessa forma, destacamos ainda os ilustres presidentes que passaram pela FMF: Alexandre Addor Filho, Crescêncio Monteiro, Álvaro Migueis, José Monteiro de Figueiredo, Lenine de Campos Póvoas, Ranulpho Paes de Barros, Otyles Moreira da Silva, Hélio de Jesus da Fonseca, Gastão de Mattos Müller, Macário Zanagape Filho, Herman Dutra Pimenta, Agostinho Dias Dorilêo, Agripino Bonilha Filho, Levi Rodrigues do Prado, Júlio José de Campos, Carlos Orione, Lourival Nunes de Barros.

Cabe ainda mencionar que, no ano de 1979, a FMF recebeu a sua atual nomenclatura, deixando de ser FMD, por conta de essa última nomenclatura abranger outras modalidades esportivas (vôlei, basquete, handebol etc.). A partir daí, cada modalidade esportiva teria a sua federação. Carlos Orione foi o primeiro presidente da FMF, conforme consta na Ata n. 8/1979 da FMF (DUARTE, 2013, p. 24).

Em entrevista, Tenuta (2019), ao abordar os primórdios do futebol mato-grossense, revela:

[...] O futebol de hoje difere muito de antigamente. Agora, você imagine: saíam os touros e cavalos para depois entrar em campo os jogadores de futebol. Devia ser uma coisa bastante difícil de entender, pois a grama era pouca e o terreno era muito duro. Mesmo assim, eles jogavam. E o Tupi, juntamente com o Tiradentes, prevaleceram até 1930. Em 1922, surge a ideia de se criar uma liga, ideia esta que tinha sido tentada em 1914. Em 1914, tentou-se uma criar uma liga, mas não conseguiram. A ideia voltou em 1922, e foi criada em março ou abril, tendo os times Tupi, Tiradentes e Comercial. E em setembro, em comemoração ao dia 7, se fez um campeonato, e o Tiradentes foi campeão. Mas os livros de história não levam muito em conta essas competições, pois não eram realizadas em campos oficiais. O futebol em Cuiabá naquela época ocorria nas praças, Campo D'Ourique. Onde nós estamos aqui mesmo nesse momento, o Colégio Estadual (Liceu Cuiabano), antes de existir tudo isso, tinha uma praça chamada General Mallet e um campo improvisado. Também se jogava na praça do Porto, em frente ao Sesc Arsenal, que se chamava campo do Arsenal. Mas eram espaços que não atendiam as exigências da FIFA. Cada espaço tinha sua metragem. Era tudo improvisado, pois não tínhamos campos oficiais. Enquanto isso, onde hoje temos o Mato Grosso do Sul, já tínhamos estádios em Campo Grande, Dourados e Corumbá. Até aqui em Guiratinga, que se chamava à época Lajeado, já tinha estádio dentro do que se exigia a FIFA. Quando se chega em 1930, chega a Cuiabá, o senhor Manoel Soares Campos, pai do futuro governador Frederico Campos, que, para mim, foi o maior governador que tivemos no Estado. O senhor Manoel Soares de Campos fundou uma farmácia aqui em Cuiabá. Ele era conhecido como Seu Campos. E como ele jogava futebol no Rio de Janeiro e jogava lá e gostava muito. Ele chamou o pessoal e falou para se criar uma liga, pois existem muitos times. Quando chegou na década de 30, já tínhamos Dom Bosco, paulistano e Americano, que viriam a ser os grandes times de futebol juntamente com o Mixto. O Seu Campos, juntamente com esse pessoal, o Seu Altair de Matos e uma plêiade de companheiros, o então prefeito Manoel Miraglia e o desembargador

Henrique de Aquino³⁷. Eles fundaram um time: o Comércio, que foi de grande ascensão e era poderoso. Isso foi mais ou menos em 1931. Eles decidiram criar um estádio, que era o Campo do Bosque e é exatamente onde estamos agora e passou a ser chamado de campo do Colégio Estadual e hoje é o campo do Liceu Cuiabano. Esse campo foi criado pelo Seu Manoel Soares Campos juntamente com seus amigos com dinheiro próprio. Não entendendo como o poder público não ajudava, pois outras cidades do Estado já tinham estádio de futebol e uma série de atividades esportivas, inclusive Campo Grande e Corumbá já tinham em 1924 ou 25 uma federação e o nosso poder público não ajudava (essa federação foi transferida para Cuiabá com a desculpa que só a capital poderia tê-la). Nós nem liga tínhamos, pois a carência era brutal. Era tudo muito difícil. Em 1934, surge o Mixto, que talvez tenha sido o divisor de águas no futebol cuiabano. Eu sou dombosquino, mas não tenho nenhum pudor em falar que o Mixto foi o grande time de futebol de Cuiabá até 1976. Quando chega em 34, o estádio quase pronto, que viria a se chamar estádio do bosque, eles decidiram criar uma liga, pois não adiantava nada ter times, estádio e não ter uma entidade para comandar o futebol na cidade. Foi aí que surgiu a Liga Esportiva Cuiabana. Quando chega em 36, o Comércio já tinha sido criado. Já tinha o campo e a Liga. Em 36, se dá pela primeira vez um campeonato com as regras da Fifa, com arquibancada, cercado, como tinha que ser, pois até então não tinha sequer alambrado. Veja bem: conseguiram reunir 7 equipes de futebol numa cidade de 20 mil habitantes. Foi algo heroico. Isso deixa patente a paixão do cuiabano pelo futebol. Além de paixão, tinha qualidade. Cidades como Campo Grande e Corumbá buscavam jogadores de outras cidades. Corumbá buscava jogadores da Bolívia, do Paraguai, enquanto nós só jogávamos e ganhamos só com cuiabanos. Nossa seleção mato-grossense foi mais vitoriosa, quando nossos jogadores cuiabanos puderam participar (TENUTA, 2019).

³⁷ O nome correto é Henrique José Vieira Neto. Henrique de Aquino foi médico dermatologista conceituado em Cuiabá, nas décadas de 1970 a 1990.

2 O PROFISSIONALISMO, A ERA DO RÁDIO, O ESTÁDIO DUTRINHA (1940-1960)

O futebol em Corumbá pós-década de 1930

Este item aborda o tema do futebol na cidade de Corumbá antes do advento da divisão do estado de Mato Grosso.

Os times de Corumbá, que realizavam as suas disputas de futebol em um estádio municipal, receberam do desportista Arthur Afonso Marinho, à frente da prefeitura municipal, à época, contando com a colaboração do engenheiro Alvarino Fonseca, do fiscal da prefeitura Luís de Figueiredo e do secretário da municipalidade professor Renato Báez a praça de esportes denominada Estádio Arthur Marinho³⁸, inaugurado em 21 de setembro de 1943 (BÁEZ, 1966, p. 62).

É importante lembrar que a partir de 1940 e até 1944, em face do declínio do futebol corumbaense, o campeonato local passou a ser disputado em Ladário, entre clubes recém-formados compostos por muitos jovens, de sangue novo. Nem por isso pararam de surgir novos quadros de segunda categoria em Corumbá, que formaram a sua liga e disputaram seu campeonato interno, com a participação de Carijó Esporte Clube, Oeste Esporte Clube e Bom Retiro (BÁEZ, 1966).

Em 21 de abril de 1941, fundou-se o Caroá Atlético Clube. No mesmo mês, o Esporte Clube Corumbá e, conforme destaca Báez (1966, p. 61):

A fundação da Liga de Esportes de Corumbá se deu a 14 de julho de 1941, que logo se filiou à Federação Mato-grossense de Desportos, fundada a 15 de setembro de 1927, mais tarde transferida para Cuiabá, com a denominação de Federação Mato-grossense de Desportos – FMD, sob o fundamento de que somente nas capitais dos Estados-Membros do País poderiam funcionar as Federações Regionais de Futebol.

³⁸ Arthur Marinho faleceu em 7 de julho de 1966.



Figura 7 – Estádio Arthur Marinho, na rua Delamare, em Corumbá/MS. Arquivo do IBGE.

Após a fundação dessa liga, novos clubes surgiram, como o Barroso Esporte Clube, fundado em 26 de agosto de 1941; o Clube dos Nambiquaras, fundado em 27 de outubro de 1941; e, em 30 de outubro de 1941, partia de Corumbá a delegação esportiva para representar Mato Grosso no Campeonato Brasileiro de Futebol, chefiada por Arthur A. Marinho.

Em Cuiabá, o jornal *O Estado de Mato Grosso* anunciava que, em 26 de setembro de 1941, às 19h30, a Liga Esportiva Cuiabana (LEC) iria se reunir para a instalação do seu conselho deliberativo:

Amanhã terá lugar na sede provisória da L.E.C, a sessão de instalação do conselho Deliberativo da entidade. Ainda, nessa reunião, deverá ser eleito o vice-presidente da comissão executiva, cargo esse que está vago com a reunião do dr. Francisco Bianco Filho (LIGA, 1941, p. 4).

Com a regulamentação do desporto no Brasil, em 8 de outubro de 1941, noticiava-se que:

O governo estadual e os esportes e o Decreto-lei do Presidente da República e o estádio do Bosque – com o decreto-lei do senhor Presidente da República, regulamentando os desportos em todo o País, passou a ter um outro caráter a prática de qualquer modalidade esportiva. Nesse sentido, a medida governamental foi mais além, pois com a criação do Conselho Nacional de Desportos, hoje instalado, os horizontes que turvavam certos ambientes, vem desaparecendo aos poucos. Outra providência correlata à que mencionamos acima, favorecendo sobremodo os surtos desportivos nos

Estados, é a criação também dos Conselhos Regionais de Desportos obedecendo às normas contidas no programa do C.N.D – Conselho Nacional e Desportos (O GOVERNO, 1941).

A institucionalização do esporte, por meio de criação de federações, pode ser entendida como parte do processo civilizador (ELIAS; DUNNING, 1992).

Em 1943, conforme Báez (1966), o futebol corumbaense se reergueu, tendo conquistado o campeonato da cidade o veterano Corumbaense. De 1942 a 1946 foi o período áureo do clube, com a contratação de jogadores como Lázaro Brandão da Cunha (Caboclo), Cyrio Brandão da Cunha, Antônio Brandão da Cunha (Toinho), todos os três irmãos que deixaram o Ladário Atlético Clube, transferindo-se para o alvinegro. Foi só em 1946 que o time perdeu a sua invencibilidade frente ao Mato Grosso Esporte Clube, quando foi vencido por 3 a 1, ocasião em que estrearam os famosos irmãos Dionizio e Rubens Ramos de Moraes, vindos do Mixto Esporte Clube, de Cuiabá, e o não menos famoso atacante Paulista, autor de dois formidáveis tentos.

Nessa época, o Corumbaense liderava o futebol em Corumbá e no então estado de Mato Grosso. Sob a direção do técnico Arthur Mangabeira, o time era constituído por Orivaldo Inácio Ferreira (Pretola); Quirino Valentin dos Santos, Carlos Afonso Roman; Antônio Brandão da Cunha (Toinho), Coroa (depois Floriano Flores) e Haroldo; Tasso Dauzacker, Lázaro Brandão da Cunha, Álvaro Selasco, Pedro Signorelli (Caneca) e Cyrio Brandão da Cunha (depois Pinião).

Segundo Báez (1966, p. 65-71), de 1941 a 1949 o futebol corumbaense obteve poderoso esquadrão no futebol, passando pelo Riachuelo, Guarani, Ferroviário, Aeroviários, Comixta, do Dr. Antenor Nascimento Filho; Botafogo, de Rubens José Pereira (Mateba), campeão em 1947; Mercúrio, de Benjamin de Castro Brasil (Bidu), e grandes partidas foram realizadas. Em 1945 foi realizada, em 29 de abril de 1945, a disputa entre Corumbaense e Motorista Esporte Clube, que levantou o campeonato da cidade, em disputa de melhor de três. O Corumbaense jogou com Pretola; Martin e Josino; Rolindo, Floriano e Toinho; Hermínio, Nogueira, Sebastião (Nhoso), Lázaro e Cyrio. O Motorista formou com Zebisco; Pedrinho e Mangabeira; Lino, Frangão e Oriomar; Lico, Pinião, Álvaro, Leônidas e Jamil. Também nesse mesmo ano Antenor do Nascimento Filho, coadjuvado pelos irmãos Izeu Pratt e Hélio Barbosa Pratt, fundaram o Comixta Esporte Clube, na primeira divisão, com os jogadores que trabalhavam na Comissão Mixta Ferroviária Brasileiro-Boliviana, na construção da ferrovia internacional Corumbá-Santa Cruz de la Sierra. O clube sagrou-se vice-campeão em 1946. Em dezembro de 1946, visitou El Carmen, na Bolívia, onde derrotou a seleção daquela cidade

boliviana, pela contagem de 7 a 1. Sua escalação era composta de: Hélio da Rosa; Luís Silva I e Adélio Ortiz; Porfírio Amarilha, Oldemar Emanuel Pinto (Carioca) e José de Sousa Neves; Lico Selasco, Elizeu Araújo, Álvaro Selasco, Dionízio Nogueira e Martinez. O Oeste Esporte Clube, formado por elementos empregados da Cervejaria Corumbaense, jogou com o Botafogo e o Noroeste, além de excursionar a Puerto Suárez, na Bolívia. Desapareceu em 1949 (BÁEZ, 1966).

Em 1946, depois de 13 anos em que os times de futebol de Corumbá não alcançavam uma vitória, o Guarani, da segunda divisão de amadores, foi a Cuiabá, sob a presidência de Edu Diniz Carrapato, ganhando duas partidas amistosas, sendo 5 a 1 contra a Associação Bancária Cuiabana (ABC) e 3 a 2 contra o Americano Esporte Clube, tendo empatado em 2 a 2 com o Mixto Esporte Clube. A delegação do Guarani estava constituída de Quincas, Joaquim Pinto de Arruda, Rafael Velásquez, Benedito do Nascimento, Benedito Ferreira, Oriomar Alves Feitosa, Vitoriano, Batico, Itamar da Rocha Sampaio, Humberto Martins (Beto), Airton Diogo de Jesus, Lico Selasco. De reservas seguiram: Dirson Moreira, José Afonso (Bauru), Euri de Sousa, Francisco Pierri, José Augusto Caldas, além de Luís Pécora (massagista), Sérgio Cabrita (tesoureiro), Astrogildo Ramos (secretário) e Edu Diniz, chefe da delegação (BÁEZ, 1966, p. 65-69).

Vale registrar que, naquela época, o transporte era fluvial e a delegação do Guarani percorreu nove dias de viagem no navio Guaporé, sob o comando de Jacinto Leodoro de Paula, chegando estafada à capital mato-grossense e, mesmo assim, conseguindo bons resultados frente aos adversários.

Em 1948, era presidente da Liga de Esportes de Corumbá (LEC) o jornalista e vereador Renato Báez (1966), a quem se deve o título definitivo do terreno do estádio municipal em favor da LEC, o retelhamento da arquibancada especial, a construção de instalações sanitárias ao público e de banheiros e vestiários para os atletas dos clubes, a remodelação total da quadra de bola ao cesto e das arquibancadas, a recuperação e pintura do gradil que contornava o campo, a instalação de bica de água para o público, a pintura interna do estádio, a realização de campeonato municipal, em um só turno, e a realização de temporada intermunicipal e interestadual, durante o segundo turno, com quadros de Aquidauana, Campo Grande, Três Lagoas, Cuiabá e Lins, sem nenhuma derrota para a seleção corumbaense (BÁEZ, 1966, p. 65-71).

Conforme Matos e Matos (2004, p. 50), nos anos de 1947, 1948 e 1949, eram atletas do Mixto Esporte Clube os jogadores: Dito, Uir, Pinto, Sá, Cajabi (Hamilton Cerqueira Caldas), Mingote, Chupapaia, Edgar Curvo, Leônidas e Uirton, esquadrão tricampeão no

estádio do Liceu Cuiabano. Nos anos de 1951 a 1954, o clube alcançou o tetra, conquistando ainda os campeonatos de: 1959; 1961-1962 (bi); 1965; 1969-1970 (bi); 1975-1976 (bi).

Báez (1966, p. 71) afirma que, em 31 de março de 1949, surgiu um novo clube na constelação da LEC de Corumbá: a Associação Atlética Luso-Brasileira, por iniciativa de Gastão da Costa Ribeiro, Nelson Déniz, Ary Costa, Joaquim Menezes, Dr. Vicente Bezerra Neto (orador oficial) e Joaquim dos Santos (Milton). Pontilhavam o time elementos quase todos de Ladário, sendo apenas o trio final, Hélio, Otávio e Cruz, da cidade de Corumbá. O clube foi campeão municipal de 1949 e o primeiro a introduzir pagamento aos seus jogadores, na base de 100 cruzeiros por jogo vencido e 50 cruzeiros por jogo empatado, nas partidas do primeiro time. Daí em diante, o amadorismo tomou forma de semiprofissionalismo, o que vem se caracterizando até os dias atuais. O clube viveu apenas um ano e, no ano seguinte, desapareceu (BÁEZ, 1966, p. 71).

Em 1950, sagrou-se campeão municipal de futebol o Corumbaense Futebol Clube. Nesse mesmo ano, surgiu a Segunda Divisão do Esporte Amador de Corumbá, com Francisco Telles Herrera, presidente; Firmino de Moraes Cambará, secretário; Edu Diniz, presidente da divisão de esportes.

Em 1950, oito quadros disputaram o certame da Segunda Divisão: Esplanada, Vasco da Gama, Esporte Clube Corumbá, Brasil Futebol Clube, Beira-Mar, Ipiranga, Brotinho e Nacional. No ano seguinte, em 1951, o campeonato foi disputado entre cinco quadros da Segunda Divisão: Esplanada, Coração da Vila, Esporte Corumbá, Aeroviários e Brasil. Nesse mesmo ano, o Madureira, do Rio de Janeiro, passou por Corumbá, quando jogou com a seleção da Segunda Divisão, no estádio municipal, tendo por base o time Coração da Vila, sob a presidência de Edu Diniz. A vitória do Madureira foi de 7 a 1, ficando os resultados nos anais do esporte e, ao mesmo tempo, marcando a sua atuação, por ser o primeiro time carioca que passou por Corumbá.

Segundo Báez (1966, p. 65-71), diversos times de futebol da Segunda Divisão do Esporte Amador fizeram parte do cenário de Corumbá, na década de 1960, tais como: Ferpa (1930 a 1933); Cruzador (1937 a 1940); Fortaleza; Zona Tórrida (1933 a 1943); Gasolina (1940 a 1943); Santa Teresa (1940); Comercial (1940); E. C. Corumbá; Oeste E. C. (1946 a 1949); Beira Mar (1949 a 1950); Cruz Vermelha (1951 a 1955); Cruzeiro (1958 a 1965); Bom Retiro (1935 a 1937); Carijó (1940-1944).

2. 2 O futebol em Várzea Grande

Enquanto Corumbá labutava para que os seus times não entrassem em crise, em Várzea Grande, em 1º de maio de 1949, nascia o Clube Esportivo Operário de Várzea Grande (Ceov), com a alcunha de Chicote da Fronteira, comandado pelo jornalista e empresário Rubens dos Santos e companheiros, após o bispo Dom Antônio Aragão³⁹ presentear com um jogo de camisas uma equipe formada com os melhores jogadores de Várzea. O jogo de estreia desse clube foi contra a equipe do Palmeiras, do mesmo município. Na ocasião, foi usado um uniforme nas cores vermelha, branca e verde. A partida foi disputada no antigo Círculo Operário, na rua da Independência, centro de Várzea Grande, no local onde hoje funciona o salão de conferência da Igreja Nossa Senhora do Carmo (BARRETO, 2017b, p. 194).

Sobre o Ceov, assim Sarita Baracat de Arruda se pronunciou:

Meu irmão (Rubens dos Santos) veio para Várzea Grande pelo Clube Guarim, como jogador de futebol, depois jogou no Operário de Várzea Grande. Fizemos uma campanha de venda de votos para escolher a rainha do Operário, onde o dinheiro arrecadado era para construir a sede do Operário. Meu irmão Rubens tinha fundado o Clube Operário de Várzea Grande junto com aquele Arcebispo Dom Antônio Campelo de Aragão. Ele cedia o campo nos fundos da Igreja Nossa Senhora do Carmo para os jogos, hoje chamado de Campo da Conferência. Escolheram as pessoas mais ativas na sociedade para vender votos, e virou uma guerra política, mas aí eu consegui vencer e fui eleita a rainha do Operário. Aí usei o dinheiro que arrecadamos para construir a sede do Operário, onde hoje é a Loja Flamboyant. Era um terreno vazio e foi adquirido pelo Operário. Logo depois ficamos fazendo as promoções lá na sede, para investir no Operário. Ainda era amador, depois entrou no campeonato estadual (ARRUDA apud BARRETO, 2017b, p. 194).

A cidade onde está localizado o Ceov, Várzea Grande, nasceu da doação de uma sesmária, aos índios guanás – considerados, pelos portugueses, mansos e hábeis canoieiros e pescadores –, em 1832, por parte do governo imperial, daí a denominação Várzea Grande dos Guanás. Foi caminho obrigatório das boiadas que saíam de Rosário do Rio Acima (hoje Rosário Oeste) em direção a Cuiabá. Está em conurbação com a capital Cuiabá, da qual separa-se apenas pelo rio que empresta o seu nome à capital, o rio Cuiabá. As duas juntas somam 834.060 habitantes e sua região metropolitana possui quase 1 milhão de habitantes. Várzea Grande é o segundo maior município do estado e o 99º do Brasil em população (BARRETO, 2017b, p. 73).

³⁹ Dom Antônio Aragão era proveniente de Garanhuns (PE), filho de Aurélio Aragão e Enedina Campelo Aragão. Foi nomeado, em 5 de junho de 1950, bispo auxiliar de D. Aquino Corrêa, na Arquidiocese de Cuiabá, em Mato Grosso.

Para o jornalista Ronaldo Pacheco (2014),

Rubens dos Santos pelo estilo polêmico e às vezes briguento, no final da década de 1970 recebeu da crônica esportiva regional o apelido de ‘Velho Guerreiro’. Fundador do Clube Esportivo Operário, Rubens dos Santos foi vereador e presidente da Câmara de Várzea Grande (1955 e 1964). Na condição de vereador, também foi fundador e primeiro presidente do PMDB de Várzea Grande, na época do MDB, na segunda metade da década de 1960. Em 1972 disputou a prefeitura de Várzea Grande contra o ex-governador Júlio José Campos, presidente do DEM, sendo derrotado por pequena margem.

Rubens dos Santos, depois de participar decisivamente da fundação do Operário, sendo seu presidente por nove mandatos e camisa 10 nos primórdios do clube,

[...] notabilizou-se na década de 1960 por exigir da Federação Mato-Grossense (FMF) a implantação do profissionalismo no Estado. E, após consolidar o profissionalismo no futebol de Mato Grosso, tratou de acirrar a rivalidade com os clubes da Capital, principalmente o Mixto e, em menor escala, o Dom Bosco e o Clube Atlético Mato-Grossense. Nos clássicos contra o Mixto Esporte Clube, time profissional de Cuiabá, o Velho Guerreiro anunciava o pagamento do bicho de 280 na véspera, para provocar o então presidente do clube Lino Miranda, do Tigre de Cuiabá. Para promover as partidas, coube a ele e ao radialista Ivo de Almeida batizar o confronto entre Mixto e Operário de ‘Clássico dos Milhões’, que nas décadas de 1970 e 1980, chegou a levar quase 50 mil pessoas ao antigo Estádio Verdão, Governador José Fragelli, atual Arena Pantanal. Pela fidelidade de sua torcida, o Operário recebeu do poeta e advogado Silva Freire o carinhoso apelido de Chicote da Fronteira, pelo qual é tratado até hoje. O uniforme tricolor surgiu por causa da doação do uniforme com as cores do Fluminense, do Rio, clube do coração do Bispo Antônio Campelo de Aragão²⁸¹, então reitor do Seminário do Cristo Rei (PACHECO, 2014).

O primeiro presidente do Operário de Várzea Grande foi Luís Vitor da Silva. Luís tinha na retaguarda Joaquim Santana Rodrigues, Lamartine Pompeo de Campos, Oldemar Pereira, Mestre Dario, Manuel Mendes de Oliveira e Manuel Santanal. As partidas eram disputadas nos estádios Gonçalo Botelho de Campos (Várzea Grande) e Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Dutrinha. O futebol não profissionalizado, sendo disputado apenas na categoria amador. Foi uma fase de ouro, com o Chicote da Fronteira conquistando o tricampeonato de forma invicta, nos anos de 1953, 1954 e 1955. (MELLO, 2015)

Em 1955, chegou ao campeonato com o reforço de três jogadores do seu maior rival, o Industrial Esporte Clube Porto: Tatu, Tidinho e Bastilo. O Operário foi apelidado de Pequeno Davi pelo radialista Jota Alves, após empate heroico contra o poderoso Clube Atlético Matogrossense, com gol marcado por Isaac Nassarden, em cobrança de pênalti (CBF, [201-]; FUSÃO, 2009).

Rubens dos Santos, em 1955, depois de participar da fundação do clube e, ainda, jogar no seu meio de campo, assumiu a presidência do Ceov. Em 1958, o Ceov se filiou à Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD), passando a disputar com as equipes de ponta de Mato Grosso, integrando-se assim ao seleto grupo de clubes profissionais (CBF, [2001-]; FUSÃO, 2009).

É importante frisar que, no centenário de Várzea Grande (1867-1967), na gestão da prefeita Sarita Baracat, o Ceov tornou-se tricampeão de futebol de Mato Grosso. Atualmente, a cidade tem três equipes profissionais de futebol.

No Ceov encontramos Jorge Mussa, nascido em 12 de dezembro de 1930. E João Mussa, fundador do Bariri Esporte Clube, em Várzea Grande. Apesar dos seus mais de 100 kg, Jorge Mussa foi goleiro do Operário. Casado com Nasla Félfili, são pais de quatro filhos. Jorge faleceu em 23 de fevereiro de 1987, com 57 anos. O seu irmão, João Mussa, também amante do futebol, jogou como goleiro no Operário, no Bariri e no Clube Santo Antônio e faleceu em 10 de julho de 1995, também com 57 anos. João fundou o Bariri Esporte Clube, que se tornou imbatível entre os da mesma categoria que disputavam os campeonatos da Liga de Futebol Várzea-Grandense. Há registros de jogos em que o Bariri disputou acirradas partidas com o Ceov, este já com o *status* de clube profissionalizado (MORAES; BOTELHO; GOMES, 2014).

O futebol em Rondonópolis

Na região sudeste de Mato Grosso apresenta-se Rondonópolis, localizada a 210 quilômetros da capital Cuiabá. Possui 228.857 habitantes. Rondonópolis tem o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado de Mato Grosso. Até o ano de 1957, não havia time de futebol organizado em Rondonópolis, apenas formações improvisadas para peladas, as quais eram realizadas na Escola Estadual Major Otávio Pitaluga (Eemop).

O primeiro time de futebol assim considerado, com uniforme próprio, foi o Rondonópolis Atlético Clube (RAC), fundado em 4 de maio de 1958, com uniforme em que as camisas eram vermelhas, com uma faixa larga de cor branca horizontal, ao meio, golas e bordas das mangas também brancas, meias vermelhas com listras brancas horizontais. Não possuía distintivo e era formado a título de seleção da cidade, por jogadores das peladas no campo improvisado da Eemop, e representava Rondonópolis em disputas com as seleções de Poxoréo, Guiratinga, Alto Garças e Alto Araguaia.

Sua primeira diretoria era composta por:

Presidente – Sotero Silva; secretário - Alberto Saddi – tesoureiro; Elzio Borges Leal – diretor social; Afro Stefanini – técnico – Pedro Ferrer. Como madrinha Elza de Oliveira. O time ou seleção esteve em atividade até o ano de 1959. Em meados de 1959 surgiu o Rodoviário Esporte Clube, do D.N.E.R, o melhor time amador da cidade. A partir da criação do Estádio Eng. Luthero Lopes, em 08.11.1959, novos times surgiram: Santos Futebol Clube, Batidinha Esporte Clube, Valim Esporte Clube e Industrial E. Clube. (CARMO, 2005, p. 518).



Figura 8 –Seleção de futebol de Rondonópolis, MT (1959/1960). Da esquerda para a direita, em pé: Silvio, Candinho, Barto, Zezinho, Barnabé, Tino, Terêncio e Edgar garapeiro. Agachados: padre Miguel, Chiquinho, [?], Osmar, Pretinho, Hermenegildo e Zé Hugo. Acervo: Joel/Glauco Marcelo.

O RAC era composto por: Arlindo, Paraná, Candinho, Coutinho, Vareta e Barnabé, além de Chiquinho, Bio, Osmar, Toninho e Pinga. Era a seleção da cidade contra as cidades vizinhas. O Rodoviário Esporte Clube era formado por: Otávio, Barnabé, Terêncio, Edgar, Birigui, Tinô, Chiquinho, Diogo, Papagaio, Osmar, Dr. Miguel (Pe. Miguel), Hermenegildo, Dito Cheiroso e Goiano. Foi o melhor time amador da cidade. Deles, Tinô participou dos rachas do Tigrão da Vila.

De acordo com Hermenegildo Reis de Almeida, ex-integrante da seleção de futebol amador de Rondonópolis, este foi devidamente organizado em 1963, depois de, em 1962, Hermenegildo assumir a presidência da Liga Esportiva de Rondonópolis e então elaborar o primeiro campeonato de futebol amador, em 1963, com as seguintes equipes: Santos Futebol Clube (base do antigo Rodoviário Esporte Clube, do BNER); Batidinha Esporte Clube; Comercial Esporte Clube; e São Pedro Esporte Club (time de São Pedro da Cipa, que fora convidado para se juntar às quatro equipes disputantes; como o São Pedro não tinha jogadores para as preliminares, um time de várzea chamado Operário, do desportista Luizão,

representava-o, nessas oportunidades). Os times do Santos e do Batidinha eram os que possuíam maior torcida. O primeiro juiz de futebol de Rondonópolis foi João Leandro da Silva (CARMO, 2005, p. 520).

Em meados de 1960, por influência do futebol amador masculino, começou a florescer o futebol feminino, em Rondonópolis, no Santos e no Batidinha.

Foi fundado no dia 6 de junho de 1973 União Esporte Clube, também conhecido como União Rondonópolis, é um clube brasileiro de futebol da cidade de Rondonópolis, seu uniforme é composto de camisa vermelha com detalhes em branco, calção vermelho e meias vermelhas. Manda seu jogos no Estádio Engenheiro Lutherio Lopes

O processo de profissionalização do futebol em Mato Grosso

Este item tem como objetivo discutir o desenvolvimento socioeconômico-cultural do futebol em Mato Grosso, dos anos 1940 até a década de 1960, destacando especialmente o advento do regime profissional, a influência do rádio e do Estádio Dutrinha.

Os conceitos de profissão e profissionalismo serão abordados aqui tendo como base a sociologia das profissões. É sabido que a separação entre artes liberais e artes mecânicas ocorreu principalmente com a expansão e fortalecimento das universidades, criando, por fim, uma oposição entre as profissões, que surgiram das artes liberais e que eram ensinadas na universidade e estavam ligadas ao conhecimento técnico-científico; e os ofícios, oriundos das artes mecânicas, [...] onde as mãos trabalham mais do que a cabeça e que se limitam a determinados números de operação mecânica. (DUBAR, 2005, p. 124). A profissão passa a ser relacionada/associada ao espírito, ao intelectual, ao nobre; e o ofício surge associado à mão, aos braços, ao baixo etc. Na definição de Freidson (1996), a profissão exige um conhecimento intelectual maior e mais aprofundado do que o ofício, já que este está baseado no conhecimento prático.

Os sociólogos funcionalistas que estudaram as profissões acreditavam que uma atividade só pode ser considerada uma profissão se ela possuir um conjunto específico e preciso de atributos. Eles elencaram um conjunto de atributos que distingue a profissão da ocupação. De acordo com essa perspectiva teórica, existe uma superposição de elementos definidores e formadores do profissional: [...] a existência de um corpo de conhecimento suficientemente abstrato e complexo para requerer um aprendizado formal prolongado; uma cultura profissional sustentada por associações profissionais; uma orientação para as necessidades da clientela e um código de ética. (DINIZ, 2001, p. 20). Nesse sentido, uma ocupação só ascende ao *status* de profissão se atender no mínimo àqueles atributos. Os funcionalistas deram ênfase na autonomia como característica fundamental de uma profissão.

Para Parsons (apud Diniz, 2001, p. 19), “[...] o profissional é um especialista técnico em virtude do seu domínio tanto da tradição, quanto das habilidades necessárias à sua aplicação. É o caso da profissão de jogador de futebol, pois este tem que ter conhecimentos e habilidades necessários para atuar em campo.

Na perspectiva dos neoweberianos, a profissão consiste em uma estratégia de fechamento, excluindo do seu âmbito aqueles que não possuem diploma e nem credenciamento, ou seja, autorização formal e legal para exercer determinada atividade. A profissionalização surge, portanto, como um mecanismo excludente, capaz de limitar e controlar o exercício de uma ocupação, com o objetivo de garantir ou maximizar o seu valor de mercado. Portanto, na visão dessa corrente sociológica, as profissões consistiriam naquelas “[...] ocupações particularmente bem-sucedidas em seu projeto de fechamento com base em credenciais educacionais, e de controle das condições de mercado [...]], garantindo legalmente, dessa forma, certo monopólio na prestação de serviços profissionais (DINIZ, 2001, p. 31).

Uma profissão pode ser entendida como uma comunidade moral capaz de colar e dar ordem numa sociedade altamente fragmentada, como a sociedade moderna. O fundamento da comunidade e do papel socializador da profissão reside na subordinação dos interesses particulares ao interesse comum do grupo profissional (RODRIGUES, 2007, p. 60).

Para Parsons (apud Diniz, 2001), a profissão significa sistemas de solidariedades com base na partilha de elementos educacionais comuns. Para Goode, a profissão é caracterizada por ser uma comunidade. Toda ocupação que pretende tornar-se profissão aspira a ser uma comunidade. A profissão como comunidade pode ser assim caracterizada:

- 1) Seus membros estão ligados por um sentido de identidade.
- 2) uma vez nela, poucos a deixam, de modo que é um *status* terminal para a maioria.
- 3) Seus membros partilham valores comuns.
- 4) As definições de papéis de membros e não- membros são objeto de acordo e são as mesmas para todos os membros.
- 5) Nas áreas de ação comum há uma linguagem comum, que é compreendida apenas parcialmente pelos de fora.
- 6) A comunidade tem poder sobre seus membros.
- 7) Seus limites são razoavelmente claros, apesar de serem sociais e não físicos ou geográficos.
- 8) Apesar de não produzir a próxima geração biologicamente, ela o faz socialmente pelo controle sobre a seleção de professores e pelos processos de treinamento ela socializa seus recrutas (GOODE, 1967, p. 194).

O grupo profissional é tido como comunidade homogênea não apenas pelos funcionalistas, mas também por autores de outras filiações teóricas. A base dessa homogeneidade é o período de longos treinamentos e aprendizagem pelos quais têm que

passar os ditos profissionais. Isso serve para ilustrar o futebol como profissão. O longo processo de preparação física e treinamentos técnicos e táticos são semelhantes, nos clubes de futebol, o que fundamenta a homogeneidade na profissão futebolística (RODRIGUES, 2007, p. 60).

Assim, –A Sociologia das Profissões montou seus quatro modelos básicos mesclando o altruísmo e o egoísmo com os enfoques internos e externos, no nível do indivíduo ou das relações sociais (BONELLI, 1993, p. 34). Então, deve-se ressaltar que o processo de estruturação do corpo teórico da sociologia das profissões

[...] seguiu o caminho de dicotomizar as perspectivas internas e externas ou as micros e macros. É com o modelo analítico de Abbott, em 1988, que estas duas dimensões se integram. Esta é a principal contribuição do autor, embora ele centre seu estudo nas disputas jurisdicionais entre as profissões. Com isto, ele fortalece aquele olhar preocupado com o credenciamento que caracterizou o funcionalismo e perde o fazer cotidiano das profissões por seus membros. A dimensão histórica, em Abbott, limita-se à análise do sistema legal, em detrimento da vivência dos grupos que, na prática, construíram seus campos profissionais (BONELLI, 1993, p. 56).

No campo profissional, a legitimação e a depuração ocorrem por meio de diplomas e certificados. O diploma universitário é símbolo de distinção; e a profissão é um fundamento de distinção dos sujeitos sociais. A profissionalização dá-se como um projeto coletivo de mobilidade social. No entanto, não é em todas as profissões que o diploma universitário é o elemento legitimador. Pensemos um pouco no futebol. O atleta não necessariamente possui um diploma para provar sua competência e qualificação. É o conhecimento prático, a experiência, o talento, a técnica do atleta que possibilitam sua inserção no mercado de trabalho futebolístico. Sua profissionalização segue etapas distintas e seletivas nas quais ele precisa sempre comprovar sua qualidade. Desde as escolinhas, no estágio infantil, juvenil e júnior que o atleta é observado e selecionado constantemente (RODRIGUES, 2007, p. 62).

Então, por se tratar de uma profissão que não lida diretamente com o conhecimento formal, o futebol não segue o sistema de consagração baseado no diploma universitário. Nesse sentido, podemos falar de uma informalidade no futebol (RODRIGUES, 2007, p. 62), pois o atleta profissional de futebol não precisa de um diploma para trabalhar, mas sim de conhecimentos e habilidades futebolísticas adquiridos ao longo da sua formação profissional, que é eminentemente prática, baseada em treinamentos técnicos, físicos e táticos.

Há que se destacar, porém, que grande parte da trajetória do futebol em Mato Grosso no período assinalado possui um caráter de amadorismo e dificilmente poderia ser de outra forma,

uma vez que ainda se buscava apoio para uma organização de uma entidade que pudesse administrar os clubes de futebol rumo aos caminhos do profissionalismo. Dos times primordiais, raros mantiveram-se no futebol entre as décadas de 1940 a 1960.

No caso do futebol brasileiro, cabe destacar que os anos 1930 marcam uma transição do amadorismo para o profissionalismo. Conforme Toledo (2000, p. 10):

O amadorismo, regime vigente no futebol brasileiro por um período de aproximadamente trinta anos, teve o seu ocaso em 1933. Era denominado amador, pois entre outras características fundamentais, proibia, através dos estatutos das primeiras associações e federações que os jogadores recebessem qualquer benefício que configurasse uma remuneração para jogar.

Segundo Rodrigues (2007, p. 115), o amadorismo vigorou no Brasil como concepção de prática esportiva preferida pela aristocracia, herança de classe dos lazers de uma elite inglesa.

-O futebol era praticado por jogadores originários da elite, ligados às escolas ou empresas, e por alguns atletas operários de determinadas empresas.

Como sustenta Rodrigues (2007, p. 16), esse período coincide com o futebol de fábricas, nas quais o esporte era utilizado/usado como mecanismo de diversão e disciplina para os trabalhadores, bem como veículo publicitário importante na divulgação da imagem e prestígio das empresas. O futebol favorecia a empresa, pois o -[...] clube era uma espécie de cartão de visitas da empresa. Ele carregava seu nome e suas cores e, no limite, divulgava seus produtos (ANTUNES, 1994, p. 106-107). O que melhor define essa fase é o amadorismo -[...] herdado da concepção aristocrática de uma prática esportiva oriunda da classe dos lazers, vinda da Inglaterra e reservada a uma elite, e o esporte _paternalista_, representado pelas equipes de empresas (LOPES; FAGUER, 1994, p. 66).

Retomando o cenário mato-grossense, percebeu-se que já haviam sido implantadas algumas organizações ordeiras para o futebol, bem como tido a construção de um estádio de futebol num modelo de parceria público-privada, mas de forma inversa, em que o Governo do Estado do Mato Grosso cedeu o terreno para a construção do estádio e os empresários de Cuiabá envolvidos com o futebol, à época, assumiram o compromisso de disponibilizar recursos financeiros para empreenderem a obra, nascendo, assim, o primeiro estádio de futebol em Cuiabá e também no Mato Grosso, chamado Estádio do Comércio, por se tratar da sede do Comércio Esporte Clube, a quem pertencia o estádio, que foi fundado em 19 de agosto de 1931 e inaugurado em 7 de setembro de 1936, mais tarde tomado pelo estado, com a devida indenização ao clube que fazia a sua administração.

Sobre o estádio do Comércio Esporte Clube, localizado onde é hoje a Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Muller, chamada de Liceu Cuiabano, em Cuiabá, assim registrou o jornalista Antero Paes de Barros:

Não. Aqui no campo de onde hoje é o Liceu Cuiabano, que era o Colégio Estadual e era por sinal moderníssimo. Temos túnel, vestiário individual, chuveiros para todos os atletas. Era importantíssimo para aquela década. Evidente que eu não vi os jogos ali. Cheguei a assistir treinos ali e cheguei a treinar no Mixto ali. Meu pai teve época que era presidente e acumulava presidente com cargo de técnico e quando faltava atleta eu cheguei a jogar. Tem essa época do colégio estadual. (BARROS, 2019).



Figura 9 – —Aspecto da assistência que prestigiou a inauguração de nosso -Estadinho, em 7 de setembro de 1936, em que observamos nossa modesta arquibancada totalmente lotada. (CAMPOS, [1983?], p. 23).

Ao mesmo tempo, naquela época, como hoje, as emoções eram a única coisa possível de se democratizar no futebol. A popularização do futebol e sua transformação em um produto consumido nacionalmente no Brasil passam pelo seu processo de profissionalização (CALDAS, 1990, p. 26). É importante, aqui, retomar a ideia de democratização funcional do futebol brasileiro. Segundo Rodrigues (2007, p. 118), o processo de democratização funcional do futebol pode ser

[...] identificado como a entrada em cena de jogadores mestiços e negros nessa modalidade esportiva, [que] não necessariamente teve início no período datado da primeira metade do século XX. Basta lembrar o caso do Vasco da Gama, equipe campeã do campeonato do Rio de Janeiro em 1923, formada basicamente por negros.

Democratização funcional significa também que a elite dirigente migra da prática futebolística para a organização e a direção dos clubes. Com isso, muda-se o perfil dos praticantes do futebol.

O Clube de Regatas Vasco da Gama, conhecido clube da colônia portuguesa no Rio de Janeiro, até 1922 disputava o campeonato da segunda divisão da Liga Metropolitana, certame que conquistou naquele ano. Por volta de 1923, o Vasco da Gama passa a disputar o campeonato da primeira divisão e, sendo apontado como um dos principais favoritos ao título, acaba por concretizar esse favoritismo, conquistando o certame. O segredo do Vasco da Gama, segundo Rodrigues (2007, p. 119), era o aproveitamento de jogadores independentemente de cor ou classe social. Os seus jogadores eram recrutados nas peladas e nos clubes pequenos dos subúrbios da Zona Norte da cidade. Pode-se dizer que a lógica de recrutamento utilizada pelo clube priorizava a habilidade, demonstrada em campo, dos jogadores. Além desse fator, temos que destacar o fato de os atletas vascaínos serem mantidos pelo clube em um regime semiprofissional, no qual ficavam disponíveis em tempo integral ao clube, dispondo, portanto, de um período maior de treinos e aprontos, o que também contribuiu muito para o sucesso da equipe. Pode-se dizer que a heterogeneidade social da equipe do Vasco da Gama apontava para uma crescente popularização e também para uma proletarização do esporte –[...] através do recrutamento universalista dos melhores jogadores suburbanos e devido ao –[...] aburguesamento e monetarização do futebol – cujas rendas das partidas apresentavam somas vultuosas de dinheiro (LOPES; FAGUER, 2004, p. 134-135).

Sobre a funcionalidade em relação à administração do futebol em Mato Grosso, jornal da época fornece a seguinte informação:

Conforme fora anunciado, realizou-se na sua sede social, à Avenida D. Aquino 37, uma reunião dos elementos mais destacados do Clube Esportivo D. Bosco, com a proposta de tratar da sua reorganização. A essa reunião compareceu regular número de antigos associados do simpático clube alvi-anil que discutiram com entusiasmo os pontos principais para a volta a atividade do decano dos novos grêmios esportivos. [...] Foi escolhida a seguinte diretoria provisória: Presidente de honra Sr. Ary Kerner Pena Firme. Presidente - Cont. José de Carvalho; Vice-Presidente - Snr. José Schneider; 1º Secretário - Snr. Felix Lopes de Almeida; 2º Secretário - Snr. Aurélio G. Dorilêo; Tesoureiro - Snr. Cilo Seixas; Treinador Técnico - Sarg. Benedito de Carvalho e Guarda-esporte - Snr. Antônio Pereira Fortes (CLUBE, 1942).

Segundo Caldas (1990, p. 56),

O futebol havia ganhado dimensões tão grandes fora do campo, que tornaria inviável a manutenção do amadorismo. Os interesses econômicos, políticos e

sociais fizeram, do futebol amador, a romântica imagem de um passado que parecia tão distante (tal foi a velocidade que o futebol amador caducou), mas que, na realidade, coexistia com aquela realidade, ou seja, o amadorismo existia e não ao mesmo tempo.

O sociólogo do esporte Rodrigues (2003) defende a ideia de que a fase do início do profissionalismo, datada, na literatura oficial, como de 1933 a 1950, é caracterizada pela regulamentação do futebol como profissão, por meio da legislação social e trabalhista do governo Getúlio Vargas (1930-1936). Na verdade, o contexto favorecia os trabalhadores em geral, pois se tratava de um momento em que o presidente Getúlio Vargas criava vários benefícios trabalhistas e sociais (RODRIGUES, 2003).

Com a Revolução de 1930 e a chegada ao poder de Getúlio Vargas, os estados da federação passaram a ser governados por interventores nomeados por ele. Em Mato Grosso assumiu a interventoria Antonino Mena Gonçalves, que administrou Mato Grosso num período conturbado, substituído em Cuiabá por Leônidas Antero de Matos e, em Campo Grande, por Vespasiano Barbosa Martins (SIQUEIRA, 2017, p. 198).

Para Campos ([1983?], p. 51), em Mato Grosso, assim como no Brasil, não foi diferente. Nos anos de 1939 e 1940, campeonatos não foram realizados, talvez por tratar-se de um período de transição. No entanto, foi percebida uma certa desorganização, proporcionando o aparecimento de entidades improvisadas e de precária duração. A disputa dos campeonatos só retornou em 1941, com o torneio de abertura marcado para 17 de agosto e o início do campeonato para o dia 24 do mesmo mês. Inscreveram-se para essa temporada Mixto Esporte Clube, Clube Esportivo D. Bosco, Americano F. C. e Paulistano F. C. O torneio foi realizado com partidas de 24 de agosto de 1941 a 16 de novembro de 1941, sagrando-se campeão o Americano F. C. e o C. E. D. Bosco sendo o segundo colocado dos jogos denominados de Torneio de Abertura do Campeonato de 1941 (CAMPOS, [1983?], p. 51).

Ainda segundo Manoel Soares Campos ([1983?], p. 45),

[...] com a diminuição dos clubes que disputaram o campeonato de 1938, acarretou sensível diminuição de jogos oficiais e, [...] ainda havia a sobrecarga da manutenção da praça de esportes. Nossos compromissos se avolumavam, e, as dificuldades na obtenção de recursos, não eram menores. [...] e depois com o advento do Estado Novo o esporte foi oficializado, ficando, portanto, sob orientação do Estado. [...] com isso o interventor baixou o Decreto-Lei nº 314 de 16 de novembro de 1939 fazendo reverter o domínio para o estado a área doada em 1936, acessórios e benfeitorias mediante a indenização de 50:000\$000 [...] tendo nossa diretoria, com recursos pessoais, coberto a diferença. [...]. Entretanto a praça de esportes continuava intacta e permitida as práticas esportivas com a continuação de jogos amistosos.

Em 1940, já havia notícias, em jornais da cidade de Cuiabá, da existência do Clube Estudantino, disputando com 16º B. C novos confrontos, no Estádio do Bosque: “[...] mais uma excelente partida entre os quadros do novel do Clube Estudantino e do 16º B.C. que, no primeiro _match‘ empataram de 4 x 4! (DISPUTA, 1940).

Em outra notícia, o jornal anunciava a preparação para disputar jogos em Campo Grande (MT):

Escalado definitivamente o quadro do Clube Estudantino que irá a Campo Grande para disputar diversas partidas de –foot-ballll e, –wolley ballll, com os quadros de estudantes local. Os jogadores escalados foram: Pires, Marinho, Corrêa, Guia, Preza, Darcy, Totozinho, Nascimento, Herman, Cajabi, Pequenino, Salgado, Mongote, José de Carvalho, Curvo, Pery e Donizette (ESCALADO, 1940).

Em Cuiabá (MT), depois surgiu o Paulistano, de Manoel Carlos Pereira, em que se destacava João Garimpeiro, grande *center-half*, e Totozinho, exímio dominador de bola, sagrando-se o Paulistano como o primeiro campeão estadual mato-grossense de futebol, em 1943, e depois bicampeão, em 1944.

Conforme jornal da época, em 1941 foi empossada a nova diretoria do Paulistano Futebol Clube:

[...] em sessão na Praça Moreira Cabral, nº 7, nesta cidade, realizou-se [...] a solenidade de posse da diretoria do Paulistano Futebol clube conforme notícia o Estado, acompanhando o movimento que se opera atualmente em nosso meio esportivo, propõe-se a cooperar para o ressurgimento na —Cidade Verde!, do popular futebol.

[...] sendo a diretoria empossada a seguinte: Presidente – Amarílio José de Brito, Vice-presidente – Reinaldo Gonçalves, 1º Secretário – Arthur Santana Zeferino, 2º Secretário – Eurípedes França, Tesoureiro – Benedito João de Siqueira, Orador Oficial – Artur Cursino da Silva, Comissão fiscal: Afonso dos Anjos, Flory da Silva Pinto e Luiz do Nascimento. O Estado congratulou-se com o Paulistano Futebol Clube que inicia de fato, uma nova fase de atividade, tendo por escopo o engrandecimento do esporte cuiabano ((EMPOSSADA, 1941, p. 7).



Figura 10 – Americano Esporte Clube, 1947

Da esquerda para a direita, em pé: a Rainha Lenir do Couto, Gonçalo, Geraldo, Zé Bispo, Clóvis, João Pedroso, Neco e Florizel. Agachados: Juquinha, Hélio —Xixal, Bugrinho —Cinturão, Fernando Fontes e Hermínio Fontes. Acervo de Glauco Marcelo

O Americano, em Cuiabá, nascera com o nome de América, com a diretoria presidida pelo Dr. Eurico Saraiva, tendo por companheiros, entre outros, o engenheiro José Garcia Neto, mais tarde governador do estado de Mato Grosso (1975-1979). O clube cresceu, inclusive trocando de sede: a princípio localizado na Avenida Prainha, atualmente Tenente Coronel Duarte; e, depois, no Campo d'Ourique, atual Praça Moreira Cabral. Entre outros, salientaram-se como jogadores Pequenino, Ágabo, Zé Neguinho, Dendem, Lúcio, que outro não é senão o dentista Lúcio de Almeida (O AMERICANO, 1941, p. 7).

O mesmo jornal, na mesma data, anunciava que

O Americano Treina Hoje – Preparando-se para o jogo decisivo da –Taça Dr. João Ponce de Arrudal, a direção esportiva do Americano E. C. realizada hoje às 16 horas, um ensino de seus –players, no estádio do Bosque, solicitando por nosso intermédio o comparecimento de todos os seus amadores. [...] Amanhã, o ensaio do D. Bosco – Os amadores do C.E. D. Bosco, que anseiam também, pelo jogo decisivo do Troféu instituído para o –melhor de três com o Americano, treinarão amanhã, quarta-feira, no Bosque às 16 horas (O AMERICANO, 1941, p. 7).

Em seguida, foi escalado o quadro do Clube Estudantino que iria a Campo Grande.

O simpático Clube do Estudantino, está em preparativos para a temporada na cidade sulina de Campo Grande, onde irá disputar diversas partidas de foot-

ball e —wolley ball, com o quadro dos estudantes locais. Os jogadores escalados são: Pires, Marinho, Corrêa, Guia, Preza, Herman, Cajabi, Pequenino, Salgado, Mingote, José de Carvalho, Curvo, Pery e Donizete (ESCALADO, 1940, p. 1).

Segundo Campos ([1983?], p. 57), em fins de 1941 retornaram as disputas intermunicipais, muito inferiores às anteriores e cujos jogos foram disputados por meio de encontros entre os seguintes times de futebol mato-grossense:

Primeiro encontro, em 14 de dezembro de 1941

MUNICÍPIOS MATO-GROSSENSES	TIMES DE FUTEBOL
VÁRZEA GRANDE	AMERICANO (2º QUADRO) 0 PRELIMINAR
POXOREO	AMERICANO (principal)
Alírio, Dito, Chupapaia, Lauro, Nonô, Cabobló, Paulo, Malheiros, Ventura, Nenê, Augusto.	Benedito, Caboclo, João Corrêa, Preza, Pinto, Maiolino, Avelino, Pequenino, Agabo, Fernando, Hermínio.

Juiz: Ranulpho Paes de Barros. Vencedor: Americano (2 a 0).

Segundo encontro, em 21 de dezembro de 1941:

JUVENTUDE 5 X 2 VÁRZEA GRANDE (preliminar)

POXORÉO	MIXTO ESPORTE CLUBE (principal)
Alírio, Dito, Chupapaia, João, Lauro, Cabobló, Evaristo, Gaúcho, Ventura, Nenê, Malheiros.	Dualib, Carneiro, Darci, Castro-Dorival, Zeneves, Ribeiro, Bastos-Castro, Dionísio, Oliveira, Mingote, Ângelo.

Juiz: Benedito de Carvalho. Vencedor: Poxoréo (2 a 1) (CAMPOS, [1983?], p. 57).

Nas memórias de Manoel Soares Campos ([1983?], p. 52), encontramos uma dedicação maior para a preservação da memória do futebol de Mato Grosso entre os anos de setembro de 1935 a dezembro de 1941. No entanto, ele registra também que:

Isso não significa que outros esportes não fossem praticados em Cuiabá, tais como o Tênis, Voleibol e Basquete eram praticados na quadra de esportes do Mixto Esporte Clube; na quadra do Esporte Clube Pelote, construída por Manoel Pereira Cuiabano (Seo Maneco), em terreno de sua propriedade, na Praça da Boa Morte. Praticavam esses esportes: Mixto Esporte Clube, Esporte Clube Pelote, Juvenil A. C. e Esporte Clube Garoto (CAMPOS, [1983?], p. 52).

Foi também no ano de 1950 que Cuiabá recebeu, em 14 de junho, uma equipe profissional de futebol, denominada Madureira do Rio de Janeiro, conforme noticiou o jornal *O Estadão*, em suas páginas:

Pela 1ª vez um quadro de profissionais em Cuiabá – O ótimo conjunto do Madureira, do Rio, esperado hoje nesta Capital, medirá forças, domingo, no gramado do Bosque, com o Mixto E. Clube, tri-campeão da cidade. Reina em torno da inédita exibição, grande entusiasmo do público esportivo da Cuiabá (TENUTA, [2020?]b, p. 189).

O futebol profissional, no Brasil, data da década de 1930, conforme relata a literatura especializada (AIDAR; LEONCINI, 2000; CALDAS, 1990; GOUSSINSKY, 2006; RODRIGUES, 2007). Podemos afirmar que a implantação do profissionalismo, em 1933, teve duas funções importantes: (a) reduzir o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior; e (b) tornar as equipes e competições mais competitivas, ao permitir a entrada de jogadores negros e pobres (AIDAR; LEONCINI, 2000, p. 51-52).

Vamos, a partir de agora, tratar mais detalhadamente como se deu o processo de profissionalização, tardio, do futebol no estado de Mato Grosso, pois esse é um dos objetivos da nossa tese.

Segundo o estudioso do futebol de Mato Grosso Tenuta ([2020?]c, p. 119),

[...] a profissionalização do futebol em Mato Grosso foi discutida praticamente durante todo o ano de 1967. Porém, em publicação do jornal —o Tribuna Liberall, em sua edição de 13 de setembro de 1964, o assunto já vinha sendo tratado conforme: —Profissionalismo em Marcha – A FMD está interessada em adotar o profissionalismo no futebol mato-grossense. Os mentores da entidade estão em franca movimentação. A atualização dos Estatutos é o ponto inicial dos trabalhos. O estudo visando a esta modificação já foi iniciado. Espera-se que a conclusão dos estudos venha ocorrer brevemente.

No mesmo jornal, agora em edição de 1967, o radialista esportivo Edipson Morbeck noticiava que continuava trilhando o árduo caminho da luta pela profissionalização do futebol mato-grossense informando:

Cuiabá recebe da FMD, as primeiras providências para se –profissionalizarll. Profissionalismo que vai dar sem sombras de dúvidas maior acesso aos Estádios. 3 Clubes sentiram a necessidade premente de se Profissionalizar, Mixto, Operário e D. Bosco, potencias indiscutíveis em —patrimônio! e potencialidade garantida, futebolisticamente falando. Vários são os homens que merecem agradecimento pelo muito que fizeram e pelo que estão fazendo em benefício do esporte em nossa cidade, dentre eles os saudosos Armandio Cândia, Danglars Cavarros, Ivan Paes de Barros e muitos outros, os que ainda estão convivendo conosco pelo mesmo ideal Antonio Pires de Miranda, Gastão

Muller, Estevão Torquato, Ranulpho Paes de Barros, Lenine Póvoas e centenas de nomes que merecem de nossa parte os efusivos respeitos e agradecimentos, os da nova guarda Eurides Curvo, Caraciolo Azevedo, Luiz Vidal, Rubens Vuolo, João Neves, Ronaldo Fernandes, João Bonifácio e o conciliador e homem de visão esportiva extraordinária que é o Tem. Cel. Hélio Jesus da Fonseca (TENUTA, [2020?]c, p. 120).

Como vimos, o regime profissional foi implantado no Mato Grosso três décadas depois da sua implantação nos estados do centro político-econômico do país, o que reforça a ideia de que existiu um atraso no desenvolvimento do futebol local, algo que se deu em outras esferas da vida social, econômica e cultural de Mato Grosso.

Para a professora Sarita Baracat de Arruda, o profissionalismo no futebol mato-grossense nasceu com o coronel Jesus da Fonseca e o seu irmão Rubens dos Santos, fundador do Ceov, em 1º de maio de 1949; mas, ele só se solidificou no campeonato cuiabano em 1958.

O coronel Hélio Jesus da Fonseca, comandante do 16º BC, foi quem criou o campeonato profissional. Depois veio a eleição da diretoria e eu fiquei 15 anos como primeira secretária. Ninguém deixava eu sair porque quem é que ia lavar a roupa do uniforme? Eu que lavava as camisas e calções. Nessa época do Operário que conheci o Emanuel. Nós jogávamos no campo do Colégio Estadual. Nessa época, o campeonato era amador. Lá que era os jogos do amador. Depois é que veio o futebol profissional. Mamãe falava: —Sarita não lava a roupa dela e agora vive lavando calções e meias de jogador! Era gostoso, eu vestia a camisa do Operário. Era uma diversão, era só alegria, todos os domingos eu levava uma torcida. Os jogadores dessa partida foram: Benedito Sapateiro, Assis, Ciro, Rubens dos Santos⁴⁰, Caetano, Boava – Álvaro Rodrigues de Moraes, (autor do gol), Simão (Cháfia), Alberto (Gonçalo), Lindolfo e Nono —Sapateiro!. O primeiro presidente do Operário foi o Senhor Luís Vitor da Silva. Luís tinha na retaguarda Joaquim Santana Rodrigues, Lamartine Pompeo de Campos, Oldemar Pereira, Mestre Dario, Manuel Mendes de Oliveira e Manuel Santana. Sarita Baracat concluiu esse depoimento cantando o hino oficial do Clube Operário de Várzea Grande, uma composição do poeta Benedito Santana da Silva Freire e do seu irmão Rubens dos Santos: Reparem como é bonita, esta camisa, vermelho, branco e verde. O vermelho representa nossa garra. O branco nossa paz é nossa sorte, O Verde, simbolizando, nossa esperança na grandeza do esporte.

O nosso time é mesmo bom de bola, E a torcida se inflama quando vê o tricolor. O nosso time é verdadeira escola, verdadeiro campeão, com seu rolo compressor.

Operário, várzea-grandense, time do meu coração. Operário, operário, tem fibra tem valentia, tem tudo de campeão. Operário, operário, tem fibra tem valentia, tem tudo de campeão.

—Foi nesse período que conheci Emanuel. Comecei a namorar mais ou menos em 1958. A paixão nasceu junto com o esporte, lembra. Sarita foi eleita secretária do clube esportivo Operário de Várzea Grande, no período de 1951 a 1959. Foi diretora do Santo Antônio Esporte Clube. Membro do conselho fiscal da liga de futebol amador de Várzea Grande (Lifav) e diretora da secretaria da ⁴⁰Rubens dos Santos era irmão da ex-prefeita Sarita Baracat de Arruda e tio do ex-deputado Ernandy Maurício Nico Baracat.

Federação Mato-grossense de Desporto, na gestão de Ranulpho Paes de Barros. —Quando fui prefeita de Várzea Grande eu era presidente de honra do Operário, de 1967 a 1969 e, tornei-o tricampeão, recorda Sarita (BARRETO, 2017b, p. 195).



Figura 11 – Sarita Baracat. Arquivo de família | BI C&C

<p>Consórcio Tecidos Líder da preferência popular A Loja Azul e Branca de sua economia Vantagens excepcionais OFERTAS REAIS Consórcio Tecidos Têm Bons Preços para você RUA GALDINO PIMENTEL N.º 33</p> <hr/> <p>Rádio Cultura</p> <p>Promove a grandeza do Esporte</p> <p><i>A melhor equipe</i> <i>O melhor som</i></p> <p>Comprove e verá <i>Somos muito mais equipe</i></p>	<p>ZYX-22 - 1.300 ZYX - 30 - 5.055</p> <p>Rádio Cultura Cuiabá A FAIXA QUENTE DA CIDADE</p> <p>Oferta do seu Departamento de Esportes</p> <table border="0"> <tbody> <tr> <td>Ivo de Almeida</td> <td>— Narrador</td> </tr> <tr> <td>Emerson C. de Mattos</td> <td>— Comentarista</td> </tr> <tr> <td>Jair Figueiredo</td> <td>— Repórter</td> </tr> <tr> <td>Altair Silva</td> <td>— Repórter</td> </tr> <tr> <td>Eden Costa</td> <td>— Repórter</td> </tr> <tr> <td>J. Avelino</td> <td>— Plantão Esportivo</td> </tr> </tbody> </table> <p>Equipe campeã de audiência Vibração - Critério - Independência</p>	Ivo de Almeida	— Narrador	Emerson C. de Mattos	— Comentarista	Jair Figueiredo	— Repórter	Altair Silva	— Repórter	Eden Costa	— Repórter	J. Avelino	— Plantão Esportivo
Ivo de Almeida	— Narrador												
Emerson C. de Mattos	— Comentarista												
Jair Figueiredo	— Repórter												
Altair Silva	— Repórter												
Eden Costa	— Repórter												
J. Avelino	— Plantão Esportivo												

Figura 12 – Tabela do 1º Campeonato de Profissionais – frentel. (TENUTA, [2020?c], p. 124).

Consórcio Tecidos - Consórcio Tecidos - Consórcio Tecidos - Consórcio Tecidos - Consórcio Tecidos

Tabela do primeiro campeonato cuiabano de profissionais

PRIMEIRO TURNO - CALENDÁRIO 1967

O U T U B R O		N O V E M B R O	
08 Dom. — Operário	1 x 1 Riachuelo	16 5a. f. — S. Cristovão	x Palmeiras
12 5a. f. — D. Bosco	4 x 1 S. Cristovão	19 Dom. — Riachuelo	x Mixto
15 Dom. — Mixto	7 x 1 Boa Vista	23 5a. f. — S. Cristovão	x Operário
19 5a. f. — Operário	2 x 1 Palmeiras	26 Dom. — Palmeiras	x D. Bosco
22 Dom. — Mixto	7 x 0 S. Cristovão	30 5a. f. — S. Cristovão	x Boa Vista
26 5a. f. — Palmeiras	1 x 2 Riachuelo	D E Z E M B R O	
29 Dom. — Mixto	3 x 0 D. Bosco	03 Dom. — Palmeiras	x Mixto
N O V E M B R O		07 5a. f. — Boa Vista	x Riachuelo
1.º 5a. f. — Boa Vista	2 x 1 Palmeiras	10 Dom. — D. Bosco	x Operário
05 Dom. — Riachuelo	x S. Cristovão	14 5a. f. — D. Bosco	x Boa Vista
09 5a. f. — Boa Vista	x Operário	17 Dom. — Operário	x Mixto
12 Dom. — Riachuelo	0 x 2 D. Bosco		

Rádio Cultura - Rádio Cultura - Rádio Cultura - Rádio Cultura - Rádio Cultura - Rádio Cultura - Rádio Cultura - Rádio

Figura 13 --Verso da tabela. (TENUTA, [2020?c], p. 125).



Figura 14 --Riachuelo, em 1967. Da esquerda para a direita. Em pé: Vilas, Meira, [?], Carmelindo, Amarando, [?] e Adilio. Agachados: Cláudio, Gijo, Brito, Lulu ‘Pé-de-Galinha’ e Paquinhal. (TENUTA, [2020?c], p. 126).

João Mussa foi goleiro do Bariri, do Operário e do Santo Antônio, em 1948, que se tornou imbatível entre os da mesma categoria que disputavam os campeonatos da Liga de Futebol Várzea-grandense. Há registros de que o Bariri (VG) disputou acirradas partidas com o Ceov, este já com *status* de profissionalizado.

Percebe-se que o período do profissionalismo no futebol de Mato Grosso coincide com o seu momento de auge, com maiores públicos nos estádios, especialmente no Verdão.

Os estados de Mato Grosso e Goiás, entre as décadas de 1940 a 1960, tornaram-se praticamente em caminhos para mascates, em decorrência dos garimpos dos municípios mato-grossenses de Barra do Garças, Alto Garças, Guiratinga, Itiquira e Poxoréo.

Com a profissionalização do futebol em Mato Grosso, foi marcado o Torneio denominado Início, a partir de 1º de outubro de 1967. Sobre a fundação da federação com o objetivo de organizar e gerenciar o futebol em Mato Grosso, segundo Sarita Baracat de Arruda, foi na década de 1940 que foi feita a campanha para se investir no Ceov e que surgiu o futebol profissional em Mato Grosso. -Logo depois ficamos fazendo as promoções lá na sede, para investir no Operário. Ainda era amador, depois entrou no campeonato estadual. O coronel Jesus da Fonseca, comandante do 16º BC, que criou o campeonato profissional (ARRUDA apud BARRETO, 2017b, p. 195).

Essa assertiva também é confirmada pelo jornalista e radialista Lino Pinheiro, quando diz que: -o profissionalismo no futebol nasceu com Rubens dos Santos, no Operário de Várzea Grandel (PINHEIRO, 2019).

A profissionalização do futebol mato-grossense ocorreu sobretudo em 1967, por meio da iniciativa dos jovens dirigentes Rubens dos Santos, Ranulpho Paes de Barros, Macário Zanacape, João de Deus, Silva Freire, Francisco de Assis, entre outros esportistas. Nessa época, os clubes já disputavam as partidas de futebol no Estádio Presidente Dutra, inaugurado em 1953. O coronel Hélio de Jesus Fonseca foi escolhido o primeiro presidente da FMD. O primeiro campeão da era do profissionalismo foi o Ceov, o Chicote da Fronteira, presidido pelo habilidoso e astuto desportista Rubens Baracat dos Santos, o Velho Guerreiro. O Ceov ganhou novamente o segundo campeonato disputado de forma oficial (MELLO, 2017).

Ainda a respeito do tema da profissionalização do futebol em Mato Grosso, o jornalista Ilarino Macedo Filho (2019) concorda com a afirmação de Sarita Baracat de Arruda e de Lino Pinheiro de que o referido período do profissionalismo do futebol tem como precursor Rubens dos Santos, do Ceov.

O futebol profissional em Mato Grosso surgiu em 1967, capitaneado pelo ex-presidente do time do Operário, Rubens dos Santos Baracat. E o Operário foi o introdutor e o campeão do primeiro time profissional do Estado. [...] O futebol cuiabano lá pelos idos dos anos de 35 e 36, quando começou a ganhar uma nova roupagem com Manoel Soares de Campos, pai do ex-governador Frederico Campos, era um farmacêutico que era apaixonado pelo futebol e trouxe do Rio de Janeiro todos os movimentos que levaram o nosso futebol a um crescimento. Isso por causa da organização. Ele foi presidente do Esporte Clube Comércio. Como presidente, ele entendeu a necessidade de se construir um estádio, e o time deu início à construção de um estádio na avenida Poconé, hoje Avenida Getúlio Vargas, onde está o Colégio Liceu Cuiabano. Aquele estádio, hoje Escola Maria Arruda Muller, foi construído na gestão de Manoel Soares Campos enquanto presidente do time. Quando eles começaram a construir o estádio do Comércio, seu estádio próprio e um detalhe: o governador doou a área e consta que se o time se dissolvesse, devolveria a área para o Estado, tanto é que o campo e entorno pertence ao Liceu Cuiabano. Com a organização do time do Comércio, criou-se a Liga Esportiva Cuiabana, LEC, que posteriormente, com crescimento do primeiro campeonato em 36 e posteriormente todo o desdobramento com o surgimento da Federação Mato-grossense de Desportos, que nem congregava ainda o futebol profissional, mas ela alimentava uma competição rigorosamente. Já com a criação da Confederação Brasileira de Futebol, com a extinção da Confederação Brasileira de Desportos, houve necessidade de todas as federações criarem no mesmo sentido e houve a Federação Mato-grossense de Futebol. Bom lembrar que esportes como basquetebol, vôlei, natação e futebol de salão eram todos ligados à Federação Mato-grossense de Desportos. Criada a FMF, eles tiveram que sair, pois era dividida em departamentos de vôlei, basquetebol e natação, por exemplo, e eles criaram suas próprias federações. (MACEDO FILHO, 2019).



Figura 15 – Evento do Mixto Esporte Clube.
Da direita para a esquerda: Clóvis Pitaluga, Edgar, Ranulpho, Altair de Matos,
Vicente Vuolo, Maria Siqueira, Avelino H. Siqueira.
Acervo: Ranulpho Paes de Barros. Rep. Ricardo Carracedo | C&C

O jornalista Macedo Filho (2019) destacou, em seu depoimento, uma fase do futebol em Mato Grosso que ainda não foi contada por pesquisadores sobre futebol e nem escrita pelos historiadores ou especialistas da área. É perceptível que a fase do profissionalismo no futebol mato-grossense vem sendo afirmada e testemunhada por meio de depoimento oral, uma vez que não existe um documento oficial relatando esse período. Esse fato justifica esta tese, pois pretendemos contribuir com essa lacuna na literatura acadêmica sobre os estudos acerca do futebol em Mato Grosso.

Outra importante colaboração para o profissionalismo do futebol em Mato Grosso, em 1967, foram as campanhas efetuadas junto à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), pelo radialista Ivo de Almeida. Junto com os repórteres Laércio de Arruda e Lino Pinheiro, o trio integrava a equipe da Peteca, da Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá.

Presidiram a FMD, entre outros, Alexandre Addor Filho, Crescêncio Monteiro, Álvaro Migueis, José Monteiro de Figueiredo, Lenine de Campos Póvoas, Ranulpho Paes de Barros, Otyles Moreira da Silva, Hélio de Jesus da Fonseca, Gastão de Mattos Muller, Macário Zanagape Filho, Herman Dutra Pimenta, Agostinho Dias Dorilêo, Agripino Bonilha Filho, Levi Rodrigues do Prado, Júlio José de Campos, Carlos Orione, Lourival Nunes de Barros (SILVA, 2009b).

Ronaldo Helal (1997, p. 41-50) argumenta que o dilema entre amadorismo e profissionalismo configura-se como um dos temas relevantes da sociologia do esporte e indicador de uma das muitas crises pelas quais passou e passa o futebol brasileiro.

Sobre essa fase de transição entre o futebol amador e o futebol profissional, que sempre andaram juntos na história do futebol em Mato Grosso, Almeida (2019) assim testemunha:

A gente ganhava uma gratificação, mas não resolvia problemas. No profissionalismo, tinha época que ganhava 5 mil reais para renovar o contrato e ganhava 300 por mês para dar manutenção em sua família. Só que o dinheiro era mais valorizado na época. Só que hoje o pessoal ganha 70 mil reais. E olha que não estou assim com essas pessoas. Vi um rapaz falar que ganha 50 mil para jogar no Mixto, mas isso é muito dinheiro para jogar no nosso futebol. Veja o time do Flamengo, tem gente ganhando 2 milhões. É muito dinheiro e pouco futebol. [...] Olha, do amador, na minha época, era reduzido. Os bairros eram o Distrito do Coxipó, Baú, Lixeira, Goiabeira, Cai Cai e Porto. Tínhamos mais de 12 clubes e tinha revelação todo ano. Ninguém ganhava nada, mas todo mundo queria jogar no profissional do Mixto, Operário e Dom Bosco. Hoje, temos mais de 250 bairros na nossa cidade e perguntei para um amigo que é professor de Educação Física e perguntei por que temos mais bairros e menos revelações. Ele falou que tem, mas eles não querem jogar no profissional. Esse jogador ganha 200 a 300 para jogar num time e vai para o churrasquinho depois.

E joga no domingo e ganha o mesmo. Por que esse rapaz vai querer jogar no Mixto e Dom Bosco sem receber? [...] A relação que tínhamos era das melhores possível. Entrávamos no grupo e tinha respeito. A gente disputava um campeonato por um time e sabia que no outro ano poderia estar jogando com o seu adversário. [...]. Tenho um fato que me marcou muito no futebol. É até uma fotografia histórica, pois temos cada um com sua religião, sua fé. Deus é um só, mas existe o católico, o espírita, o macumbeiro, o evangélico. Num jogo do Dom Bosco, no aniversário de 250 anos de Cuiabá, o nosso ponta-esquerda era o Arnon. E o Arnon era evangélico. E estávamos concentrados numa chácara no Coxipó de um cidadão mixtense. A gente treinava no campo do Adauto Botelho. O Dom Bosco estava concentrado no campo dos padres, quer era acima de nós. Aí tínhamos as crenças. Um fazia congá, outros faziam suas rezas. Lá de cima, soltaram uma cuia com vela e essa cuia com vela desceu e um dos evangélicos, que era o Arnon, foi mexer com o que não devia. Se ele não acreditava, não precisava mexer porque tem gente que acredita. Eu nunca fui de mexer com essas coisas. Disse que não daria nada, mas foi um dos falecidos nossos, o Severino e disse que ele não teria coragem de pegar de novo e ele pegou. Na decisão do campeonato, não deu nem 15 minutos e ele levou uma pancada na cabeça, cortou cabeça, no nariz e precisou ser atendido pelo médico, Dr. Fábio Firmino Leite. Próximo jogo, que era decisão mesmo, para valer quem ficaria com a taça, ele não pôde participar. E ficou de fora da foto histórica. Se você não acredita, tudo bem, mas não precisa desrespeitar. Se você olhar aquela foto na parede, você vai ver o Navio que jogou na final e ele ficou de fora. É como eu disse no início, você respeita para ser respeitado. É algo histórico que ficou (ALMEIDA, 2019).

O entrevistado destaca a condição precária do futebol profissional praticado mesmo atualmente em Mato Grosso, especialmente as dificuldades que os times tradicionais (Operário, Mixto, Dom Bosco) enfrentam de manter jogadores profissionais, visto que existe um amadorismo marrom em Cuiabá. O futebol amador, os campeonatos das ligas dos bairros pagam aos atletas para disputar partidas, sem exigir a mesma disciplina, do atleta, que o futebol profissional exige. Além do fato de que, muitas vezes, os atletas são contratados pelos times profissionais e acabam não recebendo seus salários.

Almeida (2019) rememora a história do futebol amador e profissional na cidade de Cuiabá. Relembra que, antes, muitos jogadores gostariam de jogar no futebol profissional, num período em que o dinheiro era muito pouco. Afirma que, hoje, muitos dos meninos gostam de futebol e preferem jogar em sua cidade natal. Sobre o futebol e a religiosidade, é comum ouvirmos que –futebol e religião não se discutem. Almeida (2019), ex-jogador, ainda está vivo para testemunhar e registrar essa história oral. No entanto, percebemos que ambos podem ser tranquilamente confrontados, a partir do momento que passam a fazer parte de um mesmo ambiente.

Na história dos jogos, sempre a fé esteve muito ligada a jogadores, torcidas, comissão técnica e outros atores daquele ambiente. Daí a frequência das menções a santos de devoção, o uso de terços e outras imagens ao redor das redes dos goleiros ou pendurados ou tatuados nos corpos dos jogadores, hoje ainda mais frequente do que no período testemunhado por Almeida (2019). É sabido que existe uma relação estreita entre futebol e religião no Brasil, tema abordado por DaMatta (1982) e Helal (1990).

Em Mato Grosso e no futebol brasileiro, como um todo, práticas de religiosidade são testemunhadas cotidianamente no futebol. Bruno Grassi, goleiro do Grêmio (RS), é um dos muitos atletas que buscam aliar essas questões.

—Sou evangélico e procuro orar praticamente todos os dias, e em dia de jogo, peço para que ninguém se machuque e que Deus abençoe meu trabalho e da minha equipe, afirma o arqueiro [Bruno Grassi]. O caso mais recente que gerou divergência de opiniões foi o do goleiro Vitor, do Londrina (PR), que acabou deixando o clube – e recusando proposta de uma equipe da série A – após fazer algumas exigências à direção devido à sua crença. O guarda-metas segue o Adventismo, que não permite trabalhar, estudar ou fazer festividades no sábado, o que inviabilizaria a carreira do atleta como jogador profissional. Dunga, reprovou uma reunião religiosa entre um pastor e seus jogadores no ambiente da concentração, e gerou discussão entre esportistas de todo o país. Para Diogo Barcelos, ex-Internacional – atualmente no Tupi (RS) – esse tipo de atividade não é prejudicial, já que não interfere no rendimento do atleta em campo. —Não vejo problema em ter reuniões nos dias de concentração, pois é um momento que a pessoa apenas está expressando a sua fé. Na maioria dos clubes que tive passagem tinha esse tipo de reunião, explica o jogador. Apesar das individualidades, ao redor do mundo também existem vários times que tem relação com alguma religião, podendo citar o San Lorenzo, Southampton, Spurs, Ajax, Celtic, Rangers, entre outros. O que se pode afirmar é que a fé e o esporte sempre estiveram ligados, mas nunca tão próximos como hoje (BORBA; SILVEIRA, 2016).

Na história do futebol mato-grossense, vários clubes continuaram a se formar, como é o caso do Esporte Clube XV de Novembro, uma agremiação da cidade de Cuiabá, com sua sede localizada no bairro do Porto. O clube alvirrubro disputou os campeonatos mato-grossenses de 1956 a 1965, organizados pela FMD. Nessa época, só participavam desses campeonatos clubes de Cuiabá e seu entorno, havendo outros campeonatos citadinos com a mesma importância em Corumbá e Campo Grande, por exemplo. O Alvirrubro da Lagoa foi

Fundado por *Benedito do Nascimento*, popularmente conhecido por Nhôzinho, revelou alguns jogadores que passaram a integrar a seleção mato-grossense. Homem dinâmico, ativo e alegre, *Nhôzinho* também presidiu por quatro anos o *Palmeiras Esporte Clube*, conhecido como *Palmeirinha do Porto*. Os dois times formados por jovens da região do bairro do Porto (MELLO; IELO; SANTOS, 2015).

Também foi testemunha do futebol mato-grossense das décadas de 1950 e 1960 Althair Caetano da Silva, jogador de futebol, mais conhecido como Fião:

Mais ou menos 1959, 60. Fiquei jogando no Dom Bosco muito tempo. Fui campeão em 1963. Terminou o campeonato e o Rubens dos Santos, lá de Várzea Grande, me convidou para ir para o Operário. Fui em 63. Joguei em 64, fui campeão umas três vezes consecutivas. Encerrei a carreira em 70, no Operário, quando fui substituído pelo Bife. Aí fui para o Dom Bosco, onde encerrei minha carreira, mas joguei no Pantera do Leste com o Pedro Lima, ex-deputado. Em Alto Araguaia, fui para Jataí, joguei no Jatainense, depois voltei e encerrei a carreira em 1970. Sempre jogando como centroavante, camisa 9, matador. [...]. Ser jogador naquela época era melhor. Era muito melhor. O futebol era mais pesado, violento, mas tinha mais jogadores de futebol melhores. Melhores jogadores passaram aqui por Cuiabá. Não tinha dinheiro. Era só mesmo para satisfazer a vontade de jogar. Para não falar que não ganhei nada, eles faziam um vencimento para mim. Eu era casado, mas sempre tinha uma profissão. No Operário deu para ganhar um dinheiro, mas era pouco. Não corria muito dinheiro. A cidade acompanha mais os jogos? Sim. Tinha jogo que a gente entrava com mais vontade. Era amador, mas jogávamos bem melhor que hoje. Hoje, o futebol é dinheiro. (FIÃO, 2019).

Fião (2019) relata momentos importantes no futebol mato-grossense, durante o período de sua atuação. Destaca a pouca circulação de dinheiro – ele contava com uma segunda profissão para prover o sustento de sua família e matar a sua vontade de ser jogador de futebol. Hoje essa condição mudou, com o provimento financeiro, aos clubes do futebol brasileiro, fornecido pelos patrocinadores, pelas premiações dos torneios de que eles participam e pelo resultado dos programas de sócio-torcedor, coisa que não havia naquela época, possibilitando aos clubes uma melhor condição socioeconômica para poderem gerir os seus negócios, no futebol. Esse mercado, hoje, é disputado pelos cartolas existentes no futebol e, ao mesmo tempo, incentiva bons jogadores a se tornarem melhores, com investimento na melhoria de seus desempenhos técnicos, fato este desconhecido por Fião (2019). Na época, o sucesso de um jogador se baseava na sua própria força, talento e saúde – a alimentação era precária e não se dispunha de profissionais especialistas para auxiliá-lo em seu condicionamento físico e mental. Essa força traduzida em violência é hoje banida pelo aparecimento do futebol-arte, do talento e do futebol técnico.

Sobre profissionalismo no futebol, o gestor de orçamento do estado do Mato Grosso, Édson Miranda, solicitou, em 1966, ao governador Pedro Pedrossian que destinasse uma verba aos clubes que disputavam o campeonato amador em Cuiabá, com o objetivo de incentivá-los a se tornarem profissionais. Em resposta, o governador determinou que assim o faria, porém agindo conforme determinava a lei:

Vamos fazer sim, sim! Prepare tudo direitinho e publique no Diário Oficial do Estado. Sem demora! [...] O anúncio do governo foi recebido com festas para o campeonato amador de 1966: São Cristóvão, Mixto, Dom Bosco, Americano, Paulista, Palmeiras e Operário de Várzea Grande, como convidado. Cada clube recebeu Cr\$ 20 mil. [...] alguns clubes investiram em seu patrimônio físico. O Dom Bosco ampliou suas piscinas na sede do Morro da Colina, enquanto o Mixto construiu sua sede na Avenida Presidente Vargas. [...] Édson Miranda, presidente do São Cristóvão, do bairro Araés investiu no time: tirou o goleiro Zé Rondonópolis, do Operário; Edmundo barriga, do Mixto; Pedro, do Palmeiras, do Porto; Airton, do Dom Bosco; foi buscar Edinho em Alto Araguaia e Valtinho em Rondonópolis e de quebra, para deixar os adversários de pernas trêmulas, trouxe ainda para o seu time Toninho, do Vitória da Bahia, e Dunga, do Sport Club Recife. A ideia de Édson Miranda e a decisão do governador Pedro Pedrossian de incentivarem o futebol profissional em Mato Grosso frutificaram. E como! Já no ano seguinte, graças ao empenho de Rubens dos Santos (Operário), Ranulpho Paes de Barros (Mixto), Joaquim de Assim (Dom Bosco), Macário Zenagape (Atlético Mato-grossense) e Agripino Bonilha Filho (FMF) era implantado o futebol profissional em Mato Grosso. (SEVERINO, 2011, p. 81).

O futebol compreende um rito festivo, de natureza cooperativa, um –tempo e espaço|| para fazer as multidões se misturarem, combinarem suas ideias e sentimentos, longas gerações acumularem suas experiências e saberes. Faz parte das –[...] representações coletivas, arquetípicas de forte densidade simbólica para a realidade dos povos, de incalculável impacto para o imaginário humano|| (MURAD, 1996, p. 66). Bonilha propõe ao governador Pedro Pedrossian um estímulo à prática do futebol por meio das cooperações e, ao mesmo, para proporcionar uma melhor sociabilidade entre clubes e jogadores.

Em depoimento a Duarte (2013), Fábio de Assis, neto de Joaquim Francisco de Assis, confia assim sobre a vida do seu avô:

[...] meu avô Joaquim de Assis passou por várias situações na vida, desde a falência da Empresa de Couro de seu pai Cláudio Metelo de Assis por causa da queda bolsa comercial de 1929, fato este que o Sr. Cláudio se encontrava na Argentina e por não conseguir vender a embarcação cheia de couro teve que jogá-los no rio porque vazio era mais barato e assim, veio a adoecer e consumir toda a sua riqueza em prol da saúde no que não conseguiu por muito tempo veio a falecer e deixar setes filhos onde o Sr. Joaquim de Assis tinha 07 anos de idade. Teve uma infância difícil depois de algum tempo passou para o concurso para ser Tabelião e com isso apesar de ficar responsável por um território ainda inóspito graças ao incentivo do governo federal de colonização do interior do Brasil conseguiu se alavancar e ganhar um bom dinheiro, com suas palavras nos relata que: Esse período meu avô se tornou um homem muito rico, ganhou muito dinheiro né, e, deu suporte a todos os filhos, estudos e tudo mais, fizeram o que podia ser feito, sempre ajudou todos os filhos, daí que já tinha cumprido sua missão dele, ele decidiu né, investir um pouco dessa grana que ele tinha ganhado na maior paixão dele né, tirando a família e Deus, era o Clube Esportivo Dom Bosco, foi quando ele fez excelente gestão, com um memorável time no ano de 1978, 1979. [sic] um time que é considerado até hoje, como um

dos maiores nomes, era Adilson, Fidelis e Barga, Mão de Onça, e com esse time aí ganhou muitas partidas [sic]. (ASSIS apud DUARTE, 2013, p. 40).

Ao relatar suas memórias sobre Joaquim de Assis e a história do futebol em Mato Grosso, o seu neto Fábio de Assis (apud DUARTE, 2013, p. 40) desenvolve a função de um velho e nos fornece o relato de uma vivência triste, percorrida pelo avô. Joaquim de Assis, após ter perpassado esses ciclos de vida, indo da falência do seu pai até atingir o alcance do tabelionato em Cuiabá, experienciou uma arte de lutar, na vida, pela própria sobrevivência e da sua família. Após atingir o sucesso, escolheu o futebol por um outro lado, o das emoções com as massas, do convívio coletivo, da paixão pelo futebol, para construir uma nova realidade para a sua vida, agora mais madura, aguardada desde os tempos de menino.

Fábio de Assis nos revela um re-fazer de Joaquim de Assis: -É reflexão, compreensão do agora a partir de outrora; é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição. [...] Com isto, refez a dignidade e o sentido da velhice memoriosa transcrevendo noutra linguagem o que foi recolhido dia a dia (BOSI, 1994, p. 20-21).

Agripino Bonilha Filho tomou posse na presidência da Federação Mato-grossense de Desportos na noite de 9 de outubro de 1969. Com direito a discursos, leitura de Ata de posse [...]. A posse aconteceu sob a luz de velas. É que a luz da FMD estava cortada fazia meses, por falta de pagamento, [...] a situação da FMD, cuja sede funcionava sob as arquibancadas do Dutrinha, era dramática. Bonilha encontrou com o governador Pedro Pedrossian por ocasião da Exposição Agropecuária de Cuiabá. [...] Aproximou do governador e disse baixinho: Pedro quero lhe mostrar uma coisa. Entre no meu carro [...] Pedrossian entrou no carro e o Bonilha o levou para ver a sede da FMF. E o que você vai fazer, Bonilha? Não sei – foi a resposta. Bonilha Filho sabia sim. No dia seguinte, Bonilha procurou o dono da empreiteira que estava ganhando as concorrências para as obras do governo e o levou a sede da FMF. [...]. As obras começaram logo, [...] pouco mais de seis meses estavam concluídas. [...]. Depois as mobílias. [...] Sete meses depois, Bonilha deu um jeito de levar até a sede o governador Pedro Pedrossian. Tudo nos trinques. Na sala da presidência uma foto oficial de Pedrossian; na dos troféus, a que antes parecia uma pocilga, a do presidente da então Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange. [...] Pedrossian entendeu. [...]. As obras foram pagas pela Codemat – Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso, na gestão de Gabriel Júlio de Mattos. [...] Pronto, tudo resolvido: a FMD estava com sede completa e novinha em folha e não devia a ninguém... (SEVERINO, 2011, p. 204).

Bonilha Filho precisava buscar ferramentas que pudessem dar um novo rumo ao futebol mato-grossense. E não pensou duas vezes. Valendo-se das boas relações com o governador, à época, planejou uma estratégia que deu certo.

O Vila Nova Sport Club é uma agremiação da cidade de Alto Paraguai. Fundado na sexta-feira do dia 3 de julho de 1981, tem a sua sede própria na Rua José Trindade, nº 372, no

Centro de Alto Paraguai. O Vila Nova disputou o Campeonato Mato-grossense da Segunda Divisão em 1990. Atualmente, o clube se dedica ao futsal. Sobre o futebol em Mato Grosso, os irmãos Gerson Lopes Dias e Vivaldo Lopes, lembram-no assim:

Quando chegamos em 74 de Alto Paraguai (MT), Gerson estava jogando no amador, dois anos depois já estava no Operário. Eu me profissionalizei, acabei não jogando. Na verdade, eu acabei me profissionalizando lá em Cáceres (MT), no Cacerense. Foi lá que eu comecei a jogar no profissional. Fui artilheiro do campeonato estadual jogando pelo Cacerense, fazendo 11 gols. Voltei para Cuiabá para disputar o campeonato brasileiro pelo Operário e, também, fui artilheiro do time com 11 gols no brasileiro. E isso foi em 79. Dois anos depois, já estava no Flamengo. Foi uma ascensão muito rápida do amador para um grande clube da elite, como o Flamengo. **Vivaldo** - Me deixe só fazer uma ressalva da rapidez com que o Gerson subiu do amador para um time grande. Eu digo isso porque acompanhei. A gente sofria junto. Ele foi campeão do amador jogando pelo Flamenguinho do Cidade Alta (Cuiabá), jogando com times como times de base do Mixto, Operário, Dom Bosco. Tinha um time aqui que era o Atlético. Ele se destacou como artilheiro jogando pelo amador com um time do Cidade Alta. E Gerson trabalhava no supermercado onde é a Secretaria de Cultura do Estado e, era o Moitará, antigo supermercado —Cecíliãl, no bairro Lava-pés, em Cuiabá. Ele jogava futebol amador num time da Emater⁴¹, que era onde eu trabalhava. Lá já tinha um rapaz que já era promessa do futebol e estava começando, o Nélio Ramos. E ele era muito jovem. Estava servindo o Exército ainda. O Gerson também era muito novo. Tinha uns 16 para 17 anos. Numa conversa da empresa, eu falei do Gerson. Disse que ele estava desempregado, pois o pessoal do supermercado que ele trabalhava está suspendendo as atividades. Eles me disseram para pedir ao Gerson para ir na casa de um colega, onde hoje é uma padaria, próximo ao 16 BC. Era para ele treinar por volta das 6 horas da manhã, pois ele iria treinar na antiga Codemat. Era, na verdade, no Cristo Rei, pois esse meu amigo ia treinar com o Operário. Quando era umas 6 horas da manhã, o Gerson acordou e foi a pé no treino, pois era pertinho e ele foi assim. Eu fui trabalhar. E voltei por volta das 6 horas e 6 e meia. A gente foi surpreendido por um carro na porta de casa. Era um dirigente do Operário. Acho que era o Alceu. Acho que tinha o Ubirajara e tinha o treinador Edivaldo Santana. Já estavam lá com uma espécie de contrato. Era para a gente assinar porque o Gerson era menor de idade. O que eu quero dizer com isso? Entre atleta amador, dormiu amador num dia, e foi dormir no outro dia, ele já havia sido apresentado a um clube, feito o treino físico pela manhã e um coletivo à tarde e à noite estava assinando o primeiro contato da vida dele. Na verdade, quem assinou foi meu pai, pois ele não podia ainda assinar porque tinha 16 anos. E eu estava vendo tudo isso. Foi algo muito meteórico. Depois de assinar o contrato, ele foi emprestado para o Cacerense. [...] Foi algo muito rápido. Um clube enorme, assustador. Eu saí de Alto Paraguai, uma cidade pequena. Em dois anos, você está no Rio de Janeiro, no Flamengo, próximo a jogadores que a gente conhecia pelo rádio. Não era nem pela TV, pois a gente não tinha. Foi algo assustador, mas foi algo muito bom para a minha vida profissional. Foi ano em que nós fomos campeões brasileiros pelo Flamengo pela primeira vez. Aí eu voltei para Mato Grosso. No mesmo ano, a gente foi

⁴¹ Atual Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer-MT).

também campeão estadual da Taça Cuiabá em 80. Foi o famoso jogo histórico no Verdão em que explodiram uma bomba no estádio. Ganhamos com dois gols que eu fiz. Foi Operário e Mixto. Ficou marcado. Não foi nem pelo título. Verdade. Saiu no Jornal Nacional no dia seguinte. Foi um fato nacional, tanto é que deu oportunidade para o pessoal olhar um pouco mais para o jogo que estava acontecendo. Estava muito lotado. Acho que tinha umas 34 mil pessoas no estádio. Foi um jogo contra o Flamengo. E nessa decisão tinha muita gente. Não precisa ser um jogo entre Mixto e Operário, ou Dom Bosco. Qualquer jogo do estadual dava em torno de 20 mil pessoas e comprando ingresso. Era uma satisfação muito grande como atleta. A gente nem vinha de ônibus. Quem tinha carro vinha de carro e dava carona para três ou quatro. Os diretores que tinha carro eles nos traziam. Não vinha de ônibus. A nossa alegria e que a gente gostava era ver os torcedores a pé pelas ruas. Era algo muito bom. É assim que vejo o futebol daquela época. Mas fiquei pouco tempo aqui. Disputei o estadual em 78, 79 e 80. Depois, fui jogar fora. Fui para o Goiás, vendido, joguei uns 4 ou 5 anos no Santo André, depois para o Caxias, dois anos no Juventude, e quando eu voltei para cá já tinha parado. Gerson - Foi em Caxias. Estava muito bem fisicamente. Não tive lesão nenhuma. Foi na fase dos 26 ou 27, quando a gente vai pegando mais experiência, e maturidade e confiança. A experiência que você adquire com o tempo, praticamente 10 anos jogando. Foi o ápice, quase 20 depois eu ainda sou lembrado em Caxias. Fui o maior artilheiro do clássico Caju, Caxias versus Juventude. Fui o atleta que mais fez gols nesse jogo, até porque joguei nos dois times. Em Mato Grosso joguei, joguei como profissional nos dois, mas o auge já era a maior parte dos jogos no Verdão. Ainda como criança, quando era apenas torcedor, eu ia com o Vivaldo para o Dutra para ver os jogos do profissional. Encantava muito ver todo mundo de pertinho. Era o sonho. Aconteceu antes de jogar no Flamenguinho. Os artilheiros faziam 11 a 12 gols. Chegaram a fazer 20 ou 30 no campeonato. Não cheguei a contabilizar, mas acho que não teve jogador aqui que fez mais gols que eu. Até porque a gente fazia preliminar dos aspirantes antes do jogo. E naquela época o artilheiro fazia muitos gols. Como profissional, eu tenho 232 gols. (...) Eu me lembro muito bem desse jogo. Eu me lembro de cada jogo. É impressionante. Esse foi um jogo que ganhamos de 2 a 0 foi sobre o Mixto. Tem uma foto em que eu subi e o goleiro era o Saldanha, muito alto, e eu superei os dois, inclusive o goleiro que foi com a mão erguida. Quando eu fui comemorar com a torcida foi que explodiu a bomba. Cerca de 40% dos gols que eu fiz foi com cabeça. Eu treinava muito o cabeceio. Não bastava ter impulsão, que eu tinha, era destacada inclusive a parada, que é diferente daquela que a gente vem correndo. [...]

Vivaldo – Queria só acrescentar uma notícia sobre isso. Fizeram testes físicos e detectaram coisas que a gente nem sabia, como o fato dele ter uma perna mais fina que a outra. Aí teve um técnico que era o Coutinho, era capitão do Exército e trouxe o Alberto Francalassi para reinar o time na parte física. Essa turma foi preparadora da seleção brasileira. Ele detectou e falou para a revista Placar que o Gerson tinha uma impulsão de jogador de vôlei, ou seja, subia reto e mesmo sem precisar da corrida. É uma impulsão diferente, era coisa de atleta de vôlei. É uma das técnicas mais aperfeiçoadas do vôlei. Sobre os pagamentos naquela época [...] esse foi um dos grandes problemas que aconteciam. Na época, vinham muitos atletas de fora. Tinha uma facilidade para se jogar num Vasco ou Flamengo, por exemplo. Dois ou três meses depois, eu estava jogando aqui

com o Dom Bosco. O pessoal que vinha de fora recebia primeiro. Quem era prata da casa também recebia pouco. Quem era daqui também recebia depois. E assim foi a vida toda essa dificuldade. Não é nem dificuldade. Chegou uma época que nem recebíamos. Falei que iria parar de jogar. Não estava trabalhando. Tinha o salário do meu pai e do Vivaldo, e eles me deram dinheiro para treinar. Foi quando surgiu um dirigente do Santo André e me chamou. Eu fui vendido. Lá era diferente. **Gerson** – Sim. [...]

Vivaldo: - Só para acrescentar mais um causo, até porque eu vivi isso de perto, como já falei, nessa primeira fase, não sei quando voltou do Flamengo e terminou a temporada aqui do estadual sendo artilheiro, surgiu uma oportunidade porque o Goiás estava com um projeto bom e formando uma equipe muito boa, tanto é que interrompeu uma série de 10 anos que o Vila Nova ganhava tudo lá. Tinha Cacau, José Teodoro, e o Gerson foi lá para ser o centroavante ainda muito jovem. Quando ele retorna e depois vai para Santo André, eu acho que foi isso, aí para recontratar os dirigentes ofereceram um salário melhor, uma luva e falaram que iria dar um carro zero para o Gerson. Como o Gerson vivia naquela correria, eu fui incumbido de ir lá pegar o carro. Era um fusca novo, branco e tudo mais. Quando cheguei lá é que percebi que eles tinham financiado o carro no nome do Gerson, pagaram a primeira parcela e nunca mais pagaram nenhuma outra. Fizeram isso para garantir o contrato. Eles deram o carro, na época na Trescinco da Avenida Fernando Correa, mas o financiamento saiu no nome dele. E naquela ocasião, um dirigente desse conseguia facilmente fazer financiamento no nome dos outros. Na verdade, era um presente estranho porque nós que tivemos que pagar o contrato (DIAS; LOPES, 2019).

Campeonatos estaduais de Mato Grosso

Em 1943, a FMD designou Benedito de Carvalho para treinador/técnico do selecionado principal que disputaria o I Campeonato Intermunicipal a realizar-se em Cuiabá, em setembro daquele ano. Foram selecionados dois times para compor a seleção cuiabana de futebol: com orientação de Carvalho, o time A era composto por: Dito, Correia e Gato; Nascimento, Zé Negrinho e Uir; Cajabi, Fernando, Eufrásio, Jamil e Iris. No time B, com orientação de Bianchi, estava José Caio, Lulú e Miguel; Alberto, Preza e Chico; Ângelo, Totó, Bugre, Hélio, Ribeiro e Mauro. Na estreia, Cuiabá venceu o Corumbá por 3 x 1. Fato marcante desse campeonato foi a população ter ouvido, pela primeira vez, a transmissão, por rádio, de uma partida de futebol, pela rádio A Voz do Oeste, em tempo real, com narração do locutor esportivo Alci Lima.

Seguindo o campeonato, jogaram Campo Grande, com Cacique, Maurilio e Sá Carvalho; Feliciano, Godé e Domingos; Neguinho, Silôca, Juca, Dudu e Evandro; e Corumbá, com Petrôla, Mangabeira e Feliciano; Martim, Oriomar e Aroldo Paulista, Elizeu, Alvaro, Canéca e Opinião, cujo resultado foi favorável ao time da Cidade Branca, por 3 x 1. A final aconteceu em 19 de

setembro de 1943, entre Cuiabá e Campo Grande, sagrando-se campeão Cuiabá, com o placar marcando 2 x 2 (TENUTA, [2020?]a, p. 79-80).

Segundo Tenuta ([2020?]a, p. 177), o II Campeonato Estadual ocorreu no ano de 1945, entre Cuiabá, Corumbá e Campo Grande. No entanto, por questões que envolviam presença de jogadores irregulares, falta de energia elétrica e outras, o campeonato foi suspenso, com nota da FMD no jornal (SUSPENSO, 1943).

Em 1946, sobre o III Campeonato Estadual de Futebol, a edição do dia 23 de junho do jornal *O Estadão* noticiava que havia a formação de uma seleção de Cuiabá para disputá-lo:

Esportes – Panorama do Esporte Matogrossense – (crônica lida na -Voz do Oeste no dia 9 de março do corrente ano, assinada por —De Barrosl que dizia o seguinte: —A FMD pelo que levou ao conhecimento público pretende realizar neste ano de 1946 da graça de N. Senhor Bom Jesus, a mais intensa campanha esportiva já realizada em nosso Estado. No terreno do futebol tudo se estuda com carinho para que não mais tenhamos, por falta de organizações, de responsabilidades, os espetáculos degradantes, exibições de quadros que nem na apresentação de seus uniformes correspondem, e que tudo fazem desprestigiando o esporte da cidade. [...] Deve a Federação promover o aproveitamento dos elementos imprescindíveis à causa do esporte – trazendo, para a sua direção aqueles que hoje arredios, por questiúnculas qualquer, são reclamados para completar os postos de mando da administração dos nossos desportos. Caso o profissionalismo não venha tão logo, após a inauguração do nosso Estádio, poderemos afiançar que a vida dos clubes terá o seu caso solucionado. As rendas dos jogos compensarão o alto custo do material esportivo. A Federação deve ter sob o seu controle os clubes filiados. [...] É preciso com força de entidade dirigente exigir a recomposição todas as Diretorias e da atividade delas inteirar-se da situação para que os clubes não vivam irregularmente. [...] e no cumprimento das obrigações para com a Federação Matogrossense de Desportosl. (TENUTA, [2020?]b, p. 121).

O III Campeonato Estadual de Futebol foi realizado em Campo Grande, em 1946, com a participação de Cuiabá, Corumbá, Campo Grande e Três Lagoas. Em 11 de julho ocorreu a partida entre Cuiabá e Corumbá; em 15 de julho, aconteceu Campo Grande x Três Lagoas e nos dias 18 e 25 de julho, houve a melhor de três entre o vencedor do primeiro jogo e o vencedor do segundo. Em caso de igualdade de pontos conquistados pelas equipes nos dois jogos, seria realizado no dia 26 de julho, data da fundação de Campo Grande, o jogo decisivo do certame.

Um fato relevante que merece ser lembrado aqui é que, em 1949, a seleção cuiabana conquistou o IV Campeonato Estadual, em decisão final, em Cuiabá, com a seleção de Campo Grande. Os protagonistas dessa façanha foram, pelo lado de Campo Grande: Pepino; Buchara e Rubens; Pacu; Macaco e Dominginhos; Nelson Trad, Vadinho, Vaduca, Nei e Reis; e de Cuiabá: Dito; Nascimento e Uir; Rubens, Alan e Gerbes; Dionísio, Bugrinho, Uirton, Tômen e Iris. A arbitragem foi de Amauri da Silva Nem. Da seleção cuiabana, pertenciam ao Mixto

Esporte Clube os jogadores Dito, Uir, Gerbes, Alan, Bugrinho e Uirton. Sobre esse jogo, assim foi registrado pela imprensa, em Cuiabá:

A lógica dos 5x2 – que o futebol não tem lógica é coisa reclamada pelos quatro ventos em todas as oportunidades pelos cronistas esportivos. Entretanto, o IV Campeonato estadual fugiu à regra geral para ser uma exceção, em tudo espelhou. A seleção cuiabana derrotou a de Corumbá por 5x2 e pelo mesmo escore a de Campo Grande. Isso importa em dizer que a seleção de Campo Grande era igual a de Corumbá. O jogo Campo Grande e Corumbá confirmou a previsão: 1x1. Cuiabá, campeão, teve zero ponto perdido, enquanto os vice-campeões campo-grandenses e corumbaenses tiveram três pontos perdidos. A artilharia cuiabana funcionou com dez tentos, divididos, equitativamente: cinco para Corumbá, cinco para Campo Grande. A defesa campeã foi vazada por quatro vezes, também irmãmente: 2 vezes pelos corumbaenses e 2 vezes pelos campo-grandenses. As artilharias de Corumbá e de Campo Grande fizeram igualmente três tentos, e suas cidadelas foram vazadas, cada uma, seis vezes. Acresce, ainda, a circunstância de que a média dos treinos da seleção da cidade dava para o ataque cinco tentos e para a defesa dois tentos. A coincidência é tão grande, que, no derradeiro apronto final da seleção cuiabana, na primeira fase o escore andou de 9x0. Na etapa complementar a experiência foi da defesa contra-ataque. A vanguarda apoiada pela defesa da A fez cinco tentos, enquanto o ataque do A apoiado pela defesa do B, 2, marcando o escore 5x2. E depois dizem que não há lógica em futebol. (DORILEO, 2016, p. 50).

Ranulpho Paes de Barros⁴²

Foi fundador, presidente, diretor e treinador do Mixto Esporte Clube, ao lado de Maria Machado, Gastão de Matos, Naly Huguene Siqueira, Avelino, Maninho, Zulmira Canavarros, no dia 20 de maio de 1934.

No clube, participou de todos os títulos conquistados. Foi presidente da Federação Mato-Grossense de Desportos (1937-1975). Primeiro presidente do Conselho Regional de Desportos (1939-1975) e, depois, membro efetivo. Fundador da Liga Independente do Futebol Cuiabano. Ranulpho foi também treinador da seleção mato-grossense, e por isso mereceu o seu nome [...] [entre os ídolos do futebol brasileiro]. Fundou a Associação Mato-Grossense de Cronistas Esportivos – Amace, em 12 de março de 1972, em companhia de Gervásio Leite, Joaquim Leite Neto e Edipson Morbeck (BARRETO, 2018).

⁴² —Campo-grandense de nascimento (17/03/1913), adotou Cuiabá como sua cidade natal. Professor de história, português, do Liceu Cuiabano, Escola Técnica de Comércio, José Barnabé de Mesquita. Defendeu tese à cátedra de Língua Portuguesa e foi mestre de tantas gerações de mato-grossenses e cuiabanos ilustres. Cuiabano desde 15 de dezembro de 1965, era apaixonado pelo magistério, pela política, futebol, jornalismo, além da preocupação com a família. O jornalismo desde jovem foi desenvolvido em sua cidade natal, no jornal ‘Correio do Sul’. No Rio de Janeiro, onde estudou Direito, foi redator do ‘Jornal dos Esportes’ e, mais tarde na imprensa mato-grossense, destacou-se entre outros, como diretor da rádio ‘A Voz do Oeste’, ‘O Estado de Mato Grosso’, ‘O Social Democrata’, a ‘Tribuna Esportiva’ e, por último ‘A Folha Mato-grossense, do qual foi o fundador, ao lado de Ary Paes Barreto, Ananias Vieira da Silva e Adair Lúcia da Silva, cuja redação ficava na rua marechal Deodoro, 1063, na capital. Na política, foi vereador por Cuiabá (1962-1966). Presidente do Poder Legislativo. Fundou o diretório do PSD – Partido Social Democrático, sendo presidente e secretário da antiga Arena – Aliança Renovadora Nacional, além de exercer os cargos de secretário-geral da Caixa Econômica Federal e diretor do Sesc-Senac e diretor da Imprensa Oficial do Estado (BARRETO, 2018).

Quando jogador do Mixto Esporte Clube, Ranulpho Paes de Barros conheceu Almira Malhado Paes de Barros, na quadra do time. Casaram-se. Eram pais de José Luís Paes de Barros, Helena Maria Paes de Barros Arguello e Luís Carlos Paes de Barros, tendo tido também netos e bisnetos. Ranulpho faleceu em Cuiabá, em 20 de fevereiro de 1975.

O V Campeonato Estadual de Futebol, em 1953, transcorreu de forma apagada, em relação ao do ano de 1952. Esse comportamento foi comentado pelo articulista F. Almeida, no jornal *O Estadão*, edição do dia 25 de outubro:

A FMD acaba de designar os dias 5 e 8 de novembro próximo entrante para a realização dos jogos V Campeonato Estadual de Futebol, os quais se verificarão em nossa Capital no estádio Presidente Dutra. Ora, estando Mato Grosso, assim empenhado, em sérios compromissos esportivos, em que está em jogo a supremacia do futebol cuiabano no certame estadual e mato-grossense no certame brasileiro, não se compreende a razão porque até agora não foi iniciado a reconstrução dos muros do Estádio Presidente Dutra, desmoronado em consequência de forte aguaceiro que desabou na cidade e que a transformou impraticavelmente para as lides esportivas. Outro fator que estranhemos bastante e que redundava em prejuízos para o nosso esporte é a quase cessação por completo das competições esportivas ocasionando certo desinteresse dos atletas o que não será bom agouro para as cores da FMD. (ALMEIDA, 1953).

Para Tenuta (2020?b, p. 236), houve uma tentativa da FMD de salvar esse campeonato, que contou com a participação de Cáceres, Três Lagoas e Aquidauana e em que, na Chave Norte, Cuiabá eliminou Cáceres, em dois jogos, sendo o primeiro por 7 x 0 e o segundo com placar não registrado. Por outro lado, na Chave Sul, Campo Grande ganhou do Três Lagoas; Corumbá, por WO, eliminou o Aquidauana. Com a desistência do Corumbá, a final ficou entre Cuiabá e Campo Grande, em que a seleção da capital venceu duas vezes, se tornando campeã do V Campeonato Estadual de Futebol. Registra-se, nesse período, a participação da seleção de Cáceres, em um campeonato estadual, conforme nota publicada pelo jornal *O Estadão*, do dia 5 de novembro de 1952, informando que:

Pelo avião da Cruzeiro do Sul, chegou, ontem, a Cuiabá, a embaixada esportiva de Cáceres, para a batalha pebolística de hoje, frente a seleção cuiabana pelo V Campeonato Estadual. A delegação está assim constituída: chefe tenente Mendes, técnico Nelson, jogadores: Nhôca (Cáceres), Rafaneli (Rodovia), Neto (mato grosso), ditinho (Rodovia), Abelardo (Rodovia), Fortes (Mato Grosso), Zattar (Cáceres), Mario (Rodovia), Waldemar (Rodovia), Vigo (Humaitá), Carlos (Humaitá), Ciro (Humaitá), Tarumá (Rodovia), Assis (Rodovia), Rocha (Humaitá). (TENUTA, 2020?b, p. 237).

Por outro lado, o VI Campeonato Estadual de Futebol, em 1956, foi realizado em Campo Grande, com início em 12 de outubro.

Na estreia o time da casa goleou o Ponta Porã por 5 x 0. Com vitórias de 7 x 1 sobre Cuiabá e 2 x 0 sobre o Corumbá, a seleção da cidade Morena e foi a vitoriosa do VI Campeonato Estadual. Cuiabá disputou o campeonato com os jogadores: Portela, Luis –Toucinhol, Dito –Gasolinall, Totó Traçaia, Carmindo e Zeca, João de Deus, Tom, Mário, Bianchi e Preto (TENUTA, [2020?]b, p. 270).

Segundo Renato Báez (1966), em 1951 o esporte corumbaense entrou em colapso. A LEC ficou acéfala, sem promover certame municipal e sem realizar nenhuma atividade em favor do soerguimento do esporte. Nesse período, aportou em Corumbá, vindo do estado da Guanabara (atual Rio de Janeiro), um técnico, Jarbas, contratado pela Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD), para organizar e preparar a seleção mato-grossense para disputar o Campeonato Brasileiro de Futebol. Foram escolhidos, entre outros jogadores, Délio, Muriacir, Vadô e Vanildo, sendo que Vanildo não seguiu viagem e Muriacir e Vadô alcançaram o posto de titulares do selecionado de Mato Grosso.

Em 1952, fundou-se o Marítimos, que, durante cinco anos (1954-1958), manteve as rédeas do futebol corumbaense nos anos posteriores aos de 1952 e 1953, que foram de supremacia do Ladário Atlético Clube. Da mesma forma como o Corumbaense, foi o Marítimos pentacampeão de Corumbá, sendo também tetracampeão invicto, derrotado somente no ano de 1958, pela primeira vez, pelo Corumbaense. Dessa temporada vitoriosa do Marítimos, recordamos como seus grandes jogadores: Poim, Hermozilla, Samaniego, Otávio, Juvenilio, Samúdio, Rafael, Josino, Vitor, Walter, Julião e, ainda, Vidal, Tachí, Vanildo, Adalberto e Lara.

Em 1958, essa invencibilidade do Marítimos é quebrada pelo Dom Bosco Esporte Clube, fundado pelos ex-alunos do Salesianos de Dom Bosco em 4 de janeiro de 1925, tendo como presidente de honra o padre Ricardo Remetter⁴³ e presidente-coadjutor João Botta (DORILEO, 2016, p. 48; BÁEZ, 1966).

O Marítimos retorna conquistando os campeonatos de 1960, 1961 e 1962, inclusive levantando o honroso título de campeão dos campeões do futebol de Mato Grosso. Essa assertiva é confirmada por jornal da época, que noticia a informação assim:

Os participantes do torneio Interclubes campeões são os seguintes, já nestas finais: Marítimo, de Corumbá (MS); Comercial, de Ponta Porã (MS); Bairro Alto, de Aquidauana (MS); Comercial, de Campo Grande (MS); Mixto, de Cuiabá (MT). O provável campeão, segundo a opinião dos estudiosos, inclusive, a minha, deverá ser o Marítimo, de Corumbá (MS), que se apresenta, vamos e venhamos com uma excelente forma física e técnica. (SILVA, 1962).

⁴³ Ricardo Remetter nasceu em Cuiabá no dia 22 de setembro de 1965 – dia celebrativo do mártir São Maurício – e faleceu, vitimado por acidente automobilístico, aos 50 anos, em 2015. Orientou por longos anos o oratório festivo Dom Bosco, estimulando a prática do esporte. Dirigiu o observatório meteorológico que levava o nome do fundador da congregação salesiana.

Nos campeonatos municipais de futebol de 1963 e 1964, foi campeão o Corumbaense, que se sagrou, assim, bicampeão, no seu cinquentenário. Em 1965, sagrou-se campeão o Marítimos (BÁEZ, 1966, p. 77).

Estádio Presidente Dutra, o Dutrinha

Em 1950, em Cuiabá, têm início as mobilizações para a construção de um novo estádio de futebol, o que é decorrente das dificuldades para a realização de jogos e competições nas instalações do então Colégio Liceu Cuiabano, chamado na época de Colégio Estadual, que abrigava o Estádio do Comércio.

Em vistas dessa limitação, teve-se então a decisão da construção de um novo estádio. A situação obrigou a Prefeitura Municipal de Cuiabá, na pessoa do prefeito Leonel Hugueney, no dia 2 de fevereiro de 1950, a fazer a doação, por meio do Decreto-Lei nº 70/1950 (MATO GROSSO, 1950), à FMD, de um terreno situado na Rua Joaquim Murtinho, na altura da Praça Benjamin Constant, no bairro do Porto, local conhecido como Largo do Arsenal, com uma área de aproximadamente 25.560 m², para que fosse feito então o grande estádio de futebol de Cuiabá. A incumbência dos cuidados e preparativos da construção coube a José Monteiro de Figueiredo, presidente, então, da FMD, na época também vereador de Cuiabá.

Naquele mesmo ano, no Rio de Janeiro, na época capital federal, era inaugurado o Maracanã, um grande estádio cuja elegância e beleza simbolizava o orgulho da nação brasileira. Essa representação de grandiosidade foi motivo de inspiração para o presidente do Brasil Eurico Gaspar Dutra⁴⁴ construir, em Cuiabá, uma réplica do monumento, porém tendo suas dimensões bem menores, como um mini-Maracanã. Mas, o produto não saiu como o combinado, conforme Duarte (2013). Com isso, na inauguração do Estádio Eurico Gaspar Dutra, conhecido como Dutrinha, a decepção ficou evidente e foi generalizada. Na época, ao chegar ao estádio e verificar que ele não tinha nenhuma semelhança com o encomendado, o presidente Eurico Gaspar Dutra deu meia-volta e partiu novamente para o Rio de Janeiro, onde era a capital federal, recusando-se a inaugurá-lo, tamanha a sua frustração. Mato-grossense de nascença, o presidente da República sentiu-se envergonhado com a obra. Os jogos do Campeonato Mato-Grossense, desde então, passaram a ser disputados no mais novo estádio da capital do estado. Mais tarde, em 23 de fevereiro de 1959, no Estádio Presidente Dutra foi instalada a iluminação e

⁴⁴ Eurico Gaspar Dutra (1883-1974) foi um político brasileiro e general do Exército. Foi o 14º presidente do Brasil, governando entre 1946 e 1951. Eurico Gaspar Dutra nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, no dia 18 de maio de 1883.

ele foi então inaugurado oficialmente, com a partida entre o Clube Atlético Mato-Grossense e o Uberlândia Futebol Clube (MG), que terminou empatada em 0 x 0 (DUARTE, 2013, p. 27).

Conforme Tenuta ([2020?c], p. 83),

[...]. Com o Dutra pronto, começou a fase de intercâmbio. Começamos a trazer times do Sul e São Paulo. Isso lotava o estádio. Fazia muito sucesso. Ninguém patrocinava. Só com a renda pagava as equipes que vinham de fora. A primeira grande equipe que veio de fora foi a famosa Portuguesa de Desportos de São Paulo, que veio com jogadores como Veludo, Nair, Evair, Henrique Pereira, só craque de seleção brasileira. Evair era o príncipe do futebol brasileiro, pois o rei era o Pelé. E ele veio jogar no Dutra. Quem trouxe a Portuguesa foi a Associação Cuiabana de Estudantes Secundaristas. Olha a credibilidade dessa instituição. A Aces assinou contrato de 1 milhão de cruzeiros com a Portuguesa. E os estudantes ganharam muito dinheiro. E daí vieram depois times como Palmeiras, como Ademir da Guia, Djalma Santos, Ademar Pantera, o Santos veio três vezes, Vasco, Flamengo veio com o time juvenil e depois o principal.

Para José Augusto Tenuta, o futebol em Mato Grosso apresentava-se, nas décadas de 1940 a 1960, da seguinte forma:

Em 1941, começou a mobilização novamente. A Liga voltou e recomeçou e teve campeonato até 1944. Em 1945, parou de novo. Aqui era o Campo do Bosque. Era menor que o campo atual do Liceu Cuiabano e era conhecido como majestoso, imagine só a diferença de hoje. Paralisou o campeonato porque o governo do Estado requereu o estádio porque havia sido cedido para o Comércio e não doado. O que ocorre? Eles pediram o campo de volta para construir o Colégio Estadual e o estádio que temos hoje. Em 1945 e 1946, não teve campeonato porque estava em construção esse estádio que temos hoje. Mas era difícil voltar a jogar nas praças e campos como o Campo do Arsenal, pois voltar à estrutura antiga não era interessante. Em 1947, estreia esse campo [em] que estamos. (TENUTA, 2019).

José Augusto Tenuta refere-se ao antigo Estádio do Comércio, localizado no que é hoje o Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller, antigo Colégio Estadual de Mato Grosso, em Cuiabá, local onde concedeu a sua entrevista, em 2019. Continuando, testemunha que:

[...] tivemos campeonatos até 1951. Só que, em 1949, a direção da Escola pediu o campo que era usado pela Federação de Futebol. Eles queriam usar para os alunos. Os times jogavam aos domingos e os jogadores treinavam de segunda a sábado. Por isso, a escola pediu o campo. Daí surgiu a ideia da construção do Dutra, que é outra história. Nessa época, o presidente da República era o cuiabano Eurico Gaspar Dutra. E o pessoal conversou com ele sobre a reivindicação de se fazer um estádio. O presidente, então, doou 1 milhão de cruzeiros para as autoridades da época. E ele enviou a planta do Pacaembu e não do Maracanã, como muita gente chegou a pensar. No meu novo livro que estou finalizando, eu tenho inclusive a fachada que encontrei em documentos antigos. Veio a planta do Pacaembu para que fosse adaptado para 15 mil a 20 mil pessoas, pois não precisaríamos de mais espaço naquele momento. Veio para ser um estádio nessas proporções. Só que ficou estabelecido que entre abril ou maio de 1952, seria inaugurado o Estádio Presidente Dutra em homenagem ao presidente que conseguiu o dinheiro e terminou o mandato em 1951. E ele veio a Cuiabá na época de inauguração para fazer a solenidade. Só que ninguém avisou com antecedência que a história da réplica do Pacaembu só ficou na

conversa e construíram o Dutrinha. Hora que ele estava saindo do hotel para a inauguração e voltaria para o Rio de Janeiro, contaram a verdade sobre a obra. Ele entendeu o que tinha ocorrido e nem passou na obra para inaugurá-la. Ele foi direto para o aeroporto e o estádio nunca foi inaugurado. Foi entregue sem essa solenidade. Ficou fechado um tempo, mas logo começaram a jogar. (TENUTA, 2019).

O Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Dutrinha, está localizado na Rua Joaquim Murtinho, na altura da Praça Benjamin Constant, no bairro Porto, em Cuiabá, em uma área de 25,65 mil m², doada pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, por intermédio do prefeito Leonel Hugueney, à FMD, atual FMF, então sediada na antiga Praça Pedro Osório e cujo presidente, à época, era Dr. José Monteiro de Figueiredo, que deu início às obras do estádio em 2 de janeiro de 1950, junto com outros abnegados do futebol como Álvaro Migueis e Lenine de Campos Póvoas.

O estádio foi inaugurado em 31 de janeiro de 1952 e possui medidas oficiais de 110 m por 75 m, com gramado de grama natural (105 m x 68 m), cuja conservação deve-se graças ao Cuiabá Esporte Clube. Tem capacidade para 4,5 mil pessoas. Nos fundos, em frente à Rua 13 de Junho, existe outro grande terreno. O estádio já recebeu um público recorde de 5 mil presentes, em 24 de novembro de 2012, na partida entre o Cuiabá Arsenal e o Coritiba Crocodiles.



Figura 16 – Dutrinha. Acervo Chau.

Althair Caetano da Silva, o Fião, lembra com saudades da torcida no Estádio Presidente

Dutra:

Acredito que tínhamos mais torcida. Naquela época, no Dutrinha, por exemplo, acabava ingresso. Tinha gente que não entrava porque superlotava. Nunca vi depois disso estádio lugar, nem com jogo de fora que vem jogar aqui em Cuiabá. Não tem mais essa torcida. Acredito que é falta de dinheiro. Hoje você vê um time de futebol e não vê ganhar um rio de dinheiro como ganha lá fora. (FIÃO, 2019).

Antônio Nelson Severino (2011, p. 59) conta que, por ocasião da inauguração do Dutrinha, em 1952,

O Atlético Mato-grossense ia jogar com o Palmeiras na festa organizada pela FMD para marcar o fato histórico. Os atleticanos tinham certeza que o adversário iria recorrer aos poderes de mãe Odilza para garantir a vitória. No primeiro tempo, o Atlético bombardeou o gol do Palmeiras, mas a bola não entrava. Os atleticanos foram ficando cabreiros, muito desconfiados mesmo, com tantos chutes contra a meta do alviverde e nada do gol sair [...]. No intervalo do primeiro para o segundo tempo, Batista Jaudy chamou o zagueiro Fábio e lhe disse: —vamos ter que dar um jeito nessa bola do jogo, companheiro!...!. Fábio entendeu o recado e voltou para o segundo tempo com um alfinete escondido no uniforme. [...] quando a bola saiu pela linha de fundo de sua meta, meteu o alfinete nela, enquanto mãe Odilza, que estava nas imediações, atrás do alambrado, gritava: —Não fure a bola!... Não fure a bola!!... [...] imediatamente a bola foi substituída. Batista Jaudy não se lembra qual foi o resultado, mas recorda muito bem que o Atlético ganhou o jogo com facilidade depois que a bola supostamente benzida deixou de rolar no Dutrinha [...].

Sabemos que existe estrita relação entre futebol e religião no Brasil. Sobre esse tema, Leidiane Vieira dos Reis (2013) destaca que

[...] a religião e o futebol estão entre as maiores paixões do povo brasileiro e por isso não raramente têm se embrenhado das mais diversas formas dentro do país. A religião está presente tanto no gramado, entre os jogadores e técnicos, como também na arquibancada, invocada pelos torcedores. O fato de no Brasil o futebol está relacionado à ideia de jogo, devido ao seu alto grau de imprevisibilidade, as pessoas rogam a seus deuses que ajudem o time para o qual torcem, na esperança de terem credibilidade o bastante para terem seu pedido atendido.

José Monteiro de Figueiredo, valendo-se da amizade com o deputado federal, à época, João Ponce de Arruda, conseguiu um recurso de 1 milhão de cruzeiros junto ao cuiabano e presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, que enviou o projeto original do Maracanã para que fosse adequado para o projeto do estádio cuiabano, com a recomendação inclusive de que fossem copiadas as linhas arquitetônicas do projeto original do Maracanã, recomendação essa

não seguida e que culminou com a recusa do presidente em inaugurar a obra, em 1952 (TENUTA, 2015).

José Augusto Tenuta assevera que, na verdade:

[...] ele [o Presidente Dutra] enviou a planta do Pacaembu e não do Maracanã, como muita gente chegou a pensar. [...] eu tenho inclusive a fachada que encontrei em documentos antigos. Veio a planta do Pacaembu para que fosse adaptado para 15 mil a 20 mil pessoas, pois não precisaríamos de mais espaço naquele momento. Veio para ser um estádio nessas proporções. (TENUTA, 2019).

Em substituição a José Monteiro de Figueiredo na presidência da FMD, assume o professor Lenine de Campos Póvoas, dando continuidade ao trabalho desenvolvido pelo seu antecessor, finalizando, portanto, as obras de construção do considerado, na época, o maior estádio de futebol do oeste brasileiro (DAUBIAN, 1952).

O estádio foi tombado como Patrimônio Histórico de Cuiabá pela Lei Municipal n. 2.761/1990 (CUIABÁ, 1990), de autoria do então vereador Emanuel Pinheiro, como forma de preservá-lo. Construído em 1952, o Dutrinha foi o segundo estádio de Cuiabá (o primeiro foi o Estádio do Comércio, hoje nos fundos do Colégio Liceu Cuiabano). O estádio foi o principal palco do futebol mato-grossense até a inauguração do Verdão, em 1976. O Dutrinha é o local de maior identificação do Mixto Esporte Clube, que ali viveu grandes momentos de sua história. A característica mais marcante do *velho* Dutrinha é a proximidade da torcida com os jogadores em campo.

Em 1967, ocorreu a profissionalização do futebol mato-grossense, já na gestão do então coronel Hélio Jesus da Fonseca. Em 1976, o então presidente da CBD nomeia como interventor da FMD Carlos Orione (MATO GROSSO, 2013).

A prefeitura pagou, para a FMF o valor de R\$ 3,5 milhões pela desapropriação, sendo que R\$ 1 milhão foram para pagamento das dívidas que o estádio possuía.

‘Começamos a negociação com R\$ 5 milhões e conseguimos fechar em R\$ 3,5 milhões, sendo que deste total já conseguimos pagar R\$ 2 milhões [...]’, disse Francisco Galindo [prefeito de Cuiabá na época da reportagem].

[...] como patrimônio público, o Dutrinha poderá receber recursos do município, do estado e até recursos federais para sua reforma.

[...]

O decreto que promoveu a desapropriação do Dutrinha foi assinado em 12 de julho de 2014, pelo presidente da Câmara de Cuiabá, Júlio Pinheiro, que na ocasião estava como prefeito em exercício de Cuiabá. Na ocasião, Júlio Pinheiro explicou que a desapropriação visa preservar o Dutrinha, que era alvo de disputa judicial entre a FMF e seus credores. —Havia uma grande demanda judicial sobre o estádio, inclusive com o Dutrinha indo a leilão. Se não

tivéssemos cuidado, daqui a um tempo o estádio poderia não existir mais!l. (JORDÃO, [2011?]).

Cabe lembrar que, entre 2010 e 2014, o estádio se tornou o principal estádio da capital, uma vez que o Estádio Verdão foi demolido para a construção da Arena Pantanal, para a Copa do Mundo Fifa 2014. Os clubes da capital, como o Mixto e o Cuiabá, jogaram no estádio pelo Campeonato Estadual e pelo Brasileiro. Em 2015, o Dutrinha foi fechado para uma reforma, deixando a Arena Pantanal como único estádio para realização de jogos de futebol dos times profissionais em Cuiabá.

Sobre as atividades no Estádio Presidente Dutra, assim lembrou Antero Paes de Barros:

Essa época, a época do Dutrinha e a época do Verdão, o grande ganhador de títulos foi o Mixto em Cuiabá. Não é à toa que o Mixto tem 25 títulos contra muito pouco dos outros. O Cuiabá, com todo esse domínio, está chegando agora a 7 títulos. Tivemos a fase do Dutrinha, quando o presidente da República Eurico Gaspar Dutra trouxe como cuiabano, recursos para a sua construção. O Dutrinha representou para a época o que o Verdão representou depois. Aí tivemos fases extraordinárias no Dutrinha, estádios lotados, grandes espetáculos, os jogos entre Mixto e Operário, Mixto e Dom Bosco, Operário e Dom Bosco, lotavam o Dutrinha. E naquele tempo tínhamos jogos da seleção cuiabana e tal. Tanto é que o Pedrossian virou governador de Mato Grosso de 31 de janeiro de 1966 a 15 de março de 1971, antes de Fragelli. E quando ele foi governador ele construiu o Estádio Morenã (Estádio Universitário Pedro Pedrossian), em Campo Grande, inaugurado em 7 de março de 1971. Aí tinha um ditado que a gente dizia: estádio é lá e futebol é aqui. O nosso futebol era muito rico e tinha campeonatos, seleção de Cuiabá e Campo Grande, e Corumbá, que sempre teve um grande futebol. Então, tínhamos esses relatos. Aí o que aconteceu? Meu pai que era dono de um jornal: Folha Mato-grossense, lançou uma campanha pela construção de um estádio em Cuiabá. Depois que o estádio foi para o que viria a ser depois Mato Grosso do Sul. Na época era só Mato Grosso. (BARROS, 2019).

A era do Dutrinha coincide com o predomínio do Mixto Esporte Clube em Mato Grosso, sendo ele o clube vencedor do maior número de certames, como aponta o entrevistado (BARROS, 2019).

As disputas políticas, econômicas, sociais, até nos campos de futebol sempre encontraram abrigo, motivadas pelas disputas de territórios e espaços de poder. Essas disputas chegaram ao fim quando o então presidente da República do Brasil, Ernesto Geisel, assinou Lei Complementar nº 31, dividindo Mato Grosso e criando o estado de Mato Grosso do Sul, no dia 11 de outubro de 1977 (BRASIL, 1977).

A divisão de Mato Grosso em dois estados aconteceu devido a um processo demorado, em que foram levados em consideração aspectos socioeconômicos, políticos e culturais. Enquanto o sul do estado tentava a divisão, o norte endurecia e barrava as intenções sulistas. Isso

também acontecia no âmbito do futebol mato-grossense. Trabalhando com rapidez e sigilo, os integrantes da Liga do Movimento do Sul, em prol da divisão, forneceram ao governo federal subsídios necessários para viabilizar a divisão do estado. A lei foi assinada pelo presidente Ernesto Geisel no dia 11 de outubro de 1977 e publicada no *Diário Oficial* do dia seguinte. Mato Grosso tinha, à época, 93 municípios e 1.231.549 quilômetros quadrados. A lei dividiu o estado e deixou Mato Grosso com 38 municípios e Mato Grosso do Sul, com 55. Apesar de ter menos municípios, Mato Grosso ficou com a maior área: 901,42 mil quilômetros quadrados.

E tudo começou no bairro do Porto, com o futebol vivido nas festas coletivas, em que ricos e pobres se misturavam! E tudo começou com as touradas, vistas de dois ângulos, assim como o futebol, o jogo propriamente dito e o espetáculo apresentado aos espectadores, que continuaram com a chegada do Dutrinha. E esse mesmo estádio atraía famílias, jovens, adultos, crianças, homens, mulheres que se misturavam com as torcidas e rumavam para lá. Formavam-se times, compunham-se hinos, elaboravam-se bandeiras, desenvolviam-se torcidas. Nesse futebol de tradição masculina apareciam as madrinhas, geralmente belas torcedoras, motivo de orgulho para os times e torcedores. Sarita Baracat de Arruda foi uma delas, pelo Ceov. Tudo acabou, por lá. O Dutrinha ficou como memória desses tempos idos, que uma das moradoras do Porto assim relembra: –Era ótimo o futebol daqui, desde o estádio. Eu fui madrinha de clube de futebol profissional, chamava Destemido, aí apresentamos no Colégio Estadual, lá que nós desfílamos. Tinha Destemidos, Mixto, Dom Bosco, Operário, Comercial|| (PROENÇA, 1996 apud AZEVEDO, 2000, p. 60). Era o futebol de várzea chegando ao seu fim, com o aparecimento dos times profissionais.

Segundo Barros (1997, p. 50), Cuiabá viveu, a partir da década de 1960, intenso e significativo processo de transformação, com a chegada da televisão à cidade. A capital passou por intenso processo de modernização. Era a cidade das animadas e concorridas Festas de Lavação de São João e São Benedito que Júlio de Lamônica Freire assim descreveu:

[...] é uma cidade do século XVIII com um desenho barroco de suas ruas tortuosas e estreitas, topografia movimentada, becos, largos e praças. O espaço produzido reflete nas e meandros da malha urbana, a ondulação do relevo, a sinuosidade do rio Coxipó e do Cuiabá, os labirintos dos corixos e vazantes do Pantanal próximo. A luminosidade intensa e o calor escaldante se infiltram no desenho da cidade, na sua paisagem de entorno, ajudando a compor o equilíbrio telúrico do ambiente cuiabano. (FREIRE, 1988 apud BARROS, 1997, p. 54).

É como diz Milton Santos:

As cidades locais mudam de conteúdo. Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis onde as

personalidades marcantes eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica. (SANTOS apud BARROS, 1997, p. 55).

Os precursores times amadores de Mato Grosso serviam para apontar jogadores para os profissionais. Muitos times locais desapareceram na década de 1960, tais como América, Botafogo, Jabaquara, Santo Antônio Esporte Clube, Flamengo, Palmeiras, Associação Bancária Cuiabana, Estado Novo, Boa Vista, Riachuelo, América, Andaraí, Juventus. Era uma nova era se apresentando no futebol mato-grossense, com novos hábitos, novo vocabulário, novos tempos, senão vejamos:

Assisto tudo quanto é jogo, antes era animado, os times de futebol, digo os amadores, meus irmãos todos eram jogadores. No Colégio Estadual que era o Estádio. Sabe quem era madrinha do Comercial, D. Maria Vieira, dona da loja chamada Casa Alberto, pois é, era ela. Do Dom Bosco era uma moça chamada Olga. E eu era jovem quando fui madrinha do Destemido. Esse time acabou. (PROENÇA, 1996 apud BARROS, 1997, p. 60).

O verbo assistir¹¹ usado por Oscarlina Malheiros Proença já indica a chegada da televisão e, com ela, a ansiedade de conhecer novos horizontes, novos hábitos, novos tempos, incluindo o futebol. A televisão estava chegando... A TV ajuda ou atrapalha? Para o jornalista Macedo Filho (1993):

No meu ponto de vista, a TV não atrapalha. Tendo bons jogadores, as pessoas saem de casa para ver o espetáculo. De primeiro, tinha cinema e nunca atrapalhou. Tínhamos praia em Santo Antônio do Leverger, no Coxipó, na Guarita, na Mário Andreazza. O jogo começava às 15h e o pessoal ficava nas praias até às 13h. Então, isso não impedia. As pessoas saíam porque queriam ver bons jogadores. Quando íamos nas praias, os jogadores também estavam lá. Só tinha praia e cinema de lazer. Hoje, temos muitas outras coisas.

É sabido que a televisão tem um papel relevante na produção, promoção e divulgação dos produtos da indústria do entretenimento na sociedade contemporânea. O futebol não seria o mesmo sem a televisão, pois esta potencializou a sua transformação em espetáculo de massa consumido mundialmente. Além de transmitir os jogos de futebol, a televisão no Brasil é uma importante fonte de financiamento dos principais clubes de futebol, especialmente daqueles que disputam os torneios mais importantes.

Era do Rádio em Mato Grosso

Neste item vamos abordar a introdução e a influência do rádio no desenvolvimento do futebol no estado de Mato Grosso.

Em Cuiabá, somente ao final de 1939 são levadas ao ar as primeiras ondas hertzianas produzidas por um pequeno radiotransmissor montado pelo professor João Jacob, em caráter experimental, e captadas pelos poucos receptores, adquiridos às pressas, por encomenda, do Rio de Janeiro. Era o embrião da rádio A Voz d'Oeste (RVO). Legalmente, ela passa a existir em 12 de dezembro de 1944, com o prefixo PRH-3. Até 1959, a RVO era a única opção para a sociedade cuiabana, em relação ao radiojornalismo. A sua programação, basicamente, era formada por programas lítero-musicais, em que se liam poemas, tocavam-se piano, violino e flauta, além dos discos doados pelos ouvintes. Apesar de noticiar os principais acontecimentos da cidade, como os discursos de políticos durante o Estado Novo e a ida, pela primeira vez, a Cuiabá, de um presidente da República, Getúlio Vargas, em 7 de agosto de 1941, o primeiro jornal falado só surgiu em 1952.

Esse formato moderno de radiojornalismo já era utilizado em São Paulo desde o ano de 1942, quando do surgimento do *Grande Jornal Falado Tupi*, mas que só foi adotado na capital mato-grossense em 7 de setembro de 1952, no jornal *Bandeirante no Ar*, sob a direção e locução de Augusto Mário Vieira, auxiliado na locução pela professora May do Couto.

Pouco depois, surge o *Jornal Falado*, com Alves de Oliveira, sendo que, naquela época, o único jornal impresso em circulação na capital era *O Estado de Mato Grosso*, o qual transcrevia as notícias dadas pela RVO, do dia anterior. Em 1952, o jornalista e poeta Roberto Jacques Brunini compra a emissora. É com Brunini, nas décadas de 1950 e 1960, que a RVO vive o seu apogeu. Os seus boletins de hora em hora passam a ser ouvidos pelos cuiabanos já em 1955, um ano após a estreia desse formato em nível nacional. Toda a programação era ao vivo: o *Grande Jornal Falado*, os programas de auditório, de entrevistas e as transmissões de solenidades.

Do lançamento da pedra fundamental às inaugurações, todos os grandes eventos eram noticiados pela RVO, instantaneamente. Conta-se que o trabalho para que essas transmissões fossem possíveis era impensável, hoje em dia. Como exemplo, a inauguração do 9º Batalhão de Engenharia e Construção (9º BEC), prédio até hoje situado na Avenida Fernando Corrêa da Costa, no Coxipó, quando se precisou levar cabos elétricos da sede da RVO, na Praça Ipiranga, até lá.

O jornalismo na RVO foi produzido, durante toda a década de 1950, por Augusto Mário Vieira, Adelino Praeiro, Alves de Oliveira e Paulo Zaviask, o qual começou a trabalhar na RVO em 1964, aos 12 anos de idade. Era um jornalismo de motivação, com forte sentido comunitário em uma comunidade ainda pequena, em que as informações do restante do país chegavam com dificuldades.

A programação era montada por meio de pesquisas e da produção, não sendo permitido o improviso. O *script* era elaborado e seguido. No entanto, a potência da emissora era muito baixa: 0,5 watt, com raio de ação pequeno. Segundo Zaviask, comumente ouvia-se a RVO em um diâmetro de 10 km (das imediações onde hoje fica a Avenida Mato Grosso até o bairro do Porto). Em 1955, surge a Rádio Cultura, criada por um grupo de cidadãos cuiabanos, mais tarde repassada para as mãos de Padre Wanir Delfino Cezar e, depois, a Fauze Antônio dos Santos; a Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá, inicialmente com programas religiosos e depois com transmissão de partidas de futebol; e, posteriormente, a Rádio Cuiabana de Melodias, a primeira emissora de frequência modulada (FM), da qual Roberto Brunini foi o primeiro proprietário. Atualmente, existem muitas outras rádios em Mato Grosso (BARRETO, 2019b).

O rádio e o futebol em Mato Grosso: narradores esportivos de Cuiabá

Neste item abordamos a introdução e a influência do rádio no desenvolvimento do futebol no estado de Mato Grosso.

Wilson Carlos Fuá (2012), sobre o rádio na capital, ressalta que:

Quem viveu e participou do futebol nos 60 e 70, ao vagar pelas lembranças das tardes de domingo no –Dutrinhall era o encontro da juventude esportiva de Cuiabá, e hoje ao fechar meus olhos, e viajar pelas lembranças, chego até a escutar o mais laureado narrador esportivo de Mato Grosso, gritando: —Alô, alô, alô, alô Cuiabá, Copa do Mundo 2014, chamaaaaaaaaaaando. Copa do Mundo 2014 chamaaaaaaaaaaando. Fico aqui ouvindo nas minhas lembranças, o Jota Marcio aos gritos narrando em cima do lance e como se fosse José Carlos Araújo da Rádio Globo/Rio: —A Copa vai ficar aqui, ficooooooooooull. E o Marcio de Arruda, o mais festeiro de todos, com o seu jeito inconfundível, imitando Fiori Giglioti, da Rádio Bandeirante/SP: —Abrem-se as cortinas e começa Copa do Mundo 2014 torcedor Cuiabano! ou então assim: —Aguenta coração cuiabano!. Fiz essa ressalva, apenas para informar aos outros que não são cuiabanos, que essa história que estou contando é nossa, é história recente de Cuiabá. Os narradores esportivos de Cuiabá tinham uma linha de imitar os seus grandes ídolos nacionais, eles criavam estilos iguais aos grandes narradores das emissoras de rádio do Rio e São Paulo, e era emocionante ficar na escuta desses narradores cuiabanos, eles transmitiam de uma maneira que prendiam a atenção dos torcedores, e eles não eram apenas um simples narrador, eles davam espetáculos lá em cima nas cabines de imprensa, muitos torcedores iam mais cedo aos jogos só para sentar próximo da cabine de rádio, para ficar

olhando o Ivo de Almeida, com suas narrações inconfundíveis, parece até que ia sair e pular de dentro da cabine e entrar em campo, ele fazia parte do espetáculo, e levava muitos torcedores ao Estádio Eurico Gaspar Dutra.

O Marcio de Arruda imitava o Fiori Giglioti, da Rádio Bandeiral. Esses narradores cuiabanos tinham como escola os grandes narradores, do eixo Rio/São Paulo, o Ivo de Almeida seguia a linha de Jorge Cury, (Radio Globo/RIO e Tupi/RIO). Jota Marcio – era conhecido como o mais novo da nova geração, imitava José Carlos Araújo da Rádio Globo/RJ, era formado em Ciências Contábeis, trabalhou muito tempo como contador em São Paulo, sempre que iniciava a narração e dizia assim, —abrem-se as cortinas e começa o espetáculo torcedor cuiabanoll, e narrava assim: lá vai. Fuá, ele pisa na bola, ele prende a bola, ele gooooooooooosta da bola torcida mato-grossense. Ele era funcionário da SEFAZ.

Fuá (2012) argumenta que os locutores locais imitavam os grandes locutores do centro do país, especialmente os narradores dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ele ressalta que o rádio foi muito importante na difusão do futebol no Mato Grosso nas décadas de 1960 e 1970.

Não podemos deixar de citar os grandes comentaristas, que era o recheio do bolo, estão entre os grandes comentaristas os que destacaram na década de 60 e 70, época de ouro do Futebol de Mato Grosso, onde rádio tinha a importância que tem hoje a televisão, e naquela época, as vozes dos comentaristas soavam como uma explanação de um professor de futebol, entre os que ficaram em nossas lembranças podemos citar os quatros que mais marcaram: Edipson Morbek era o mais clássico de todos, ele via o jogo de uma maneira diferente, era como se a lógica dele, transpassava a visão comum dos simples torcedores, ele não era um analista apenas das jogadas, mas em suas análises fazia previsões das possíveis substituições e previa o que ia acontecer até o final do jogo, deixou saudade e fez escola. Roberto França, que gostava de tecer seus comentários mais voltados para os esquemas táticos, ele dizia assim: o Mixto entrou com o esquema 4-4-2 variando para 3-6-1, e após tomar o 1º gol passou a jogar no esquema tradicional 4-3-3, foi grande treinador tendo trabalhado em quase todos os times de Cuiabá, era o comentarista que os torcedores esperavam para saber qual a mexida poderia ser melhor para a sua agremiação e se o seu time poderia virar o jogo. Antero Paes de Barros era considerado a enciclopédia do futebol de Mato Grosso, era a meu ver um comentarista que seguia a linha do comentarista Dalmo Pessoa, da Rádio Bandeirantes/SP, ele também está no pedestal dos grandes comentaristas de Cuiabá, só que ele tinha um linguajar muito intelectualizado. Certa vez, ao analisar comentando sobre jogador por jogador, ele soltou esta pérola: —o jogador Panzariello, está com proeminência abdominal e excesso de adiposidadell, a tradução é nossa: o jogador estava barrigudo e gordo. Professor Willian Gomes, é um dos remanescentes, e que continua exercendo suas atividades, com o seu jeito bem tradicional, exaltando os fatos históricos do futebol de Mato Grosso, comentarista com humor contagiante, com as suas tiradas inteligentíssimas, coube a ele segurar a bandeira das celebridades da radiofonia cuiabana, é um profissional da mais alta estirpe da radiofonia, é o professor da faculdade e do futebol da cidade, sabe tuuuuuuuuuuuuuudo. (FUÁ, 2012).

Fuá (2012) ainda destaca os nomes dos grandes narradores e comentaristas de Mato Grosso, tais como Willian Gomes, Roberto França, Antero Paes de Barros, entre outros.

Por sua vez, destaca Silva (2010, p. 20):

Entre os tipos de crônica, é provável que seja a esportiva a que mais se aproxima de seu público, mantendo intensa relação de recíproca influência. O cronista, ao mesmo tempo em que atua como formador de opinião, recebe de seu público leitor os feedbacks correspondentes ao que publica. Atualmente, é mais visível esse comportamento devido à existência dos blogs na internet, em que se vê a enorme participação dos leitores, concordando, discordando, opinando, em respostas quase imediatas à postagem do cronista.

Entre dezenas de histórias, contadas até hoje nos bastidores do rádio esportivo de Mato Grosso, uma chama mais a atenção. Após criticar o presidente do Operário, Rubens dos Santos, o radialista Ivo de Almeida foi barrado no Estádio Presidente Dutra pelo dirigente e não poderia transmitir a partida do Tricolor. Inconformado, Ivo puxou fios de transmissão e se alojou, de forma improvisada, sobre o telhado do Colégio Ginásio Brasil (atual sede do Corpo dos Bombeiros), do outro lado da rua, no fundo de um dos gols do estádio do Porto. –_Nesse dia a concorrência achou que ia arrebentar, ledô engano, aí que a torcida foi à loucura, quando viu o Ivo narrando de cima do telhado e largando o pau no Velho Guerreiro (Rubens dos Santos)’, relembra Lino Pinheiroll (PORTUGAL, 2018).

Ivo de Almeida: ídolo da radiofonia cuiabana

Ao destacar o papel relevante de Ivo de Almeida, Fuá (2012) lembra que

Ivo de Almeida não era uma pessoa, ele era uma entidade, era o melhor de todos, era uma figura emblemática, tinha uma grande costeleta que o identificava de longe, era um ídolo da radiofonia cuiabana e os torcedores ficavam com um olho no campo de jogo e outro na cabine para ver o show de transmissão.

Ivo de Almeida envolvia com tudo que relacionasse ao Futebol de Cuiabá, e tinha um comentário diário que se chamava: Futebol em Pratos Limpos. E, nessas crônicas diárias no programa de esporte, logo após as manchetes, ele entrava falando sem medo, e tecia críticas pesadas sobre o Presidente da Federação (Dr. Herman Pimenta), não sabíamos se as críticas eram justas ou injustas.

Vou contar uma passagem histórica, sobre o Ivo de Almeida, ele anunciou várias vezes que em —Futebol em Prato Limpo da Equipe da Peteca, que iria fazer uma denúncia séria sobre a presidência da Federação, e criou uma expectativa muito grande. E, quando ele começou a falar dentro do estúdio, e aos gritos começou a desferir críticas, e mais críticas sob a Federação. Nisso a porta abriu muito rápida. Era Laércio de Arruda entrando no estúdio. Esse Ivo de Almeida levou um susto daqueles, quase caiu da cadeira. Ele cortou o som, e disse: —Laérrrrrrrrrrrrrcio, assim você me mataaaaaaaa Laérrrrrrrrrrrrrcio, pensei que fosse Herrrrrrrrrrrrrrma Pimenta.

Está registrada na História outra passagem que nessas brigas com o Presidente da Federação, este expulsou e proibiu que o Ivo de Almeida entrasse no Estádio

Presidente Dutra, e o Ivo para não deixar seus ouvintes na mão, apareceu em cima do telhado do Ginásio Brasil, e passou a ser a grande atração, mais até que o próprio jogo: e ele gritava: a Equipe da Peteca, até em cima do telhado ou de qualquer lugar do planeta, mas não deixa a peteca cair. Simplesmente era inigualável, ele era um Show à parte, respeitado e adorado pela torcida cuiabana. (FUÁ, 2012).

Fuá (2012) ressalta que Ivo de Almeida lutou pela construção do Estádio Verdão, quando ingressou na política, sendo eleito vereador da capital:

Ivo de Almeida, ele era ídolo da radiofonia cuiabana, e por ser admirado e respeitado entrou para a política partidária, e foi eleito Vereador. E como Cronista Esportivo e Político foram uns dos que mais lutou pela construção do Verdão, e tinha um slogan que dizia assim: o novo estádio será a redenção do futebol de Mato Grosso, pois o Estádio Eurico Gaspar Dutra já não suporta um clássico dos milhões, temos que construir um novo estádio, Cuiabá merece um grande estádio, vamos lutar pela construção de um novo estádio, ele não cansava de dizer e infelizmente depois de construído o Verdão que em nosso entendimento ele deveria ser homenageado, colocando seu nome em um grande monumento do esporte do de Mato Grosso, já pensou o Estádio com este nome —Arena Monumental Ivo de Almeida, ou mesmo colocar um estatueta sua à entrada da Arena do Verdão, como a estatueta que existe no Maracanã homenageando —Bellini, essa injustiça ainda pode ser corrigida, pois a nosso ver ele foi injustiçado. Construíram o Estádio Moreirão antes do Verdão, e o Ivo não perdoava, e para aquela —baba ovo de Campo Grande fica esta frase histórica de Ivo de Almeida: —CAMPO GRANDE TEM ESTÁDIO, MAS CUIABÁ TEM FUTEBOL.

O futebol na Era do Rádio

Para Glauco Marcelo Almeida (2019), o futebol praticado no período da Era do Rádio era de forma diferente, em uma Cuiabá de 250 anos de idade, em 1969:

Eu comecei no Campinas Esporte Clube, pois na época eu estudava na Escola Industrial e tinha um pessoal que estudava também no mesmo colégio, mas morava no Terceiro e me convidava para eu ir jogar no bairro deles porque tinha um time, mas era distante e eu não queria ir. Decidi, então, um dia ir com a turma. Era muito longe. Eu morava aqui na Praça Popular. Para treinar no outro lado, no Porto, era muito longe. Isso era mais ou menos em 1960 ou 1961. Aí eu comecei a ir e me destaquei. Fui para o Mixto, fui para o Operário. Fui para o Dom Bosco e aí encerrei a minha carreira. Era muito novo: 27 anos. Não me arrependi. Fui cuidar da minha vida. Esses dias vi um jogador dizer que ganhava 40 mil por mês para jogar no Mixto e não joga nada. Naquele tempo, tinha clube como Mixto e Dom Bosco, Clube Atlético Mato-grossense, que eram grandes, mas faltava chuteira dos outros times e a gente emprestava para jogar com os adversários, pois sozinho não tinha disputa. Quando saí do

Campinas, fui para o Mixto e joguei nos anos de 1963, 1964 e 1965. Em 1966, fui para o Operário. Em 1967, implantaram o profissionalismo no futebol de Mato Grosso. Houve uma crise, aí o Operário queria sair do campeonato. Retornei para o Mixto e fomos campeões do campeonato que comemorou os 250 anos de fundação de Cuiabá. Em 1970, 1971, 1972 e 1973 fiquei no Dom Bosco. Em janeiro de encerrei minha carreira com um problema no joelho. Como eu disse, ainda estava novo. Deus nunca faz nada de errado. Fez algo muito bom porque fui cuidar da minha vida em outra área. O futebol de antes era muito diferente do que temos hoje na área financeira. Isso é muito grande. Imagina, na época do Liceu Cuiabano, cheguei a ver Leônidas, que foi o maior jogador que tivemos aqui, Traçaia, que alguns comparavam ao Leônidas, prova que os dois saíram de Mato Grosso. Leônidas não aguentou a saudade de Cuiabá e voltou, mas os dois nunca deixaram de ser os melhores jogadores de Mato Grosso da época. Tinha Frederico Kunze, goleiro do Dom Bosco. Tito Gasolina, goleiro do Mixto, que era destaque. O Chupa Palha, que além de ser um grande lateral direito era também sambista. Também tinha o presidente do XV de novembro, do Porto, e era da Polícia Militar, na época Guarda Civil, e comandava a área. Tudo isso fazia parte do futebol de Cuiabá. Sem esses times humildes não havia campeonato. Então, os professores como Ranulpho Paes de Barros, pelo Mixto Esporte Clube, o pessoal do Dom Bosco, Joaquim de Assis, Cláudio Coelho Barreto e tantos outros, esses rapazes davam manutenção para os times humildes. Isso era interessante. Depois, passou para o Presidente Dutra, onde também joguei, e logo em seguida Verdão. O Dutra teve grandes craques: Ruitter, Damasceno, Almiro, Lito, inúmeros. Me desculpe não falar todos porque não venceria. O Flamengo, não o Botafogo, veio jogar aqui e eu era capitão do Mixto. Fui hastear bandeira do Brasil, Mato Grosso e Cuiabá. Logo que hasteamos, tivemos que acompanhar a primeira-dama, Maria de Lurdes Fragelli. Ivo de Almeida comandava a transmissão do jogo. Todo mundo gritava que queria estádio. Ela, então, me fez uma pergunta. Queria saber se além de futebol eu trabalhava com outra coisa. Disse que eu trabalhava também. Ela falou: isso é muito interessante, mas esse povo seu queria que eles pedissem outras coisas, como escola. Querem estádio. Vou pedir para o Fragelli fazer o estádio e foi feito. Eles ouviram a voz do povo e a voz do povo é a voz de Deus. Cuiabá era uma cidade pequena. Devia ter uns 250 mil habitantes. As pessoas me reconheciam. Não ganhava praticamente nada de dinheiro, mas tinha muitas amizades. Tinha amizade sincera, mas tinham outras que não eram nem tanto assim sincera. Até hoje isso ocorre, mas foi divertido. Nossa juventude foi muito sadia, divertida. Não sei se terá uma juventude assim de novo. A gente era super reconhecido. O rádio que era muito conhecido aqui. Foi em 1969 que veio a TV Centro América. Antes era a Difusora, Voz D'Oeste, Cultura, Edipson Morbeck, Lino Pinheiro, Macedo Filho, Ivo de Almeida, Antero Paes de Barros e Ivo de Almeida, que era um dos mais importantes e foi por causa dele que teve o estádio do Verdão. Coisa mais estranha é saber que sumiu um busto que foi construído para homenageá-lo. Isso é uma das maiores injustiças do nosso esporte. Ele foi carregado e carregou a luta pela construção do nosso estádio Verdão. Infelizmente, derrubaram o Verdão (ALMEIDA, 2019).

Ivo de Almeida marcou época no rádio cuiabano, com um estilo empolgante, polêmico e provocador. – Era quase que uma unanimidade, não tinha pra ninguém, principalmente nos tempos da Equipe da Peteca, na Rádio A Voz do Oeste, lembra Lino Pinheiro, que trabalhou com Almeida, nos idos de 1967 (PORTUGAL, 2018).

Para Antero Paes de Barros (2019), jornalista esportivo, na história do futebol em Mato Grosso o rádio foi uma ferramenta muito importante, em um período em que ainda não tínhamos a televisão:

Olha, nós tivemos vários períodos (no futebol de Mato Grosso). Comecei no rádio muito cedo, com 14 anos. Fui trabalhar na Rádio Cultura, como repórter esportivo, e a primeira partida que eu fui trabalhar foi Mixto e Operário, em 1967. Mas, naquela década de 60, a gente ainda estava saindo de uma fase de disputa no Colégio Estadual, que é o Liceu Cuiabano atualmente. O Liceu era o grande palco das disputas de futebol em Cuiabá. [...]. Não. Aqui no campo de onde hoje é o Liceu Cuiabano, que era o Colégio Estadual e era por sinal moderníssimo. Temos túnel, vestiário individual, chuveiros para todos os atletas. Era importantíssimo para aquela década. Evidente que eu não vi os jogos ali. Cheguei a assistir treinos ali e cheguei a treinar no Mixto ali. Meu pai teve época que era presidente e acumulava presidente com cargo de técnico e quando faltava atleta eu cheguei a jogar. Tem essa época do colégio estadual. [...] O rádio incentiva muito. A própria disputa de audiência levava e motiva o torcedor. As coisas eram mais simples, menos afrescadas do que é hoje. A audiência era forte. Até hoje, quando se vê uma pessoa com rádio chama de geraldino. A gente vai ao estádio e não sabe mais quem são os jogadores. Se você está com o radinho, você coloca no ouvido e ouve a transmissão ao mesmo tempo reconhecendo quem é quem. Você fica memorizando o seu time e o adversário. Agora que a Rádio Capital e a talvez a Mega FM vão transmitir a série B do brasileiro, ainda sim num projeto muito embrionário. Eu tenho uma teoria que eu já disse isso quando ainda estava na TV Centro América em 1973. Eu assumo e fico por 10 anos fazendo esporte e editava o jornal. Era o Jornal Nacional e o local. Depois de 76, o maior público não foi a seleção brasileira. Foi Mixto e Operário para ver quem iria representar Mato Grosso no campeonato brasileiro. O jogo era decisivo e pela primeira vez a TV Centro América transmitiu ao vivo a final de um campeonato brasileiro. Transmitiu no mesmo dia a final entre São Paulo e Atlético Mineiro. O São Paulo ganhou. O Chicão, do São Paulo, quebrou a perna do jogador do Atlético. E o Mixto ganhou aqui. Foi 3 a 2 na vitória sobre o Operário. Mas o que acontecia: Mato Grosso é o lugar onde o Brasil se encontra. Temos a fama de receber bem. As pessoas vinham para cá, gostavam de futebol e faziam opção por um time local. Vou te dar um exemplo de uma pessoa que era cônsul do Grêmio Futebol Portogalense aqui em Cuiabá. Não tinha transmissão jogo do Grêmio aqui, ele ia ao estádio, fez opção por um time e até virou comentarista. Depois vieram as transmissões ao vivo pela TV. Tanto é que em 86, quando me elejo deputado federal, proponho por conhecer a problemática do futebol um projeto para proibir a transmissão dos jogos quando tem jogo na praça local. (BARROS, 2019).

Antero Paes de Barros defende a tese de que o advento das transmissões dos jogos pela TV contribuiu com o esvaziamento do público nos estádios de futebol em Mato Grosso e com a crise do futebol local. Defende a ideia de que o rádio, ao contrário, potencializou a paixão pelos times locais.

O torcedor de futebol, quando escuta as transmissões dos jogos pelo rádio, compartilha sentimentos e se insere em uma comunidade imaginada; compartilha emoções esportivas. Kant (1965 apud GIACOMELLO, 2008, p. 25) afirma

[...] que uma sensação só é comunicável se há acordo de afetos, o que pressupõe uma comunidade do gosto, que é a faculdade de se julgar a comunicabilidade dos sentidos. Este talvez seja o caminho para entender e justificar o quanto o torcedor se identifica com a transmissão de uma partida de futebol pelo rádio. Quando se ouve uma pessoa dizer que prefere acompanhar um jogo no rádio do que na televisão é preciso entender esta manifestação de afeto por este tipo de narrativa.

Para Fião (2019), o gostoso mesmo era a mobilização, na Era do Rádio:

As pessoas tinham um radinho para escutar. As pessoas podiam não enxergar a partida, mas sabiam o nome pelo rádio. [...]. Nessa época, a gente comia de tudo e ia jogar. Não tinha essa de nutricionista, que não podia comer isso ou aquilo. Só para se ter uma ideia, tinha um médico que sempre olhava, mas era tudo difícil. O time só ia lá no campo para evitar uma machucadura. [...]. Teve um jogo que eu fui para área pegar uma bola e o Ruiter me deu uma tapinha por detrás. Foi coisa boba. Nisso, ele correu e eu saí correndo atrás dele para brigar. Para que isso? Fui expulso. Foi a única expulsão que tive na minha carreira futebolística. Não brigamos. Somos amigos até hoje. Outra coisa que marcou também foi que marquei 10 gols contra o XV de novembro numa única partida. [...]. Acho que não teve no Brasil um jogador que fez isso. Era uma partida oficial. Era um domingo de manhã. Tem um pessoal procurando a súmula, tem até um repórter procurando isso, mas estou aguardando isso também. Acho que foi em 1968 ou 67 por aí. Eu estava no Operário e foi contra o XV de novembro de Cuiabá. Isso ficou na história. Ninguém fez igual (FIÃO, 2019).

No rádio, o narrador esportivo deixava transparecer a sua paixão pelo futebol. É o caso de Márcio de Arruda, da RVO:

Contra o Dom Bosco tudo é possível... Esta foi a explosão do narrador esportivo Márcio de Arruda, ao final do jogo em que o Mixto empatou com o Dom Bosco pela contagem de 2 a 2, no Dutrinha, e ganhou o Campeonato Mato-grossense de Futebol de 1956. Dombosquino de primeira hora, Márcio de Arruda, cujo desabafo raivoso ficou famoso nos meios esportivos da capital, não se conformava como o seu time havia perdido o campeonato. E com razão: o dom Bosco estava ganhando por 2 a 0 até os 40 minutos do 2º tempo, mas permitiu que o alvinegro empatasse e ficasse com o título. [...]. Decorrido mais de 40 anos, Márcio Arruda, ainda recordava amargurado o fato. [...] O técnico João Batista Jaudy, lembra que de fato tinha treinado o atacante Nelson Leão, um bombeiro cuja dedicação em campo acabou dando origem ao slogan dombosquinos LEÃO DA COLINA ILUMINADA para se fosse preciso, marcar implacavelmente Ruiter. De sua parte, Jaudy escorregava uma graninha por fora para o lendário locutor Ivo de Almeida, da Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá tocar em seus programas esportivos uma musiquinha que dizia: —O leão está solto na rua...!, só para provocar os mixtenses. [...] A ordem de Jaudy era Leão acompanhar Ruiter até mesmo quando fosse ao banheiro. Ruiter,

que de bobo não tinha nada, deixou de ser meia armador e foi jogar dentro da área do Dom Bosco. Não deu outra: no desespero para não deixar Ruiter pegar na bola, Nelson Leão acabou marcando, contra os dois que deram o empate e o título daquele ano ao Mixto [...] (SEVERINO, 2011, p. 61).

A narração ressalta o aspecto emotivo do espetáculo, mesclando emoção e informação no discurso. A musicalidade e o ritmo veloz – mesmo quando a partida é disputada em ritmo lento – garantem uma emoção própria da narrativa e não do jogo em si. Novamente, temos aqui a distinção entre o futebol e a narrativa do futebol, em que o discurso sobre o real transforma-se no próprio real (ABREU, 2001, p. 5).

O narrador combina as ressignificações da identificação e da visualização e cria seu próprio estilo de transmissão por meio da velocidade, buscando agradar o ouvinte e mantê-lo fiel. Alguns momentos da narração são particularmente importantes e o narrador faz uso desses momentos para marcar o seu estilo. De todos esses momentos, o grito de gol é, sem dúvida, o principal. O grito de gol é uma das principais características da transmissão de jogos de futebol no rádio. A elevação do timbre da voz do narrador e a emoção envolvida nessa etapa diferenciam-se totalmente do restante da narração, sendo o ponto alto do estilo da maioria dos narradores (GIACOMELLO, 2008, p. 60).

Sobre o período do rádio e o futebol em Mato Grosso, o radialista e ex-deputado estadual Hermínio J. Barreto⁴⁵ assim discursou na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, no ano de 2013:

Fiz questão de vir sempre venho na terça-feira, Deputado Emanuel Pinheiro sabe, mas fiz questão de vir hoje de Rondonópolis para assistir esta Sessão que para mim reputo de grande importância, Professor Ademir. Esta semana tive oportunidade de assistir dois grandes eventos, um evento é este aqui que está acontecendo agora à noite, Dr. Whady Lacerda, Presidente do Lions Visão, que precisa do apoio de todos inclusive, da Federação Mato-grossense de Futebol; e a outra o Simpósio do Rádio que aconteceu aqui nesta semana no Tribunal de Contas do Estado, que se reuniu aqui a história do Rádio Cuiabano, a história do Rádio Mato-grossense, da qual também fazemos parte. Portanto, Deputado Emanuel Pinheiro, ao ouvir aqui os diversos discursos, ao sentir aqui a emoção dos homenageados, tenho absoluta certeza que esta Casa está cumprindo evidentemente com seu papel de prestar homenagem àqueles que trabalharam, que se sacrificaram em favor de uma entidade que merece todo o nosso respeito [...].

⁴⁵ Natural de Campo Grande (MS), Hermínio Barreto mudou-se, em 1967, para Rondonópolis, onde militou no rádio como locutor esportivo, jornalista e apresentador de programas musicais. Naquele mesmo ano, ajudou a fundar o time de futebol União Esporte Clube. Em 1982, foi eleito vereador de Rondonópolis pelo Partido Democrático Social (PDS). Em 1986, foi eleito deputado estadual, já pelo Partido Liberal (PL), tornando-se líder do partido. Exerceu o mandato durante dois anos e, em 1988, foi eleito prefeito de Rondonópolis também pelo PL, partido pelo qual também foi eleito deputado estadual em 1998, reeleito em 2002, sendo vice-presidente do Legislativo estadual no biênio 2003/2004. Em 2006, elegeu-se suplente de deputado estadual, vindo a assumir a cadeira de titular em 2008, sendo reeleito em 2010. Faleceu em 2018.

[...] Lembro-me perfeitamente que a [há] vinte e cinco, trinta anos, ao acompanhar o Clube Esportivo Dom Bosco no Campeonato Brasileiro, na chamada Taça de Prata, o Presidente Orione me convidou, através da Rádio Branife, para acompanhar a transmissão porque houve um problema das emissoras de rádio daqui de Cuiabá e lá fui eu com a equipe da Rádio Branife transmitir. Os diretores do Dom Bosco, inclusive, o diretor Cláudio Coelho Barreto, alugaram um som da EMBRATEL, recebemos o som aqui em Cuiabá e a torcida do Dom Bosco, toda ela, no Clube Esportivo Dom Bosco, foi lá para ouvir o J. Barreto e o Clóvis Roberto transmitir aquele jogo. No segundo jogo do Dom Bosco as emissoras de Cuiabá já se encontravam com o Presidente Carlos Orione em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, para depois acompanhar as transmissões aqui para Cuiabá. Portanto, são histórias. (BARRETO, 2013 apud MATO GROSSO, 2013).

Continuando, Hermínio Barreto, por ser radicado em Rondonópolis (MT), sendo, inclusive, empresário da área de radiofonia, na oportunidade lembrou da

[...] história do União Esporte Clube. que não foi citada aqui, uma das equipes que tem o maior número de torcedores, que levou nos últimos campeonatos o maior número de torcedores, Dr. Agripino Bonilha Filho, ao Estádio Engenheiro Lutero Lopes, localizado na cidade de Rondonópolis, que fez bonito contra o Internacional de Porto Alegre, quase tirando o Internacional da Copa do Brasil, no ano retrasado, quando o União ganhou aqui de 1 X 0, depois deram um jeitinho, segundo o Presidente, e arrumaram um gol bem no finalzinho e o União foi desclassificado, Presidente Carlos Orione. Por tudo isso que vim aqui hoje, me sentindo um garoto para continuar trabalhando pelo futebol de Mato Grosso. (BARRETO, 2013 apud MATO GROSSO, 2013).

Por outro lado, em Campo Grande, o ex-jogador de futebol Sabino Preza fez sucesso na radiodifusão, inclusive como narrador esportivo, acompanhado por Jorge Chammas e Gomes Morais (ARAÚJO, [20--]?, p. 72).

Para José Eustáquio Pulula (2019), o radialismo foi muito importante para a difusão do futebol mato-grossense, bem como o Dutrinha, palco de grandes espetáculos:

Eu comecei na rádio Voz do Oeste, época do Jota Márcio, César Augusto, o Negro Gato, Roberto de Jesus César, o Careca, Orlando Antunes, tantos outros. Era sonho de todo radialista trabalhar na Voz do Oeste. Augusto Roberto me chamou e disse que ia assumir uma assessoria e disse para eu fazer uns serviços junto ao Operário. Lá conheci muita gente, Fauser Santos, Antero, William Gomes, tantos outros, assim como na Industrial. Lá em Jundiá eu ia todo final de semana nos shows. Teve até uma vez que o Milionário e José Rico veio aqui e lembrei de uma história que eles não eram nem famosos e tranquei o carro dele com o meu. Ele riu demais. Trabalhei na Cuiabana, Antena FM, onde fazia um programa de madrugada, que foi muito importante para mim. Um amigo repórter da revista Placar falava da minha volta ao Operário em 79. O jogo foi no Dutrinha e o público de 4.870 pessoas. Ele mesmo comentava comigo. O público da decisão de 97 de Operário e Barra do Garças ou União de Rondonópolis era de 1.350 pessoas na final. Tudo isso está registrado na revista Placar. (PULULA, 2019).

O rádio apresenta uma característica muito mais regionalizada que outros meios de comunicação em massa, como a televisão. As emissoras de rádio, mesmo quando são afiliadas a grandes redes de TV, acompanham quase que exclusivamente os times da cidade ou região, possuindo equipe própria que acompanha o time local (ou times locais). (GIACOMELLO, 2008, p. 69). Nas memórias de Pulula (2019):

Naquele meu tempo não tinha televisão. Isso foi muito bom para essa meninada que sonha em ser craque. Quantas partidas a gente ia jogar em Rondonópolis e a Rádio transmitia, mas tinha em alguns que nem a rádio transmitia. Hoje em dia está mais fácil. Temos programas que mostram gols. Temos os Gols do Fantástico. A TV é muito boa, pois dá um sopro de vida para os clubes porque expõe as equipes e os times vivem de merchandising. Hoje tem propaganda até na bunda, no short do jogador. Então, a TV ajuda e muita, mas também tira muito torcedor. Tem outra coisa, a violência também afasta. A pessoa vai deixar de assistir tranquilo em casa com a família para correr risco? O fanático continua indo, mas a maioria prefere o conforto de casa.

Já para Giacomello (2008, p. 69),

Se pensarmos numa transmissão de futebol pela televisão, pode-se verificar que a sua abrangência é muito mais ampla em termos de público e de cobertura territorial do que o rádio. Uma partida transmitida pela Rede Globo, que detém os direitos de transmissão do Campeonato Paulista é assistida em diversos estados e por vários telespectadores interessados, de alguma forma, em acompanhar o futebol naquele momento.

3 DO AUGE À DECADÊNCIA: O FUTEBOL DE MATO GROSSO NA ERA DO VERDÃO E DA TV

Este capítulo trata do futebol profissional de Mato Grosso de 1970 a 1990, destacando temáticas como o papel da Federação Mato-Grossense de Futebol (FMF), o período de glória do futebol mato-grossense, as causas da decadência, a influência da televisão e o Estádio Verdão.

Os 71 anos da Federação Mato-grossense de Futebol

Quando a FMF completou 71 anos de existência, em 2013, na gestão do futebol em Mato Grosso, em solenidade pública foi realizada uma sessão solene em homenagem a jogadores, dirigentes do futebol em Mato Grosso, na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso. Nessa ocasião, muito se relatou sobre a história da existência desse esporte no nosso estado, do período de 1942 a 2013, bem como as suas fases de desenvolvimento junto à FMF, as quais foram testemunhadas pelo deputado estadual Emanuel Pinheiro, atual prefeito de Cuiabá, que assim se pronunciou a respeito:

[...] sobre os 71 anos da Federação Mato-grossense de Futebol. Em maio de 1942 foi fundada a Federação Mato-grossense de Desporto, sendo, então, seus fundadores: César Augusto de Matos, pela Liga Esportiva de Corumbá; Ranulpho Paes de Barros, pela Liga de Campo Grande; José Monteiro de Figueiredo, pelo Paulista Esporte Clube de Cuiabá; Carlos Emílio Bianchi, pelo Clube Esportivo Dom Bosco; Frederico Rubens de Matos, pelo Americano Esporte Clube; Raul Santos Costa, pelo Mixto Esporte Clube; Frederico Vaz de Figueiredo, pela Liga Três-lagoense de Esporte; Hélio Ponce de Arruda, pela Liga Mirandense de esportes Armadores; Emanuel Ribeiro Daubian, pelo Estado Novo Esporte Clube; Lúcio de Almeida, pela Liga Esportiva Aquidauanense; Hilda Lima Corrêa, pelo Clube Esportivo Feminino de Cuiabá e Salim Nadaf, pelo Terceiro Distrito Esporte Clube. Já se foram 71 anos dessa semente plantada por esses pioneiros que, hoje, crescidos tornaram-se a Federação Mato-grossense de Futebol, desafiando os tempos e partindo para novas conquistas, como bem diz Carlos Orione, seu Presidente atual —71 anos de história e memórias! (PINHEIRO, 2013 apud MATO GROSSO, 2013, p. 2).

Pinheiro (2013 apud MATO GROSSO, 2013) informa que, desde a fase do pioneirismo na gestão do futebol em Mato Grosso, as competições foram geridas por ligas esportivas:

[...] Até 1942 não existia no Estado uma entidade responsável por organizar competições oficiais de futebol em âmbito estadual, pois, as competições

eram organizadas pelas ligas esportivas existentes em muitas cidades do Estado, simpatizantes do esporte. Em Cuiabá essas competições eram organizadas pela Liga Esportiva Cuiabana - LEC, fundada em 1936 e presidida pelo Desembargador José Vieira do Amaral. As competições eram realizadas no Campo do Bosque Municipal, onde mais tarde se construiu o —Estádio do Comércio, o primeiro Estádio de Futebol de Mato Grosso, presidido por Manoel Soares de Campos, pai do ex-Prefeito e ex-Governador Frederico Carlos Soares de Campos, inaugurado no dia 07 de setembro de 1936, onde, hoje, está edificado o Monumental Colégio Estadual Liceu Cuiabano, conhecido como Colégio Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Müller (PINHEIRO, 2013 apud MATO GROSSO, 2013, p. 2).

O processo de criação das ligas e federações para organizar e institucionalizar o futebol em Mato Grosso é um elemento do processo de esportivização (ELIAS; DUNNING, 1992a), de constituição/formação do campo esportivo (BOURDIEU, 2004) e do processo civilizador (ELIAS; DUNNIG, 1992).

Após esse período, o futebol de Mato Grosso atinge a fase adulta e conquista a sua profissionalização, como disse Pinheiro (2013 apud MATO GROSSO, 2013, p. 2):

[...] Em 1967 ocorreu a profissionalização do futebol mato-grossense, já na gestão do, então, Coronel Comandante do 44º Futebol Profissional, o Clube Esportivo Operário Várzea-grandense, o Chicote da Fronteira como é conhecido. Em 1976 o então Presidente da Confederação Brasileira de Desportos o Sr. Carlos Orione. A história do esporte mato-grossense está ligada diretamente a clubes, como o Mixto Esporte Clube, Clube Esportivo Operário Várzea-grandense, Clube Esportivo Dom Bosco, o meu Clube Esportivo Dom Bosco, Clube Esportivo Palmeiras (o Palmeirinha do Porto)... Inclusive, nesta semana faleceu o fiscal da Prefeitura de Cuiabá, Sr. Gerson, ex-goleiro do Palmeirinha do Porto e vamos encerrar esta Sessão com um minuto de silêncio em homenagem à memória daquele que, também, deu muitas glórias ao nosso futebol cuiabano, ao nosso futebol mato-grossense, o servidor público, nosso inesquecível goleiro do Palmeirinha do Porto, Gerson. [...] Clube Esportivo São Cristóvão e tantos outros que deram para o mundo esportivo nomes como José Silva Oliveira, o Bife, que se tornou um dos maiores artilheiros da história do futebol mato-grossense, inclusive defendendo as cores dos Clubes de Futebol do Porto e o Belenense de Portugal, Ruitter Jorge de Carvalho, defendendo as cores do Mixto Esporte Clube e tantos outros a quem nós nos reverenciamos nestes 71 anos de glória.

Na mesma sessão, Pinheiro (2013 apud MATO GROSSO, 2013) reproduziu uma mensagem do escritor cuiabano Evaldo de Barros, promotor aposentado, jornalista, ex-vereador por Cuiabá, em relação ao futebol em Mato Grosso, citada no discurso do prefeito:

[...]. Já disse o escritor cuiabano Evaldo de Barros, reproduzindo aqui uma mensagem do ex-Vereador de Cuiabá radialista, jornalista e fundador do Diário de Cuiabá, Alves de Oliveira: —A cidade vive dos que vivem e viveram nela. Portanto, jamais esqueceremos os grandes protagonistas do futebol mato-grossense, como Levi do Prado, que na década de 70 muito ajudou a transformar em realidade o sonho de construir um dos berços do esporte mato-grossense, o Monumental Estádio —Governador José Manoel Fontanillas Fragellil. Vale destacar aqui o seu entusiasmo e vontade de tornar realidade que, em 1971, depois de ausentar dos gramados, pois o mesmo havia sido goleiro, na década de 50, do Mixto Esporte Clube, à frente da Federação viu tornar realidade o nosso palco esportivo de grandes disputas, o Verdão, que leva o nome do Governador, à época, José Fragelli. Nesta retrospectiva dos áureos tempos não podemos deixar de citar e reportar a ele as mais profundas homenagens como reconhecimento por muito que fizeram pelo nosso Estado, pela nossa querida Cuiabá e pelo nosso futebol, desportistas como: Agripino Bonilha Filho; Ranulfo Paes de Barros; Antero Paes de Barros; Eduardo Saraiva; Macedo Filho; Roberto França Auad; Ivo de Almeida; Maurício de Oliveira; Careca; Pulula; Augusto Roberto; Dorileo Leal; Cláudio Coelho Barreto, Joaquim de Assis, Orlando Antunes; Edilson Morbeck; J. Barreto; Antônio Carlos; David César; Ademir Moreira; Rômulo Augusto; Jaburu e Felizardo, grande parte da esquadra do Mixto Esporte Clube e tantos outros que nos ajudaram a construir essa história de honras e glórias do nosso querido futebol e saudoso do passado, mas o nosso querido futebol cuiabano, futebol mato-grossense. Assim, diante do exposto e do justo objetivo de homenagear a Federação Mato-grossenses de Futebol e àqueles que deram muitas alegrias e glórias ao Desporto Mato-grossense, cumpre-me levar ao conhecimento de todos os colegas e da sociedade cuiabana esta justa homenagem que fazemos àqueles que nos ajudaram a construir uma história de glórias, de lutas e de vitórias que foi o futebol cuiabano e o futebol mato-grossense. Muito obrigado a todos vocês! O reconhecimento do Poder Legislativo Mato-grossense, o reconhecimento da sociedade mato-grossense! (PINHEIRO, 2013 apud MATO GROSSO, 2013, p. 2)

Importante informar que não existem, nos arquivos da FMF, documentos que comprovem essas histórias, uma vez que ela não possui acervos preservados, daí a busca de relatos de memórias que comprovem tais fatos acontecidos na história do futebol em Mato Grosso. Isso certamente torna o trabalho do pesquisador, sociólogo do esporte, ainda mais árduo e importante, pois, se não for elaborada/produzida essa análise sociológica sobre o futebol em Mato Grosso, certamente o desconhecimento atuará como entrave ao desenvolvimento desse esporte no estado.

Na mesma cerimônia, em 2013, Agripino Bonilha Filho⁴⁶ lembrou assim a sua experiência, a partir de 1971:

⁴⁶ Agripino Bonilha Filho é natural de Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul; reside em Cuiabá desde 1970. Foi presidente da Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD) (1971-1975) e um dos principais

Quando eu fui presidente da Federação Mato-grossense de Desportos – FMD, por várias vezes, participei de jogos em Rondonópolis (MT) e fui entrevistado pelo então radialista J. Barreto. O radialista, em determinado momento, se condensa perante a opinião pública e, muitas vezes, se envereda pela política e se elege, mas o Deputado Hermínio J. Barreto pode, nessa primeira fase, ter conquistado esse *status*, mas já foi por diversas vezes reeleito. Quando eleito ele volta a estas quatro paredes e aqueles que votaram nele para reeleição é porque sentiram no trabalho que ele faz aqui dentro alguma coisa de efeito que ele fez para sua comunidade. Portanto, Deputado Hermínio J. Barreto, que veio da simplicidade do uso do microfone de uma rádio, hoje, representa o povo de Rondonópolis que nos orgulha em termos econômicos de ser uma das grandes locomotivas do Estado de Mato Grosso. Nosso presidente Oriane, eu já fiz campanha contra ele para derrubá-lo quando da intervenção – ele se lembra disso –, mas na sua última eleição fiz questão de cumprimentá-lo na posse. Esse homem para estar tanto tempo eleito por quem faz o desporto em Mato Grosso é porque tem algum mérito. Esse mérito, sem dúvida alguma, leva-o, pelo tempo de serviço, a dizer que é um dos grandes construtores do desporto mato-grossense, desses grandes que jamais podemos nos esquecer do nome. Nosso presidente da Federação Gaúcha de Futebol, quando eu fui Presidente eu me relacionei muito com o Hofmeister, então, presidente da Federação Gaúcha e lá fui recebido por duas vezes e sempre respeitando o povo gaúcho pela sua tradição e pela força extraordinária que com a qual consolidam a brasilidade das fronteiras do Paraguai, da Argentina e do Uruguai. Portanto, é um povo que enobrece o povo brasileiro. Estou aqui diante desta enormidade de pessoas muito inteligentes, brilhantes, que estão sendo homenageadas e caiu para mim a responsabilidade de falar em seus nomes, mas eu só considerei esse convite porque sou o mais velho de todos. Farei, daqui a duas semanas, setenta e oito anos. Portanto, aceitei essa incumbência. Deputado Emanuel Pinheiro, como nós podemos falar por tantos? Só recobrando a imagem da própria experiência, do próprio trabalho. Cada um fez o trabalho que eu fiz, que todos fazem ou fizeram. Eu sei do meu! Quando fui eleito, Pinheiro, eu tomei posse na rua com a luz da CEMAT, porque a luz do Estádio Presidente Dutra tinha sido cortada, a água tinha sido cortada, mesmo assim conseguimos realizar um trabalho. Desde o primeiro dia ao último dia da nossa administração – minha e do Levi do Prado, que era meu Vice-Presidente –, jamais o Estádio Presidente Dutra deixou de receber a sua capacidade máxima de público tal era a potência do futebol mato-grossense. E recebemos isso como herança que permaneceu ativa e viva durante a nossa administração. O que é um presidente de uma Federação que não tem salário; que não tem Receita; que tem responsabilidades imensas, pois, não era somente futebol, mas todos os esportes de Mato Grosso e você teria que administrar? E aí, Deputado Emanuel Pinheiro, só para fazer uma referência a um ex-governador deste Estado que o seu pai ajudou muito como deputado. Quando assumi a Federação a sala da Presidência era tudo: era a sala onde o juiz trocava de roupa, onde tinha duas portinholas para se vender ingresso e onde tinha um banheiro todo especial para as bandeirinhas. Os

articuladores para a concretização da construção do Estádio Governador José Fragelli, o Verdão. Foi diretor da Agência de Execução de Projetos da Copa de 2014 (Agecopa) e assessor especial da Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo (Secopa) (2010-2013).

arquivos estavam simplesmente um em cima do outro e uma pedra em cima e algum cheiro não tão agradável. Eu tinha ido à exposição agropecuária que era no Bairro do Porto e voltei junto com o ex-governador Pedro Pedrossian. Eu era seu Secretário de Estado, na época. Eu levei o, então, governador Pedro Pedrossian ao Estádio Presidente Dutra e lhe mostrei todas as nossas eficiências. E ele disse: —E aí? Vossa Excelência vai administrar?!. Eu disse: Todos os esportes e o futebol mato-grossense desta sala, mas não pedi nada. Voltei e entreguei o, então, governador em sua casa e fiz umas loucuras. A um empreiteiro que estava ganhando muitas obras no Estado eu pedi que fizesse — eu não tinha um tostão para pagá-lo -, a nova arquibancada do lado direito do Estádio Presidente Dutra; pedi a outra empreiteira que fizesse oito salas embaixo dessas arquibancadas. Dentro dessas salas nós pedimos para outro empreiteiro que vendia os Móveis Solivetti que me vendesse sem receber todos os Móveis Solivetti de aço. Nós fomos a uma livraria e pedimos todos os arquivos, papéis, documentação, para que pudéssemos organizar a vida dos clubes. E assim feito nos organizamos uma arquibancada nova e fizemos a arquibancada geral. Nós cimentamos a geral do lado de cá. Estruturamos praticamente todos os clubes de futebol com seus estatutos e organizamos os padrões de controle dos árbitros e dos jogadores. Então, chamamos o governador Pedro Pedrossian para nos visitar. O Governador entrou e eu disse: Olha, governador, essa arquibancada não tinha. Ela é nova. Está toda ela pintada. Esta e as outras. O senhor se lembra de que era só uma salinha? Não! Nós temos esta sala aqui que é do Presidente, que tem o nome do Presidente João Havelange; esta sala para reunião de todos os clubes, uma sala bem grande, tem o nome Pedro Pedrossian, e estava lá a sua fotografia; está aqui é a sala disso, sala daquilo. Enfim, nós abrimos todos os arquivos, mostramos todas as pastas organizadas e entramos no campo. Ele viu e falou: —Como você arranjou dinheiro?!. Eu disse: Eu não arranjei! Eu estou devendo! É o senhor quem vai pagar. Mas a responsabilidade estava na minha cuca. Ele, então, chamou o Gabriel Müller, que era presidente da Codemat, e disse: —Gabriel, se vire e pague as despesas da Federação que o Bonilha arranjou.!. Essa é a história de todos que estão aqui presentes. Todos! Quando assumimos nós encontramos um turbilhão de dificuldades. Qual é a nossa satisfação? Vencê-las! Vencer uma por uma das dificuldades! Essa é a satisfação dos presidentes que lutam diariamente para que isso aconteça. E qual o reconhecimento que nós temos? É o íntimo! Mas reconhecimento como este de Vossa Excelência, com o seu registro, com a sua lembrança, com o seu registro nesta Casa do Povo a todos que receberam essa Medalha, compensa! E compensa porque nós dedicamos a vida para vencer dificuldades e obstáculos e de tal forma que nós construímos o futebol de Mato Grosso que, hoje, nós somos uma das sedes da Copa do Mundo, concluiu Bonilha (BONILHA FILHO, 2013 apud MATO GROSSO, 2013, p. 8).

O próximo item desta tese trata da influência da televisão no futebol de Mato Grosso.

A Era do Verdão: do auge à crise do futebol de Mato Grosso

Após a inauguração do Moreirão, em Campo Grande, Boamorte (2014) relata que

Sedenta por futebol a população da Baixada Cuiabana lotava as arquibancadas do acanhado Estádio Presidente Dutra, com capacidade para no máximo sete mil pessoas. A cidade contava com cerca de 10 times, mas três deles se destacavam entre os preferidos – Mixto, Operário e Dom Bosco. O trio levava multidões ao local e muitos ficavam de fora na década de 60 e início de 70.

Alguns anos antes, em 1965, a vinda do Santos Futebol Clube, de Pelé, Pepe e Coutinho, já mostrava que a capital de Mato Grosso merecia um estádio maior. Na partida contra o Mixto, os portões do Estádio Presidente Dutra tiveram que ser fechados horas antes da partida, tamanho o interesse da população. Abarrotado de torcedores, o velho Dutra não comportava mais a paixão do cuiabano.

Eis que o governador José Fragelli, incentivado por sua esposa, dona Maria de Lourdes Ribeiro Fragelli e pela população da Baixada Cuiabana resolve construir aquele que seria o principal palco de futebol de Mato Grosso.

– Quando cheguei aqui em 1973, só tinha o Estádio Dutra para jogar. Ele estava sempre lotado e a cidade precisava de algo maior, que pudesse contemplar a população – disse o ex-zagueiro do Mixto, Nelson Vasques, que participou das inaugurações do Verdão.

Macedo Filho (1981, p. 4) relata que a ideia da construção de um grande estádio de futebol nasceu em 1968, quando o engenheiro Frederico Carlos Soares Campos era prefeito de Cuiabá. Então, o povo aclamava para que a municipalidade ou o estado construísse um novo estádio para a cidade, uma vez que o Estádio Presidente Dutra tornara-se obsoleto e não condizia com as ansiedades da população cuiabana e dos desportistas mato-grossenses. No ano seguinte o governador José Fragelli baixou o decreto de desapropriação da área para a construção do novo estádio.

Com o desenvolvimento do futebol de Mato Grosso e o crescimento do número de espectadores nos estádios, surgia a pressão para a construção de um estádio maior. A pressão popular surtiu efeito e José Fragelli decidiu construir um dos maiores marcos do seu governo.

Em 29 de fevereiro de 1972, o governo declara de utilidade pública, para efeitos de desapropriação amigável ou judicial, a área de terras que menciona como necessária à implantação do estádio de futebol e do Centro Esportivo de Cuiabá, hoje denominado Professor Aecim Tocantins.

O Governador do Estado de Mato Grosso, usando da atribuição que lhe confere o artigo 42, inciso III, da Constituição Estadual Estadual, e tendo em

vista o disposto no Decreto Lei nº 3365, de 21 de junho de 1941, alterados pela lei nº 2.786, de 21 de maio de 1956, DECRETA: Artigo 1º - Fica declarado de utilidade pública, para efeitos de desapropriação amigável ou judicial, e destinada à implantação do ESTÁDIO DE FUTEBOL e do CENTRO ESPORTIVO DE CUIABÁ a área de terra abaixo indicada com os seguintes limites, linhas e confrontações: apresenta com ponto de partidas a margem direita do Córrego Manoel Pinto, no prolongamento da rua que divide os limites sudoeste do loteamento Jardim Oliveira e terras devolutas da Prefeitura; segue por essa no sentido noroeste até atingir a rua nº 19 do loteamento Jardim Primavera; prossegue o caminhamento no sentido sudoeste por essa rua e seu prolongamento até encontrar o limite nordeste de terras devolutas da Prefeitura; contornando essas terras, pelo limite nordeste e pela rua existente a oeste, atinge a Av. Dr. Agrícola Paes de Barros; seguindo por essa Avenida no sentido sudeste, é atingida a rua que separa a antiga Várzea do Ensaio do loteamento Jardim Santa Izabel e por essa rua, no sentido nordeste, é atingido o ponto de partida; área essa de propriedade atribuída a Antonio Cirilo Pinto de Figueiredo, Amância Ramos da Conceição, Antônia Ezidia da Conceição, Eugênio Meyer, Humberto de Carvalho, Imobiliária Primavera, Nilos Antonio Magalhães e Silva, Elvira Eloy Viana e outros. [...]. Artigo 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as posições em contrário. Palácio Alencastro, em Cuiabá, 29 de fevereiro de 1972, 151 ano da Independência e 8 da República. José M. F. Fragelli; Salomão Francisco Amaral; Ernesto Vargas Baptista (MATO GROSSO, 1972 apud MACEDO FILHO, 1981, p. 11).

Sobre os anos de 1966 e 1971, fase da campanha de diversos segmentos para a construção de um novo estádio de futebol para Cuiabá, o jornalista Antero Paes de Barros (2019) assim se expressa: -Ele foi governador entre 66 e 71... 66 a 71 [...] pois é. Nessa época, ele constrói o estádio lá. O governador a quem Antero se refere é Pedro Pedrossian, governador do estado de Mato Grosso no período de 1966 a 1971, falecido em 22 de agosto de 2017, antes que o estado fosse dividido; e também construtor do Estádio Pedro Pedrossian, de apelido Moreirão, inaugurado em 7 de março de 1971, com a partida Flamengo 3 x 1 Corinthians, com o primeiro gol marcado por Buião (Flamengo), com um recorde de público de 38.122 pessoas. Foi a partir daí que Cuiabá passou a lutar para construir um estádio maior, o qual seria o Estádio Governador José Fragelli:

E o futebol daqui começa a lutar. A imprensa se envolve. O Ivo de Almeida no rádio. Meu pai no jornal. Papai se envolveu na campanha pelo jornal, que era mais ou menos assim: estado sem luz é estado sem fortuna. Era uma campanha para se ter energia, que Mato Grosso não existia naquela época. E depois tinha uma outra situação. E sem estádio não tem futebol. Cuiabá merece estádio. Cuiabá inteira abraçou a campanha. Campo Grande já tinha estádio e eles estavam trazendo gente como Djalma Santos, que foi um dos grandes laterais brasileiros, Célio, atacante do Vasco, que foi da seleção brasileira e contratado para jogar em Campo Grande, Jurandir, quarto zagueiro do São Paulo, contratado para jogar no Comercial de Campo Grande, Golé, que foi meio-campo do Corinthians, foi contratado para jogar

no Comercial e depois foi para o Operário. Enfim, eles começaram a investir dinheiro e não ganhavam da gente. A gente fazia jogos dos times daqui e ganhávamos contra os times de lá. Eles tinham estádio para 45 mil pessoas e nós só o acanhado Dutra, que já era acanhado. Sobrava gente, lotava. Aí o Fragelli resolveu atender o nosso sonho. Para construir, ele resolveu vender muitas terras em Aripuanã. Muitas terras públicas foram vendidas em Aripuanã foram vendidas para que o Estado tivesse dinheiro para construir o estádio. Teve até um episódio importante, que na época havia sido prefeito e era deputado federal na época, o Vicente Emilio Vuolo. Ele lança uma campanha para colocar o nome do estádio de Ranulpho. Eu fiquei muito orgulhoso, pois meu pai tinha um enorme prestígio na cidade. Era presidente do Mixto e como professor também ele acaba sendo muito respeitado nessa área esportiva e como professor de português e história também. Na semana que isso ia ser votado na Câmara de Cuiabá, meu pai me chama no quarto e diz: Anterinho, peça a seu tio Ferraz, Benedito Alves Ferraz era presidente da Câmara de Vereadores. Ele era meu tio, meu tio assim, era casado com a irmã da minha mãe. E por afinidade, a gente sempre chamou de tio. Ele disse: peça seu tio para não desfazer essa homenagem ao José Fragelli. Detalhe: meu país foi amigo de Fragelli. Nós também. Eu e meu irmão fomos colegas do Nei Fragelli. Eu, como o orgulho ferido, fui lá e dei o recado para o Ferraz. Se não, não teria sido aprovado o nome do Fragelli. E foi aprovado. E no dia da inauguração do estádio José Fragelli... [...] Sim. Eu lembro porque eu fui como repórter. Inclusive tem fotos minhas por aí, é que eu não guardo arquivo, mas tem foto eu entrevistando o José Fragelli. Eu era repórter de pista na época e falei: governador José Fragelli, o senhor realizou o grande sonho do torcedor cuiabano. Ele passou a mão na minha cabeça, olhou e falou: meu filho, eu lembro do seu pai. Um dos homenageados aqui é o seu pai. Ele reconheceu que eu era o filho do Ranulpho e acabou dizendo isso para mim no dia da inauguração do estádio. Tanto é que tem um detalhe que pouca gente lembra. No dia em que o governador Blairo Maggi mandou dinamitar o estádio José Fragelli, o projeto era esse mesmo, era pensado no sentido de se fazer um culto à personalidade, construir o estádio Blairo Maggi. Isso era tudo pensado. Aí eu iniciei, reinício uma campanha para se manter o nome da Arena Pantanal José Fragelli e foi mantido, embora ninguém diga mais isso. Como ninguém diz estádio Mário Filho e sim Maracanã. Fragelli foi o grande realizador desse sonho. Nós tivemos o momento áureo nosso depois da construção do Verdão. Não em nível de atletas, pois em nível de atleta o nosso maior jogador foi o Leônidas, que não jogou no Verdão. Jogou no Colégio Estadual e no Dutrinha. Ele foi, sem dúvida nenhuma, o grande nome do futebol de Mato Grosso em todos os tempos. Ninguém jogou mais que Leônidas. Eu não vi o Leônidas jogar, mas todos com quem conversei dizem isso. Evaldo de Barros diz isso. Pedro Lima diz isso. Meu pai falava isso. Eu admirava muito o Ruiter, mas um dia eu pergunto para o papai: papai, o Ruiter foi o maior jogador do Mixto? Ele disse: não brinca não. Ele disse que nem no Mixto e nem no futebol de Mato Grosso ninguém chega ao nível do Leônidas. Era centroavante. Aí ele recebe o apelido Leônidas da Silva porque fazia muitos gols de cabeça, de bicicleta, chutava com os dois pés, e se precisava jogava no gol. Teve uma época que não podia substituir jogador e o Leônidas pegava bem no gol também. Ele era um fenômeno. Papai me contou assim: —uma decisão entre Mixto e Americano, o Leônidas estava visivelmente com má vontade. Era uma

decisão, final, no Colégio Estadual. Terminando 3 a 0 no primeiro tempo. Torcida do Mixto já estava abandonando o Liceu Cuiabano. Papai era presidente e treinador do time. Esperou os jogadores entrarem. Deixou todos entrarem no vestiário. Colocou a mão no ombro do Leônidas e tirou o Leônidas para fora. E disse: você não quer jogar? A torcida do Mixto já foi embora. Se for para você não jogar como foi no primeiro tempo, me fale. A gente te conhece, sabe quem é você. Se for para não jogar, me avisa que eu vou embora também. Eu prefiro ir embora do que ficar aqui vendo vocês fazendo corpo mole em plena decisão do campeonato. Não professor, pode ficar. Terminou 5 a 3. Os cinco gols do Leônidas. Quer dizer, você já deve ter ouvido falar. Heleno de Freitas que foi um dos grandes jogadores de Botafogo. E quando o Botafogo dispensa o Heleno, é o Leônidas que é chamado para substituir. Naquele tempo era muito difícil para fazer esse intercâmbio de jogadores. E o Leônidas tinha um problema sério. Ele gostava da bebida e da branquinha. E por isso ele não deu tão certo lá. Depois ele foi para o Vasco, Atlético Mineiro e depois voltou para o Mixto. Na qualidade do futebol, também temos outro jogador que jogou muito bem: o Traçaia. Alguém já deve ter falado dele. Inclusive esse era o nome que a gente tinha em mente como principal jogador desse período. O Traçaia foi tão bom que até hoje ele é jogador que mais fez gols pelo Sport Clube Recife. Ele é ainda hoje o maior artilheiro do time. E o Pelezinho? Não. Eu o vi jogar. Ele era um jogador ponta-direita, jogava bem, chutava forte, mas tivemos Ariel, que foi melhor, na minha opinião. Tivemos o Sinfrônio, que hoje mora em Alto Paraguai. Ele foi tão bom que foi apelidado de Garrincha cuiabano. O Ariel batia escanteio de letra. Ele botava a bola na marca do pênalti. Fazia como queria. Aí o Pelezinho foi um grande jogador também. Nesses tempos mais modernos, temos o Bifê também. Um jogador que pouca gente cita, mas, na minha opinião, foi tão bom ou melhor que o Bifê foi o Lito. Ele está vivo. Foi campeão do Mixto em 65. Tinha um irmão que foi jogador também. Ele dominava a bola como ninguém. Ele jogava a caixinha de fósforo para cima e dominava no pé. Ele tinha uma brincadeira de jogar a caixinha sobre você. Um dia, estávamos andando pela praça do Jardim. A moda era essa, dar uma volta na fonte luminosa de Cuiabá e ficar olhando as meninas, aí tinha geralmente a dupla de policiais Cosme e Damião. Ele falou para o Cosme que faria um gol assim como fazia com a caixinha de fósforo. No dia seguinte, no jogo, o Ruitez pegou a bola no meio de campo e lança por cima do quarto zagueiro do Atlético. Ele sobe por trás do quarto zagueiro e traz a bola colada no pé e antes de bater no chão ele bate e faz um gol espetacular. Eu joguei futebol de salão com ele. Eu jogava no gol. Tínhamos um time com Glauco, Lito, eu e outros jogadores. Eu saí para pegar uma bola contra um time de Brasília na quadra do Dom Bosco, o Lito vem pega a bola e fica dominando e me chamou para pegar a bola no pé dele. Ele tinha essa facilidade. Bifê jogou demais. Pastoril jogou demais. Tostão jogou demais. Mosca jogou demais. Nelson Lopes jogou demais. Franklin jogou demais. Santo Antônio de Leverger, Tom jogou demais. Santo Antônio de Leverger era um berço de jogadores do Dom Bosco. Santo Antônio era uma cidade dombosquina graças ao Tom. Djalma, né? Djalma não pode ser comparado ao Tom. Tom jogou no Botafogo. Fez um gol aqui contra o Palmeiras no Dutrinha que não dá para acreditar. Djalma era lutador, centroavante, mas não fazia gol, era caneludo. Então, não dá para colocar os dois no mesmo patamar. Cabeceador bom

também tivemos o Gerson Lopes? Sim. Era muito bom cabeceador (BARROS, 2019).

Antero Paes de Barros (2019) destaca que o auge do futebol de Mato Grosso foi vivido na época do Estádio Verdão. Ele cita uma lista de grandes atletas do futebol local que atuaram naquele estádio.

Iniciada a sua construção em 1974 e concluída no governo de José Garcia Neto para ser a casa do futebol mato-grossense, o Estádio Governador José Fragelli, o Verdão, foi inaugurado em 12 de março de 1975, em um jogo envolvendo a seleção cuiabana e o Fluminense do Rio de Janeiro, do trio Rivelino, Zé Mário e Mário Sérgio, que na época comandavam o esquadrão tricolor. O estádio foi depois reinaugurado em 8 de abril de 1976, sob as vistas do presidente da República Ernesto Geisel, com o jogo do Flamengo do Rio de Janeiro juntando-se ao Mixto Esporte Clube, Dom Bosco e Operário em um grande quadrangular comemorativo e, o segundo jogo, logo em seguida, entre o Corinthians e o Selecionado Mato-Grossense, tendo como resultado 3 x 0 para o Corinthians.

INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO GOVERNADOR JOSÉ FRAGELLI

<p>Mixto 2 X Dom Bosco – 0, em 08/04/76, sob à arbitragem de Arnaldo César Coelho, onde os marcadores foram Pastoril e Bife, sendo as equipes: MIXTO: Washington, Marinho, Nelson, Ari Martins, Matozinho, Rômulo, Ari Contijo (Oberdan), Pastoril (Joel), Luiz Paulo, Bife (Tuta) e Renato. DOM BOSCO: Cao, Gali, Ede, Pereira, Bota (Dulcelino), Gaguinho, Magela, Fidelis, Wilson (Noel), Djalma (Jaburú), Pelé.</p>	<p>Flamengo 3 x Operário – VG – 1, em 08/04/76, com arbitragem de Armando Marques, sendo os marcadores, Luizinho, Luizinho, Mosca (penalidade máxima), Júnior. O Flamengo com Cantarelli, Toninho, Jaime, Paolino, Junior, Dequinha, Edú (Dendê), Tadeu Ricci, Caio (Junior Brasília), Luizinho, Zé Roberto. Operário: Carlos, Joilson, Adalberto, Miro, Lázaro, Carlos vitor, Humberto, Mosca (César), Adavilson, Odenir, Adilson (Londrina).</p>
---	--

Fonte: Macedo Filho (1981, p. 24).

Sobre o Estádio Verdão, o arquiteto Gustavo de Arruda, ex-prefeito de Cuiabá, à época assim discorreu:

[...] a arquitetura usada no Verdão tem singularidade tais, que orgulha a técnica mato-grossense, tal como a grandiosidade de alguns de seus vãos em balanço que são os maiores da América Latina. [...] Fico feliz por saber, que a grandeza de cada detalhe então projetada encontra-se hoje plenamente

justificada. Se não é das luxuosas, é porém o Verdão uma das melhores praças de esporte do País (ARRUDA apud MACEDO FILHO, 1981, p. 5).

Sobre a construção do Verdão, em Cuiabá, assim declarou o governador José Manoel Fontanillas Fragelli a Boamorte (2014), que depois comenta a morte do ex-governador, em um canal de televisão local:

— Quando saía na rua, o povo pedia a construção do estádio. A minha mulher também me incentivou a colocar ele em pé. A construção teve uma contribuição muito grande da população. Mas se engana quem fala que foi eu quem colocou meu nome lá, Foi o governador José Garcia Neto, que me sucedeu – disse Fragelli em entrevista à TV Centro América, em 2006. Eis que o destino cruel, ou não, tivesse a coincidência de que no mesmo mês em que o Estádio Verdão começou a ser demolido, em maio de 2010, o governador José Fragelli viesse a falecer, junto com os escombros que deram origem a Arena Pantanal, que será palco da Copa do Mundo 2014 (BOAMORTE, 2014).

Ainda segundo Boamorte (2014), conforme relato do professor Aecim Tocantins:

Para angariar e pagar os recursos estimados em Cr\$ 1.200.000,00, o Governo de Mato Grosso alienou terras no norte do estado. Segundo a história, foram cerca de dois milhões de hectares, que ficaram alienados após acordo com o Senado Federal. Isso abriu a colonização de áreas que hoje estão municípios como Alta Floresta, Juína, Colniza, entre outros.

Dinheiro em mãos, era hora de escolher uma área da cidade, para levantar o estádio que foi aprovado para ser construído com capacidade para 55 mil torcedores.

— Grande desafio. Luta titânica pelo povo que foi logo compreendida pelo grande estadista José Fragelli. Ele teve apoio da esposa, Dona Lurdes Fragelli, que é cuiabana. Ela aceitou esse desafio e comandou a luta em prol da construção. Eles queriam um ponto fora do centro da cidade, mas um ponto que melhor poderia atender toda cidade. Em Campo Grande já havia um estádio, o Moreirão. Cuiabá não podia ficar pra trás – disse Aecim Tocantins, secretário-chefe da Casa Civil na época.

Antes de Fragelli, o então governador Pedro Pedrossian, já se movimentava para construir um novo estádio. O primeiro local escolhido foi no atual bairro São João dos Lázarus, porém o governo achou o lugar muito escondido. Depois, uma área perto da Universidade Federal de Mato Grosso começou a ser vista com bons olhos. Por fim, Fragelli bateu o martelo em uma área que era pouco, ou quase nada habitada.

Com obras aceleradas e com a missão de inaugurar o estádio antes do término do seu mandato (que terminou no final de 1975), o Verdão começou a ser levantado em janeiro de 1974.

- Ele foi chamado de louco por muitos. Naquela época, as pessoas de curta visão não aprovaram a construção de uma obra desta dimensão física e financeira erguida em meio ao cerrado de Cuiabá – completou Tocantins, que dá nome ao ginásio ao lado do estádio (BOAMORTE, 2014).

No Verdão, foram realizados jogos memoráveis do futebol brasileiro e do futebol de Mato Grosso. O Verdão faz parte da identidade futebolística mato-grossense.

O currículo do Estádio Verdão é extenso. O gol olímpico marcado por Pelezinho veio em 1976, na vitória do Mixto sobre o Vasco, pela estreia do Tigre no Campeonato Brasileiro. O então jovem meia do São Paulo Kaká, carimbou sua vaga na Copa do Mundo 2002, em amistoso realizado em Cuiabá, em que a Seleção Brasileira venceu a Islândia por 6 a 0.

Antes, em 12 de maio de 1976, o Corinthians veio inaugurar os refletores do estádio, em amistoso contra a Seleção Cuiabana. No fim, vitória do Timão por 3 a 0.

A Seleção Brasileira deu as caras por aqui em outras vezes. Foram quatro partidas: Brasil x Suíça em 1981; Brasil x Equador em 1989; Brasil x Finlândia, em 1992 e Brasil x Islândia, em 2002.

Maior artilheiro – José Silva de Oliveira ‘Bife’, com 92 gols.

Maior público – Mixto e Flamengo no dia 10 de fevereiro de 1980, com 47.324 pessoas (BOAMORTE, 2014).

Como vimos, foram vários jogos de times importantes do país que foram realizados no Estádio Verdão, além, é claro, das quatro partidas da Seleção Brasileira. O último jogo no Estádio Verdão Governador José Fragelli foi a decisão da Copa Mato Grosso 2009, entre as equipes do Cuiabá Esporte Clube e da Sociedade Esportiva Vila Aurora.

— Eu me lembro que entrei em campo querendo marcar o último gol do Verdão. Não conseguia pensar em outra coisa. Sabíamos que aquele era um momento histórico, que ficaria pra sempre na memória. Infelizmente perdemos o jogo e eu não pude marcar. Mas tenho uma ligação muito grande com o estádio. Minhas melhores lembranças foram os gols que fiz no Fluminense e Atlético-MG, pela Copa do Brasil na década passada, com a camisa do Juventude de Primavera do Leste - disse o ex-atacante Moreno, do Cuiabá (BOAMORTE, 2014).

O Estádio Verdão, inaugurado no dia 8 de abril de 1976 com capacidade para 50 mil lugares, possuía:

[...] doze cabines para Rádio e TV, cinco bilheterias com três guichês, cada. Área total de 31 hectares, 1.400 m² de vestiários. Três áreas de estacionamento e mais uma privativa para autoridades. Duas torres com 35 refletores cada, com capacidade para dois mil watts, e mais 90 refletores instalados na parte frontal da cobertura. Oitenta e quatro caixas acústicas no sistema de som. Placar eletrônico. Cinco vestiários com sala de massagem, médica, enfermagem, aquecimento e de estar. Vinte e quatro vias de acesso ao estádio variáveis de 12 a 22 metros. Oito bares, 24 sanitários e excelente sistema de drenagem (MACEDO FILHO, 1981, p. 17).

A crise vivida pelo futebol em Mato Grosso, conforme Báez (1966), tem o seu agravamento iniciado em 1962, conforme é estampado em jornal da época, que diz:

[...] o —Association, da capital verde venha produzir aquilo que realmente sempre produziu. Como parte destas soluções, desta procura produtiva ao problema do nosso futebol, conseguimos trazer na segunda-feira pp., no programa Ondas Esportivas, um dos responsáveis pelo time do D. Bosco que de viva voz, reconheceu a catastrófica situação do —Esporte Bretão‖ desta cidade, frisando: Na verdade, os nossos times estão no momento atravessando uma fase difícil, tudo devendo a dificuldade na renovação dos elementos. E mais adiante acrescentava: —É sabido que não só no D. Bosco, mas em todos os planteis desta capital, nota-se a marcante urgência dos crackes aos treinamentos‖. Aí está Srs. O ponto melindroso da história, um dos pontos a solucionar e se não resolvidos continuará na mesma situação, tão desagradável e que preocupa, a poucos no momento, mas que com os escabrosos resultados que virão, passará a preocupar a todos os meios esportivos e desportivos de Cuiabá. Portanto, no nosso afã em prol de um foot-ball objetivo, padrão, poderoso e consequentemente temido por outros do Estado, pois temos (como éramos outrora) que liderar o —Association‖ Mato-grossense. Ora, meus leitores, não podemos crê que liderar é agir como o está fazendo em Aquidauana no torneio Interclubes Campões, o nosso campeão o Mixto, que sai de uma derrota para um revés ainda pior, sem tomar para exemplo o ocorrido frente ao Corumbaense, que sem pestanejar, com uma calma estonteante, e em nosso próprio gramado, passar pelas maiores potenciais do futebol cuiabano sem sofrer nenhuma derrota. Se estes três exemplos não bastaram, para abrir os olhos dos nossos dirigentes de equipes, nada mais o fará. Mas temos certeza seremos ouvidos e o futebol da cidade verde do caos em que está envolvido surja, com o esforço desdobrado dos Srs. Dirigentes em completa harmonia e com a dedicação, o amor ao futebol por parte de nossos craques, um novo horizonte, uma nova fase ao futebol que sempre foi padrão para todo o Estado de Mato Grosso, o Futebol Cuiabano (SILVA, 1962).

O futebol em Mato Grosso ainda permanecia como amador até meados da década de 1970. Tal configuração do futebol não permitiu que os jogadores, os sujeitos desta pesquisa, pudessem experimentá-lo sob o *modus operandi* do profissionalismo, ainda que periférico. Mas, naquela época, embora os jogadores, em sua maioria, viessem das camadas populares, com baixo nível de instrução, e trabalhassem de pedreiro, sapateiro, eles não esperavam, inicialmente, um retorno material do futebol, porque o jogo e o pertencimento ao clube funcionavam no interior de sociabilidades que sustentavam a sua continuidade na prática do esporte. O esporte é aqui entendido como princípio orientador de ações e comportamentos individuais e coletivos, ou seja, do *habitus* esportivo dos mato-grossenses.

O presidente do Mixto era o Ranulfo Paes de Barros, era um cara doente por futebol, era um cara que almoçava futebol. Então ele conseguiu com uma turma que também gostava de futebol montar o Mixto. Mas eu não sei quando foi fundado o Mixto, quando eu cheguei ele já existia. Em Cuiabá ainda tem futebol amador, mas é muito mais bem recompensado do que

amador daquela época. Nós ganhávamos 5 reais, naquela época 5 cruzeiros. A gente ganhava no intervalo uma garrafa de guaraná, mas não era terrível porque era aquilo que a gente gostava. Se ganhava vinha ali para a praça da república na matriz para ganhar elogios, palmas [...] (GONÇALVES, M., 2014 apud ROMERO; GRUNENVALDT; PINHO, 2015, p. 1)

Para o jornalista Macedo Filho (2019), de lá para cá tivemos muitos momentos distintos no nosso futebol, inclusive com a diminuição do público. Nos anos 1970 houve um auge que deixou saudade. Sobre essa fase do futebol em Mato Grosso, assim ele testemunhou:

Eu comecei a me construir em uma pequena parcela do futebol mato-grossense a partir de 1972, foi quando ingressei na crônica esportiva. Nasci em Guiratinga, cheguei aqui com 18 anos. Concluí meus estudos aqui e ingressei na Rádio Cultura de Cuiabá em 72. A partir daí, comecei a travar contato com o futebol. Vi seu crescimento. Já era grande, se analisarmos em termos proporcionais. Dutrinha já era pequeno em 72, tanto é que houve um aumento da capacidade de público na gestão do Bonilha. Praticamente dobrou a capacidade. Mas como o nível do futebol, com o intercâmbio, o clamor do cuiabano com o esporte. Um jogo entre Mixto e Dom Bosco, por exemplo, já estava lotado às duas horas para um jogo que começava às quatro horas. Esse crescimento foi redundar quando o estádio em Mato Grosso criou uma competição chamado Integração. Porque até então o futebol cuiabano era dissociado. Não havia um campeonato mato-grossense. Tinha Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, que tinha seus times, tinha o Operário de Campo Grande, o Comercial, Ubiratan, da cidade Dourados, o Corumbaense, o SEI, Sociedade Esportiva Industriário, muito conhecido. Quando foi realizado o primeiro torneio Integração com quatro forças daqui Mixto, Operário, Dom Bosco e União de Rondonópolis, com essas quatro forças de Mato Grosso do Sul, ou seja, Operário, SEI, Ubiratan de Dourados e Comercial, aí o Dutra explodiu. Aí começou o movimento para se ter um estádio adequado, pois a cidade crescia, os amantes do futebol cresciam e precisava de uma casa maior para abrigar o torcedor. Começou um movimento capitaneado pelo Ivo de Almeida e depois outras vezes se somaram e que levou o governador José Fragelli a construir o Estádio José Fragelli, também conhecido como Verdão. Quando houve essa passagem do Dutra para o Verdão, era de que jamais o Dutra seria ocupado novamente pelo futebol profissional. Em segundo lugar era que o Verdão, pelo sucesso do seu início, iria se tornar logo um estádio pequeno, que também precisaria logo passar por uma reformulação. Qualquer documento oficial do governo mostra que a capacidade do Estádio José Fragelli, o Verdão, era para 35 mil pessoas. Na abertura dele, em 78, na inauguração, dia 8 de abril, com a presença do Flamengo, o público pagante foi de 44.052. Isso quase dobrou a presença do número que comportava. Nós tivemos uma sequência de bons jogos e bons campeonatos. O jogo Mixto e Palmeiras, por exemplo, que era uma força do nosso futebol, levava 18 mil torcedores. Isso nos levava a pensar aquilo que coloquei agora há pouco, que o Verdão precisaria passar por uma reformulação em breve para aumentar sua capacidade, pois também

ficaria pequeno. E isso não ocorreu. Além do mais, sucessivas administrações dos clubes levaram a uma desconfiança do torcedor. E o torcedor, uma parte dele, não se comportou como devia se comportar num espaço que tinha mulheres, idosas. Começou a guerra de foguetes, guerra de saco de urina. Isso corroborou que muitas tradições fossem abandonadas. E muitas pessoas deixaram de frequentar o estádio. E a partir de 1985, aí sim houve um declínio extraordinário de público e de renda. Tanto é que no campeonato de 87, quando o Operário se tornou tricampeão sendo presidido pelo jornalista Edivaldo Ribeiro, o público no jogo da decisão foi de menos de 8 mil pessoas. Se nós tivemos em 78 um jogo entre Mixto e Operário valendo uma vaga para o campeonato brasileiro com 40 mil pessoas, por que anos depois, e não muitos anos depois, o mesmo clássico com a mesma importância, não levou 10 mil pessoas para ver o time se sagrar irresponsável. Esse fato, além da irresponsabilidade de alguns dirigentes, a falta de sensibilidade de torcedores que não se comportaram adequadamente dentro do estádio levou ao declínio não só de público e de renda, como do próprio futebol, que enfrentou um declínio na sua qualidade técnica. Jogadores bons se aposentaram e não houve renovação, até porque o nosso futebol não é forte em divisões de base. (MACEDO FILHO, 2019).

O entrevistado aponta que o futebol de Mato Grosso começou mesmo a crescer em termos de proporção e de número de torcedores nos estádios quando foi realizado o Torneio Integração, do qual participavam os times de Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis e os da região que hoje forma o Mato Grosso do Sul. A partir daí, o Dutrinha já não comportava mais o número de torcedores que desejavam assistir às partidas de futebol. Com isso, foi com o Estádio Verdão que o futebol de Mato Grosso viveu seu período de glória. Os clássicos do futebol local lotavam o estádio, como revela o jornalista Macedo Filho (2019).

A respeito do declínio do número de torcedores nos estádios de futebol em Mato Grosso, Macedo Filho (2019) aponta os seguintes fatores: (a) irresponsabilidade de alguns dirigentes esportivos; (b) falta de sensibilidade dos torcedores – comportamentos inadequados; (c) violência; (d) declínio na qualidade técnica do futebol; (e) falta de renovação dos times, em decorrência do pouco investimento em categorias de base.

Por outro lado, próximo ao município de Guiratinga, em Rondonópolis o futebol profissional somente apareceu com a fundação do União Esporte Clube, em 6 de junho de 1973. O clube foi formado pela fusão dos times amadores Santos, Comercial, Paraibana e Olaria – daí a origem do seu nome União – e fundado por Lamartine da Nóbrega. Seu primeiro uniforme era tetracolor, em listras verticais: branco (Santos), vermelho (Comercial), amarelo (Paraibana) e azul (Olaría). Esse uniforme inicial foi utilizado apenas em um jogo, o

de estreia, contra o Mixto Esporte Clube, de Cuiabá, quando o União perdeu de 9 x 0. Após essa derrota, todo o plantel foi dispensado e criado uniforme nas cores vermelho e branco.

O União Esporte Clube fez 30 anos em 6 de junho de 2003. Somente em 2010 é que conquistou o primeiro e até aqui único título do Campeonato Mato-grossense de Futebol. O time foi vice-campeão nove vezes: 1975, 1980, 1984, 1991, 1995, 1997, 2001, 2004 e 2008. Em 2017, conquistou a Copa FMF.

Rondonópolis conta com outro time profissional, a Sociedade Esportiva Vila Aurora, cognominada Tigrão da Vila (cores oficiais: azul e branco), profissionalizada em 13 de maio de 1989 por Alminedes Ribeiro Nogueira, conhecido como Léo Brega. O Vila Aurora conquistou o campeonato estadual de futebol no ano de 2005. É o único time do estado a participar de todas as categorias, até atingir o profissionalismo (CARMO, 2005, p. 525).

Segundo Dorileo (2016, p. 48), na história do futebol em Mato Grosso não se incluiu a conquista dos torneios, como por exemplo, em 1973, quando fez jus à taça do Torneio Integração, reunindo equipes do Estado. O Mixto Esporte Clube considera grande glória ter sido campeão, em 1969, de um campeonato em homenagem aos 250 anos de Cuiabá; e em 1970.

Nas memórias de Dorileo (2016), o Campeonato Estadual de Mato Grosso quando indiviso era agitado e cansativo; ele se lembra das longas viagens de Cuiabá (MT) a Corumbá (MS), serpenteando o rio Cuiabá, com as lanchas Guaporé ou Iguatemy rompendo o Pantanal; ou nas jardineiras, por poeirentas estradas, até Campo Grande.

Em relação ao Clube Esportivo Dom Bosco e às suas lembranças, era um time de futebol formado por alunos adolescentes do Colégio São Gonçalo, que lhe deram o nome de Dom Bosco em homenagem ao educador/santo e com a finalidade única de participar do campeonato de futebol amador cuiabano, na disputa de um campeonato interno de futebol, na década de 1920. Era um clube que só jogava em seu campo, no pátio interno do colégio. Depois que se libertou da direção salesiana, passou a jogar em outros campos (BARRETO, 2017b).

Naquela época, inexistia profissionalismo no futebol praticado em todo o estado de Mato Grosso. O Dom Bosco é o clube esportivo mais antigo de Mato Grosso (fundado em 4 de janeiro de 1925), mesmo antes da divisão do estado para a criação do estado de Mato Grosso do Sul; e o segundo mais antigo da Região Centro-Oeste brasileira, com 94 anos de existência. As cores do Clube Esportivo Dom Bosco são o azul-celeste e o branco, seu mascote é um leão e seu hino oficial foi composto por Benjamim Ribeiro.

No contexto esportivo, o Clube Esportivo Dom Bosco, além dos títulos conquistados nos certames promovidos no âmbito da jurisdição esportiva do estado de Mato Grosso e nos campeonatos promovidos pela antiga FMD, hoje FMF, teve três participações no Campeonato Brasileiro: uma na Taça de Bronze e as duas outras na Segunda Divisão, hoje Série B do Campeonato Brasileiro. Em 1977, o clube foi o 62º colocado e, em sua segunda participação, em 1978, tirou o 31º lugar; em 1979, foi o 32º colocado.

Foi o Dom Bosco o primeiro clube de Mato Grosso a disputar uma partida oficial no venerado e idolatrado Estádio Jornalista Mário Rodrigues Filho, popularmente mais conhecido como Estádio do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 29 de abril de 1970. O time do Dom Bosco enfrentou o time carioca do São Cristóvão, com quem empatou em 1 a 1. Mas, segundo o técnico do time na época, Álvaro Scolfaro (mais tarde, presidente do clube e hoje presidente do seu Conselho Deliberativo): -Fomos roubados, para variar!! (SCOLFARO, 1970 apud PULULA, 2019). O Dom Bosco foi campeão mato-grossense em 1958, 1960, 1963, 1966, 1971 e 1991.

Sobre as suas memórias e a história do futebol em Mato Grosso, a partir de 1973 e até o ano de 1982, o ex-jogador de futebol José Eustáquio Pulula (2019) assim testemunha, com dados referentes também à década de 1960:

Saí de Minas até chegar em Cuiabá, Várzea Grande, no início de 1973. A gente estava num jejum desde 68. Só do futebol mineiro, vieram 14 jogadores numa kombi. Só voltou um porque quis ainda. Vim logo depois. Vim de carro numa viagem de três dias. A gente do time do Operário conquistou o primeiro título do campeonato mato-grossense unificado. Antes existia o campeonato cuiabano e no Mato Grosso do Sul existia o campeonato sul mato-grossense. Depois que o então governador Pedro Pedrossian construiu o estádio Morenã em Campo Grande, começou a cobrança para se construir também outro em Cuiabá. Aí ele disse: vou construir, mas não quero mais essa história de divisão. Quero um campeonato unificado. Foi aí que surgiu esse supercampeonato. De Corumbá participou o corumbaense, o Marítimo, o Ladário. De Dourados, participou a Douradense, o Ubiratan, que, inclusive, revelou o Mão de Onça nessa época. Veio o União de Rondonópolis. Viemos todos para cá. Ainda não existia como é hoje o Nortão. Um time que dava trabalho do interior era o Comercial de Poconé. Felizmente, conquistamos o título como se fosse hoje. Não era nem jogo valendo três pontos. Só valia dois pontos cada jogo por vitória e um ponto por empate. A gente conquistou o primeiro turno, o segundo, e no terceiro, certo, perdemos de 4 a 1 para o Dom Bosco. Se vencêssemos o terceiro turno, o campeonato acabaria aí. Mas com a vitória deles, fomos para a final jogando por dois empates. Ganhamos de 4 a 0. Não cabia ninguém no estádio. Tinha gente transmitindo o jogo de cima das árvores. Lembro como se fosse hoje. Dois gols de Bife, um de Ruiter e 1 do

Cesar Diabo Loro ou do Gilson Lira. Um dos dois que fez. Lembro bem dos dois primeiros do Bife. Fomos os primeiros campeões de Mato Grosso com campeonato unificado. Aí veio em 1977 a divisão de Estado e é outra Estado. [...] O negócio naquela época era que a gente não se preocupava com o dinheiro. Era só o calor. A gente ficava se preparando no vestiário e ficava ouvindo os hinos de todos os times tocando nos alto-falantes. Como é bonita essa camisa vermelha, verde e branco. O mesmo ocorria com o Mixto, Dom Bosco... Os hinos tocavam direto, desde o começo. Operário, por exemplo, jogo era 4 horas, a gente saia duas e meia. Não tinha essa frescuragem de ônibus. A gente ia de táxi, de corcel 1 quatro portas, outra hora de caminhonete... a importância do jogo. A gente ia pela Avenida da FEB ela estava lotada de torcedor de Várzea Grande que ia a pé. O mesmo no Porto. A torcida ia atrás dos táxis. Não tinha frescuragem. Tinha muito carinho humano. Mas financeiramente não era bom. [...] Só vim ganhar dinheiro com futebol quando fui negociado com o Paulista de Jundiá. Isso já foi em 1975, quando o Álvaro Scolfaro, e o irmão dele, que foi árbitro da Fifa, o Oscar Scolfaro, que tinha apitado um jogo aqui contra o Guarani de Campinas. Na época, eles levaram o Lúcio do Dom Bosco para a Ponte Preta e decidiram levar o José Pulula. Diziam que era fera, corria muito. Eu estava em Minas, com minha mulher. Tinha vendido minha geladeira para passar o Natal com minha família. Eles me ligaram de São Paulo e disseram: vê se você viaja e se apresenta na Câmara de Campinas hoje à noite. Disseram que o Oscar Scolfaro estava lá e tinha me negociado com o Paulista de Jundiá, que era da Adidas e do sapato Vulcabrás. Fiquei muito feliz. Tinha vendido minha geladeira para viajar. Já fui lá e ganhei um dinheiro que nunca tinha visto. Dei uma apumada na minha vida. Além do mais, ia jogar num lugar que jogavam meus ídolos: Ademir da Guia, Beto Fuscão, Valdir Perez, Chicão. [...] Joguei no Sertãozinho, estive três meses no Uberlândia. Meu pai sofreu um derrame. O Duque, que era treinador do Corinthians ficou sabendo. Aí fiquei no América mantendo a forma, mas não pude assinar porque tinha assinado com o Sertãozinho. Só que desisti. Cheguei aqui e eles me pediram para indicar um zagueiro central, um volante e um lateral esquerdo. Os três que eu indiquei chegaram aqui e arrebatarem. Vocês são novos, mas vou falar os nomes: Laércio Abacate, que foi lateral esquerdo, Cláudio Barbosa, que faleceu dentro do estádio ao sofrer um ataque cardíaco, e o Vaner, zagueiro central que foi até da seleção mineira. Indiquei os três e na mesma hora Seu Rubens dos Santos, Branco de Barros e finado Braz do Ferro Velho já arrumaram e ligaram para o América e Sertãozinho e definiram tudo e até acertaram o tipo de empréstimo. Eles me deram um cheque pré-datado na época e falaram para eu ir para Sertãozinho. Já fui levando o cheque e passei na Federação Paulista. Joguei na Seleção Mato-grossense e no Operário, time do meu coração, os dois únicos times pelos quais joguei aqui no Estado. [...] O primeiro time que joguei profissionalmente foi no Londrina, onde me profissionalizei aos 17 anos. Joguei no Valério também. [...] O apelido pulula é uma coisa passada. Foi uma coisa na época do Patronato, em Minas. O povo mais velho da minha cidade Pará de Minas, que minha acompanhava, sabe disso. Virou até nomes de loja de um primo meu próximo ao campo do Atlético Mineiro, perto do Mercado Derci, tinha a boutique pulula. O apelido foi porque eu cuidava de plantações e bichos e de vez em quando eu pegava umas mexericas para vender para a gente disputar pelo Paraense a segunda divisão. Aí o padre disse uma vez na missa sobre os meninos que —pululam

o muro para pegar frutas. Aí ficou o apelido porque todo mundo sabia que era eu. [...] Se você acompanhar bem vai ver que o Dom Bosco, Mixto e Atlético Mato-grossense vêm bem antes do Operário, que era amador. Foi fundado em 1 de maio de 1949. Muita gente vai lembrar do campeonato amador que era soberano. Tinha o Vila Nova de Bom Sucesso, que era um timaço, o Campinas, da Guarita. E o Operário foi tricampeão do amador de Várzea Grande: 1953, 54 e 55. Quando chegou em 58, o Seu Rubens dos Santos disse que o time já estava grande. Decidiu inscrever o time no campeonato estadual, que era organizado não pela Federação Mato-grossense de Futebol, mas pela Federação Mato-grossense de Desportos. O Operário fez o primeiro jogo noturno na vida dele e empatou com o poderoso Atlético Mato-grossense. O gol foi do professor Isac Nassarden, que todo mundo conhece, ainda está vivo. Aí veio o campeonato de 62 e teve uma polêmica muito grande. Eu entrevistei o pessoal da época, como o meu padrinho, Rubens dos Santos, que me contou tudo. A presidência da Federação viu o rolo e o Operário foi solidário e não entrou em campo e o Dom Bosco foi campeão. Aí o Rubens deu o troco. Em 63, contratou muitas feras. Ganhou o campeonato e em 64 teve um dos mais importantes. Foi o campeão dos campeões de Mato Grosso. O jogo foi entre Operário e Ubiratan de Dourados. O primeiro jogo foi zero a zero em Dourados. A decisão veio para cá. Ficou zero a zero no tempo normal. Na prorrogação, segundo o José Simeão, que ainda é vivo e me contou, aos 13 do segundo turno, um ponta direita fora de série que já faleceu, fez do Operário campeão e pudemos disputar a Copa Brasil. Aí Rubens queria ainda mais. Veio o Mixto e ganhou tudo. Aí o Rubens contratou o maior quarto zagueiro que já vi jogar: o Glauco Marcelo. O homem jogava muito. Era craque e tinha categoria sem limites. Joguei umas duas vezes contra ele, mas seria jogar de seleção brasileira se fosse hoje. No amador, joguei em diversas equipes na minha cidade: Pará de Minas, por exemplo. Eu era muito novo. Tinha 16 anos. Fui lá e fiz o gol do primeiro título do time. O nosso centroavante chegou a ser prefeito da cidade e presidente da Assembleia Legislativa. Joguei também no Rio Branco, da segunda divisão. Joguei em vários times. Eu parei no ano de 1982. Nunca tinha perdido alguém tão próximo como quando perdi meu pai. Estava no Sertãozinho. Vim de São Paulo para cá. Estava me preparando para jogar contra o Rio Preto. O Clóvis me chamou e me falou que meu pai estava internado porque teve um derrame. Ele estava num hospital em Barreiras, perto de Contagem. Nisso, me passou dinheiro para ficar uns dois meses. Meu pai ainda ficou uns 38 dias. Aí dei aquela parada. Não estava preparado para perder meu pai, ainda mais na hora que estava pegando uma experiência. O pessoal ficou sabendo aqui eu estava parado. E me chamaram para ser o diretor técnico das categorias de base do Operário. Isso foi na época de um grande time. Assim que cheguei vi que o treinador do Operário era o Milton, três vezes joguei contra ele na seleção paulista. Ele ficou surpreso ao me ver e disse que não precisava mais contratar um ponta, pois seria eu para o campeonato brasileiro. Eles falaram para eu operar no meu joelho. Fui operar, fiquei num quarto chique na Santa Casa, estava tudo marcado para as 7 horas da manhã com o Dr. Murilo Godoy. Aí quando estava lá esperando vi uma pessoa passando na maca porque tinha passado por uma cirurgia, mas estava só sangue em tudo e me deu um branco. Peguei minha malinha e sai lá fora e não voltei mais. Deitei o cabelo e fui parar em casa. Às 10 horas fui no treino do Operário e falei para o Seu Rubens que não iria operar. Eu gostava do negócio de cuidar das categorias de base. Desde menino dos 7 anos (PULULA, 2019).

O entrevistado narra sua trajetória no futebol local e brasileiro. Destaca momentos de glória e de dificuldades. Ressalta o *ethos* amador ao afirmar que “[...] o negócio naquela época era que a gente não se preocupava com o dinheiro. Era só o calor. A gente ficava se preparando no vestiário e ficava ouvindo os hinos de todos os times tocando nos alto-falantes. Como é bonita essa camisa vermelha, verde e branco (PULULA, 2019).

Em 29 de agosto de 1976, no Estádio Governador Fragelli, o Mixto, com torcida sob o comando de Nhá Barbina, no Campeonato Nacional, jogou contra o Goiás Esporte Clube, em tarde muito festiva, com a presença do governador, José Garcia Neto. Placar: empate de 1 x 1. E seguiu sua campanha: no dia 1º de setembro daquele ano, no mesmo estádio, contra o Operário Futebol Clube (de Campo Grande). Placar: empate de 1 x 1. No dia 5 de setembro, em Campos, enfrentou o Americano Esporte Clube. Placar: derrota por 3 x 2. No dia 8 de setembro, no Rio, contra o América Futebol Clube, o placar foi derrota por 1 x 0. No dia 12 de setembro, em Cuiabá, contra o América Futebol Clube (de Belo Horizonte). Placar: vitória por 3 x 0. Dia 15 de setembro em Cuiabá, contra o Clube de Regatas Vasco da Gama, do qual guarda belíssima semelhança da camisa. Placar: vitória por 1 x 0. Dia 19 de setembro, em Cuiabá, contra o Goiânia Esporte Clube. Placar: derrota por 2 x 1. Dia 23 de setembro, em Belo Horizonte, contra o Clube Atlético Mineiro. Placar: derrota por 3 x 1. Estava concluída a fase preliminar do campeonato e o Mixto fora desclassificado. Porém, renascia logo a esperança, para a disputa da repescagem.

Sobre Nhá Barbina, assim testemunhou a historiadora Neila Barreto:

Nascida em 10 de fevereiro de 1919 e falecida em 27/09/2015. Nhá Barbina revolucionou o futebol do Estado, ao ser a primeira mulher a comandar uma torcida. Ela também esteve presente na inauguração da Arena Pantanal, na partida entre Mixto e Santos, válido pela Copa do Brasil, conforme relato especial no Jornal diário de Cuiabá: —Filha do zelador do Dutrinha, Nhá Barbina tomou gosto pelo futebol. [...]. O apelido desta menina é Nhá Barbina. O nome, Maria Zeferina da Silva. Uma filha, um filho e um esposo que lhe acompanham em todos os passeios. Profissão registrada na carteira de trabalho: feirante. A grande paixão, existente há mais de 50 anos, é o Mixto Esporte Clube. A sina divina: ser torcedora-símbolo do time de futebol mais lembrado de Cuiabá (pelos elogios, palavras, lembranças e esperanças). Nas fotografias, as saudosas formações da equipe. Com direito ao centroavante, Bife e ao endiabrado ponta-direita Pelezinho. Ela aponta com os dedos lépidos e marcados pelo tempo cada uma das figuras. Lembrar quem são é um pouco mais difícil. —Era bom demais. O Mixto tá no meu coração. Nhá Barbina conta que o amor pelo time veio um pouco após a paixão pelo futebol. Ela passou a visitar os campos antes dos 18. O pai, Ângelo Carlos da Silva era zelador do Dutrinha. —Eu ia, mas não gostava tanto. Ela também dava uma espiadela no campo do Liceu Cuiabano. Na época, torcia para o Atlético Mato-grossense. —Eu garrei a torcer mesmo pro Mixto por causa do frei Quirinol. Ela diz que topou vender ingressos para uma partida em prol da vida religiosa do nobre homem. Fez o serviço com tanto gosto que se envolveu. Daí em diante eu comecei a ir direto pro estádio. Daí a mulherada veio atrás de mim. Nhá Barbina menciona que não se importava em ficar no meio dos marmanjões. —E era uma guerra de

porcaria. Urina, água, sujeira, complementa e torna a gargalhar. Ela não se esquece da vez que foi a São Januário e viu o seu Mixto ser desclassificado.—Foi culpa do Pastoril, que errou o pênaltill. Ela conta outro caso. —Teve uma vez que eu bebi cerveja. Fiquei tonta e fui parar na outra torcida. Quando sentei, senti uma bordoadada nas costas. Levantei ligeiro e bati com o mastro na cabeça do rapaz. Sangrou. Daí chegou a polícia e me levou pro lado da torcida do Mixto. O apelido, revela, veio de um sargento do exército que torcia para o Operário Várzea-grandense. Ele e toda a torcida adversária se irritavam com os gritos desmesurados da concorrente. Resolveram dar-lhe o nome de uma mulher destrambelhada, personagem da novela —As Pupilas do Senhor Reitorl. Hoje em dia a torcedora-símbolo do Mixto não vai mais ao estádio. —Não tem o que ver. Tá feio demaisl. O apelido ela recebeu do sargento Zahur, que era o comandante da torcida do rival Operário, de Várzea Grande (BARRETO, 2019c).

Nhá Barbina (apud BARRETO, 2019c) narra com entusiasmo o processo de construção social do amor pelo clube de futebol ao revelar como começou a gostar de futebol. Lembra que já assistia a jogos de futebol no campo do Liceu Cuiabano e depois no Dutrinha.

Em relação ao Mixto, vale ressaltar que o único gol olímpico do Mixto no Campeonato Nacional de 1976 foi assinalado por Adavilson da Cruz⁴⁷, o Pelezinho, do Mixto,

⁴⁷ Nascido em 14 de novembro de 1956 em Cuiabá (MT), era atacante. Jogou em: 1972, Mixto; 1973-1975: União; 1976: Operário; 1976: Mixto; 1977: Operário e Dom Bosco; 1978: Operário e Mixto; 1979: Goiás; 1979-1980: Mixto; 1980: Internacional (RS). —Pelezinho, assim chamado desde garoto, começou a carreira jogando pelo Canarinho (antigo clube amador) e em 1972 foi para o Mixto. No ano seguinte foi campeão do Torneio Integração e em seguida foi contratado pelo União de Rondonópolis, onde formou dupla de ataque com Gilson Lira. Em 1976 foi para o Operário de Várzea Grande. Esteve no jogo de inauguração do estádio Verdão, defendendo o tricolor. Em agosto o Mixto contratou Pelezinho para a disputa do Campeonato Brasileiro e ficou conhecido em todo o Brasil por ter marcado o gol olímpico que deu a vitória ao Mixto, diante do Vasco da Gama, no Verdão. Durante sua passagem pelo Operário, foi cogitado para jogar no Flamengo e no São Paulo (segundo matéria no Jornal O Estado de Mato Grosso, Pelezinho chegou a fazer testes no clube do Morumbi). Em 1977 retornou ao Operário para a disputa do Estadual e em seguida foi para o Dom Bosco disputar o Campeonato Brasileiro. Em 1978 voltou para o chicote, onde disputou algumas partidas, mas logo foi para o Mixto para jogar seu terceiro Campeonato Brasileiro. Em 1979 esteve emprestado ao Goiás e voltou ao Mixto de onde só saiu em 1980, quando foi contratado pelo Internacional de na vitória contra o Vasco, em Cuiabá, por 1 x 0, considerado um gol espetacular pela Rede Globo de Televisão.

Nesse mesmo ano, viria o primeiro Torneio Centro-Oeste, sob o patrocínio da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), reunindo, por parte de: Mato Grosso – Mixto Esporte Clube, Clube Esportivo Dom Bosco, Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense, Esporte Clube Comercial e Operário Futebol Clube; Goiás – Goiás, Atlético, Vila Nova, Goiânia e Itumbiara; e Brasília – Brasília Esporte Clube. E como convidados: América (Rio de Janeiro) e Uberaba (Minas Gerais). Sagrou-se campeão o Mixto Esporte Clube, em decisão finalíssima com o Itumbiara Esporte Clube, em Cuiabá, no dia 19 de dezembro de 1976, pelo score de 1 x 0. O campeão jogou com Edson, Toninho, Néelson, Polaco e Herivelto, Zé Luiz, Lourival e Pastoril, Pelezinho, Ari Contijo e Renato.

Na história do futebol em Mato Grosso, merece destaque uma mulher (May do Couto) ocupando a presidência do Dom Bosco, em uma época em que a mulher era tolhida de adentrar diversos espaços públicos:

Nascida Ana Maria do Couto em 13 de setembro de 1925. Mulher marcante, de pele morena, olhos castanhos, cabelo preto e bem tratado, capaz de silenciar a conversa mais animada só com sua presença. Esta era Ana Maria do Couto May. A crítica masculina chegava a compará-la a uma estrela do cinema. Vestia roupas modernas e ousadas da época, substituíam as blusas comuns por camisas femininas bem cortadas e usava bons perfumes. O

comportamento mostrava uma mulher com visão de futuro, de outros tempos que viriam para confirmar a liberdade feminina e as conquistas sociais das mulheres, segundo testemunhos públicos. Pioneira na presidência de um time de futebol. O esporte a colocou na presidência do clube de futebol Dom Bosco, a primeira mulher a ocupar o cargo no Brasil. Com uma mulher no comando, o Dom Bosco se transformou em um dos maiores times do estado de Mato Grosso. Fora do campo a personalidade dela era notada na administração do clube. Durante o período que esteve na presidência, entre 1969 e 1971, as principais festas de Cuiabá foram realizadas no clube Dom Bosco. Mas as marcas registradas foram a ousadia, determinação e visão de mundo. Nos anos 40 quando as mulheres sequer ousavam mostrar os joelhos, May comandava as aulas usando uma bermuda bem curta. Um escândalo para aqueles tempos, mas ela conseguia se impor de tal maneira que ninguém ousava tecer qualquer comentário. Sua firmeza e imponência eliminavam qualquer reação, tanto dos estudantes quanto dos superiores. -Ela era única e conquistou isso com inteligência e firmeza de conduta⁴⁸ (BARRETO, 2013).

Porto Alegre. Quando passava férias em Cuiabá, para as festividades de carnaval no ano de 1981, Pelezinho teve sua carreira interrompida por um trágico acidente. Teve curta carreira, mas até hoje é lembrado pelos torcedores cuiabanos com muita saudade (SANTOS, 2017). Faleceu em fevereiro de 1981.

⁴⁸ Fala é do jornalista Eugênio de Carvalho, falecido em Cuiabá.

Nas décadas de 1970 e 1980, alguns dos clubes citados viveram o período de maior evolução da modalidade no estado de Mato Grosso do Sul. Desde então, o esporte teve um período de declínio em relação às disputas esportivas no âmbito nacional, por parte dos clubes locais.

Outro fator comum na história do futebol brasileiro e, também, nas capitais e municípios brasileiros são as ingerências políticas em seus interiores. Em Mato Grosso, esse exemplo de mistura entre política e futebol ficou muito bem exemplificado no município de Várzea Grande, entre duas famílias tradicionais da cidade: os Baracats e os Campos, conforme testemunha o jornalista Antero Paes de Barros:

Entre Rubens Baracat e a família Campos. Não sei quando teve eleição de prefeito. Acho que foi em 72 que o Júlio⁴⁹ se elege prefeito. O Operário foi campeão em 77. Quem fundou o Operário foi Rubens dos Santos. Quem tem mais mérito pelo clube é o Rubens dos Santos. Se perguntar para qualquer um que entende de futebol, vai dizer isso. Chegou um momento em que o Rubens chegou a ameaçar o clã dos Campos. O Júlio sempre foi muito forte lá. O Jaime⁵⁰ também. Isso a gente soube recentemente. Mas o Seu Fiote⁵¹ sempre foi forte antes deles. E antes do Júlio ser prefeito, o Rubens Baracat, que veio de Corumbá, foi criado pela família da Sarita Baracat e adotou o nome Rubens Baracat, pois ele era na verdade Rubens dos Santos⁵², ele se aventura a ser candidato a prefeito para enfrentar os Campos. Ele apresenta o Operário, pois o Operário era ele na verdade. De outro lado, tínhamos o Júlio garantindo que o Operário não iria acabar. Teve a época que o Rubens se afastou e o time acabou. O Operário só volta agora e não é por causa da família Campos, mas pelo filho do Jaime, o Dudu, que é torcedor fanático e enfrenta a resistência da família e banca o time. Ele é uma pessoa espetacular e dedicada. Tem feito um trabalho bom para o Operário (BARROS, 2019).

Como vemos no depoimento de Barros (2019), grupos políticos assumiram clubes de futebol no Mato Grosso, sendo aquele um momento de estreita relação entre projeto político e projeto esportivo. Esse engajamento de famílias importantes do estado em times de futebol certamente resultou em investimentos em elencos e desenvolvimento do futebol.

⁴⁹ -Júlio José de Campos nasceu em Várzea Grande (MT) no dia 11 de dezembro de 1946, filho de Júlio Domingos de Campos e Amália Curvo de Campos (FGV, [201-]). Foi deputado federal por Mato Grosso MT (1979-1983; 1987-1991; 2011), governador do mesmo estado (1983-1986), deputado constituinte (1987-1988); senador por Mato Grosso (1991-1999) (FGV, [201-]).

⁵⁰ O irmão de Júlio, Jaime Campos, foi governador do estado entre 1991 e 1995.

⁵¹ Júlio Domingos de Campos, de apelido Fiote. Foi prefeito e vereador em Várzea Grande pelo Partido Social Democrático (PSD), entre 1947 e 1963.

⁵² Rubens dos Santos era irmão de Sarita Baracat, por parte de pai.

Sobre o desenvolvimento da história do futebol mato-grossense a partir das décadas de 1970 e 1980, considerando a inexistência de arquivos preservados sobre o tema, na FMF, fomos buscar nas memórias de personagens mato-grossenses testemunhos sobre o período de 1979 a 2018, com o intuito de preencher essa lacuna.

Primeiro, cumpre observarmos que, com realização de uma assembleia geral e extraordinária, no dia 21 de abril de 1979, foi aprovada e homologada a transformação da denominação da FMD para a atual FMF, conforme consta na Ata nº 8/1979, sendo eleito o advogado Carlos Orione como seu primeiro presidente (FMF, 1979). Orione, um procurador de justiça aposentado, fora nomeado pelo Almirante Heleno de Barros Nunes, então presidente da Confederação Brasileira de Desportos – CBD (1975-1980), entidade máxima dos desportos brasileiros, para assumir como interventor na FMD. Destacamos aqui o período da sua administração, a partir de 31 de maio de 1976.

Sobre esse período de atuação de Orione, segundo as memórias do professor Admir Neves Moreira, suas principais ações como interventor foram assim tomadas: “ Com a divisão territorial do estado em 1977, em (Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), Carlos Orione presidiu a Federação no ano de 1978, participando da criação da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul (FMS), e das Federações de: Voleibol, Futebol de Salão, Atletismo, Basquete, Natação e Tênis de Campo, antigos departamentos da FMD. Presidiu, também, a Assembleia Geral e Extraordinária do dia 21 de abril de 1979, que homologou a aprovação da transformação da denominação da Federação Matogrossense (FMD) na atual Federação Matogrossense de Futebol (FMF), conforme consta na Ata nº. 08/79, sendo eleito seu 1º presidente para o período de 21/04/1979 a 26/05/1980.

Suas principais ações frente à gestão da Federação Matogrossense de Futebol (FMF) até o término de sua gestão foram a elaboração e registro em Cartório do 1º Ofício de Cuiabá-MT, em 28 de abril de 1980, do Novo Estatuto da FMF; a criação e ampliação das Ligas de Futebol Amadoras em MT, inicialmente com 07 e, depois com mais de 82 Ligas filiadas a FMF.

Carlos Orione instituiu a 1ª e 2ª Divisão de Futebol Profissional de MT, além de articular com a CBF, a inclusão no Campeonato Brasileiro Série A, nas décadas de 1976 a 1980, de cinco equipes de Mato Grosso, quais sejam, Mixto Esporte Clube, Clube Esportivo Operário Várzea-grandense, Clube Esportivo Dom Bosco (MT), Clube Esportivo Comercial e Operário Futebol Clube (de Campo Grande), inclusive, este último, conseguindo uma honrosa classificação de 3º lugar no Campeonato Brasileiro/1977. Reformou, ampliou e iluminou com modernas melhorias para realização dos jogos noturnos, o Estádio Presidente Dutra, em parceria com o governo do estado em 1990, na gestão do governador Jaime Veríssimo de Campos e, ainda, articulou junto a CBF, a vinda da Seleção Brasileira em Cuiabá- MT, para

realizar os amistosos no Estádio Governador José Fragelli – VERDÃO), nas Categorias Principal, Olímpica e Feminina, com os seguintes resultados: Seleção Brasileira – Principal: Brasil 2 x 0 Suíça (21/12/1980); Brasil 1 x 0 Equador (15/03/1989); Brasil 3 x 1 Finlândia (15/04/1992); Brasil 6 x 1 Islândia (07/03/2002); Seleção Brasileira – Olímpica; Brasil 3 x 0 Bolívia (10/12/1999); Seleção Brasileira Feminina - Sul Americano Conmebol Sub-19 Campeão Brasil 6 x 0 Peru (28/03/2002) e, junto a CBF e a Confederação Sul-Americana de Futebol, para a realização da final da Copa Masters da Conmebol/1996, em Cuiabá-MT, no Estádio Governador José Fragelli, com a participação das 4 equipes campeãs da Conmebol: São Paulo, Botafogo, Atlético Mineiro (Brasil) e Rosário Central (Argentina). O Campeão foi o São Paulo Futebol Clube, derrotando no dia 12/02/96, o Clube Atlético Mineiro pelo placar de 3 x 0. Também, junto a CBF, articulou a realização da Copa dos Clubes Campeões Mundiais/1996, em Cuiabá-MT, no Estádio Governador José Fragelli – VERDÃO, com a participação das equipes: Flamengo (RJ), Grêmio (RS), São Paulo e Santos (SP), sagrando-se campeão o São Paulo Futebol Clube (SILVA, 2009b).

Após a divisão do estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, novos municípios foram surgindo e, com eles, também, a expansão do futebol em quase toda a extensão territorial da região. Do norte vem o advogado Francisco Faiad, advogado, militante político que foi vereador em Alta Floresta. Com trajetória na academia, foi professor de direito, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e é um apaixonado por futebol. Ele teve experiência como dirigente do Dom Bosco e assim testemunhou a sua experiência na gestão do futebol mato-grossense:

Eu comecei a lidar com o futebol profissional em Mato Grosso no final da década de 80. Eu ainda morava na cidade de Alta Floresta e nós fundamos na época o Florestão, um time da cidade que foi campeão amador lá no Norte do Estado. Transformamos em um clube profissional, inscrevemos na série B do futebol mato-grossense, fomos vice-campeões, alcançamos o acesso à série A e no ano de 1991, 92, disputamos a série A do campeonato mato-grossense. Quando eu vim para Cuiabá no fim de 1995, final de 94, começo de 95, o time não estava mais na série A, tinha voltado para a série B e acabou pedindo licença e encontra-se de licença do futebol profissional lá de Alta Floresta até hoje. E aqui em Cuiabá eu me envolvi com o meu time de coração no Estado que é o Dom Bosco. Desde então, venho colaborando com o Dom Bosco até depois de sete anos de licença nós assumimos a presidência do futebol do Dom Bosco em 2012 e nesse ano nós levamos o time para série B e fomos campeões em 2014. Em 2015 nós

fomos campeões da Copa Governador, em 2016 nós participamos da Copa do Brasil e continuamos na atividade. Atualmente, sou um diretor de futebol. Então, tenho uma ligação direta com o clube Dom Bosco. Inclusive esta taça que está aqui é do campeonato que vencemos na Copa Mato Grosso do time do Dom Bosco. [...] O Dom Bosco teve um auge nos anos 80, quando tinha presidência do Joaquim Francisco de Assis, do Cartório do 6º Ofício e ele conseguiu reunir um grupo de abnegados que investiram no Dom Bosco e o time conseguiu trazer jogadores de grande futebol para o time, como o Adilson que jogava no Santos do Pelé, o Fidélis, médio-volante, enfim, jogadores que marcaram época e o Dom Bosco passou a ser academia do futebol em Mato Grosso. Era uma equipe extremamente organizada, técnica que inclusive gerava temor quando jogava contra outras equipes. O Dom Bosco ganhou do Vasco no Rio de Janeiro. Dom Bosco fez história no campeonato brasileiro daquela época. Aquela foi o auge do time do Dom Bosco (FAIAD, 2019).

O entrevistado relata sua entrada no futebol profissional. Segundo ele, foi ainda no interior do estado que ele se envolveu com o futebol profissional. Destaca sua participação na gestão do Dom Bosco e afirma que esse clube viveu um auge nos anos 1980, quando tinha presidência de Joaquim Francisco de Assis, do Cartório do 6º Ofício, que conseguiu reunir um grupo de abnegados que investiram no Dom Bosco e, com isso, o time conseguiu contratar jogadores de grande futebol para o time, como Adilson, que jogava no Santos do Pelé, além de outros jogadores que marcaram a história desse clube tradicional de Mato Grosso (FAIAD, 2019).

Sobre o auge do futebol em Mato Grosso, Francisco Faiad defende, de modo categórico, que esse período ocorreu nos anos 1960-1980 e que depois, nos anos 1990, nós tivemos finalmente uma decadência, que ele atribui ao sucesso da televisão em nossa região.

Sem dúvida. Olha... Na época, final dos anos 70 e começo dos anos 80, não havia televisionamento dos jogos dos grandes clubes do Brasil. Nós não tínhamos jogos do campeonato paulista, carioca, campeonato brasileiro televisionados. Então, a torcida em Cuiabá e em Mato Grosso era muito ligada aos clubes daqui do que os de fora. Com o início do grande televisionamento, da TV aberta, da transmissão de jogos desses grandes clubes brasileiros, já houve uma redução da presença do público nos estádios. Segundo: houve a redução das equipes nos campeonatos nacionais. Mato Grosso já não tinha mais a mesma participação nos campeonatos nacionais, chegando a acontecer o que nós temos hoje. Mato Grosso não tem nenhum representante na série A. E nós tínhamos sempre representantes na série A. O Dom Bosco disputava o campeonato brasileiro, o Mixto disputava o campeonato brasileiro, o Operário disputava o campeonato brasileiro. Então, o Mixto levava o público aos estádios e fazia com que as direções tivessem contratações de peso para que o time chegasse mais longe. Com a queda e a saída dos clubes da série A, houve um esvaziamento das torcidas. Agora, este ano é que nós vamos ter um representante de Cuiabá na série B, que é o Cuiabá Esporte Clube. Nós tivemos o Luverdense por alguns anos na

série B, representante o interior do Estado, a cidade de Lucas do Rio Verde, o que não gerou nenhuma comoção na Capital. Quem sabe agora, com a participação do Cuiabá na série B, volte a existir uma participação maior da torcida. E nós tivemos também uma queda da participação financeira nos clubes da Capital. Esse para mim é o grande problema. Os grandes clubes da Capital não levam torcida ao estádio porque não têm jogador que levam o torcedor, e não tem torcida que invista nos clubes para que se contrate esses grandes jogadores. Então, nós estamos numa situação realmente triste. Por exemplo, nesse campeonato mato-grossense de 2019 nós tivemos uma média de público durante todos os jogos de 500 torcedores. É lamentável você ter uma média de público de 500 torcedores num campeonato estadual onde disputaram as maiores e melhores equipes do Estado de Mato Grosso. Então, eu crédito essas circunstâncias à queda do nosso futebol (FAIAD, 2019).

O entrevistado aponta as causas do declínio do futebol local e o seu momento de glória. O televisionamento dos jogos ao vivo, a falta de estrutura dos clubes, a gestão amadora e a carência de talentos no futebol local são causas da crise pela qual passa o esporte bretão em Mato Grosso, segundo Faiad (2019).

Sobre a relação entre crescimento econômico e futebol em Mato Grosso, Faiad (2019) ressalta:

Vejo que há uma dissociação total entre a classe econômica, produtiva e o futebol. Não há investimento. Não há nenhum apoio desses grupos econômicos no futebol mato-grossense. São casos raros. Tivemos o exemplo de Lucas do Rio Verde. Um grupo de empresários abraçou o Sinop. Um grupo abraçou o União em Rondonópolis. Aqui em Cuiabá uma empresa criou e abraçou o futebol através do Cuiabá, mas as grandes empresas não investem nada nos times daqui. As grandes empresas não acreditam. Não vemos grandes empresas de Várzea Grande apostando no Operário. Não vejo grandes empresas de Cuiabá apostando no Mixto ou Dom Bosco. Não fazem absolutamente questão nenhuma de apoiar e nós procuramos. Vemos por aí em outras cidades e capitais que a Coca Cola apoia seus times. E a Coca não apoia nenhum time daqui. A Ambev não apoia nenhum clube. Não vemos a Unimed daqui apoiar clube algum. E olha que a Unimed apoiou o Fluminense e apoia outras grandes equipes pelo país afora. Nenhuma escola particular, nenhuma universidade privada apoia nossos times. Eles sobrevivem graças aos torcedores abnegados e apoiadores. Se não, não estariam funcionando e participando dos campeonatos. Se a classe econômica apoiasse nossos times, certamente teríamos um clube na série A e mais de um na série B (FAIAD, 2019).

O entrevistado ressalta que os empresários locais não investem no futebol, exceto em casos isolados como os de Sinop, Cuiabá e Luverdense (FAIAD, 2019). O futebol se tornou um negócio rentável e caro; por isso, depende de investimentos, sejam de origem privada ou pública.

Percebe-se, nesta pesquisa, que há, claramente, uma relação entre a classe política e os clubes de futebol no estado, o que não ocorre em relação à classe econômica. Quando ela investe, dá resultado, como ocorreu com o Sinop, na década de 1990, quando Rogério Ceni

estava começando como goleiro.

E, hoje, nós temos um encontro de gerações. O Operário, que praticamente é bancado por Dudu Campos, que é um torcedor fanático e coloca dinheiro do próprio bolso, é um clube-empresa que há 17 anos vem investindo de forma planejada. Essas relações políticas precisam existir? Há de se ter uma ruptura com a política ou deve-se ainda estreitar esses vínculos? Essa relação precisa existir?

Para Faiad (2019) esse apoio é fundamental e, sem ele, nenhum clube de futebol segue adiante. Futebol hoje é sinônimo de dinheiro, investimento. Não existe hoje montar um bom time para disputar realmente um campeonato sem ter investimento para manter um bom plantel. E essa ligação política dos clubes sempre existiu, principalmente no caso dos pequenos. Vimos que o São Caetano foi vice-campeão da Copa Libertadores da América em uma época em que a classe política da cidade de São Caetano do Sul investia no clube. E assim também foi lá no interior de São Paulo com o Oeste, o Birigui; assim se sucedeu no interior do Paraná e essas equipes só funcionam quando há investimento da classe política, envolvendo grupos para investirem nos times.

A Era da TV no futebol de Mato Grosso

O processo de implantação da TV em Cuiabá começou em 1963 com as articulações políticas e administrativas feitas pelos empresários conhecidos como Irmãos Zahran, proprietários de grandes empresas em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, como a TV Morena, em Campo Grande (MS), inaugurada em 24 de dezembro de 1965. Nesse período, o estado não era dividido, ainda.

Em Mato Grosso, a abertura desse mercado veio por meio da jornalista Antonieta Ries Coelho. Por sugestão de Antonieta Coelho, os procedimentos para implantar a TV em Cuiabá caminharam em paralelo com os realizados em Corumbá (MS). E assim foi feito. A imagem experimental da TV, em Cuiabá, foi ao ar em 6 de novembro de 1967, com as presenças de diversas autoridades.

É importante ressaltar que, no período de implementação da televisão em Mato Grosso, o país vivia um dos mais violentos momentos da ditadura militar. Em 1968, por exemplo, o país era vítima do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que vigorou até 1969. Com ele, o presidente governou com plenos poderes, utilizando-se do arbítrio institucionalizado contra a sociedade civil e dos meios de comunicação de massa como suporte ideológico de suas ações (BRASIL, 1968 apud BARROS, 1997, p. 2).

Considerando o período mencionado, cabe destacar que a censura, o controle ideológico e a manipulação das informações pelos meios de comunicação de massa ocorriam efusivamente: afinal de contas, -A TV não é um instrumento revolucionário. A TV está a serviço da ideologia vigente! (CARVALHO, 1980, p. 39).

A partir da segunda metade do século XX, com a proposta política do governo de povoar e valorizar a Região Amazônica, Mato Grosso passa a receber linhas de crédito industrial e agropecuário com [...] o objetivo de desenvolver polos industriais e agropecuários de relevância nacional, para abastecimento da região sudeste e sul do Brasil com matérias-primas, tais como: madeira, borracha, grãos, carne, couro, minerais (BARROS, 1997, p. 3).

Cuiabá desempenha função importante nesse processo de exploração do território daquela região do país. Os cuiabanos eram conhecidos por sua hospitalidade, pelas suas festas, pelas brincadeiras sempre presentes nas conversas e pelo costume de visitar as pessoas constantemente.

A TV implantada em Cuiabá em 1969 tem um caráter revelador para a sociedade cuiabana, despertando, a princípio apenas pela ideia do que seria uma TV, o fascínio e admiração dos cuiabanos. A TV, portanto veio a completar esse quadro conturbado pela tão propagada ideologia do progresso que Cuiabá estava vivendo na década de 60 (BARROS, 1997, p. 5).

A TV Centro América, canal 4, Cuiabá, entra no ar em caráter experimental em julho de 1968. Em 1969, a TV Centro América recebe o primeiro aparelho de videoteipe.

Na Centro América, o esporte estava presente em dois programas realizados ao vivo: *Esporte em Desfile*, com a produção de Eugênio de Carvalho, dava destaque para todos os esportes e realizava mesas-redondas especialmente para o futebol. O outro programa esportivo era *Zoom*, produzido e apresentado por Eugênio de Carvalho e Alzira de Abreu (BARROS, 1997, p. 81).

Com a chegada da televisão, em 1969, os jogadores e suas famílias ficavam ansiosos pela possibilidade de serem filmados e ter os seus nomes citados nos comentários dos programas esportivos ou mesmo poderem aparecer na TV, no noticiário do esporte e no *Zoom*, apresentado por Eugênio de Carvalho (AZEVEDO, 2000, p. 61).

Cuiabá só teve acesso a um jornal televisivo em cadeia nacional a partir da Copa do Mundo de Futebol de 1970, quando a Embratel passou a transmitir os programas ao vivo. Foi em 1976 que a TVCA se tornou afiliada à Rede Globo, assim como as demais emissoras da Rede Mato-grossense de Televisão. Em 1977, a emissora torna-se cabeça de rede para o Mato Grosso, após a divisão do estado e o surgimento do estado de Mato Grosso do Sul.

A televisão é um dos instrumentos/instituições da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa mais importantes e impactantes na cultura, na economia, na política e na vida social no sentido mais amplo possível. No caso do futebol, ela assume uma função paradoxal, pois é geralmente apontada como responsável pela sua expansão e popularização, tornando-o um elemento da cultura nacional, além de ser o principal ou ao menos um dos principais veículos de lazer do brasileiro. Na conjuntura atual brasileira, a televisão é

responsável ainda pela maior parcela das receitas dos clubes profissionais brasileiros (cerca de 93%), especialmente os que disputam as Séries A e B do campeonato nacional de clubes de futebol. Por outro lado, a televisão também é considerada responsável pelo declínio do público (torcedores) nos estádios de futebol, ao transmitir jogos ao vivo – o torcedor prefere assistir ao espetáculo em casa, pela televisão. Essa é uma argumentação defendida por alguns dos nossos entrevistados, nesta tese.

Ao levar as imagens às residências e transmitir os jogos ao vivo a televisão cria o que Bourdieu (2000) denomina de –gostoll pelo futebol, produz o *habitus* de torcedor e amplia as possibilidades de consumo do produto denominado futebol.

No caso específico do futebol profissional de Mato Grosso, objeto desta tese, veremos a seguir como se processa essa relação entre futebol e televisão.

A TVCA, rede filiada à Rede Globo em Mato Grosso, realizou sua primeira transmissão de uma partida de futebol ao vivo em 2000, no jogo da decisão da Copa Centro América (competição local de futsal). A TVCA começou a transmitir os jogos do Campeonato Mato-grossense de Futebol, ao vivo, no ano de 2010. A emissora referida, naquele ano, adquiriu o direito de transmitir algumas partidas do campeonato de futebol profissional. No ano de 2018, a TVCA pagou o equivalente a R\$ 300.000 (trezentos mil reais) para transmitir as partidas do certame de futebol profissional mato-grossense. Em 2019, os clubes locais não aceitaram mais esses valores e foram negociar diretamente com a Rede Globo. Esta emissora pagou cerca de R\$ 240.000 (Duzentos e quarenta mil reais) como direito de transmissão dos jogos. Esse montante foi dividido entre os clubes de futebol.

Segundo Márcio Camilo (2019),

Dirigentes de futebol reclamam dos valores que a **TV Centro América**, afiliada a **Rede Globo**, repassa aos clubes de Mato Grosso pelos direitos de imagem para transmissão dos jogos do Campeonato Mato-grossense de Futebol. A emissora paga apenas R\$ 30 mil para cada clube pelo campeonato todo, mas fatura parte das cotas de patrocínio nacional, que conta com anunciantes poderosos como Ambev, Chevrolet, Itaú, Vivo, Casas Bahia e Hypera Pharma. O site MTREPORTER entrou em contato com a emissora para saber os valores de patrocínio, mas não obteve respostas (CAMILO, 2019, grifos do original).

Carlos Alberto de Souza China, funcionário do Sinop Esporte Clube, considerou o valor de transmissão pago pela TVCA uma esmola (CHINA, 2019 apud CAMILO, 2019). Afirmou que a situação se complica ainda mais pois o clube fica proibido de buscar patrocínios fora do leque de clientes da emissora, por conta do contrato que é fechado com a Federação. Essa questão deixa os clubes de mãos atadas e os prejudica financeiramente. Os direitos de transmissão das partidas são cedidos à TVCA. Os clubes não podem transmitir suas partidas pela internet, por exemplo, se a referida emissora não estiver transmitindo partidas na Arena Pantanal, ao mesmo tempo. (CAMILO, 2019).

No momento de negociação da venda dos direitos de transmissão dos jogos de futebol do campeonato de 2019, os dirigentes dos clubes divergiram sobre os valores e as possibilidades de venda/negociação. Paulo Emílio, vice-presidente do Clube Esportivo Dom Bosco, um dos mais tradicionais de Mato Grosso, considerou os valores muito baixos, praticamente irrisórios. –Ele ainda disse que a reclamação dos dirigentes foi geral durante a reunião na Federação que definiu os valores para a transmissão dos jogos. No entanto, o presidente da entidade, Aron Dresch, teria dito que a Centro América estava irredutível que “era pegar ou lagar” (CAMILO, 2019).

O diretor-executivo do Luverdense Esporte Clube, Maico Gaúcho, defendeu que os valores foram pequenos se comparados com a compra dos direitos de transmissões de outros campeonatos estaduais, que também são controlados majoritariamente pela TV Globo. Ele avaliou, no entanto, que, para a realidade de Mato Grosso, já seria um avanço a verba da TVCA, pois antes os clubes tinham menos e hoje a Federação banca a logística dos jogos, a hospedagem dos jogadores e a alimentação.

Mesmo defendendo que o negócio fosse fechado, o Cuiabá Esporte Clube, atualmente a equipe mais estruturada de Mato Grosso – clube-empresa, que conta com valores consideráveis da Rede Globo pelos direitos de imagem dos jogos da Série B do Campeonato Brasileiro –, reclamou dos baixos valores pagos pelos jogos do campeonato estadual de futebol.

A Televisão Centro América firmou, pela primeira vez, contrato com a Federação Mato-grossense de Futebol (FMF) para transmitir os jogos do campeonato estadual em 2010.

Na época, o acontecimento foi anunciado com grande empolgação pela emissora, que disse que o objetivo era transformar Cuiabá na capital do futebol no Centro-Oeste, principalmente por conta dos jogos da Copa do Mundo na cidade, que seriam realizados quatro anos mais tarde, em 2014. A ideia era ter um time da Capital na elite até a Copa, mas, somente este ano, o Cuiabá estará na segunda divisão do Brasileirão. Cristiano Dresch destaca que fazer futebol é muito caro e que falta estrutura (as exceções são Luverdense e Cuiabá) para os clubes contratarem bons jogadores e valorizar o estadual. —Outros campeonatos estão anos luz na nossa frente. (CAMILO, 2019).

O dirigente do Cuiabá Esporte Clube, Cristiano Dresch (2019 apud CAMILO, 2019), chama a atenção para um fato relevante, que é a qualidade do espetáculo apresentado pelos clubes locais, algo que deve ser considerado na negociação com a televisão. Ele ressaltou que, ao transmitir jogos de alguns clubes locais, a TV, na verdade, perde audiência ao transmitir os jogos.

A ideia segundo a qual a transmissão dos jogos de futebol pela TV afugenta o público dos estádios é bastante lembrada e defendida por dirigentes, jornalistas, torcedores e estudiosos do esporte. Para o jornalista Macedo Filho (1993):

No meu ponto de vista, a TV não atrapalha. Tendo bons jogadores, as pessoas saem de casa para ver o espetáculo. De primeiro, tinha cinema e nunca atrapalhou. Tínhamos praia em Santo Antônio do Leverger, no Coxipó, na Guarita, na Mário Andreazza. O jogo começava às 15h e o pessoal ficava nas praias até às 13h. Então, isso não impedia. As pessoas saíam porque queriam ver bons jogadores. Quando íamos nas praias, os jogadores também estavam lá. Só tinha praia e cinema de lazer. Hoje, temos muitas outras coisas.

Como já mencionado anteriormente, a televisão tem um papel fundamental na produção, promoção e divulgação dos produtos da indústria do entretenimento, na sociedade contemporânea. O futebol se tornou esse grande espetáculo que é hoje graças à televisão.

Opinião contrária é defendida por Antero Paes de Barros (2019), personagem importante do futebol e da política de Mato Grosso. Ele argumenta que o começo das transmissões dos jogos pela TV contribuiu com o esvaziamento do público nos estádios de futebol em Mato Grosso e com a crise do futebol local. Segundo ele, a TV é uma das maiores responsáveis pela crise do futebol local. Por outro lado, afirma que o rádio potencializou a paixão pelos times locais.

França Auad (2019) alinha-se à perspectiva de Antero Paes de Barros (2019), no que diz respeito aos impactos das transmissões de jogos ao vivo pela televisão:

[...] televisionamento direto tira o público do estádio e isso estou falando não é porque é uma concorrente direta do canal onde trabalho. Se fosse o meu canal, diria a mesma coisa. [...]. Eles estão promovendo o nosso futebol. Durante toda a semana eles falam dos jogadores e fazem chamadas. O problema é que eles transmitem o jogo ao vivo, o que deixa alguns torcedores de outros estados bravos, pois as cidades deles deixam de transmitir os jogos deles para passar o nosso futebol. Aí eles perdem um Flamengo e Fluminense, Corinthians e Palmeiras. Eles têm que pagar uma Premiere, Sky, para assistir os times do Sul e Sudeste. [...] (AUAD, 2019).

O entrevistado defende que é necessário acabar com o televisionamento direto e os clubes têm que investir em termos de buscar parcerias com a iniciativa privada para impulsionar novamente o futebol local.

Nosso entendimento é de que a TV desempenha papel relevante e paradoxal no futebol, não podendo ser considerada como causa principal da crise do futebol de Mato Grosso, pois ela é um importante ator desse campo esportivo chamado futebol. Ela que produz gostos, preferências esportivas e enseja o consumo do futebol.

[...] o conceito de habitus surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionamentos sociais. Habitus é aqui compreendido como: [...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de

tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Habitus indica sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente –reguladas e –regulares sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expreso das operações necessárias para atingi-los (BOURDIEU, 2000). Os indivíduos se transformam em consumidores do espetáculo esportivo graças ao processo de produção social das preferências futebolísticas pela televisão.

Este capítulo tratou do futebol de Mato Grosso a partir da consolidação da FMF, da construção do Estádio Verdão e da chamada Era da TV. Mostramos os processos sociais de construção do Verdão, a influência (positiva ou negativa) da televisão no futebol local e momentos de crise e de glória do futebol local.

4 FUTEBOL NOS ANOS 2000: DA COPA DO MUNDO À CONTEMPORANEIDADE –MODERNIZAÇÃO, CLUBE-EMPRESA E RESSURGIMENTO DO FUTEBOL MATO-GROSSENSE

Este capítulo aborda a questão do futebol de Mato Grosso no final das décadas de 1990 e na década de 2000. Retrata o tema da crise e da modernização do futebol de Mato Grosso e seus benefícios, discutindo o clube-empresa e as alternativas para o ressurgimento do futebol local. Concluem este capítulo os fatos relacionados ao surgimento do Cuiabá Esporte Clube, à construção da Arena Pantanal, à Copa do Mundo Fifa 2014 e à relação entre os times locais e o futebol-negócio atual, em que as memórias dos entrevistados são analisadas como materiais empíricos orais essenciais para a compreensão da história do futebol em Mato Grosso.

A temporada de 2016 do futebol mato-grossense começou com o Campeonato Mato-grossense de Futebol, no dia 30 de janeiro daquele ano. A competição, que nascera em 1943, chegava à sua 74ª edição contando com 11 equipes de sete cidades diferentes. Os clubes mais vencedores do torneio somam 50 títulos. O Mixto é o maior vencedor (24 títulos) e o único time a conseguir um tetra consecutivo (1979-1982). Em seguida vêm o Operário de Várzea Grande, com 14 títulos; o Dom Bosco, com seis; e o Cuiabá, também com oito taças. Dentre os outros times participantes, o Sinop tem três títulos, o Luverdense tem dois e o União e o Cacerense têm um, cada. Recém-promovidos à primeira divisão do Estadual, o Operário F.C. (campeão da segunda divisão em 2015) e o Araguaia (vice), juntos com o Poconé, tentavam a primeira conquista (GABETEL, 2016). Apesar do sucesso histórico, Mixto e Operário conquistaram apenas um título cada, nos últimos dez anos. Em contrapartida, o Cuiabá foi quem levantou mais taças no período: quatro, no total.

Confira a tabela com os campeões e vices das últimas 13 edições do Campeonato Mato-grossense.

Ano	Campeão	Vice
2006	Operário-VG	Barra do Garças
2007	Cacerense	Grêmio Jaciara
2008	Mixto	União
2009	Luverdense	Araguaia
2010	União	Operário-VG
2011	Cuiabá	Barra do Garças
2012	Luverdense	Cuiabá

2013	Cuiabá	Mixto
2014	Cuiabá	Luverdense
2015	Cuiabá	Operário-VG
2016	Luverdense	Sinop
2017	Cuiabá	Sinop
2018	Cuiabá	Sinop
2019	Cuiabá	Operário

Fonte: Gabetel, 2016.

Crise e modernização do futebol mato-grossense

O tema da modernização do futebol brasileiro foi abordado por alguns estudiosos como Ronaldo Helal (1997), sob o prisma do dilema entre amadorismo x profissionalismo e da Lei Zico (Lei nº 8.672/1993) (BRASIL, 1993); Francisco Xavier Freire Rodrigues (2007) a partir da legislação esportiva, abordando ainda o fim do passe com a Lei Pelé (Lei nº 9.615/1998) (BRASIL, 1998), o empresariamento de jogadores, a globalização do futebol e as mudanças nos modelos de formação de jogadores (RODRIGUES, 2015), advogando que o fim do passe representou uma faceta da modernização conservadora no futebol brasileiro; Marcelo Proni (2000), enfatizando as transformações no futebol brasileiro a partir da legislação esportiva e do advento do clube-empresa; Elio Salvador Carravetta (2006), com base na reflexão sobre as contradições dos modelos teóricos e práticos dominantes na organização do futebol brasileiro, introduz um novo modelo para o processo de gestão técnica no futebol brasileiro, alicerçado em uma visão sistêmica e interdisciplinar.

Aqui analisaremos o processo de modernização do futebol mato-grossense a partir dos depoimentos dos entrevistados.

Para Moreira (2019), a modernização do futebol mato-grossense adveio com a gestão do ex-dirigente da Federação Mato-grossense de Futebol (FMF), Carlos Orione.

Foi aí que ele implantou a modernização do futebol do nosso estado, seguindo a linha do planejamento estratégico do nosso futebol. Foi aí que ele reestruturou a diretoria e criou a Diretoria de Desenvolvimento do Futebol, algo que existia na CBF. A competência dessa diretoria era movimentar a capacitação e cientificidade de todos os dirigentes, técnicos, imprensa, enfim, todos que trabalham com o esporte. Implantamos tecnologias de 2005 a 2010, 2015. Aqui, vários cursos foram ministrados. Trouxemos Parreira, Andrés Sanches, Ney Franco, Fábio, inúmeras pessoas que nós mantínhamos contato, realizávamos parcerias para implementar esses avanços. Foi algo considerável, pois o futebol precisava de modernização, pois o futebol é a atividade econômica mais rentável do planeta. Nós tínhamos numa equipe, e isso levava os torcedores ao campo, nós tínhamos 10 craques e um mais ou menos em cada time. [...], (MOREIRA, 2019).

O entrevistado destaca que o processo de modernização se deu pela via, inicialmente, da burocratização e da capacitação de agentes responsáveis pela gestão do futebol de Mato Grosso. Entendemos que esse processo de modernização da gestão para tornar o esporte/futebol um produto mais rentável (PRONI, 2000) e capacitar os gestores é uma faceta da modernização e do empresariamento do futebol, lembrando o sociólogo Rodrigues (2007), e se insere em um processo sócio-histórico mais amplo, que Norbert Elias e Eric Dunning (1992) denominam de processo civilizador.

Acreditamos que a grande contribuição de Elias e Dunning (1992) reside no fato de tomarem a análise do desenvolvimento do desporto a partir da teoria que investiga o processo civilizatório. Eles advogam que o controle da violência é um indício de civilização que acompanha o desporto ao longo de sua história. A institucionalização dos desportos, a regulamentação, o disciplinamento, entre eles, do futebol, configuram-se como sinal da modernidade (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 41-42).

Moreira (2019) relata que, seguindo o rumo da modernização do futebol mato-grossense, a Escola Brasileira de Futebol em Mato Grosso, por meio de sistema *on-line*, foi essencial como uma escola de novas aprendizagens,

Como vimos no depoimento (MOREIRA, 2019), a modernização está diretamente relacionada com o processo de profissionalização do futebol moderno, no sentido de criar um corpo de profissionais dotados de saberes específicos em um determinado campo de atuação. Barbosa (1998) entende que a profissionalização implica a aquisição de conhecimentos, técnicas, habilidades e saberes para serem aplicados em uma atividade especializada.

Moreira (2019) explica, também, que os caminhos seguidos pela modernização do futebol em Mato Grosso foram muito importantes para que Cuiabá pleiteasse, junto à CBF, a sua inclusão como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014, conforme registra:

[...] a Articulação junto a CBF/2007, pleiteando a inclusão de Cuiabá-MT, para ser escolhida entre as 12 das 18 cidades candidatas à sub-sede da Copa do Mundo de 2014, no Brasil; a Articulação junto a CBF/FIFA/EBF, na indicação do Prof. OSVALDO GONÇALVES JUNIOR, para participar representando a FMF, no Curso de Treinadores FIFA, realizado na Granja Comary, em Teresópolis-RJ, no período de 10 a 16 de setembro de 2007. » à Realização do 1º CAMPEONATO DE SELEÇÕES AMADORAS MUNICIPAIS (1º de Set a 2 de dez de 2007), com a participação de 80 municípios, onde o evento teve a parceria do Governo do Estado, através da Secretaria de Estado de Esportes e Lazer, Banco MT Fomento e Grupo Amaggi; a Articulação com a CBF, para Inclusão do Mixto Esporte Clube, na 1ª Copa Brasil de Futebol Feminino (CBF) /2007; as Visitas e inspeção dos Estádios de Futebol do interior do Estado; a Realização do maior

Campeonato de Futebol Profissional de Mato Grosso/2008, de toda sua história, com a participação de 20 equipes. (MOREIRA, 2019).

No olhar de Moreira (2019), para que esse êxito fosse alcançado, as gestões dos presidentes da Federação Mato-grossense de Futebol (FMF), de 1979 a 2014 – Carlos Orione (1979-1980; 1986-2009); João da Silva Torres (1980-1986) – foram primordiais e ele justifica assim as suas afirmações:

[...] Em sucessivos mandatos, Orione coordenou a criação e ampliação das Ligas de Futebol Amadoras (hoje com mais de 82 Ligas filiadas a FMF). Instituiu a 1ª e 2ª Divisão de Futebol Profissional de MT e articulou com a CBF na inclusão no Campeonato Brasileiro Série A, nas décadas de 1976 a 1980, de cinco equipes de Mato Grosso: Mixto, Operário, Dom Bosco, Comercial e Operário de Campo Grande (MS). Este último conseguiu honrosa classificação de 3º lugar no Campeonato Brasileiro/1977. Ficou no cargo por mais aproximadamente 40 anos no total, até julho de 2014, quando renunciou ao cargo alegando problemas de saúde. Já falecido. Em seu lugar o cargo foi assumido por Helmut Lawisch por um ano e depois por João Carlos de Oliveira, ambos seus vice-presidentes e, atualmente por AROAN DRESCH – eleito em 26 de março de 2017. Ficará no poder no quadriênio 2017/2020⁵³ (MOREIRA, 2019).

Moreira destaca os feitos da gestão de Carlos Orione, especialmente a criação das ligas amadoras, a luta pela realização de jogos da Copa do Mundo em Cuiabá e em prol dos times locais nas disputas dos campeonatos nacionais de futebol.

Quando se refere ao processo de modernização na formação de jogadores, às mudanças na preparação física, ao advento das escolinhas de futebol em Mato Grosso, Moreira destaca a escassez de talentos no futebol e a profissionalização da formação de jogadores:

[...] Hoje, é o contrário: um craque e 10 mais ou menos. Por que isso? Porque priorizou-se mais a preparação física que o trabalho de técnica que já tinha nos campos de pelada. Então, nós tínhamos vários jogadores aqui e isso atraía os jogadores e torcida. O futebol, passando a ser mais rentável, acelerou o processo de amadurecimento dos nossos atletas. Também temos o fato de que a especulação imobiliária acabou com nossos espaços para a prática esportiva. No campo do Arsenal⁵⁴, no Campo D'Dourique⁵⁵, no Campo do Bosque⁵⁶... Começou-se a se criar escolinhas de futebol e ela normalmente não é dirigida por um profissional capacitado para isso. Geralmente, colocam um ex-jogador, mas deve ter a práxis pedagógica, que é o acasalamento da teoria com a prática esportiva. Ser só jogador não capacita a pessoa. Vários clubes de Cuiabá já trouxeram craques do passado,

⁵³ SILVA, 2009b.

⁵⁴ Atual Sesc Arsenal, na Rua 13 de junho, bairro do Porto, Cuiabá.

⁵⁵ Atual Câmara Municipal de Cuiabá, na Praça Moreira Cabral, Centro, Cuiabá.

⁵⁶ Atual Liceu Cuiabano Professora Maria de Arruda Muller, na Praça General Mallet, bairro Quilombo, Cuiabá.

mas que não têm essa teoria. Com a evolução da preparação física, iniciou-se um processo para fomentar mais a prática física do que técnica. E o nível técnico caiu. Outros aspectos foram a aceleração dessa atividade mais rentável. As escolinhas não respeitam o amadurecimento dos nossos atletas. Aí queimam etapas. Não vai sair talento. Vai sair um cara que corre muito, mas que tropeça na bola, mas isso serve para ser vendido para a Europa. A China, por exemplo, compra jogadores por 80 milhões. Todo mundo quer participar, inclusive, outras pessoas que têm sua atividade profissional em outros ramos, mas larga tudo para investir no futebol sem ter conhecimento. Temos em dois times daqui profissionais capacitados em outras áreas, mas que largam tudo para investir no futebol. Eles sabem que isso é mais rentável. Não vou citar nomes por questão de ética, mas isso ocorre em todo o país. [...] (MOREIRA, 2019).

Starr (1982) destaca a dimensão organizacional e institucional do processo de profissionalização. Moreira (2019) lembra que há necessidade de uma prática pedagógica, no futebol, para que surjam novos talentos, com boas técnicas, não priorizando somente o lado comercial, mas também a competência técnica, na profissionalização e na capacitação de profissionais para atuar nesse ramo da indústria cultural do entretenimento. Cita como exemplo o Cuiabá Esporte Clube, rememorando assim:

[...] Hoje, temos um cenário favorável, como no caso do Cuiabá. Mas, no começo, não foi assim. O Cuiabá é de 2001 e não tinha profissionais capacitados. Levou umas cacetadas. A partir da hora que, com a modernização, começou a trazer profissionais, manter uma equipe por alguns anos e começou a ganhar título. Não é o presidente ou seus dirigentes. São profissionais do ramo que mais têm ajudado. Quero colocar aqui como exemplo que o futebol brasileiro, como times de massa, estão bem porque houve profissionalização. A Pró-Fut, Lei 13.555, que estabelece as normas fiscais dos clubes, que anteriormente não prestavam contas, inclusive aqui, mudou tudo. Por que nossos times não avançam? As equipes que se deram muito bem se sustentam em três pilares: estrutura, planejamento e organização. Será que os nossos times têm isso? O Mixto começou a ter isso em um momento, mas alguns dirigentes, por exemplo, venderam a sede do clube num ponto estratégico que hoje é um dos mais valorizados da cidade. Venderam o centro de treinamento que era sensacional na estrada de Chapada dos Guimarães (MT). Hoje, não tem estrutura. Vive treinando em campos de forma aleatória. Naquela época, a gestão do clube tinha a intenção de se tornar ainda maior. Em 2010, por exemplo, fizeram uma pesquisa e mostraram que o Mixto tinha 48% dos torcedores. Hoje, o Cuiabá já passou na frente. O Cuiabá tem mais em Cuiabá, pois tem estrutura e está disputando campeonatos nacionais. Meu netinho, por exemplo, vai assistir Cuiabá e Dom Bosco. Cuiabá ganha. Com quem meu neto vai simpatizar? Lógico que é com o vencedor. A gente percebe que o Mixto conquistou torcedores porque tem 24 títulos. Todo mundo que nascia era da torcida. E no futebol, como Nelson Rodrigues diz, o Brasil é uma pátria de chuteira, que todo mundo sabe sobre o esporte. Mas vai muito além disso. O futebol é algo científico e demanda profissionais altamente capacitados (MOREIRA, 2019).

O processo de transformações, no âmbito da gestão, da legislação, da formação profissional e institucional no futebol de Mato Grosso descrito pelo entrevistado (MOREIRA, 2019) pode ser entendido como uma faceta da modernidade, no sentido que lhe dá Anthony Giddens (1991, 1997) ao discutir o processo de destradicionalização do mundo e o advento da modernização reflexiva. Ele destaca o caráter de descontinuidade, verificado sobretudo entre as ordens sociais tradicionais e as instituições sociais modernas, que tem como principais características o ritmo da mudança que a modernidade coloca em movimento e o escopo dessa mudança, ou seja, a sua abrangência global e a natureza das instituições modernas. A questão dos novos métodos de gestão do processo de formação de atletas pode ser vista como uma dimensão dessa descontinuidade em relação aos modelos tradicionais de gestão dos clubes de futebol.

O caráter científico da institucionalização do futebol moderno representa esse processo de modernização em curso. Para entender o futebol em Mato Grosso como elemento da modernidade e parte de um processo mais amplo de desenvolvimento e modernização sócio-econômico-cultural, recorremos a Anthony Giddens (1989, 1991, 1997). Dele tomamos de empréstimo o conceito de modernização para entender o processo de emergência de uma sociedade pós-tradicional, por meio da radicalização das instituições da modernidade. Trata-se de processos de intensas mudanças, por intermédio da difusão extensiva das instituições modernas, universalizadas pelos processos de globalização. A modernização é entendida no sentido de processos de mudança intencional, que podem ser conectados à radicalização da modernidade. Esses são processos de *abandono*, desincorporação e problematização da tradição, modernidade (GIDDENS, 1991).

Para Giddens (1991, p. 39), –a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter|.

4.1 A Copa do Mundo Fifa 2014 em Cuiabá: os caminhos dos clubes e seus legados

Após a fundação da Federação Internacional de Futebol (Fifa), em 21 de maio de 1904, cogitou-se, pela primeira vez, no Congresso de Paris, em 1905, a realização de uma Copa do Mundo, a qual não chegou a ser realizada. A **Copa do Mundo**, que é a competição internacional de seleções nacionais de futebol organizada pela Fifa a cada quatro anos, só começou a ser realizada em 1930, no Uruguai, após muitos anos de tentativas de se organizar

uma competição mundial de futebol. A escolha da nação-sede é determinada em eleições feitas pela própria Fifa.

Pode-se dizer que a Copa do Mundo é um dos maiores eventos esportivos do planeta e, a cada quadriênio, bilhões de pessoas assistem aos jogos realizados. As edições de 2010 (que ocorreu na África do Sul) e 2014 (no Brasil) contaram com cerca de **3,2 bilhões de espectadores**, segundo dados compartilhados pela Fifa.

O evento está diretamente ligado ao surgimento da Fifa e sua atuação na popularização e profissionalização do futebol. Quando de sua fundação, em 1904, a Fifa contou com a adesão inicial das seguintes nações: Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça.

A partir de 1908, o futebol foi incluído nos Jogos Olímpicos. São detentores do cetro olímpico: Inglaterra – 1908, 1912; Bélgica – 1920; Uruguai – 1924, 1928; Itália – 1936; Suécia – 1948; Hungria – 1952; URSS – 1956; Iugoslávia – 1960; Hungria – 1964. Antes de 1930, o campeão de futebol dos Jogos Olímpicos era tido como campeão mundial. Antes, porém, em 1919, após a I Grande Guerra, tentou-se novamente organizar-se um campeonato mundial de futebol, mas a intenção foi frustrada em virtude do conflito que envolveu a Europa (1914 a 1918) (BÁEZ, 1966, p. 148).

Dessa forma, após 25 anos de tentativas, nasceu o Campeonato Mundial de Futebol, em 1930, no Uruguai, quando a seleção anfitriã sagrou-se campeã e pôde ficar, por quatro anos, com a Taça Jules Rimet, seguido dos de 1934 (Itália), 1938 (Itália), 1950 (Brasil), 1954 (Suíça), 1958 (Brasil), 1962 (Chile), 1966 (Inglaterra), 1970 (México), 1974 (Alemanha Ocidental), 1978 (Argentina), 1982 (Itália), 1986 (Argentina), 1990 (Alemanha), 1994 (Brasil), 1998 (França), 2002 (Brasil), 2006 (Itália), 2010 (Espanha), 2014 (Alemanha) e 2018 (França).

Nas duas Copas seguintes à do Uruguai, (1934 e 1938) a Itália ficou com o título. Contudo, entre os anos de 1942 e 1946, a competição foi suspensa em função da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Em 1950, o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo. Os brasileiros ficaram entusiasmados e confiantes no título. Com uma ótima equipe, o Brasil chegou à final contra o Uruguai. A final, realizada no recém-construído Maracanã (Rio de Janeiro – RJ), teve a presença de aproximadamente 200 mil espectadores. Um simples empate daria o título ao Brasil, porém a Celeste Olímpica uruguaia conseguiu o que parecia impossível: venceu o Brasil por 2 a 1 e tornou-se campeã. O Maracanã se calou e o choro tomou conta do país do futebol.

O Brasil sentiria o gosto de erguer a taça pela primeira vez em 1958, na Copa disputada na Suécia. Nesse ano, apareceu para o mundo, jogando pela seleção brasileira, aquele que seria considerado o melhor jogador de futebol de todos os tempos: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Quatro anos após a conquista na Suécia, o Brasil voltou a provar o gostinho do título. Em 1962, no Chile, a seleção brasileira conquistou pela segunda vez a taça. Em 1970, no México, com uma equipe formada por excelentes jogadores (Pelé, Tostão, Rivelino, Carlos Alberto Torres, entre outros), o Brasil tornou-se, pela terceira vez, campeão do mundo ao vencer a Itália por 4 a 1. Ao tornar-se tricampeão, o Brasil ganhou o direito de ficar em definitivo com a posse da Taça Jules Rimet. Após o título de 1970, o Brasil entrou num jejum de 24 anos sem título, conquistando-o novamente em 1994 e depois em 2002. O Brasil sediou a Copa do Mundo em 2014, fato que será relatado e analisado a seguir.

A Copa do Mundo da Fifa deve ser entendida como um megaevento. Por megaevento, entende-se “[...] um acontecimento de curta duração, com resultados permanentes por longo tempo nas cidades e/ou países que o sediam e está associado à criação de infraestrutura e comodidades para o evento” (ROCHE, 2001, p. 19). Ao tomar como base essa concepção de megaevento, Rodrigues (2016) buscou entender a preparação da cidade de Cuiabá (MT) no que se refere à criação de infraestrutura e comodidades para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014 e identificar os seus principais legados.

Acreditava-se que este megaevento, se bem sucedido, poderia projetar uma imagem positiva ou renovada da cidade e/ou do estado de Mato Grosso e do Brasil, através da mídia nacional e internacional, especialmente pela cobertura de televisão. No entanto, não houve essa preparação adequada para maximizar os legados. Foram poucas obras e projetos que foram acabados e implementados em sua completitude. Era esperado também como em praticamente todo megaevento, que a Copa do Mundo de 2014 proporcionasse consequências em longo prazo em termos de realocação industrial, entrada de investimentos, turismo e reestruturação urbana de turismo. É verdade que os governantes, empresários, atletas, dirigentes e organizadores de megaeventos (como os Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Jogos Pan-americanos) acreditam e esperam que esses eventos ajudem a definir necessidades econômicas, culturais e os direitos dos cidadãos locais, bem como alavancar o desenvolvimento local (Matias, 2008). No entanto, um levantamento sistemático dos legados dos megaeventos realizados no Brasil nos últimos anos revela que isso não aconteceu (RODRIGUES, 2016, p. 19).

Para Bechara (2008, p. 253-257), discorrer sobre legados significa destacar os benefícios de um megaevento levando-se em conta os eventuais prejuízos que ele pode gerar. Os legados de megaeventos podem ser identificados como: 1) infraestrutura urbanística; 2)

econômica; 3) social; 4) educacional; 5) ambiental; 6) esportiva; 7) cultural; 8) de turismo e hospitalidade; 9) legado político e 10) legado de conhecimento e tecnologia.

Conforme pesquisadores dos megaeventos esportivos (MATIAS, 2008; BECHARA, 2008; MORAGAS; BOTELLA, 1996; ROCHE, 2001; RUBIO, 2008; HORNE, 2007), os legados para as cidades-sedes são diversos, incluindo uma série de contribuições para a melhoria da qualidade de vida da população. Defende-se a ideia de que esse tipo de acontecimento provoca nas cidades um conjunto de alterações, especialmente nas relações ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais resultantes do processo de captação, realização e pós-realização dos jogos (RODRIGUES, 2016).

Assim que Cuiabá foi escolhida como sede da Copa do Mundo, o Estádio Verdão começou a ruir. Para não ter dois estádios com grandes proporções na cidade, a decisão do governo do estado foi unânime: demolir aquele que foi um divisor de águas para o futebol mato-grossense para a construção de uma nova e moderna arena, que atendesse aos anseios da Fifa (essa entidade apresentou seu caderno de exigências para todas as cidades que sediaram jogos da Copa do Mundo 2014). Com a decisão tomada, a disputa da Copa Mato Grosso 2009 foi o último torneio que o Verdão, já desgastado pelo tempo, recebeu. A partida foi entre Cuiabá e Vila Aurora, que decidiram o torneio classificatório à Série D do Brasileiro. A entrada foi gratuita e muitos torcedores puderam acompanhar o duelo, que encerrou um ciclo. Para Boamorte (2014),

Apesar das críticas por ter sido demolido, uma coisa é unânime entre os desportistas de Mato Grosso. Do jeito que estava, o Estádio Verdão não aguentaria muito tempo.

— Olhando agora eu penso que valeu a pena. São novos tempos, e o Verdão ia ficar para trás. Já estava um pouco abandonado e foi melhor assim – completou Moreno.

O engenheiro da Secopa-MT e responsável pela construção da Arena Pantanal, João Paulo Curvo, foi mais além:

O Estádio Verdão estava com sua estrutura comprometida. Quando fomos analisar a estrutura para demolição, pudemos observar que ele não teria mais condições um grande público. Seria necessária uma ampla reforma para que ele pudesse atender a uma demanda maior – disse (BOAMORTE, 2014).

Na busca de documentação que nos relatasse mais sobre esse período do futebol em Mato Grosso, constatamos a não existência de arquivos que pudessem nos contar parte dessa história. São poucos os estudos sobre esse tema. Encontramos alguns artigos da pesquisa realizada pelo professor Francisco Xavier Freire Rodrigues (2012, 2014, 2016) e nos valem também das memórias do ex-jogador de futebol Ademir Neves Moreira, diretor de Desenvolvimento do Futebol da FMF:

No ano de 2005 foi elaborado a implementação do Novo Modelo de Gestão/FMF, como parte integrante do Plano de Modernização do Futebol Brasileiro (CBF) /2005, com a informatização, implantação da Diretoria de Desenvolvimento do Futebol e Reformulação da Comissão de arbitragem da entidade etc. Ainda em 2009, o estádio havia sido interditado pelo Ministério Público Estadual (MPE) por falta de segurança. Um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) assinado com o governo do Estado permitiu disputa da Copa Mato Grosso, para que os clubes da capital não fossem prejudicados. Até que em maio de 2010, o estádio começou a vir abaixo. A bola e a torcida, deram espaços às máquinas e tratores de demolição. Começava a nascer ali a Arena Pantanal. Ela será inaugurada nesta quarta-feira, dia 02 de abril, com o jogo entre Mixto e Santos. (MOREIRA, 2019).

Segundo Tóffano (2013), ao longo do início do século XXI observa-se a expansão de grandes eventos esportivos para países em desenvolvimento como: a Índia (IV Jogos Mundiais Militares, 2007), a China (XXIX Jogos Olímpicos de Verão, 2008), a África do Sul (XIX Copa do Mundo Fifa, 2010), o Brasil (V Jogos Mundiais Militares, 2011; XX Copa do Mundo Fifa, 2014; XXXI Jogos Olímpicos de Verão, 2016), a Rússia (XXII Jogos Olímpicos de Inverno, 2014; XXI Copa do Mundo Fifa, 2018) e o Qatar (XXII Copa do Mundo Fifa, 2022). Esses vêm se tornando um importante recurso de transformações urbanas, com significativo impacto social, político e econômico nas cidades que os sediam (MASCARENHAS, 2011).

Nesse processo de realização de eventos e modernização, Cuiabá foi escolhida como uma das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014. Foi elaborado um novo projeto arquitetônico que recebeu o nome comercial de Arena Pantanal, referenciado pela Fifa como um dos melhores projetos do Brasil, um estádio com uma capacidade superior a 43.600 pagantes.

O estádio e a participação de Cuiabá na Copa do Mundo de 2014 – a segunda realizada no Brasil – proporcionaram que a capital mato-grossense recepcionasse seleções de oito países para quatro jogos, no mês de junho daquele ano: Chile e Austrália; Rússia e Coreia do Sul; Nigéria e Bósnia Herzegovina; Japão e Colômbia. Houve, portanto, motivação para construir-se, antecipadamente, a atual Arena Pantanal, nos moldes previstos pela Fifa. Segundo Benedito Pedro Dorileo (2016, p. 56):

[...] com padrão internacional, poderia ter sido levantada em área nova da cidade, preservando o estádio governador Fragelli, o verdão. Entretanto, edificado sobre os escombros do estádio demolido, compõe belíssimo conjunto esportivo em Cuiabá, podendo conservar o nome de Arena Pantanal governador Fragelli, permanecendo a homenagem ao pantaneiro nascido em Corumbá. Foi a Copa do vexame, com derrota por 7x1 para a

Alemanha, em Belo Horizonte, em 8 de julho de 2014 desclassificando a nossa seleção [...].

Segundo Rodrigues (2016, p. 18), a

[...] Copa do Mundo pode ser entendida como um agregado simbólico, mesmo que esteja diretamente permeado por dimensões materiais. Os eventos esportivos de grande porte (copas de futebol, natação, ginástica, as olimpíadas) se desenvolveram em estreita sintonia com a lógica capitalista. É evidente que as Copas do Mundo são lucrativas para agências que as promovem. As Copas do Mundo são bens culturais (Bourdieu, 1990), pertencentes ao campo do entretenimento, como outros bens (cinema, teatro, música). Trata-se de um evento que é um dos mais elaborados produtos da indústria cultural ligada ao mundo esportivo na contemporaneidade.

Moreira (2019), ao comentar sobre a Copa do Mundo realizada em Cuiabá, diz que a situação na cidade ficou difícil e isso também se refletiu na infraestrutura para a realização do futebol, até porque o legado tão esperado não aconteceu. Na sua opinião, a situação é de dependência:

Sim, pois deveria implementar investimentos, principalmente na forma de se gerir o futebol. Tínhamos projetos que iriam favorecer a educação, saúde, infraestrutura básica com rodovias, VLT, quatro centros de treinamento, a construção da Arena Pantanal. A gente esperava que o nosso futebol teria um impulso grande, mas o que ocorreu foi o contrário. Ficou nessa situação de dependência que a gente vê. Houve até algo que comprometeu a cidade. O CT de Várzea Grande, por exemplo, poderia ficar para o Operário. Seria um legado para o time de tradição. As pessoas iriam torcer. Mixto e Dom Bosco poderiam ter os centros de treinamento. O CT da UFMT poderia ser um centro de estudos, inclusive para os alunos trabalharem e receberem conhecimento teórico e prático. (MOREIRA, 2019).

O entrevistado aponta heranças/resultados negativos da Copa do Mundo para Cuiabá. Destaca que os legados prometidos não foram entregues e que não houve mudança na gestão do futebol local e nem a entrega das obras que poderiam beneficiar o futebol e as pesquisas na área do esporte, como, por exemplo, os centros de treinamentos (COTs). Estes não foram entregues, até o momento (MOREIRA, 2019).

Moreira (2019) entende, conquanto que, apesar de todos os problemas por que a cidade está passando em relação ao legado da Copa, Cuiabá herdou alguns pontos positivos como a construção da Arena Pantanal Engenheiro José Manoel Fontanillas Fragelli, ou seja:

Não existe menor dúvida. Chegaria a época de necessidade de construção de um estádio moderado. Percebe-se agora que a Secretaria de Cultura tem criado formas de captação de recursos, como faz o professor Allan Kardec. Todos os cursos que ministrávamos, ele estava lá e está passando por essa situação

de gerenciamento prático das coisas. O orçamento do Estado é o que está aí. Todo governo não dá importância para o esporte. Essa é a melhor forma de se promover o desenvolvimento da saúde das nossas crianças. Constroem 20 ou 30 presídios, mas não fazem um campo de futebol. Temos 141 municípios de Mato Grosso. Quantos campos temos nas escolas? Quantos se constroem? O futebol é cultura, promove o indivíduo, é cultura, saúde e interação. Quando o Roberto França me pediu para implementar o programa Bom de Bola, Bom de Escola na gestão de prefeito de Cuiabá fizemos isso e foi algo bem reconhecido. Mas acabaram com as secretarias de esportes nos governos sucessivamente. Implantei a Secretaria municipal, estadual e vim fazer parte da Federação. Não tive nenhuma restrição das prestações de contas que fizemos. Só em Cuiabá, a prefeitura e a Secretaria criaram 24 miniestádios, que são lazer, prática de esporte e cultura para as comunidades. É interessante que o governo reveja, dando autonomia para os secretários captarem recursos e aplicarem da melhor forma. Fizemos na época uma parceria com a Brahma para comprar material esportivo em Cuiabá em 97. Não tínhamos como trabalhar sozinhos, fizemos com a Secretaria de Desenvolvimento Social através da primeira-dama, Dona Iraci França. Todos os projetos ela pagava e trabalhava em parceria com o Esporte, assim como Justiça e Cidadania. (MOREIRA, 2019).

Na opinião de Moreira (2019), o futebol é importante para o desenvolvimento da cidade, pois representa cultura, educação, disciplina, saúde e diversão. Nesta tese, partimos do pressuposto de que as diversas transformações nas formas de praticar e no processo histórico e contínuo de regulamentação do esporte consistem em uma construção social, podendo ser consideradas uma das dimensões do processo civilizatório e da esportivização da sociedade contemporânea. Pode-se dizer que a origem do esporte moderno é, portanto, um produto da esportivização dos passatempos antigos. Conforme Elias e Dunning (1992a, p. 157),

[...] muitos dos esportes que hoje se praticam de forma mais ou menos parecida em todo o mundo se originaram na Inglaterra. Dali se estenderam para outros países, principalmente durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. [...] Analogamente, o termo inglês *sport* foi adotado de maneira generalizada por outros países para designar genericamente esta classe de passatempos.

Nessa perspectiva do esporte como agente do processo civilizador, Moreira (2019) destaca a necessidade de investimentos em equipamentos esportivos e na construção de uma política pública de esporte em Mato Grosso:

O que fazem hoje é as secretarias como redutos de partidos políticos. Isso é um entrave que se deve ter revisto. O governo deve fazer interdisciplinaridades entre os segmentos. Vamos evitar construções de presídios. São políticas públicas que devem ser implementadas. Como secretário, fiz a primeira lei esportiva de Cuiabá, de Mato Grosso e dos estados com prefácio do Pelé e Zico. Até seria importante ter um plano emergencial para 10 anos a ser implementado em lei para não chegar um

governo e tirar as ações que foram criadas. Devemos sentar e discutir e com pessoas que têm competência nas suas áreas. Ninguém tem conhecimento em todas as áreas. Por isso, devem ser chamados quem conhece do setor. Fico feliz por ver manifestações positivas pelo que fizemos como gestor público.

No entanto, França Auad (2019) possui uma opinião contrária sobre os legados da Copa do Mundo 2014 para a cidade de Cuiabá, em relação à Arena Pantanal:

Não. O que seria o maior legado, que é a Arena, se transformou num grande elefante branco. Deveria ter ali shopping, museu do futebol, restaurantes, era uma arena multiuso. Hoje ficou apenas para alguns jogos do Cuiabá e Operário, Cuiabá e União de Rondonópolis com público de 200 pagantes. Aí quando vai fazer um show artístico não pode por causa da grama. Fizeram uma escola que arrebentaram como tudo lá. Um estádio que até hoje não está concluído oficialmente. Veio time de fora para jogar aqui e não tinha água no banheiro para jogador tomar banho no vestiário. Eles tiveram que tomar banho no hotel. Chegaram lá em São Paulo e meteram boca na Arena. Lamento isso porque estive lá na época que ainda era Agecopa⁵⁷. Fui vítima de uma grande sacanagem. Deixei de ser deputado para ser diretor da Agência, diretor de Marketing. O combinado era que eu ficaria até quando acabar a Copa. Não permitimos intromissão no nosso trabalho e forças políticas, principalmente da Assembleia Legislativa, quiseram interferir e ter inclusive participação financeira em determinadas obras e não concordamos. Aí eles resolveram tirar toda a diretoria e colocaram o Éder (Moraes), naturalmente. Para fazer o jogo deles. Então, eu lamento que a gente não pôde concluir (AUAD, 2019).

O entrevistado critica o processo de preparação de Cuiabá para sediar jogos da Copa do Mundo 2014, ressaltando as ingerências políticas e ainda afirma que a Arena Pantanal se tornou um –elefante branco, mesmo sediando jogos do Campeonato Estadual de Futebol e do Campeonato Brasileiro da Série B (AUAD, 2019).

Ainda sobre o legado da Copa, em relação ao sistema de transporte para a cidade de Cuiabá, que deveria ter o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população e a mobilidade urbana, bem como o fluxo de veículos na capital e sobre a demolição do Verdão para construir a Arena Pantanal, que Auad (2019) considera um crime, ele analisa que:

Houve inclusive uma divergência com a Assembleia em relação ao modal de transporte. Sim. A nossa tese enquanto Agência era BRT⁵⁸ e não VLT⁵⁹. Eu,

⁵⁷ Agência Estadual de Execução dos Projetos da Copa do Mundo do Pantanal Fifa 2014, entidade integrante da Administração Pública indireta, criada em 25 de setembro de 2009, submetida ao regime autárquico especial, dotada de autonomia administrativa, financeira e funcional, com prazo de duração.

⁵⁸ BRT é sigla para *bus rapid transit* ou transporte rápido por ônibus, um sistema de transporte coletivo de passageiros que proporciona mobilidade urbana rápida.

particularmente, defendia que não se deveria demolir o Verdão. Eu defendia que se construísse em outro local e deixasse o Verdão, inclusive para se poder levar benefícios para outra localidade. Por que não a estrada de Chapada? Por que não deixar o Verdão para outros eventos ou jogos menores? Demolir o Verdão foi um crime. Eu tenho consciência tranquila. Quando tivemos uma reunião da diretoria da Agecopa em Chapada dos Guimarães eu cheguei a discutir e brigar com alguns dirigentes, no bom sentido, defendendo que a gente deveria insistir e se posicionar publicamente contra a destruição do Verdão. Se o governo quisesse mesmo assim nós entregaríamos o caso. Infelizmente, fui voto vencido. Se não mudar o conceito de aproveitamento da Arena e ficar exclusivamente para o futebol e o nosso futebol ficar capengando do jeito que anda vai continuar como elefante branco e não vamos poder zangar quando a imprensa de fora chamar assim. Um estádio em que cabem 40 mil pessoas ter menos de mil é complicado. Os números não mentem. São realistas. Tentar tampar o sol com a peneira é besteira, é chover no molhado quando isso está visível para todo mundo. Acabamos ficando sem um estádio intermediário. Além de crescer outra região se tivéssemos a Arena em outra reunião. Essas obras foram um legado, embora se tenha a mancha da corrupção em todas elas. O presidente da Agecopa, por exemplo, brigava com a gente toda hora. Eu era de Cuiabá, Yuri de Cuiabá, Carlos Brito de Cuiabá, Yênes também. Sabe o que o presidente queria? Ele queria apenas a Arena Pantanal e os centros de treinamento. Para o Adilton Sachetti, Copa seria só isso. Eu falei não. Vamos aproveitar desses financiamentos que têm aí e vamos melhorar nossa cidade. Vamos fazer os viadutos que nossa cidade precisa. Vencemos a parada com o presidente que era de Rondonópolis e queria apenas centros de treinamento e estádio. Ficou legado. Agora, se o governo Silval roubou e aproveitou das obras para se enriquecer são outros 500. As obras de infraestrutura são legados, mas a Arena não cumpre sua finalidade (AUAD, 2019).

O entrevistado destaca também que se poderia ter construído a arena em outro lugar e mantido o Verdão, pois Cuiabá precisa de um estádio com capacidade intermediária, visto que os públicos presentes nos estádios não são grandes. Considera que as obras de infraestrutura urbana são os verdadeiros legados da Copa do Mundo 2014, apesar de muitas terem sido superfaturas e ter havido casos de corrupção, além do fato de não ter sido entregue o VLT (AUAD, 2019).

Sobre a escolha da capital de Mato Grosso para a Copa do Mundo de 2014, Emanuel Pinheiro da Silva, à época deputado estadual, inclusive, rememorando os pioneiros da era do futebol, assim se pronunciou:

⁵⁹ VLT é a sigla de veículo leve sobre trilhos, tradução literal do inglês *light rail vehicle* (LRV), que é um sistema de transporte que está entre o metrô e o ônibus convencional e, geralmente, não tem a sua faixa de tráfego exclusiva.

[...] Isso é fruto de gerações e gerações de cuiabanos, de cuiabanas, de brasileiros que para cá vieram e nos ajudaram a construir essa história de heróis do Centro-Oeste brasileiro. Eu gostaria, inclusive, se ainda for possível, se o tempo me permitir, de ter homenageado aqui o Sr. João Batista Jaudy, que recebe o nome da homenagem dada a cada um desses ícones do nosso esporte; do Uirapuru, do pai das escolinhas de futebol, homem que devotou a sua vida ao esporte. Está aí a homenagem dando a cada amigo, amiga, que contribuiu com o desporto mato-grossense a Medalha de Honra ao Mérito João Batista Jaudy, aquele que muito fez pelo nosso futebol, pelo nosso esporte, aqueles que fizeram e estão fazendo pelo nosso futebol e pelo nosso esporte. Eu gostaria - conversava com o Ademir Moreira - de homenagear a família de Antônio Maria Malan, fundador do Colégio São Gonçalo, o homem que trouxe em 1905 a primeira bola de futebol para Cuiabá, para Mato Grosso, parece que antevendo o que se abriria para o futuro: a paixão pelo futebol, a paixão do cuiabano, do várzea-grandense, do rondonopolitano, do mato-grossense, como um todo, pelo ópio do povo que é o futebol. Eu gostaria de poder homenagear a família de cada um dos vinte e dois jogadores do Internacional e do Cruzeiro, que representando a sede e o Porto, em 15 de novembro de 1913.... Desculpem-me! Cuiabá e Internacional, que representando a sede, a cidade e o Porto fizeram a primeira partida em 15 de novembro de 1913, a primeira partida de futebol da história de Mato Grosso. Eu gostaria de homenagear o Desembargador José Vieira do Amaral e toda sua família por ter sustentado a Liga Esportiva Cuiabana – LEC e ter nos ajudado a escrever uma histórica de glórias naquela Cuiabá de outrora, não nesta Cuiabá do futuro. Eu gostaria de homenagear o cuiabano que trouxe a Copa: Eurico Gaspar Dutra, o cuiabano do Mundéu, que trouxe a Copa do Mundo em 1950 para o Brasil, abrindo o Brasil para o mundo, que o Brasil não é uma terra de índios e nem um País rural apenas, mas um País que se abria para o amanhã e tinha potenciais extraordinários que o mundo poderia conhecer. Esse cuiabano que trouxe a Copa nós deveríamos estar sempre lembrando e referenciando, aquele cuiabano do mundo, e dizendo como seria bom, também, dar uma Medalha João Batista Jaudy para Eurico Gaspar Dutra e seus familiares. Nessa história de brasileiros e brasileiras, cuiabanos e cuiabanas, que se dedicaram a esse futebol de ouro, juntam-se centenas ou milhares de trabalhadores de pessoas anônimas, como o meu tio Carlos Espósito, que trabalhou desde a construção do Verdão. Eu era criança e ele me levava ao Verdão, juntamente com os meus primos Antônio Espósito, Mário Espósito, meus irmãos, para ver os jogos, na década de setenta, setenta e sete, setenta e oito. Eu tinha doze, treze anos de idade. Como era bonito ver o Verdão que eles falavam que era o estádio melhor iluminado do mundo e só perdia para Montreal. São coisas da minha infância! [...]. Como é da minha infância, também Eu nasci ali no Porto, na Rua Joaquim Murtinho com a Major Gama e me lembro - eu era criança - que via aos domingos aquele monte de gente que subia e descia a Major Gama com a Joaquim Murtinho. Eu perguntava para a minha mãe e para o meu pai o que era aquilo. Era jogo de futebol. Hoje, vão jogar o Mixto e o Dom Bosco. Eu gostava da camisa do Dom Bosco, ia para o Clube Dom Bosco e virei Dombosquino. Eu ia cantar lá: —Salve-salve o time Dom Bosco. Salve o clube da Colina A vitória está conosco E a torcida está por cima Dom Bosco é tradicional. Seu clube não tem rival Cartão de visita da cidade E tem autoridade para ser o maioral.¶ Eu dançava tanta música de carnaval do Clube Dom Bosco com essa marchinha: —Salve, salve o Clube Dom Bosco...¶ .. Então, são histórias do nosso futebol! Assim, eu me tornei dombosquino e, dessa forma, aprendi a me apaixonar pelo futebol da minha terra. Como dombosquino e como flamenguista aprendi a me

apaixonar pelo futebol da minha terra e a vivenciar e referenciar aqueles que jogaram nos gramados e aqueles que jogaram como vocês, muitos de vocês, principalmente fora dos gramados. Dizer o quanto somos gratos pelo que fizeram! (SILVA, 2013 apud MATO GROSSO, 2013, p. 10).

Em relação à Copa do Mundo de 2014, Emanuel Pinheiro entende que é a coroação de trabalho de muitas gerações quando diz que:

A Copa do Mundo de 2014 contempla o trabalho de gerações e gerações, principalmente essa que aqui está que vai chegar ao primeiro jogo, em junho do ano que vem, e dizer: Missão cumprida! Cuiabá, hoje, é vista no mundo inteiro sediando o maior espetáculo do planeta, o maior evento do planeta aqui, na terra de Dom Aquino Corrêa, aqui na terra de Rondon. Cada um de vocês faz parte dessa história e cada um tem o reconhecimento, a admiração e a gratidão do povo mato-grossense. Muito obrigado por tudo o que fizeram e continuam fazendo pelo futebol da minha Capital, da minha querida Cuiabá, do nosso querido e eterno Mato Grosso. Antes de encerrar, gostaria de pedir um minuto de silêncio pelo falecimento do Fiscal da Prefeitura de Cuiabá, ex-goleiro do Palmeirinha do Porto, Gerson. Logo após um minuto de silêncio, vou pedir a nossa equipe de som que execute o Hino do Estado de Mato Grosso. Portanto, um minuto de silêncio em homenagem ao inesquecível ex-Goleiro Gerson! (SILVA, 2013 apud MATO GROSSO, 2013, p. 15).

Para Rodrigues (2016, p. 20), no caso das cidades que se candidatam para sediar megaeventos, geralmente elas se utilizam de uma estratégia que oportuniza: (a) exposição midiática regional, nacional e internacional da cidade; (b) o desenvolvimento de projetos de reestruturação urbana; (c) o alavanque do esporte local; (d) o aquecimento da economia e a promoção do desenvolvimento local (HORNE, 2007; RODRIGUES, 2012).

Quanto à realização da Copa do Mundo, para Cuiabá, o ex-diretor da FMF, Ademir Moreira, destacou, antes do evento, suas expectativas sobre os legados da competição para modernizar Cuiabá e desenvolver o esporte na capital:

[...] Cuiabá vai sediar o maior evento esportivo do Planeta Terra e se não fosse o futebol investimentos que aconteceram só aconteceriam daqui a cem anos. Cuiabá passa a ser uma cidade, uma das mais modernas a hora que terminar a Copa do Mundo e vai ser impactante, porque vai atrair uma série de benefícios, de indústrias, toda essa coisa econômica que não é a minha praia, a minha praia é bola. Dessa forma, Deputado Hermínio J. Barreto, o senhor, que acabou de ser homenageado, e nós também temos que nos curvar para o senhor que milita no esporte com a sua ferramenta de comunicação e agora como um dos mais brilhantes e atuantes Parlamentares que tem como bandeira o esporte. Senhoras e senhores, o poeta já dizia, Deputado Emanuel Pinheiro, que estímulo positivo, resposta positiva. Tenho certeza que todos nós, em particular eu.... Eu me sinto, como diz Nelson Rodrigues e Fernando Sabino, um menino bastante estimulado e tenho certeza que todos nós estamos felizes, porque recebemos esta homenagem que vai nos estimular a buscar muito mais. Parabéns, Deputado! Este é um passo para que todos os anos o senhor crie esse cenário, usando a teoria de Skinner: estímulo-resposta. (MOREIRA, 2013 apud MATO GROSSO,

2013, p. 10).

A literatura mostra que a Copa do Mundo representa, para diversos governos, gestores e iniciativa privada, uma oportunidade de atrair grandes investimentos que beneficiem a cidade e a comunidade receptora por meio da geração de emprego, renda e melhorias na infraestrutura local; isto é, o governo e todas as cidades-sedes envolvidas com o evento visualizam a possibilidade de crescimento por meio do desenvolvimento de contatos internacionais oriundos desse momento em que o país ou cidade estará na mídia internacional (RODRIGUES, 2016, p. 17-18).

Segundo Teles (2008), os que defendem a ideia de que a Copa do Mundo é um bom negócio analisam seus parâmetros com base nos estudos realizados em economias desenvolvidas. Isso ocorre por dois motivos: 1) porque não há muitos dados disponíveis que permitam fazer uma análise desse tipo de evento em uma economia emergente, como é a brasileira; 2) porque muitos –especialistas‖ apenas ecoam o que se prescreve em outros países como se isso fosse uma verdade absoluta: que a Copa será efetivada com sucesso em qualquer lugar que se instalar (RODRIGUES, 2016, p. 18).

Para o ex-deputado estadual Hermínio J. Barreto, a realização de partidas de futebol da Copa do Mundo poderia deixar um legado positivo para a cidade de Cuiabá e para o futebol de Mato Grosso. Em seu depoimento por ocasião da solenidade em comemoração aos 71 anos da FMF, na Assembleia Legislativa, ele afirmou:

[...] Eu não poderia deixar de prestar homenagem ao presidente Carlos Orione que, de uma forma ou de outra, contribuiu muito para que a Copa do Mundo viesse, e para homenagear Agripino Bonilha Filho. Esta semana, ao fiscalizar as principais obras da Copa, vejo que Mato Grosso está dando conta do recado. Quero aqui chamar o testemunho do Deputado Emanuel Pinheiro, quando muitos aqui de Cuiabá criticavam as obras, criticavam Cuiabá, eu lá do interior, há dois anos e meio, há três anos, fui à África do Sul, acompanhando o então governador Blairo Maggi, fui em diversas viagens internacionais, para vestir a camisa de Cuiabá, para torcer que nós pudéssemos ganhar. Ao ler hoje algumas correspondências do Agripino Bonilha Filho ao presidente João Havelange; do presidente João Havelange a Federação Mato-grossense ao ex-presidente Agripino Bonilha Filho vi que todos trabalharam para que a Copa do Mundo viesse para cá. Quando fiz um pronunciamento, há dois anos aqui, presidente da Federação Gaúcha de Futebol, acreditando no sucesso, porque como disse aqui o Professor Ademir, Cuiabá vai ter o legado de uma das Capitais mais modernas do Brasil com o novo sistema de transporte para o trabalhador e para a trabalhadora, e com as trincheiras que estão acontecendo. Há alguns dias, Deputado Emanuel Pinheiro, tomei um táxi, como vim de taxi hoje aqui do Hotel Taiamã para cá, e o motorista estava emocionado quando passou naquele viaduto passa na Secretaria de Fazenda, se emocionou com aquela obra. Eu realmente não tinha dúvida nenhuma, em nenhum segundo, e acredito que Cuiabá vai ser uma sede da Copa do Mundo que vai corresponder com essa expectativa da Federação Internacional Society. Se tudo não ficar pronto, Dr. Whady, pelo menos a responsabilidade que Mato Grosso assinou com a FIFA vai ficar pronta, com os dois Centros de Treinamento, com o Fan Fest, o Fan Parque, com o Estádio, com as trincheiras e tantas outras obras que estão modernizando Cuiabá. Por tudo

isso eu fiz questão de vir aqui, Deputado Emanuel Pinheiro, pela sua visão moderna, para dizer obrigado a essas pessoas aqui que continuam trabalhando pelo desporto de Mato Grosso, pelo futebol brasileiro, e tomara que este empresário do Rio Grande do Sul, que tem uma marca forte para o Estado de Mato Grosso, que foi o governador Blairo Maggi, e o Rio Grande estará fazendo parte dessa história - quem sabe o futuro da CBS esteja aqui conosco (BARRETO, 2013 apud MATO GROSSO, 2013, p. 10).

Para o ex-jogador Fião, a Copa do Mundo em Cuiabá não deixou legado nenhum:

[...] Achei muito fraca. Tinha jogo da torcida sem torcida. Ninguém ia ao estádio e nem vai para assistir jogo hoje, principalmente em Cuiabá. Lá fora ainda tem, mas em Cuiabá acabou. Está acabado. O futebol também ficou bem mais feio. Parece que não sente aquela vontade que tinha antigamente. Parece que antes era mais violento do que hoje. Era mais disputado. Hoje, as pessoas ficam no meio da área e deixam jogar dentro da área. Antes não. Não deixávamos jogar mesmo. Vejo que o nosso futebol está em decadência. Para melhorar? [...]. Hoje, não temos nem campo de futebol aqui para fazer jogos como tinha antigamente. Tinha o Colégio dos Padres, o Liceu Cuiabano, o Campo D'Ourique, onde é a Câmara de Vereadores, lá se faziam muitos jogos. O Colégio dos Padres tinha 5 ou 6 campos. Não tem nenhum. Salesiano não tem mais. Acabaram os campos e os jogadores também. (FIÃO, 2019).

Fião argumenta que o futebol atual se tornou mais feio, sem graça e que não temos mais campos de futebol e nem jogadores em Cuiabá para fortalecer o esporte local.

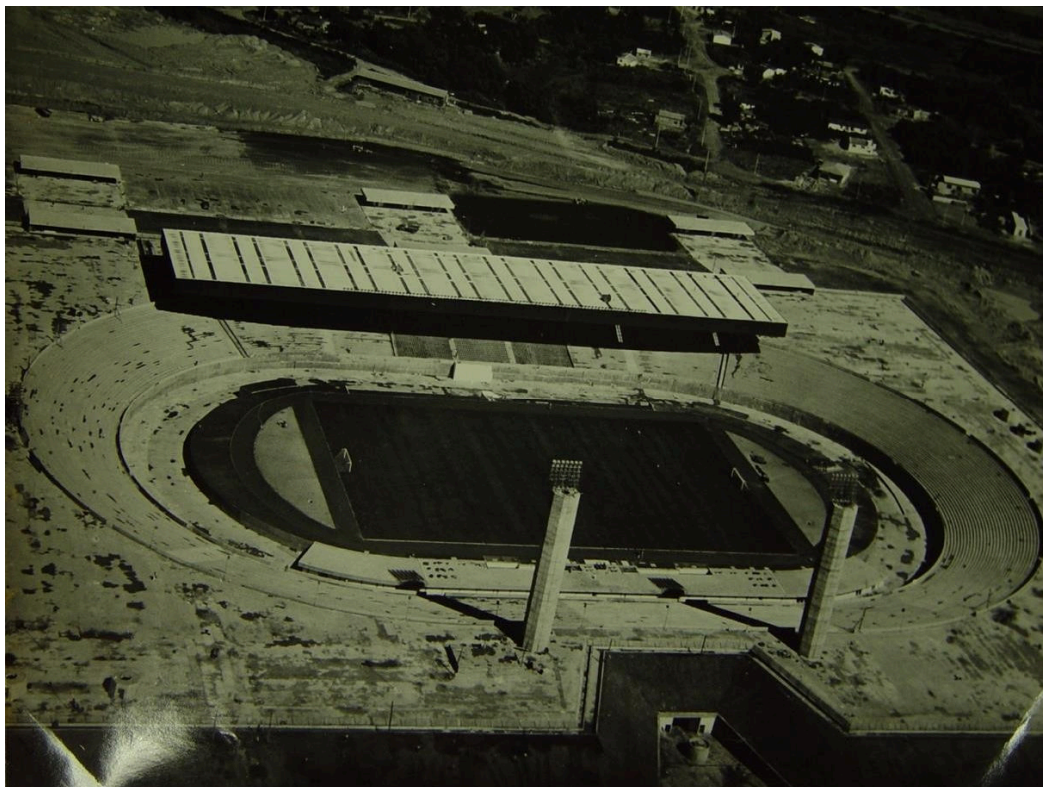


Figura 17 – Vista aérea do Verdão. APMT.



Figura 18 – Bilheterias do Verdão. Foto Chao.



Figura 19 – Vista parcial do campo e arquibancadas do Verdão. Foto Chao.



Figura 20 – Maquete que simula a vista aérea do complexo esportivo da Arena Panatãl



Figura 21 – Maquete com uma das fachadas da Arena Pantanal

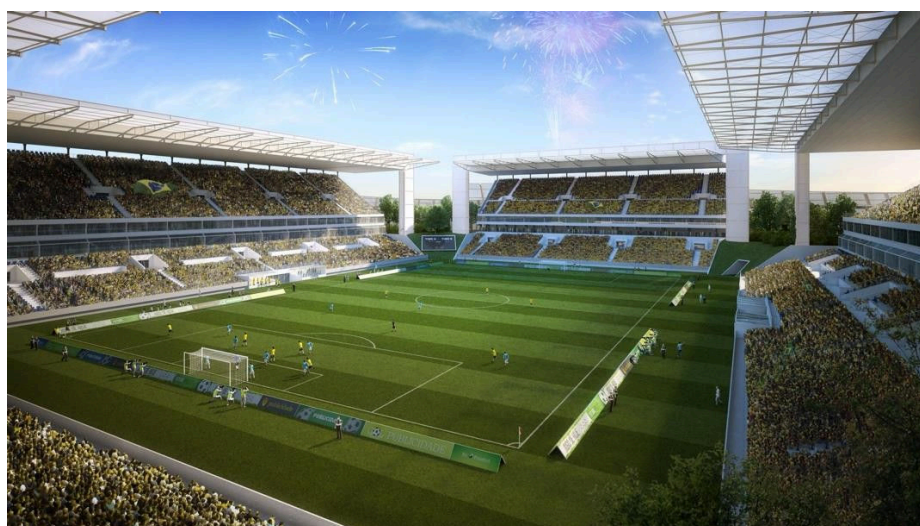


Figura 22 – Maquete com o campo e arquibancadas da Arena Pantanal.



Figura 23 – Arena Pantanal, no final do processo de construção. Foto de R. Carracedo

Para o jornalista e radialista Ilarino Macedo Filho, a realização de parte da Copa do Mundo em Cuiabá foi uma decepção:

[...]. Eu diria que o legado deixou legados e decepções. Você pode colocar como legado as trincheiras e viadutos, que ajudou para desafogar em parte do trânsito em Cuiabá e Várzea Grande. Mas, por outro lado, deixou também uma grande coluna de decepções altas, como os centros de treinamentos que poderiam estar sendo usados pelas nossas equipes e não foram entregues desde 2014. Já foi realizada a Copa da Rússia e em breve será realizada outra no Qatar. Então, é uma vergonha que isso não tenha sido concluída. Temos o VLT e a própria Arena José Fragelli (MACEDO FILHO, 2019).

De acordo com Macedo Filho (2019), o Estádio Engenheiro José Manoel Fontanillas Fragelli, o Verdão, era um monumento da cidade de Cuiabá, que nunca deveria ser demolido, mas, sim, adequado:

[...] os estudos que o governo fez antes de construir a Arena era no sentido de ter uma adequação do Verdão. Eu narrei jogos em todos os grandes estádios brasileiros que você pode imaginar. Eu desafio: nenhum deles se iguala ao que foi o Verdão. O Verdão era lindo em todos os aspectos. O fosso, a distância que separava o gramado e a torcida, as bilheteria que eram fora, a facilidade que se tinha para chegar ao campo era diferente da Arena Pantanal José Fragelli, que voltou a ter o nome do ex-governador. (MACEDO FILHO, 2019).

Fazendo um comparativo entre o Verdão e a Arena Pantanal, Macedo Filho (2019) informa que:

[...] hoje, ela não tem sequer bilheteria. Quem vai assistir jogo fica perdido sem saber onde comprar ingresso. Recentemente, colocaram contêineres. Isso é falta de planejamento. Num processo de readequação do Verdão, gastar-se-ia 80 milhões. Com esse valor, o estádio atenderia qualquer padrão da Fifa. Mas preferiram demolir e construir um estádio que custou mais de 600 milhões. Eu visitei a Arena, não conhecia à época, acompanhado de um secretário de Estado do governo passado e ele me disse uma frase que ainda ecoa na minha mente: —Olha a grandiosidade disso aqui. Isso aqui foi feito para se roubar descaradamente. Ele disse isso e eu concordo em parte, pois um estádio que seria readequado e seria modelo para outros países, onde se chegaria e veria tudo de cima. Com sua mente honesta, você gastaria 80 milhões para colocar o Verdão em condições para sediar jogos da Copa ou demoliria ele para construir outro gastando 800 milhões? Na sua mente honesta, você preferiria manter o Verdão. Mas na mente desonesta, movida à propina de alguns, e isso está declarado pelo ex-governador e ex-secretários que ‘nhaparam’ dinheiro público, é lógico que eles optaram pela segunda opção. É melhor roubar num montante de 800 milhões do que em 80 milhões. (MACEDO FILHO, 2019).

Para Faiad (2019), a Copa do Mundo de 2014 deixou a Arena entre seus fatos positivos, um legado para o futebol, que mostra termos condições de ver um ressurgimento do futebol a partir desse evento, citando o exemplo do Cuiabá:

Apesar do grande ceticismo que ainda existe nos grupos esportivos com relação à Arena Pantanal, eu ainda acredito na Arena. Os jogos da final da série C do ano passado, quando o Cuiabá conseguiu sua classificação mostraram isso. Inclusive na final nós tivemos mais de 45 mil pessoas na Arena para torcer para o time da nossa cidade. Os jogos que precederam a final tiveram lotação. Isso mostra que o nosso torcedor acredita nos times daqui, mas a gente precisa investir para as equipes darem retorno. (FAIAD, 2019).

Rodrigues (2016, p. 28), no artigo intitulado *Estudo sobre os legados da Copa do Mundo Fifa 2014 em Cuiabá-MT*, publicado no periódico *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport*, apresentou resultados de uma investigação sobre os legados da Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá tendo como base a utilização de métodos e técnicas de pesquisa qualitativa, sendo entrevistas a principal técnica de coleta de dados. O autor destacou e analisou algumas das principais ações do poder público (governos federal, estadual e municipal) nos preparativos da cidade para receber os jogos da Copa do Mundo 2014 e avaliou as percepções da população cuiabana acerca dos benefícios supostamente ocasionados pelo megaevento.

Os dados coletados e apresentados por Rodrigues (2016, p. 28) mostram que parte do pessimismo que havia no início do mês de julho foi se modificando aos poucos:

As observações preliminares indicam que existem duas grandes perspectivas sobre os legados da Copa do Mundo 2014 em Cuiabá/MT: 1) pessimistas em relação aos resultados do megaevento da FIFA, destacando os elevados investimentos públicos realizados pelos governos estadual e federal; 2) otimista, considerando que a cidade recebeu grandes obras de mobilidade urbana e praças esportivas, além do crescimento nos empregos nos setores de comércio, construção civil e turismo. Os setores apontados como os grandes beneficiados com a criação dos novos empregos foram construção civil, turismo, segurança e o comércio de uma forma geral. Os estudos revelam que realmente estes são setores tradicionalmente beneficiados com a realização dos megaeventos esportivos, conforme mostra a literatura especializada.

4.3. Alternativas para a crise do futebol de Mato Grosso: clube-empresa, gestão, investimentos e ressurgimento

Para a retomada do futebol em Mato Grosso e sua inserção no cenário futebolístico nacional com possibilidades de conquistas e títulos e o retorno do público aos estádios, na opinião do jornalista Antero Paes de Barros, a única saída é estruturar os clubes de futebol mato-grossenses, investir em categorias de base, montar centros de treinamentos e valorizar os jogadores locais (a prata da casa):

Infraestrutura para os clubes. Um exemplo clássico. O Operário perdeu o campeonato estadual agora. Não vai nem disputar o sub 19 porque não tem nem campo para treinamento. Meu pai dizia: filho, se o Mixto tiver meia, short e chuteira e bola, jogador se faz. Porque os clubes têm que investir no time base. Quem tem que jogar o profissional é quem disputou o sub 19 e sub 23. Até porque restou essa função para o interior brasileiro: revelar atletas para os grandes clubes e, sobre a diminuição do público nos estádios de Mato Grosso [...] esse é um dos motivos, mas não é o único. Um dos motivos é esse, mas o outro é a falta de transporte coletivo. Só para você ter uma ideia, quando fui vereador por Cuiabá, apresentei um projeto para ter cinco viagens de cada bairro até o estádio Verdão. E antigamente, no Verdão, jogo entre Mixto e Itumbiara, tínhamos 30 mil pessoas. Dom Bosco e Mixto, 28 mil pessoas. Você ficava na cabine do estádio, olhava assim era ônibus e mais ônibus chegando para deixar torcedor e depois do jogo tínhamos filas de ônibus esperando para buscar os torcedores. (BARROS, 2019).

Antero ainda destaca que, para a retomada dos grandes públicos nos estádios de futebol em Cuiabá, é necessário apoio do poder público no sentido de garantir o transporte público nos dias de jogos. Para Barros (2019), além da estruturação dos clubes para a retomada de um futebol profissional há fatos, que provam os motivos para a não assiduidade de pessoa ao futebol na Arena Pantanal, como o fator econômico, entre outros:

Hoje você vai ao estádio e vê que quem vai estádio é quem tem carro. As pessoas não vão mais ao estádio de futebol. E outro ponto também é a questão da violência. Aumentou muito a insegurança etc. e tal. Agora, o fator primordial é essa concorrência desleal da televisão. Por que o cidadão vai lá na Arena ver Operário e Cuiabá no mesmo dia em que está passando ao vivo Corinthians e São Paulo, Flamengo e Vasco decidindo de graça na televisão do cara, assim como Grêmio e Internacional e Cruzeiro e Atlético Mineiro? Por que ele iria? Ele vê um espetáculo de melhor qualidade em casa. E isso precisa ser resolvido. (BARROS, 2019).

A violência, o deficiente transporte público e a televisão são fatores que podem contribuir com o afastamento dos torcedores dos estádios, conforme aponta Antero Paes de Barros (2019). Barros (2019) defende ainda que o desenvolvimento do futebol de Mato Grosso não acompanhou o desenvolvimento econômico de Mato Grosso, pois os investimentos nos clubes locais são pequenos, tanto da parte do poder público quanto por parte do setor privado.

Ele cita o caso do Luverdense, que recebeu apoio do poder público e da iniciativa privada de Lucas do Rio Verde, por intermédio da figura do seu presidente Helmut. O período de investimento no clube corresponde ao momento de ascensão do time aos Campeonatos Brasileiros das Séries C e B.

Não [...]. Por outro lado, o crescimento econômico não foi acompanhado pelo futebol. [...]. Porque não tem aporte econômico em nenhum clube, nem no Cuiabá e Luverdense. O Luverdense recebeu aporte porque os empresários daquela cidade ficaram orgulhosos do time e investiram também estimulados pelo estímulo que a prefeitura dava em face do prestígio do Helmutte junto ao clube. Aqui em Cuiabá, onde temos um outro exemplo, o grande patrocinador do Cuiabá é a Drebor, que é do dono do Cuiabá, inclusive que negou patrocínio porque não tinha o nome do dono na camisa. Isso também tem que ser visto. Acho que Mixto, Operário e Dom Bosco também estão certos em não se transformar em clubes empresas. Ninguém torce para o dono da Drebor ficar mais rico. Tanto é que, embora o sucesso do Cuiabá, não temos multidões indo torcer para o time. Sei que eles estão fazendo as coisas certas, com marketing, planejamento, mas dão certo por causa do poder econômico do dono do time. Também temos a confusão e falta de projeto dos nossos dirigentes do Dom Bosco, Mixto e Operário, que tem uma disputa política. (BARROS, 2019).

O Cuiabá Esporte Clube é um caso de relativo sucesso, pois é um clube-empresa e recebe patrocínios de empresas como Drebor. O entrevistado ainda ressalta que clubes tradicionais como Mixto e Operário não recebem patrocínios e que, para isso acontecer, precisam se transformar em empresas e modernizar suas gestões (BARROS, 2019).

Barros (2019), quando analisa a situação atual do futebol em Mato Grosso, sugere que vários de seus processos devem ser revistos para uma uniformização de tomadas de decisões. Cita, por exemplo, o Cuiabá Esporte Clube. O Cuiabá Esporte Clube, atualmente, disputa o Campeonato Brasileiro da série B. Funciona como clube-empresa.

Sobre o surgimento desse time, Dresh relata assim:

O Cuiabá é um time criado pelo Gaúcho, ex-jogador do Flamengo e Palmeiras, no ano de 2001. Ele tinha vindo para a cidade no ano anterior para criar uma escolinha de futebol para crianças. Montou a escola e resolveu entrar no futebol profissional. O time só veio a disputar o campeonato estadual em 2003, então, o grande responsável pela criação, com mascote sendo o dourado, o rei dos nossos rios, foi ele (DRESH, 2019).

Sobre a gestão do Cuiabá Esporte Clube, Dresh (2019) diz que o clube possui uma estrutura organizacional no modelo empresarial e que se trata de um dos poucos casos de sucesso de clubes-empresas no futebol brasileiro e que é necessário que ele se torne sustentável financeiramente.

É um clube-empresa. É o único clube originalmente clube-empresa nas divisões principais da série A, B e C. A gestão é como uma empresa qualquer, com divisão de setores, definição de responsabilidades, departamentos, profissionais específicos para cada área e buscando ser

autofinanciável. Tem que se tornar sustentável para continuar crescendo e se tornar competindo (DRESH, 2019).

França Auad (2019) concorda com Dresh (2019) em relação à gestão do futebol em Mato Grosso quando afirma que: –Quem deve mudar são os dirigentes do futebol. Eles devem fazer como o Cuiabá, que trata o time como empresa. Os entrevistados sinalizam que a transformação da gestão dos clubes é um caminho a ser seguido pelos clubes de futebol de Mato Grosso, adotando o modelo empresarial.

Por outro lado, França Auad (2019) concorda com Antero Paes de Barros (2019) em relação aos impactos das transmissões de jogos ao vivo pela televisão, quando diz que:

Segundo ponto: televisionamento direto tira o público do estádio e isso estou falando não é porque é uma concorrente direta do canal onde trabalho. Se fosse o meu canal, diria a mesma coisa. Não tenho nada contra a Centro América. Pelo contrário. Eles estão promovendo o nosso futebol. Durante toda a semana eles falam dos jogadores e fazem chamadas. O problema é que eles transmitem o jogo ao vivo, o que deixa alguns torcedores de outros estados bravos, pois as cidades deles deixam de transmitir os jogos deles para passar o nosso futebol. Aí eles perdem um Flamengo e Fluminense, Corinthians e Palmeiras. Eles têm que pagar uma Premiere, Sky, para assistir os times do Sul e Sudeste. Tem que ter mudança de mentalidade dos dirigentes, acabar com o televisionamento direto e os clubes têm que investir em termos de buscar parcerias com a iniciativa privada (AUAD, 2019).

O entrevistado concorda que a televisão, ao divulgar os jogos de futebol, contribui com o seu desenvolvimento, mesmo que o resultado seja o esvaziamento dos estádios, pois os torcedores preferem assistir aos jogos em casa, pela televisão, a ir ao estádio. Segundo ele, os dirigentes dos clubes locais deveriam lutar contra esse tipo de televisionamento. No entanto, Auad (2019) esquece de mencionar que parte considerável das receitas dos clubes atualmente no Brasil é derivada dos pagamentos da televisão, ao comprar o direito de transmissão das partidas.

Sobre a participação da iniciativa privada junto ao futebol mato-grossense, França Auad (2019) diz que a direção do Cuiabá é um exemplo a ser seguido:

Quem garante que a iniciativa privada acredita no nosso futebol? Não acredita por quê? O Cuiabá tem mais patrocínio porque se destaca. Os outros ficaram muito atrás. A partir do momento que competir melhor, vai ter mais patrocínio. Quantos empresários não são mato-grossenses e não queriam ajudar o time? Inclusive pode até abater isso no Imposto de Renda.

Auad (2019) destaca que os patrocínios do Cuiabá decorrem do seu desempenho/destaque nas competições que disputa. Relembra atitude tomada quando exercia a função de deputado estadual, em relação a incentivo para o futebol mato-grossense, tendo como exemplo times e dirigentes do futebol em Belém do Pará e no Nordeste brasileiro:

Quando eu fui deputado, eu propus uma lei que na época o secretário de Fazenda criou os maiores obstáculos, propus que ao se exigir uma nota fiscal de qualquer compra, a pessoa ia ganhar um ingresso para o jogo. Talvez ainda estejamos em tempo para essa ideia. Eu tirei como parâmetro a cidade de Belém, no Pará. O futebol deles não é muito diferente do nosso, mas os jogos deles têm 40 mil, 50 mil. Paysandu e Remo lotam os estádios. Por que isso? Fiquei encucado, pois eles não são tão diferentes do nosso futebol. No Nordeste é a mesma coisa. Chega num Ceará e Fortaleza, por exemplo, aí vai para 30 a 50 mil. Eles têm leis nesse sentido que garantem um ingresso de graça quando se exige a nota. Isso garante mais receita para o Estado, que vai ter mais ICMS, e garante também mais torcedor nos estádios. Eu propus isso aqui, mas a Secretaria de Fazenda criou empecilhos. Parece que teve outro deputado que apresentou algo nesse sentido, mas ainda não sei o que virou. Essa seria uma alternativa boa para o Estado, que teria mais receita, e seria bom para incentivar o torcedor ir ao estádio. Essas três alternativas podem contribuir como uma melhoria (AUAD, 2019).

Dresh (2019) concorda com Auad (2019). Na sua opinião, sobre os clubes terem transparência na gestão e funcionarem no modelo empresarial, isso ajuda na construção da imagem perante a torcida, porque:

A credibilidade não é por ser empresa, mas pela política de transparência que adotamos desde a nossa criação. O Cuiabá tem portas abertas em todos os setores da nossa sociedade. Acredito que manter essa credibilidade é fundamental para continuar a crescer. Mas isso não se deve pelo simples fato de ser um clube-empresa, mas pela credibilidade das pessoas que estão à frente do clube desde a sua criação. (DRESH, 2019).

Para Dresh (2019), o time segue os objetivos de um time-empresa: precisa alcançar metas, conforme o seu planejamento:

Acredito que temos condições totais de estar na série A. O Cuiabá tem condições de representar o Estado no Brasil. Então, não é fácil subir para a série A. Isso exige muito investimento e trabalho, mas precisa de engajamento da sociedade. A Arena precisa de manutenção e uma forma de manter o estádio vivo é o futebol. Tudo isso somado à potência da cidade, da nossa economia, soma nessa possibilidade de fortalecimento. Com certeza. A nossa decisão de comprar o time em 2009 se deu principalmente com anúncio da realização da Copa aqui na nossa cidade e construção da Arena Pantanal. Isso foi importante, tanto é que basta ver o estado do futebol em Mato Grosso do Sul. Na época, tinha disputa entre as duas cidades para ver quem seria sede da Copa, e hoje nós evoluímos e eles nem tanto. Ajudou

também o fato de que agora somos o clube que pode oferecer jogos no melhor estádio da série B nacional. (DRESH, 2019).

O planejamento do Cuiabá Esporte Clube envolve o acesso à Série A do Campeonato Brasileiro. A Arena Pantanal tem um papel importante, nesse processo. Dresh (2019) ressalta o engajamento da sociedade na construção do futebol cuiabano, bem como a necessidade de manter a Arena Pantanal viva e útil para a sociedade local. Acredita que exista uma evolução do futebol local, como resultado dos legados da Copa do Mundo de 2014. Dresh (2019) destaca ainda a importância da economia de Mato Grosso para o futebol. O futebol pode representar o fator de desenvolvimento econômico e social, mas precisa ser visto com esse foco. No caso do futebol local, nossa hipótese é de que as transformações políticas e econômicas pelas quais passaram as elites de Mato Grosso nos últimos anos fizeram com que o futebol deixasse de ser um projeto político e social para as elites/grupos econômicos dominantes no nosso estado.

Para Dresh (2019), a transmissão simultânea dos jogos para Cuiabá ajuda, o que difere da opinião de Antero Paes de Barros (2019):

Ajuda. Você estar num canal com a Rede Globo é algo importante para qualquer clube. Acredito que o público tem participado de forma pequena, mas não é por causa da transmissão, e sim por causa da qualidade do espetáculo. Hoje, se tornou quase impossível se fazer futebol bom e barato. O talento sai muito cedo para o exterior. Você não acha um talento perdido por um custo básico. Sem investimento, não dá para fazer um time competitivo. Nós temos patrocínio, mas os clubes sem qualidade não conseguem. Isso acaba afugentando os torcedores dos estádios e a tendência é que isso continue assim. Você vê que na série B o público continua grande, mas precisa de investimentos. Acredito que de 3 a 5 anos nós poderemos estar na elite. E devemos ter condições para se chegar e ficar, e não bater e voltar. Temos 13 clubes de grande história e grande estrutura. A tendência é que esses se fortaleçam cada vez mais, mas nós temos condições totais de estar entre os 12 ou 16 clubes primeiros colocados que frequentam a série A. (DRESH, 2019).

Dresh (2019) atribui o pouco público nos estádios à qualidade do espetáculo ofertado ao torcedor. Os torcedores gostam de bom futebol e não se faz bom espetáculo sem dinheiro, sem investimentos. Segundo ele, não é a televisão que contribui para o esvaziamento dos estádios. Ele advoga que os talentos brasileiros vão embora cedo para o exterior e os clubes ficam sem recursos para investir em um bom plantel. Concordamos com o entrevistado acerca dos diversos fatores que contribuem com o público pequeno no futebol de Mato Grosso.

Sobre os investimentos no futebol em Mato Grosso, na opinião de Dresh (2019), eles devem vir mais da iniciativa privada, mas com ajuda do poder público:

Acredito que da iniciativa privada [que deve vir o investimento]. O poder público não tem condições de investir em clubes. O que poder público deve fazer é dar condições para equipes crescerem. Temos parcerias excelentes, principalmente para uso da Arena Pantanal, mas não deve ter relação de repasse financeiro, inclusive porque somos um clube-empresa que não pode receber dinheiro público (DRESH, 2019).

Ou seja, o poder público deve criar a infraestrutura para o esporte, mas não investir diretamente nos clubes. Dresh (2019) destaca a parceria importante do Cuiabá Esporte Clube com a Arena Pantanal, estádio do governo estadual de Mato Grosso. Concordamos com o entrevistado sobre a participação do Estado no futebol de Mato Grosso. Entendemos que o desenvolvimento econômico do estado de Mato Grosso se descolou do desenvolvimento do futebol.

Como economistas, Gerson Lopes e Vivaldo Lopes (2019) analisam que é importante os clubes serem administrados como empresas, conforme ponderou Dresh (2019), e relembram que, tempos atrás, analisaram o assunto chamando-o de negócio-futebol. Sobre esse assunto, ele relembra:

[...] esse é um assunto que já analisei e já escrevi artigo e dei o nome de —Negócio futebol. Como o país não consegue fazer do esporte um grande negócio? Nos Estados Unidos, o Michael Jordan foi um grande jogador e se aposentou com uma fortuna calculada em 10 bilhões de dólares. O Pelé, quando parou, não tinha 100 milhões de dólares. O Michael Jordan parou com uma fortuna 10 vezes maior que o Pelé. E nós sabemos o tamanho do Pelé para o esporte e o tamanho do Jordan. Em relação à pergunta, houve um descolamento entre o crescimento econômico e o desempenho de nossas equipes. Nos melhores momentos de Mato Grosso, e o Gerson pode me corrigir nesse sentido, nos melhores momentos do futebol, nós tínhamos um auge com três times e o que mais cresceu em nível nacional, foi o Mixto. O Operário teve um bom desempenho, mas não foi a mesma coisa em nível nacional. O Dom Bosco também teve um auge em outra época, quando tive Vargas, Adilson e outros nomes, mas não pegou essa fase de disputar o campeonato nacional com destaque. O Mixto, naquele antológico jogo que teve no Verdão em 78, quando o Pelezinho fez um gol contra um dos melhores goleiros do país, nós tínhamos 16 equipes que disputavam 8 vagas. O Mixto jogou aqui com o Vasco e ganhou no jogo daqui. E a segunda partida foi lá em São Januário, o Mixto só precisava de empate. Teve um pênalti a favor do Mixto, batido pelo Pastoril e defendido pelo Leão, não pelo próprio Mazaropi. Eles fizeram dois gols e eliminaram o Mixto. Se o Mixto tivesse passado daquele jogo, estaria entre os 8 times da elite do futebol brasileiro. Imagine hoje um time de Mato Grosso entre os 8 melhores clubes do país. Para se chegar a esse nível tem que ser um São Paulo, Grêmio, Atlético Mineiro, Fluminense. E olha que tem anos que esses nem chegam. Naquela época, não tínhamos nem 27 estados brasileiros. Nós estávamos entre os últimos comparados com o PIB Nacional. Hoje, ocupamos entre a décima primeira ou décima segunda economia em relação ao PIB. Fora as grandes economias, que são 10, que são Paulo, Rio Grande

do Sul, Paraná, entre outros, Mato Grosso está disputando com Goiás a posição de um dos líderes do PIB nacional e olha que vamos superar Goiás logo. Mas, quando olhamos para o futebol, não acompanhamos esse crescimento. (DIAS; LOPES, 2019).

Sobre a relação entre futebol e economia, os entrevistados afirmam que, de fato, aconteceu um descolamento entre o crescimento econômico e o desempenho de nossas equipes de futebol. Defendem que, no auge do futebol de Mato Grosso, período do Verdão e quando o Mixto disputava o campeonato nacional de clubes, o futebol local era valorizado e reconhecido nacionalmente. Lembram da excelente campanha do Mixto em 1978. Nos últimos anos, a economia de Mato Grosso se desenvolveu consideravelmente, se encontrando entre as dez maiores do país, mas não há relação dela com o futebol, pois este permanece periférico, mesmo com as participações do Luverdense nas últimas edições e do Cuiabá na temporada atual da Série B (DIAS; LOPES, 2019).

Para Dias e Lopes (2019), que aliás são ex-atletas de futebol de Mato Grosso, hoje o cenário é diferente, vide o exemplo do Cuiabá:

Agora que vamos ter um time nosso na série B. Não estamos entre os 20 melhores do país e agora que temos um na série B. quando olhamos proporcionalmente o que o Mixto foi e o que hoje é o time, o Cuiabá, o Luverdense, não se compara. Mas na economia avançamos muito. Não temos estudos muito claros sobre isso, mas é bom lembrar que naquela ocasião o futebol era semiprofissional. Não era completamente profissional e nem completamente amador. Foi dos anos 70 para cá que as coisas melhoraram, diminuiu aquela coisa de não receber, diminuiu aquilo de não ter carteira assinada. Então, o que ocorria era que um grupo de empresários ou parte da elite apostava no futebol e fazia crescer com contribuições empresariais. Era comum um gerente de banco ou empresa grande ajudar o time cedendo casa, dando dinheiro ou empregando para jogar futebol. Quando teve um upgrade na remuneração, essas elites não conseguiram acompanhar o nível de despesa, principalmente com a construção do Verdão. (DIAS; LOPES, 2019).

Nos anos 1970, quando do auge do futebol local, os entrevistados defendem que o futebol era semiprofissional em Mato Grosso; por isso, era muito mais barato se investir em futebol. Defendem que, naquela época, o futebol local era mais forte do que é hoje e que havia empresários apoiando times do estado (DIAS; LOPES; 2019).

Ao tratar da questão do crescimento econômico e sua relação com o desenvolvimento do futebol em Mato Grosso, Dias (2019 apud DIAS; LOPES, 2019) afirma que se verificou, nos últimos anos, um deslocamento da elite econômica de Mato Grosso da capital para o interior, região dominada pelo agronegócio e que tem como atores os sulistas e seus descendentes. São pessoas que têm alto poder econômico, mas não torcem e nem investem

nos times de Mato Grosso porque já trouxeram suas preferências clubísticas, ou seja, torcem para os times dos seus estados de origem. Não foram socializados com o ambiente futebolístico local. O futebol local deixou de ser um projeto da elite política e econômica de Mato Grosso.

Houve um descolamento entre futebol e economia aí. E não conseguimos recuperar mais. Além disso, a nova elite de Mato Grosso não está mais entre a elite de Cuiabá, Várzea Grande e Rondonópolis. Estão no interior, no agronegócio. E boa parte dessas fortunas são de empresas que não têm conexão com o futebol e quando tem eles já têm times de fora, dos estados de origem deles. Vou dar um exemplo claro. Temos a Fiagril, Drebor e Amaggi. Todos os proprietários torcem para times do Sul do país. Perdeu-se a conexão de ter um parente que viu o Mixto, Dom Bosco crescer. Os novos ricos não têm essa ligação com esse futebol que começou amador. A ligação é maior com clubes de suas origens, suas famílias. A ligação com o futebol é uma das coisas mais bonitas e irracionais. O que explica uma criança de 10 anos de idade ter, lá em São Félix do Araguaia, uma grande paixão pelo Barcelona? É provável que esses jovens que não viram o nosso futebol crescer torçam até o fim das vidas pelo Barcelona. O cara que é gremista na infância, ele vem para Mato Grosso e continua gostando do time que ele torceu quando era pequeno. Hoje, posso dizer que houve descolamento entre crescimento econômico e futebol o nosso esporte parou nos anos 80 ou 90. A economia disparou. Essa desconexão fez também com que o nosso futebol perdesse espaço no futebol nacional. (DIAS; LOPES, 2019).

Os entrevistados afirmam que a desconexão entre economia e futebol contribui com o declínio do futebol local. Eles ressaltam a grandeza e a importância da relação entre o torcedor e o time de futebol e que, sem investimentos no futebol local, não teremos novos torcedores, pois o torcedor precisa gostar do espetáculo futebolístico para poder se filiar a um determinado clube de futebol. Essa ligação entre torcedor e clube pode ser entendida, do ponto de vista sociológico, a partir do conceito/tema/categoria pertencimento clubístico (DAMO, 2002, 2005, 2006, 2007).

Os torcedores são aquelas pessoas que se engajam emocionalmente em torno de um time de futebol, ou seja, aqueles que fazem –investimentos emocionais em torno das disputas futebolísticas (DAMO, 2007, p. 49). Trata-se do interesse pelo sentimento que une os torcedores a seus clubes, uma forma de vínculo considerada como imutável e única: pertencimento clubístico.

Ela especifica, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas pelo engajamento emocional. À diferença dos simpatizantes, que escolhem os times para os quais irão torcer conforme a circunstância, e por vezes as conveniências, razão pela qual o envolvimento raramente se estende para além do jogo, os aficionados seguem uma mesma

agregação durante e vida, estendem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele e por vezes são capazes de atitudes tidas como irracionais. Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer não são exatamente o mesmo. O primeiro serve tanto para as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, equivalente ao que os nativos caracterizam como —torcedor fanático!, —doentel, —cegol etc. (DAMO, 2007, p. 52).

É importante frisar que a lógica do familismo é fundamental no recrutamento de novos torcedores, ocupando papel relevante no clubismo brasileiro a parentela masculina mais próxima, como o pai, os avôs, os tios e os irmãos na reprodução do modelo clubístico vigente. Nesse sentido, —temos um sistema clubístico pautado numa lógica geral de funcionamento que se entrelaça com a estrutura familiar, com fortes traços de uma estruturação patriarcal, trazendo para o clubismo relações com forte presença de conteúdos emocionais! (DAMO, 2005, p. 97).

Segundo Rodrigues e Azuaga (2009), a ideia de sociabilidade nos auxilia no entendimento das relações que se estabelecem entre os torcedores de um time de futebol. O fenômeno das torcidas produz sociabilidades a partir do consumo coletivo de jogos de futebol (GASTALDO, 2005). Considerando a produção das interações sociais, a sociabilidade masculina brasileira tem no esporte, em especial no futebol, um dos temas e referenciais favoritos. Isso pode ser comprovado quando se pergunta a um homem qual é o seu time favorito. A partir daí logo se inicia uma conversa que pode se alongar e até produzir/ocasionar encontros futuros. O tema do futebol é muito envolvente, sendo alimentado pelo constante fluxo de informações produzidas pela mídia, tornando-se um dos assuntos privilegiados da sociabilidade masculina, no Brasil (RODRIGUES; AZUAGA, 2009).

Torcer é um dos códigos sociais que direciona os torcedores. Um código muito importante para sua identidade. São latino-americanos, brasileiros e torcedores. Vivem para torcer e torcem para viver. Uma faixa carregada pelos torcedores do Santos Futebol Clube no jogo contra a Ponte Preta em Campinas, em 26 de janeiro de 2002, é um ótimo exemplo disso. Nela, estava a seguinte frase: ‘_Nascer, viver e no Santos morrer’. É torcendo que objetivam, direcionam e ordenam suas vidas (REIS, 1998, p. 90).

Vivaldo Lopes ressalta a dificuldade de se recuperar o prestígio do futebol do estado no cenário nacional e destaca que uma das causas dessa crise é a gestão, a administração do futebol local:

Não seria tão otimista para falar em ressurgimento. Talvez, não prestamos tanto atenção, mas um clube de Mato Grosso disputar a posição entre os 8

melhores é algo histórico, algo que é difícil de se pensar hoje em dia. Essa ligação é difícil de se recuperar, como houve entre 60 a 80. Há um embrião que vejo com otimismo. Só vejo o futebol brasileiro, em termos mundiais, somos o que se tem de melhor, formar jogadores e mão-de-obra, mas quando falamos em gestão e faturamento, estamos muito distantes. Só o que o Barcelona e Real Madrid faturam no ano supera e muito o que os 20 maiores clubes do país conseguem. E não estou nem falando dos clubes ingleses que recebem patrocínio extraordinário (LOPES, 2019 apud DIAS; LOPES, 2019).

Fazendo uma análise do futebol internacional em relação ao futebol brasileiro, tomando por base como são geridos os clubes de futebol hoje e a diferença de uma gestão empresarial, inclusive, indicando que o Cuiabá é o embrião de uma gestão de clube-futebol, Vivaldo Lopes se manifesta assim:

Como vejo isso no futebol brasileiro? Eles têm que ser administrados como empresas, com dono, investimento perene, a forma de organização são sociedades, associações. Nem são empresas, são entidades sem fins lucrativos. Isso porque se exige historicamente. O Paraná é algo que está surgindo como novo. Tem estádio próprio e estrutura boa. Temos uma experiência boa, que é a organização empresarial que passou a gerir o Flamengo e parece que vai prosseguir. São executivos do mundo empresarial e financeiro que há 6 anos passaram a administrar como se fosse empresa. Temos o Palmeiras também, mas o Palmeiras recebe apoio financeiro grande de tempos em tempos e vem dando resultado como se fosse empresa. Para Mato Grosso, o Cuiabá é um embrião disso. É tratado com sensatez. Eles não se empolgam demais, como quando ganharam a vaga na série B ou a virada da Copa Verde, que é algo que entrou para história do futebol brasileiro. Eles não se animaram demais e saíram contratando sem responsabilidade. A saída é o futebol ser gerido como empresa. Me parece que o futuro do futebol vai gerar renda em imagem e transmissões. Seja pelas mídias sociais ou TV paga. Essa conexão é que a gente tem que encontrar aqui (LOPES, 2019 apud DIAS; LOPES, 2019).

O entrevistado enfatiza que a solução para a sobrevivência do futebol como espetáculo em Mato Grosso e no Brasil passa pela gestão empresarial, ou seja, pela transformação dos clubes em empresas (LOPES, 2019 apud DIAS; LOPES, 2019).

Moreira (2019) e Dresh (2019) concordam com a ideia de o planejamento e a organização no futebol serem importantes para o sucesso de um clube de futebol. Segundo Moreira (2019),

[...] os times que se sucederem bem tiveram que aportar no tripé estrutura, planejamento e organização. Nós trouxemos o Andrés Sanchez para cá para ele falar na Secopa. Ele falou: professor Ademir, não contratei o Ronaldo Fenômeno para ser jogador no Corinthians. Contratei para gerar renda, dar palestra. Ele seguiu exemplo do Barcelona em 2000, quando o time não estava muito bem. Fizeram um planejamento estratégico, contrataram

Rivaldo, Maradona, Romário, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Neymar. Eles foram para ser ponta do iceberg. O time chamou o treinador para ganhar título no prazo de 6 anos. No primeiro ano, contratamos a ponta da pirâmide para vender imagem. Vamos ter 50% da base e o restante da fora. No ano seguinte, 60% da equipe será da base. Depois, 70% e 80%. O que levou isso? O Barcelona foi a equipe do século, do tic-tac. Mágica no futebol é o entrosamento. Coisa que o São Paulo teve, Palmeiras, Flamengo. Pegaram bons jogadores da base e foram campeões. Isso vem ocorrendo com o Cuiabá. O Luverdense teve essa fase. O Mixto também. O Operário também e foi tetra campeão. A palavra mágica é o entrosamento, além da capacitação dos profissionais. Isso é o que faz a diferença. A modernização não é só dos estádios, mas do clube por completo. Tem que seguir isso rigorosamente. Ocorreu com Internacional, Grêmio. Hoje, os clubes que mais ganham: Flamengo, São Paulo e Corinthians. Vasco e Botafogo fugiram dessa palavra: planejamento estratégico. Isso depende de um todo, do marketing, da estrutura física, planejamento. O futebol, repito, todos que sucederam, tiveram esse planejamento. O Real Madrid contratou 9 craques: Cristiano Ronaldo, Marcelo. Foram jogar com o Barcelona e perderam de 5 a 0, mas foram jogando e com entrosamento, passaram a vencer. A pessoa tem que investir e planejar, e passar isso para a torcida. Não dá para trazer um Pelé e ganhar o título do dia para a noite. Santos não ganhava nada. Subiram Robinho, Diego e turma que passaram a ganhar. Não adianta ter dinheiro, comprar jogadores se não tiver entrosamento. Se não, vai ficar como Vasco e Botafogo. Tem que ter recurso e técnico.

O entrevistado destaca a relevância da modernização e da profissionalização (PRONI, 2000; RODRIGUES, 2007) no futebol, bem como do planejamento e de estrutura no sentido mais amplo possível. Os clubes vencedores são aqueles que se modernizaram, citando como exemplos Barcelona, Real Madrid, Corinthians, Flamengo, São Paulo, entre outros.

Para Moreira (2019), além de um planejamento estratégico, organização para levar torcedores para os estádios é preciso produzir futebol e emoção, ao mesmo tempo:

O futebol é emoção. É a atividade mais rentável do mundo, mas principalmente emoção. Nelson Rodrigues dizia que sem emoção não adianta chupar um picolé, um Chicabom. O Cuiabá está formando a maior torcida em Mato Grosso. Existe toda a Lei 13.555, criada pelo Governo Federal, com normas para prestação de contas e ajustes fiscais de receita. Mas antes as estruturam fomentavam a corrupção, mas em Mato Grosso não temos grandes casos de corrupção comprovada. O que sei que nenhum torcedor trai seu time.

O torcedor é movido por emoção. Por isso, esse é um elemento do espetáculo futebolístico que deve receber tratamento especial por parte dos produtores culturais desse ramo do entretenimento. O futebol faz parte da indústria cultural do entretenimento e configura-se como um dos ramos mais rentáveis e de apelo popular, sendo um produto consumido massivamente em todo o mundo.

Moreira (2019) exemplifica que há necessidade de uma reflexão sobre a forma de gerir o futebol, incluindo mecanismos e estratégias de ganhar dinheiro, pelos clubes, inclusive incentivando as crianças à prática e aos hábitos do futebol:

Nós devemos repensar, por exemplo, formas de ganhar dinheiro com os clubes. Se formos para o Colégio Médici, temos 5 mil alunos? Se dêssemos 5 mil ingressos para eles assistirem os jogos, eles vão e vão torcer para o vencedor. Deveríamos criar hábito das crianças irem ao estádio e torcer para um clube daqui. Deveríamos ter preliminares, incentivos fiscais que não prejudicam o governo, o TCE existe para fiscalizar isso. Podemos trocar notas fiscais por ingresso, concomitante com a prestação de contas das equipes. Isso pode ser em todo o país, pois a queda de público é no país inteiro. Os que vão são torcedores que têm o esporte impregnado nas suas mentes. São realmente torcedores. Os clubes devem investir, sortear camisas. Temos que buscar essas formas, somadas ao planejamento das equipes sem descompatibilizar receita e despesa. Eu acredito que isso seria uma alternativa, mas o que estamos fazendo? O contrário. É na escola que começa a paixão pelo futebol, poderíamos ter disputas entre colégios. Se conseguirmos despertar o interesse dessas crianças torcendo para nossos times estaremos formando torcedores do futuro. (MOREIRA, 2019).

De acordo com o testemunho de Nilza Queiroz Freire (2019) – membro da Academia Mato-grossense de Letras, na qual ocupa a cadeira 14, que tem como patrono o Pe. Ernesto Camillo Barreto, o padre introdutor da educação física como disciplina nas escolas públicas de Mato Grosso –, o governo precisa parar de construir presídios e investir mais na educação formal e física das crianças. A educação corporal, por meio do esporte, contribui com a formação física e mental do ser humano. Pode-se argumentar que o esporte moderno diz respeito a “[...] uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura europeia no século XVII e que se expandiu pelo mundo, nos séculos posteriores (BRACHT, 2003, p. 13).

Com o advento da Copa do Mundo em Cuiabá, algo com que, dez anos antes, nem se poderia sonhar, independentemente dos legados estruturantes, a cidade recebeu quatro jogos e oito equipes. E temos hoje a Arena Pantanal com um novo conceito. E vivemos a expectativa do ressurgimento, na contemporaneidade, da força do futebol mato-grossense, inclusive com a experiência do Luverdense, um pouco longe de Cuiabá; e agora Cuiabá, uma experiência exitosa de 17 anos de um clube-empresa que começou com o ex-jogador Gaúcho. Esse time faz, em 2019, 19 jogos da Série B em casa. Seria um ressurgimento?

Para os irmãos Dias e Lopes (2019):

[...] Realmente, eles profissionalizaram o futebol deles. O Luverdense surgiu, mas depois teve uma oscilação. O Cuiabá trouxe pessoas

profissionais, pessoas que têm ligações com outros estados, coisa infelizmente Operário e Mixto não têm. Eles ficam só no estadual para disputar com chance. O Cuiabá já tem um calendário para o ano e planejado. Isso é uma distância muito grande com os outros clubes.

Os entrevistados destacam o planejamento do Cuiabá e sua gestão como motivos do sucesso nos campeonatos de futebol, nos últimos anos. O Luverdense e o Cuiabá são citados como clubes que contrataram profissionais para trabalhar na gestão, no *marketing* e na preparação do negócio futebol com uma perspectiva moderna, voltada para o mercado. Algo que não aconteceu com os times tradicionais de Mato Grosso como Mixto, Operário e Dom Bosco. Lopes, particularmente, afirma que não acredita que estamos presenciando o ressurgimento do futebol em Mato Grosso:

[...] não seria tão otimista para falar em ressurgimento. Talvez, não prestamos tanto atenção, mas um clube de Mato Grosso disputar a posição entre os 8 melhores é algo histórico, algo que é difícil de se pensar hoje em dia. Essa ligação é difícil de se recuperar, como houve entre 60 a 80. Há um embrião que vejo com otimismo. Só vejo o futebol brasileiro, em termos mundiais, somos o que se tem de melhor, formar jogadores e mão-de-obra, mas quando falamos em gestão e faturamento, estamos muito distantes. Só o que o Barcelona e Real Madrid faturam no ano supera e muito o que os 20 maiores clubes do país conseguem. E não estou nem falando dos clubes ingleses que recebem patrocínio extraordinário. Como vejo isso no futebol brasileiro? Eles têm que ser administrados como empresas, com dono, investimento perene, a forma de organização são sociedades, associações. Nem são empresas, são entidades sem fins lucrativos. Isso porque se exige historicamente. O Paraná é algo que está surgindo como novo. Tem estádio próprio e estrutura boa. Temos uma experiência boa, que é a organização empresarial que passou a gerir o Flamengo e parece que vai prosseguir. São executivos do mundo empresarial e financeiro que há 6 anos passaram a administrar como se fosse empresa. Temos o Palmeiras também, mas o Palmeiras recebe apoio financeiro grande de tempos em tempos e vem dando resultado como se fosse empresa. Para Mato Grosso, o Cuiabá é um embrião disso. É tratado com sensatez. Eles não se empolgam demais, como quando ganharam a vaga na série B ou a virada da Copa Verde, que é algo que entrou para história do futebol brasileiro. Eles não se animaram demais e saíram contratando sem responsabilidade. A saída é o futebol ser gerido como empresa. Me parece que o futuro do futebol vai gerar renda em imagem e transmissões. Seja pelas mídias sociais ou TV paga. Essa conexão é que a gente tem que encontrar aqui. Seja transformar em clube-empresa, seja na forma de se ver futebol hoje em dia. (LOPES, 2019 apud DIAS; LOPES, 2019).

Os entrevistados acreditam que a gestão empresarial dos clubes, as parcerias com a TV são formas de recuperar a imagem do futebol de Mato Grosso, fazendo com que os torcedores retornem aos estádios e o futebol se torne um produto eficiente e valorizado. Com isso,

haveria a possibilidade de recuperar a conexão entre desenvolvimento econômico e futebol (DIAS; LOPES, 2019).

Para eles, a construção da Arena Pantanal foi a montanha que pariu um rato e a Copa do Mundo foi uma decepção: —[...] Eu participei diretamente no começo do Verdão jogando. Se você perguntar para alguns da minha época, eles vão dizer que não precisaria destruir. Mas temos um estádio de nível internacional que pode ter múltiplas funções! (DIAS; LOPES, 2019).

Segundo Lopes (2019 apud DIAS; LOPES, 2019), apesar de a Arena Pantanal ser um estádio moderno, confortável e grande, não era necessária a demolição do Verdão. Os entrevistados argumentam que o dinheiro investido na Arena Pantanal foi muito grande, para pouco retorno, e que o Estado não pode arcar com esses gastos. Defendem a privatização da Arena.

A gente investiu mais que o Estado podia. Aquela história de ameaçar levar os jogos para Goiás ou Mato Grosso do Sul, nós avançamos demais. Foram poucos jogos. Foi muito dinheiro para um retorno que vai demorar e se for colhido. Preparei um estudo sobre isso e oferecemos para dois governadores. A ideia era uma modelagem para privatizar a Arena. Na pior da hipótese, mesmo não pagando nada, e a sociedade pagar o financiamento que já foi feito, tiraria do governo o gasto para mantê-lo. Entre energia, depreciação, são quase 6 milhões por ano. Para um Estado que não se paga fornecedor e salário em dia, é um luxo grande. Nesse momento atual, não dá mais nem para isso. Se for para conceder, não vai encontrar participantes para um leilão nem de graça. A sabedoria deve estar na sociedade e dos gestores de se usar o espaço da melhor forma como centro de múltiplo uso. Temos que tirar leite de pedra, pois demolir como fez a África do Sul ou Coreia do Sul não podemos. Agora, é usar o máximo possível (DIAS; LOPES, 2019).

Para Lopes (2019 apud DIAS; LOPES, 2019), a Copa do Mundo não trouxe legados positivos para Mato Grosso e não desenvolveu o futebol local. Ele lembra que Mixo e Operário foram responsáveis por jogos com estádios lotados de torcedores e que isso não se reflete mais, pois, além da baixa qualidade do futebol atual, os jovens não se interessam mais tanto por esporte, pois têm outras possibilidades de diversão na cidade.

A Copa de 2014 foi uma decepção. Não deixou de entusiasmar e influenciar o nosso esporte, mas, no meu modo de pensar, deveria ser mais. Na Arena, por exemplo, fui poucas vezes. No Verdão, por outro lado, por uns 5 anos teve futebol em alto nível tanto no aspecto coletivo como individual. Agora, na Arena, nós temos que incentivar, mas eles também têm que demonstrar profissionalismo. Não adianta a gente ir se eles não mostrarem qualidade. A população aumentou muito nos últimos anos. Temos muitos outros divertimentos, mas os jovens não querem ir aos estádios. Os nossos dirigentes não montam boas equipes. O brasileiro tem o futebol como sua

arte. Quem não gostaria de ver Mixto e Operário com 40 ou 50 mil torcedores? A questão é que temos atualmente, muitas outras diversões. O jovem não se interessa mais tanto pelo esporte, que é a razão de uma torcida organizada. Hoje nós temos mulheres indo aos estádios, mas só elas não resolvem. Temos que fazer um levantamento para ver o que está faltando para levar as pessoas aos estádios. No meu ponto de vista, está faltando técnica. Na época do Verdão, eu frequentava mesmo não sendo jogador mais. Tinha Mosca, Bife, Manfrini. Do lado do Mixto tinha Pastoril, Miro. No Dom Bosco tinha Vargas, Adilson, Pelego. Hoje em dia não tem mais esses jogadores técnicos. Só fui uma vez num jogo Operário contra Caldense. Perguntei para um goleiro que estava comigo, o Jairo, que foi do Dom Bosco. Pedi para ele me indicar dois craques de cada time e ele não conseguiu. Claro que não somos exigentes demais, mas a gente quer ver coisa boa. Uma coisa que me marcou muito no futebol foi a lealdade: respeito para ser respeitado. Nunca fui expulso de campo. A maior parte das expulsões é por reclamação. Sempre respeitei adversários e eles me respeitaram. Não tinha brutalidade, mas tinha uma cara que era muito rápido. A gente estava ganhando de 3 a 0. Falei para o cara que eu estava marcando que a gente não queria nada contra ele. Fui em outra ocasião até reclamar de uma entrada que ele me deu e ele me veio pedir perdão e falei que não precisava pedir perdão, pois isso pode ocorrer. Mas não tinha maldade. (LOPES, 2019 apud DIAS; LOPES, 2019).

Para Lopes (2019 apud DIAS; LOPES, 2019), o que está faltando no futebol mato-grossense é a criatividade e os talentos que atraíam os torcedores para assistirem a jogadores-artistas no ato de proporcionar espetáculos. A falta de jogadores talentosos no futebol de Mato Grosso atual é um fator que afasta o torcedor do estádio:

Eu resumiria dizendo que falta hoje no nosso futebol criatividade, e isso vem desde o falecido Dr. Carlos Orione. Eu tinha liberdade de conversar, expor e discutir e brigar. Reiteradas vezes eu disse isso a ele, que faltava criatividade. Ele me perguntava: que ideia você me dá, então? Eu dizia que não iria dar nenhuma ideia porque eles não iriam colocar em prática, mas dizia que viria novidade por aí. E elas nunca chegaram. Falta criatividade em primeiro lugar. Em segundo lugar, os times que disputam nosso campeonato profissional não têm jogadores pelos quais vale a pena sair de casa num domingo à tarde ou à noite durante a semana para ver um jogo. Só para se ter uma ideia, o Mixto tinha um jogador meia-esquerda, o Ruitter Jorge de Carvalho, e Bife, centroavante que atuou pelo Operário e pelo futebol internacional, em Portugal. As pessoas diziam: —Hoje vou ao estádio para ver o que o Bife vai aprontar. Eu vou ao estádio para ver aquelas faltas que o Ruitter bate do lado direito com o pé esquerdo. Ele parecia que colocava a bola com a mão. Queria ir para ver os dribles desmoralizantes que o Bife dava. Vamos citar o exemplo do Pelezinho, que se tornou lenda pelo gol olímpico que fez contra o Vasco em 1978. Vamos pensar nisso, mas tem muitos grandes jogadores que passaram por aqui. Se pegarmos a boa fase do Dom Bosco, quem não ia ao estádio para ver essa turma jogando? Os adversários do Dom Bosco quando jogava com o União, por exemplo, os torcedores do Mixto e do Operário iam ao estádio para ver a máquina do Dom Bosco demonstrando um grande futebol. As pessoas queriam ver Adilson, Vargas, Fidélis e tantos outros craques que o Dom Bosco tinha. Os próprios times de Campo Grande, que, quando começaram, montaram times

como jogadores como o Manga, que foi goleiro da seleção brasileira, Tadeu, tinha uma constelação de craques que levavam os torcedores para vê-los em ação. Se me pedir para escalar qualquer time hoje do Mixto, Dom Bosco e Operário, Cuiabá, Luverdense, eu não sei, pois não consigo guardar nome. A gente guarda quando ele consegue chamar atenção, e não quando se faz jogadas triviais como se faz hoje em dia evidentemente não dá para se levar muito a sério. Como disse antes sobre a falta de criatividade, lembro que em 1969, 50 anos atrás, o campeonato cuiabano já profissional foi disputado sob a marca, o selo dos 250 anos de Cuiabá. O maior orgulho da torcida do Mixto e maior tristeza da torcida do Operário e Dom Bosco que eram os grandes favoritos era de não ter o título de 250 anos como o Mixto teve. Agora, Cuiabá completa 300 anos. Não era para ter o campeonato dos 300 anos com muito mais atrações? Infelizmente, nenhum jogo vai acontecer. É um exemplo da grande falta de criatividade. (LOPES, 2019 apud DIAS; LOPES, 2019).

A crise do futebol local, em decorrência da falta de grandes jogadores nos times, se insere naquilo que o sociólogo Ronaldo Helal (1997) denominou de dilema do futebol brasileiro, momento de crise dos clubes em decorrência da má gestão e da expressiva exportação de jogadores brasileiros, desde os anos 1980.

Faiad (2019) defende que os clubes de Mato Grosso realizem alguns jogos no Estádio Dutrinha, pois um clube daqui jogar na Arena, atualmente, é um prejuízo enorme, e esclarece o porquê: –Os times gastam mais para manter a Arena do que com os seus plantéis. Para se ter uma ideia, para realizar um jogo na Arena hoje em dia dá um custo em média de mais ou menos 7 mil num jogo onde vão comparecer cerca de 500 pessoas. Isso não paga o custoll.

Na opinião de Faiad (2019), a Arena Pantanal é importante para o futebol mato-grossense, mas o Dutrinha deveria ser restaurado objetivando apoiar a Arena Pantanal em jogos com públicos menores, inclusive funcionando como uma válvula de escape para realização de jogos:

[...] nós tínhamos que ter em funcionamento também o Dutrinha. O Dutrinha era para ser uma válvula de escape, mas está fechada. Sem menosprezar, um jogo entre Dom Bosco e Cacerense, por exemplo, vamos ter 300 pessoas assistindo. Que seja disputado no Dutrinha. Mixto e Araguaia, que nós sabemos que o público vai ser reduzidíssimo, que se jogue lá também. E deixe a Arena para os grandes jogos, para as finais, semifinais, clássicos. Os jogadores me confidenciaram, por exemplo, que é muito triste um jogador entrar na Arena para jogar com o Araguaia, por exemplo, e ver o estádio vazio, fica um eco, parece um treino. Se você está no Dutrinha com 200 pessoas parecer uma multidão. Temos que ter uma válvula de escape. Mas espero que a partir desse ano, com o Cuiabá disputando a série B, nós devemos ter público considerável nos jogos. Acredito. O Mixto disputou com a Chapecoense uma vaga na Copa do Brasil e nós tivemos mais de 5 mil pessoas porque o setor Leste ainda não havia sido aberto. Quer dizer, poderia ter mais gente. Então, acredito sim na Arena. O que nós temos, e o Operário no ano que vem disputa a Copa do Brasil, e nós poderemos ter

mais público e a Arena como casa do futebol mato-grossense. Mas, para isso, temos que fazer investimentos. [...] Temos a Copa Mato Grosso para esse ano. E nós já temos que buscar patrocínio. Essa é a nossa sina. Precisamos de apoio para disputar a Copa do Brasil do ano que vem e com o prêmio desse campeonato temos condições de manter uma equipe para manter um time forte para o estadual. Sem o prêmio da Copa do Brasil e sem o investimento necessário, nós vamos cair na mesmice desse ano: montar um time semi amador apenas para disputar o campeonato estadual e não cair, mantendo a chama acesa do torcedor. (FAIAD, 2019).

Nesse mesmo sentido, Faiad (2019), pensando em clubes de futebol sediados em Mato Grosso do Sul, inclusive, comparando-os com os de outras partes do Brasil, analisa que:

[...] Agora, no início do século XXI, os clubes sediados no município de Campo Grande e em outras cidades do estado, não participam regularmente de competições da divisão de elite nacional da modalidade, atendo-se a disputas regionais e, esporadicamente, disputas com grandes clubes de outros estados brasileiros. Essa situação mais recente reflete as condições identificadas em grande parte do Brasil, pois, ao mesmo tempo em que o futebol se popularizou também se profissionalizou ao extremo, exigindo das equipes a presença de investimento financeiro elevado para conseguir manter atletas de alta capacidade física e técnica, capazes de obter resultados de alcance nacional e internacional. Desta maneira, as equipes passaram a precisar de apoio financeiro, na maior parte das vezes oriundo de setores como a indústria e o comércio. Quando esse entendimento não está estabelecido no contexto social local, há grande chance de a modalidade não conseguir ser disputada com equipes de alta performance. (FAIAD, 2019).

O entrevistado ressalta que, para que haja investimentos no futebol por parte dos setores industrial e comercial, é necessário os clubes estarem disputando competições profissionais importantes no cenário futebolístico. Para Faiad (2019), o Cuiabá está para o futebol mato-grossense assim como a Mercedes para o campeonato mundial da Fórmula 1, o que no olhar dele é assim relatado:

[...] Nessa final do estadual [o entrevistado se refere à final do campeonato estadual de 2019], vimos bons jogos. O Dom Bosco também fez bom jogos. Com o Cuiabá na série B, investindo, os demais clubes não devem fazer a mesma coisa para vencer. Realmente. Sem dúvida alguma. Eu vejo o Operário como exemplo. Investiu forte na equipe. O Operário estava invicto até a final. Perdeu de 2 a 0 no primeiro jogo da final porque há uma diferença enorme de técnica entre o Cuiabá e os demais times de Mato Grosso. O Cuiabá está para o futebol mato-grossense como a Mercedes para o campeonato mundial da Fórmula 1. Existe o campeonato da Mercedes e o campeonato das outras escuderias. Da mesma forma, existe o Cuiabá e existem os outros times. Os outros times disputam para ver quem vai para a final com o Cuiabá. Há uma diferença técnica enorme entre esses dois times. Seria por que o Cuiabá é um clube-empresa? Talvez sim. O investimento do Cuiabá é superior e muito aos demais times do Estado. O Cuiabá tem uma estrutura de time grande do Brasil, com CT, nutricionistas, com alojamento,

com departamento médico extremamente equipado. Nenhum time em Mato Grosso tem isso. Quem se aproxima um pouco dessas situações do Cuiabá é o Luverdense, que também tem CT, que também é um clube-empresa. (FAIAD, 2019).

Nesse sentido, Faiad (2019) concorda com Dias e Lopes (2019) quando remete ao fato de o agronegócio estar localizado fora do eixo de Cuiabá-Várzea Grande, no interior de Mato Grosso:

[...] São agricultores de Lucas do Rio Verde que investem pesado no time e levaram o time à série B. Houve uma rusga interna, uma quebra de hegemonia, o que fez com que o apoio ao Luverdense caísse e o time caiu para a série C. Uma outra equipe que está crescendo em termos de estrutura para chegar logo a esse nível é o União, com CT, com departamento médico, com nutricionista, com apoio financeiro, e logo, não se assustem, o União estará batendo de frente. E uma quarta equipe que tem crescido nesse aspecto é o Sinop. O Sinop conseguiu uma área para fazer o seu CT, unificou novamente os desportistas da cidade, que chegaram a criar uma associação para dividir a cidade, mas se uniram novamente e no ano que vem estarão trazendo o Marcos Birigui, que é um técnico renomado para ser o diretor de futebol. Quer dizer, o Sinop também deve vir muito forte para o futebol. Veja bem: Cuiabá, União, Sinop e Luverdense [...] As outras equipes de cidade estão muito distantes do que eu falei. Cuiabá tem CT e tudo isso que falei. O Operário não tem sede, não tem CT, não tem estádio. Não tem nada. Mixto, não tem CT, não tem estádio, não tem nada. Dom Bosco, é a mesma coisa. Tem uma sede, mas não tem CT, não tem estádio próprio, não tem investimento, ou seja, trabalha porque tem alguns abnegados e sócios que investem todo mês para manter o time vivo. A distância é muito grande entre um e outro, ponderou (FAIAD, 2019).

O Luverdense e o Cuiabá são os clubes de Mato Grosso em melhores condições em termos de estrutura, gestão e elenco, sendo exatamente nesses clubes em que as empresas investem, além do fato de que são patrocinados pelo agronegócio.

Este capítulo tratou do futebol de Mato Grosso no século XXI, destacando a situação dos clubes de futebol na atualidade, suas crises e eventuais possibilidades de crescimento e desenvolvimento. Abordou os impactos e legados da Copa do Mundo 2014 para Cuiabá e o futebol de Mato Grosso, a modernização do futebol e o modelo de gestão empresarial. Mostrou que, apesar de existir relação entre desenvolvimento do futebol e projetos políticos das elites, o futebol não tem sido tratado como parte de um projeto das elites econômicas atuais de Mato Grosso, pois o futebol não acompanhou o desenvolvimento econômico do estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central que fundamenta o debate desenvolvido nesta tese refere-se ao estudo da trajetória do futebol profissional em Mato Grosso, por meio de uma pesquisa histórica e sociológica, na intenção de desvendar os mais de 100 anos desse esporte em nosso estado, dos primórdios à contemporaneidade.

O objetivo geral desta tese foi analisar a trajetória do futebol profissional em Mato Grosso, desde seus primórdios até a contemporaneidade, em relação ao crescimento econômico do estado.

Os objetivos específicos da investigação foram os seguintes: (a) investigar o contexto histórico e social do surgimento do futebol em Mato Grosso; (b) compreender os fatores que desencadearam o processo de profissionalização e de modernização de Mato Grosso; (c) identificar os fatores que configuraram as fases divergentes entre o auge e a decadência do futebol em Mato Grosso; (d) verificar as influências do rádio e da televisão no desenvolvimento do futebol profissional de Mato Grosso, e (e) analisar e descrever o futebol profissional em Mato Grosso na contemporaneidade, a Copa do Mundo de 2014 e a mercantilização do jogo.

O objetivo específico (a) foi alcançado a partir dos dados coletados e analisados no capítulo 1 desta tese. O objetivo específico (b) foi cumprido graças aos dados apresentados em parte no capítulo 2 e as análises desenvolvidas no capítulo 4 desta tese. Os dados apresentados no capítulo 3 nos permitiram alcançar o objetivo (c). As análises desenvolvidas nos capítulos 2 e 3 foram suficientes para chegarmos de forma satisfatória ao objetivo específico (d). O objetivo específico (e) foi alcançado a partir das análises presentes no capítulo 4.

Em relação ao problema de investigação, cabe lembrar que a tese se debruçou sobre a relação entre o desenvolvimento do futebol profissional e o crescimento econômico no estado de Mato Grosso. A questão principal que norteou a investigação foi: por que o futebol profissional em Mato Grosso não acompanhou o crescimento econômico no estado?

As questões secundárias que o estudo procurou responder foram as seguintes: quando foi e quais os elementos que configuraram os momentos de apogeu e de decadência do futebol profissional de Mato Grosso? De que forma o futebol se configurou como projeto das elites políticas locais? Quais os motivos que levaram à diminuição do número de torcedores nos estádios de futebol de Mato Grosso? Qual a contribuição dos estádios Dutrinha e Verdão para o futebol profissional de Mato Grosso? Qual a contribuição do rádio e da televisão para o

futebol de Mato Grosso? Qual a contribuição da Arena Pantanal na reconstrução do futebol de Mato Grosso? Qual a relação entre a transmissão dos jogos de futebol ao vivo pela TV e o esvaziamento da presença das torcidas nos estádios? Qual a relação entre o projeto político das elites e o desenvolvimento do futebol em Mato Grosso?

A pesquisa que fundamenta a presente tese se utilizou de técnicas de investigação qualitativas. Foram utilizadas entrevistas e análise de documentos. A técnica da entrevista foi importante na nossa investigação, pois permitiu revelar a percepção que os agentes têm sobre o futebol de Mato Grosso. Foram realizadas 14 entrevistas com jornalistas, dirigentes, ex-jogadores, torcedores, gestores públicos, entre outros. Todos aceitaram, oficialmente, serem gravados e publicizados, tanto no texto quanto no documentário que será produzido, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido: Ademir Moreira, Antero Paes de Barros, Cristiano Dresch, Francisco Anis Faiad, Aron Dresch, José Eustáquio, Pulula da Silva, Gerson Lopes Dias, Vivaldo Lopes Dias, Glauco Marcelo Almeida, Macedo Filho, Althair Caetano –Fião da Silva, José Augusto Tenuta, Roberto França Auad.

A pesquisa ainda contou com a técnica da pesquisa documental, pois ela visa reconstruir, por meio de documentos históricos, a história do futebol em Mato Grosso. Os jornais antigos foram pesquisados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT), em atas de assembleias e notícias de jornais e *sites* de Cuiabá.

O referencial teórico da tese ancora-se na sociologia do esporte, na teoria sociológica contemporânea, na sociologia das profissões e na literatura sociológica sobre o futebol. Entre os conceitos utilizados, cabe recordar *campo* e *habitus*, de Pierre Bourdieu (1983, 1990, 2000); processo civilizatório, esporte e civilização, de Elias e Dunning (1993, 1992a, 1992b); modernidade, modernização e reflexividade, de Anthony Giddens (1997, 1991 e 1989); modernização do futebol, em Rodrigues (2007), Proni (2000), Helal (1997); profissão e profissionalização, em Bonelli (1993), Goode (1967), Freidson (1996); megaeventos e legados, em Roche (2001), Matias (2008), Horne (2007), Rubio (2008), Rodrigues (2016); pertencimento clubístico, de Arlei Damo (1998, 2001, 2002, 2005, 2006, 2008).

Recapitulando, no primeiro capítulo desta tese analisamos a relação entre futebol e sociedade em Mato Grosso, enfatizando algumas dimensões históricas e sociológicas do futebol. Destacamos os primórdios do futebol em Mato Grosso, no período de 1900 a 1930. Analisamos as touradas em Cuiabá como embrião do esporte, na região. Tratou-se de uma abordagem sobre os começos ou primórdios do futebol em terras mato-grossenses, destacando-se os fatores que possibilitarão o seu advento e os condicionantes sociais,

econômicos, políticos e culturais do amadorismo. Abordamos o surgimento dos clubes e das ligas de futebol em diversas cidades de Mato Grosso, o processo de construção dos primeiros estádios de futebol, a fundação do Dom Bosco, Mixto Esporte Clube, o futebol sul-matogrossense, o aparecimento de uma federação de futebol em Corumbá em 1927 e da Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD), em 1942.

No segundo capítulo, discutimos o processo de profissionalização do futebol de Mato Grosso, a influência do rádio nesse esporte e a construção do Estádio Dutrinha, no período de 1940 a 1960. Analisamos a introdução do futebol, no período pós-década de 1930, em Corumbá (MS), em Várzea Grande (MT) e em Rondonópolis (MT). Abordamos e analisamos os condicionantes sociais, esportivos, políticos, econômicos e culturais que tornaram possível a profissionalização do futebol em Mato Grosso. Destacamos a relevância do Campeonato Estadual de Mato Grosso. Analisamos o processo de construção do Estádio Presidente Dutra. Por último, discutimos a influência do rádio, em Mato Grosso, no desenvolvimento do futebol local.

No terceiro capítulo, intitulado –Do auge à decadência: o futebol de Mato Grosso na era do Verdão e da TV, tratamos do futebol profissional de Mato Grosso no período de 1970 a 1990, destacando temáticas como o papel da Federação Mato-Grossense de Futebol (FMF), o período de glória do futebol mato-grossense, as causas da decadência, a influência da televisão e o Estádio Verdão.

No quarto capítulo, –Futebol nos anos 2000: da Copa do Mundo à contemporaneidade – modernização, clube-empresa e ressurgimento do futebol mato-grossense, analisamos a questão do futebol de Mato Grosso no final da década de 1990 e na década de 2000. Abordamos o tema da crise e da modernização do futebol de Mato Grosso e seus benefícios e a Copa do Mundo Fifa 2014, discutindo o clube-empresa e as alternativas para o ressurgimento do futebol local. Concluimos esse capítulo com o debate sobre os fatos relacionados ao surgimento do Cuiabá Esporte Clube, à construção da Arena Pantanal, à realização da Copa do Mundo Fifa 2014 e à relação entre os times locais e o futebol-negócio atual, em que as memórias dos entrevistados são analisadas como materiais empíricos orais essenciais para a história do futebol em Mato Grosso.

Os dados coletados revelam a grandeza e a importância da relação entre o torcedor e o time de futebol e que, sem investimentos no futebol local, não teremos novos torcedores, pois o torcedor precisa gostar do espetáculo futebolístico para poder se filiar a um determinado clube de futebol.

Por outro lado, em relação aos mecanismos para recuperar o futebol local, os entrevistados destacam o planejamento do time Cuiabá e sua gestão como motivos do sucesso nos campeonatos de futebol nos últimos anos. O Luverdense e o Cuiabá são citados como clubes

que contrataram profissionais para trabalhar na gestão, no *marketing* e na preparação do negócio-futebol com uma perspectiva moderna, voltada para o mercado. Algo que não aconteceu com times tradicionais de Mato Grosso como Mixto, Operário e Dom Bosco.

Conforme as pesquisas, a respeito das alternativas para a saída da crise do futebol mato-grossense, os entrevistados acreditam que a gestão empresarial dos clubes, as parcerias com as televisões são formas de recuperar a imagem positiva do futebol de Mato Grosso, fazendo com que os torcedores retornem aos estádios e o futebol se torne um produto eficiente e valorizado. Com isso, haveria a possibilidade de recuperar a conexão entre desenvolvimento econômico e futebol.

Os dados coletados e analisados ao longo deste estudo nos permitiram confirmar a hipótese central desta tese: 1 – nossa hipótese principal, aqui defendida, é de que o futebol profissional de Mato Grosso não acompanhou o crescimento econômico do estado porque não faz parte dos projetos econômicos e políticos das atuais elites econômicas locais, que não investem no futebol local.

Em relação às hipóteses secundárias, a saber, 2, 3, 4, 5 e 6, estas foram confirmadas a partir das observações e das análises dos dados coletados durante a investigação. A seguir, rememoramos as hipóteses formuladas e confirmadas com a conclusão da investigação:

Hipótese 2: existe uma relação direta entre o sucesso e o fracasso das elites políticas e seus times de futebol em Mato Grosso, que, por vezes são surpreendidas por grupos econômicos distintos. Essas relações se configuram na cultura local de acordo com cada ciclo de poder (político ou empresarial).

Hipótese 3: os pequenos públicos nos estádios de futebol de Mato Grosso decorrem da má qualidade dos jogos, da carência de jogadores famosos, do televisionamento das partidas de futebol do campeonato estadual, da crise econômica dos clubes locais e do surgimento de novas opções de lazer no estado.

Hipótese 4: o rádio e a televisão foram importantes veículos de produção, valorização e massificação do futebol profissional em Mato Grosso.

Hipótese 5: os Estádios Dutrinha e Verdão fazem parte dos momentos de glória do futebol profissional mato-grossense.

Hipótese 6: a Arena Pantanal representa uma nova fase do futebol profissional de Mato Grosso.

Os dados coletados, apresentados e analisados ao longo dos quatro capítulos desta tese nos auxiliaram na resposta à questão principal da investigação: por que o futebol profissional em Mato Grosso não acompanhou o crescimento econômico no estado?

Podemos concluir que a heterogeneidade de interesses e dos projetos políticos e econômicos das elites econômicas do estado fez com que o futebol não tenha sido um projeto prioritário. Por essa razão, são poucas as empresas mato-grossenses que patrocinam os clubes de futebol local. E, conseqüentemente, há um enfraquecimento econômico dos clubes de

futebol, o que é um problema enorme diante do futebol-negócio praticado na contemporaneidade. Portanto, verificamos que há, de fato uma dissociação total entre a classe econômica, produtiva, e o futebol. Existe uma carência de investimentos no futebol local. Com exceção do Cuiabá, Luverdense e a promessa Nova Mutum clube exteante em 2020, praticamente não há nenhum apoio desses grupos econômicos ao futebol mato-grossense.

Uma das conclusões desta tese é de que o futebol profissional de Mato Grosso ocupa um espaço periférico no mercado futebolístico brasileiro, em decorrência da incipiente profissionalização e modernização dos clubes, da pequena/pouca participação da televisão na receita dos clubes, da escassez de investimentos das empresas locais no futebol, da precária situação das categorias de base dos times e do amadorismo marrom que predomina no futebol do estado.

Ficam ainda questões em aberto, que merecem aprofundamentos e futuras investigações, tais como as causas do declínio do público nos estádios de futebol em Mato Grosso; a relação entre o agronegócio e o futebol local; os investimentos e os modelos de formação de jogadores nas categorias de base dos clubes de futebol de Mato Grosso; o amadorismo marrom presente no futebol de Cuiabá; os elementos produtores e mantenedores do sistema de pertencimento clubístico no Dom Bosco Esporte Clube e Mixto Esporte Clube; a genealogia dos dirigentes esportivos dos clubes de futebol mato-grossense, entre outras.

Por fim, reconhecemos a relevância do futebol em Mato Grosso em todas as suas dimensões; histórica, econômica, política, geográfica, cultural e social e acreditamos que este trabalho somará aos esforços daqueles que escrevem a nossa história!

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. B. Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito: o discurso do radiojornalismo esportivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2001.
- AIDAR, Antônio Carlos Kfourri; LEONCINI, Márvio Pereira; OLIVERIA, João José de. (Orgs.). **A Nova Gestão do Futebol**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.
- ALMEIDA, F. O nosso futebol. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 25 out. 1953.
- AMEDI, Nathália da Costa. Cidade (res)significada: a ideologia de modernização de Cuiabá no período pós-divisão do estado de Mato Grosso. **Revista Angelus Novus**, n. 4, p. 41, dez. 2012.
- _____. **A invenção da capital eterna**: discursos sensíveis sobre a modernização de Cuiabá no período pós-divisão do estado de Mato Grosso (1977-1985). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.
- _____. A cidade in(conclusa): Cuiabá, a Copa do Mundo de 2014 e a eterna espera pela modernização. **Revista Labirinto**, v. 24, n. 1, p. 301-318, jan./jun. 2016.
- ANGELIN, Paulo Eduardo. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. **Redd: Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 3, n. 1, jul./dez. 2010.
- ANTUNES, Fátima Martin. **Futebol de Fábrica em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), São Paulo: FFLCH-USP. 1992.
- ANTUNES, Fátima Martin. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994. – livro de Xavier – ANTUNES, Fátima Martin. O futebol nas Fábricas. **Revista USP**, nº 22 (Dossiê Futebol), jun./jul./ago 1994. São Paulo: Edusp, 1994.
- ARAÚJO, Reginaldo Alves de. **Futebol, uma fantástica paixão**: a história do futebol campo-grandense. t. 1. Campo Grande: Última Hora Gráfica e Editora, [S.d.].
- ARRUDA, Antônio de. **Um olhar distante**: crônicas. Cuiabá: [S.n.], 1997.
- AZEVEDO, Adriana. **Do sapear baile ao sapear televisão**. Cuiabá: [S.n.], 2000.
- BÁEZ, Renato. **Corumbá, futebol e copas**: história de todas as Copas do Mundo. São Paulo: Tipografia e Livraria Brasil, 1966.
- BARBOSA, M. L. de O. Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 129-142, maio 1998.
- BARRETO, Neila Maria Souza. **História de Cuiabá**: a vila e a cidade de Cuiabá – água potável na produção da ambiência urbana (séculos XVIII e XIX). Cuiabá: [S.n.], 2005.
- _____. **Água de beber no espaço urbano de Cuiabá (1790-1886)**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2007.
- _____. Neila Maria Souza. **Estação Primeira de Mangueira para o enredo “Cuiabá, um paraíso no Centro da América”**. Cuiabá, 2013. [Pesquisa não publicada para o Carnaval 2013]

_____. **Pe. Ernesto Camillo Barreto**. Várzea Grande: Gonçalves Cordeiro, 2017a.

_____. **Sarita Baracat**: vida e trajetória política. Cuiabá: Entrelinhas, 2017b.

_____. **Pequena história do Clube Dom Bosco** (Cuiabá 300 anos). Cuiabá, 2017c. [Texto não publicado]

_____. **Gente que fez, gente que faz Cuiabá. Inventário de famílias pioneiras cuiabanas – Primeira versão** . Cuiabá: Entrelinhas, 2019a.

BARROS, Adriana Azevedo Paes de. **Da televisão no Brasil ao telezinho em Cuiabá**: aspectos históricos e a influência na Cuiabá dos anos 70. Cuiabá: Studio Presss & Multicor, 1997. 115 p.

BARROS, João Moreira de. **Cuiabá e o seu passado**. São Paulo: Editora Resenha Tributária, 1982.

BECHARA, Marco. Modelo M4 para gestão de legados de megaeventos esportivos com foco na responsabilidade social e políticas públicas. In: DACOSTA, L. et al. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

BENITEZ, Allan Kardec Pinto Acosta; RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O Futebol de Várzea na Comunidade São Gonçalo Beira Rio**. Cuiabá: EdUFMT, 2018.

BLACK, David. The Symbolic Politics of Sport Mega-Events: 2010 in Comparative Perspective. **Politikon**, v. 34, n. 3, p. 261-276, 2007.

BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BONELLI, Maria da Glória. As Ciências Sociais no Sistema Profissional Brasileiro. **BIB, Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 36, 1993, pp. 31-61.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. **Do extrativismo à pecuária**. São Paulo: Scortecci, 2001.

_____. **Esperando o trem**: sonhos e esperanças de Cuiabá. São Paulo: Scortecci, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234 p.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 2000.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRASIL. Decreto n. 24.645, de 10 de julho de 1934. Estabelece medidas de proteção aos animais. **Coleção de Leis do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 720, 1934.

_____. Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977. Cria o Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 13.729, 12 out. 1977. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp31.htm>. Acesso em: 6 jun. 2019.

_____. Lei n. 8.672, de 6 de julho de 1993. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 9.379, 7 jul. 1993. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8672.htm>. Acesso em: 5 nov. 2019.

_____. Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre esporte e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 1, 25 mar. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm>. Acesso em: 5 nov. 2019.

BRASIL (Ministério do Esporte); MATO GROSSO (Governo do Estado); CUIABÁ (Prefeitura Municipal). **Matriz de responsabilidades que entre si celebram os entes federativos abaixo nominados com o objetivo de viabilizar a execução das ações governamentais necessárias à realização da Copa das confederações FIFA 2013 e da COPA do Mundo FIFA 2014**. Brasília, 13 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/assessoriaEspecialFutebol/compromissosCopa2014.jsp>>. Acesso em: 3 fev. 2010.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **O TCU e a Copa do Mundo de 2014**: relatório de situação. Brasília: TCU, 2012.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro 1894-1933. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMARGO, Marisa. **A dança da morte**: festa, barbárie e tradição. Cuiabá: Umanos Editora, 2012.

CAMPOS, Manoel Soares de. **Reminiscências do futebol cuiabano**: Comércio Esporte Clube, suas realizações e participação nas decisões pelo engrandecimento do esporte em Cuiabá. Cuiabá: [S.n.], [1983?].

CANAVARROS, Otávio. **O poder metropolitano em Cuiabá e seus objetivos geopolíticos no extremo oeste (1727-1752)**. 1998. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. **O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)**. Cuiabá: EdUFMT, 2004.

CARMO, Aílton do. **História de Rondonópolis**. Rondonópolis: [S.n.], 2005.

CARRAVETA, Elio Salvador. **Modernização da gestão do futebol brasileiro**: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo. Porto Alegre: Age Editora, 2006.

CARVALHO, Elizabeth et al. **Televisão anos 70**. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 1980.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol. **Cadastro Nacional de Estádios de Futebol**. Rio de Janeiro: CBF, [201-].

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHEGARAM os cacerenses. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 5 nov. 1952.

CUIABÁ. Lei n. 2.761, de 25 de maio de 1990. Declara tombado pelo Departamento de Cultura do Município de Cuiabá, como patrimônio histórico da cidade de Cuiabá, o Estádio Presidente Eurico Gaspar Dutra. **Leis Municipais**, 20 set. 2007. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/mt/c/cuiaba/lei-ordinaria/1990/277/2761/lei-ordinaria-n-2761-1990-declara-tombado-pelo-departamento-de-cultura-do-municipio-de-cuiaba-como-patrimonio-historico-da-cidade-de-cuiaba-o-estadio-presidente-eurico-gaspar-dutra>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

DACOSTA, L. P. Em busca de um modelo de avaliação e de gestão de legados de megaeventos esportivos. In: RUBIO, K. (Org.). **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio de Football Portoalegrense e seus torcedores**. 1998. 247 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec, 2007.

DESLAURIERS, J. P. **Recherche qualitative: guide pratique**. Québec (Ca): McGrawHill, Éditeurs, 1991.

DIAS, Cleber. Esportes nos confins da civilização: Mato Grosso, 1920-1930. Artigo. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 66-90, jan./abr. 2017.

DINIZ, M. **Os donos do saber: profissões e monopólios profissionais**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

DOMINGUES, Edson Paulo; BETARELLI JUNIOR, Admir Antonio; MAGALHÃES, Aline Souza. **Copa do Mundo 2014: impactos econômicos no Brasil, em Minas Gerais e Belo Horizonte**. Belo Horizonte: UFMG; Cedeplar, 2010. (Texto para Discussão, n. 382). Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD_20382.pdf>. Acesso em 15 set 2010.

DORILEO, Benedito Pedro. **Zulmira Canavarros: a egéria cuiabana**. Cuiabá: Entrelinhas, 2016.

DUARTE, Ederson Brandão. **Clube Esportivo Dom Bosco: uma história do futebol**. 2013. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Portugal: Porto Editora, 2005.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca de Excitação**. Lisboa: Difel, 1992a.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992b.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FMF. Federação Mato-grossense de Futebol. **Ata de assembleia geral n. 8**. Cuiabá, 21 abr. 1979.

_____. **70 anos de história, memórias e vidas: revista da Federação Mato-Grossense de Futebol – edição comemorativa dos 70 anos da FMF**. Cuiabá: FMF, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). São Paulo: DP&A Editora, 2003.

FREIDSON, Eliot. **La profesión médica**: un estudio de sociología del conocimiento aplicado. Barcelona: Península, 1978.

_____. **Professional powers**: a study of the institutionalization of formal knowledge. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

_____. Para uma análise comparativa das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 11, n. 31, p. 141-154, jun. 1996.

_____. **Renascimento do profissionalismo**. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Edusp, 1998. (Clássicos, n. 12).

FREITAS, Maria Auxiliadora de. **Cuiabá**: imagens da cidade – dos primeiros registros à década de 1960. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Sertão, fronteira, Brasil**: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. Cuiabá: Entrelinhas; EdUFMT, 2012.

GALVÃO, Honório Laucídio. **Papa-bananas ilustres**: síntese biográfica. Cuiabá: Central de Texto, 2010.

GARCIA, Romyr Conde. **Mato Grosso (1800-1840)**: crise e estagnação do projeto colonial. 2003. 348 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GASTALDO, Édson. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes antropológicos**, v. 11, n. 24, Porto Alegre, jul./dez. 2005.

_____. —O país do futebol midiático: mídia e copa do mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 22, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Unesp, 1997.

GIACOMELLO, Sérgio Luís. Sintonizando emoções: o futebol e o rádio – uma viagem nas ondas da mídia radiofônica. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GOODE, W. J. Community within a Community: The Professions. **American Journal of Sociology**, v. 72, nº 4, 1967, pp. 194-200.
- GRIFI, G. **História da educação física e do esporte**. Porto Alegre: D. C. Luzzatto Editores, 1989.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1992.
- HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HORNE, John. The Four, Knowns of Sports Mega-Events. **Leisure Studies**, v. 26, n. 1, p. 81-96, jan. 2007.
- JESUS, G. M. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões: Educação, Esporte e Lazer**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 47-61, dez. 1999.
- LACLAU, Ernesto. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1990.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LARSON, Magali Sarfatti. **The rise of Professionalism: a sociological analysis**. Los Angeles: University of California Press, 1977.
- LARSON, Magali Sarfatti. **The formation of professions**. London: Sage, 1990.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LEIRIS, Micel. **Espelho da tauromaquia**. Tradução: Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.
- LEITE, Milton. **As melhores seleções brasileiras: de todos os tempos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- LOPES, José Sergio Leite; FAGUER, Jean-Pierre. L'invention du style Brésilien: sport, journalism et politique au Brésil. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n. 103, p. 27-35, jun. 1994.
- LOUREIRO, Roberto. **Cultura mato-grossense: festas de santos e outras tradições**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.
- MACEDO FILHO, Ilarino. **Quatro anos de Verdão**. Cuiabá: Ilamaf Promoções e Publicidades, 1981.
- _____. **Impresso**, Cuiabá, 20-21 abr. 1993.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

STEINEN, Dr. Karl von den. **Brasil Central**. Tradução brasileira de Catarina Baratz Canabrava. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.

MASCARENHAS, G. (2011). Megaeventos: Quem vai pagar a Conta? **Entrevista: CMI Brasil** – Centro de Mídia Independente. Disponível em: <<http://prod.midiaindependente.org/pt/red/2011/07/494345.shtml>>. Acesso em: 1 ago. 2011.

MATIAS, Marlene. Os efeitos dos megaeventos esportivos nas cidades. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 175-198, out. 2008.

MATO GROSSO. **Relatório do diretor da Instrução Pública, Padre Ernesto Camilo Barreto**, 1874. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 1874.

MATO GROSSO. Relatório do movimento anual da Escola Normal e Modelo anexa apresentado à Secretaria de Estados dos Negócios do Interior, da Justiça e da Fazenda, 1911. Arquivo Público de Mato Grosso. Cuiabá, 1911. p. 10-11.

MATO GROSSO. Decreto n. 42, de 23 de dezembro de 1935. **Diário Oficial do Estado**, Cuiabá, n. 7.096, 7 jan. 1936.

_____. Decreto-Lei n. 314, de 16 de novembro de 1939. Cuiabá, 1939.

_____. Decreto-Lei n. 70, de 1950. Cuiabá, 1950.

MATO GROSSO. Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso. **Ata da Sessão Especial em Comemoração aos 71 anos da Federação Mato-Grossense de Futebol**. Cuiabá, 30 set. 2013.

MATOS, Domingos de; MATOS, Alex de. **Cuiabano de corpo e alma**. Cuiabá: Futura, 2004.

MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Ney Mussa de; BOTELHO, Édio Bosco; GOMES, Leoni Francisco. **À sombra do manto**. Várzea Grande: Pastoral da Terceira Idade; Tangará da Serra: Gráfica e Editora Diário da Serra, 2014.

MORAGAS, M.; BOTELLA, M. (Org.). (1996). **Las claves del êxito**: impactos sociales, deportivos, econômicos y comunicativos de Barcelona 92. Barcelona: Centro de Estudios Olímpicos y del Deporte, 1996.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Editora Irradiação Cultural, 1996.

MURTINHO, M. N. **Análise econômica da divisão de Mato Grosso (1970- 2000)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PILLAY, U.; BASSS, O. Fifa World Cup and its Urban Development Implications. **Urban Forum**, v. 19, p. 32-346, 2008.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

PÓVOAS, Lenine de Campos. **Cuiabá de Outrora**. Cuiabá: Resenha Tributária, 1981.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

REIS, Heloisa Helena Baldy. Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ROCHE, Maurice. **Mega-events and modernity: Olympics and expos in the growth of global culture**. Nova York: Routledge, 2001.

RODRIGUES, F. X. F. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. A Sociologia do Trabalho e a Sociologia do Futebol: subsídios para uma análise da flexibilização das relações de trabalho no futebol brasileiro e dos impactos do fim do passe (2001-2002). **CD-ROM VII Congreso Argentino de Antropologia Social**. Universidad de Córdoba. Villa Giardino, Córdoba, 25 a 28 de mayo 2004a.

_____. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**. Porto Alegre, PPG-Sociologia do IFCH – UFRGS, ano 5, nº 11, jul/dez 2004b.

_____. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 2007. 346 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. Um megaevento no Pantanal: preparativos para recepção da Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá/MT. **Tomó**, n. 20, 2012.

_____. Educação, investimentos públicos e futebol: percepções de estudantes de Ensino Médio sobre a Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá-MT. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 5., 2014, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

_____. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional**. Jundiá: Paco Editorial, 2015.

_____. Estudo sobre os legados da Copa do Mundo Fifa 2014 em Cuiabá-MT. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 15-30, 2016.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire; AZUAGA, Feliciano Lhanos. Uma análise sobre uma forma particular de pertencimento clubístico. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA, 27.; JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES, 8., 2009, Buenos Aires. **Anales...** Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009.

RODRIGUES, F. X. F. et al. A Copa no Pantanal: percepções dos cuiabanos sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2014. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 24, p. 187-201, 2012.

RODRIGUES, F. X. F.; FONSECA, C. R.; RODRIGUES, F. J. F. Poder público, investimentos e megaeventos esportivos no Brasil: análise da Copa do Pantanal em Cuiabá-MT 2014. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 16., 2013, Salvador. **Anais...** Salvador: Ufba, 2013.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire; RODRIGUES, Francisca Janaina Freire; BUENO, Igor Alexandre Silva; FIGUEIREDO, Laryssa Fernanda Fonseca de. Análise sobre os legados da Copa do Mundo FIFA 2014 em Cuiabá/MT. **Percursos Acadêmicos**. Belo Horizonte, v.4, n.8, p. 169-187, 2014.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire; FONSECA, Christiany Regina; SILVA, Kelen Katia Prates; VASCONCELOS, Olimpio Parreira de; RODRIGUES, Francisca Janaina Freire. Educação, investimentos públicos e futebol: percepções de estudantes de Ensino Médio sobre a Copa do Mundo de 2014 em Cuiabá-MT. In: Universidade Federal do Paraná, 2014, Paraná. V SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, Universidade Federal do Paraná. Seminário, Universidade Federal do Paraná, 2014.

ROMERO, Ana Carrilho; GRUNENVALDT, José Tarcísio; PINHO, Vilma Aparecida. O futebol em Mato Grosso: memórias e experiências de atletas negros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6., 2015, Vitória. **Anais...** Vitória: Combrace; Conice, 2015.

ROSA, Carlos Alberto. **A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII – 1722-1808**. 1996. 367 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

ROSA, Carlos Alberto; JESUS, Nauk Maria de (Orgs). **A terra da conquista: história de Mato Grosso colonial**. Cuiabá: Editora Adriana, 2003.

ROSA, Carlos Alberto. O urbano colonial na terra da conquista. In: ROSA, Carlos Alberto; JESUS, Nauk Maria de (Orgs). **A terra da conquista: história de Mato Grosso colonial**. Cuiabá: Editora Adriana, 2003.

RUBIO, Kátia. **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

SÁ, Barbosa. **Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios e os presentes tempos**. Cuiabá: Edições UFMT, 1975. (Coleção Ouro ou Mel).

SÁ, Elizabeth Figueiredo de. A educação dos corpos infantis no projeto mato-grossense de formação do cidadão republicano (1910-1930). **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 38, n. 104, p. 75-88, jan./abr. 2018.

_____. Gustavo Fernando Kuhlmann: um bandeirante na cruzada da instrução (1910-1930). **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 18, n. 38, p. 567-584, set./dez. 2009.

SÁ, J. de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SEVERINO, Antônio Nelson. **Casos de todos os tempos: folclore do futebol de Mato Grosso**. 1. ed. Cuiabá: [S.n.], 2011.

SILVA, J. V. **A divisão do Estado de Mato Grosso (uma visão histórica – 1892-1977)**. Cuiabá: EdUFMT, 1996.

SILVA, Osório Antônio Cândido da. **A narração esportiva de Fiori Gigliotti: emoção e sedução na oralidade mediatizada**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Casper Líbero, São Paulo, 2010.

SILVA, Pedro. Pedro Silva nos esportes. **A Cruz**, Corumbá, p. 4, 8 ago. 1962.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa social. In: GERHARDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. P. 31-42.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**: da ancestralidade aos dias atuais. 2. ed. atual. e ampl. Cuiabá: Entrelinhas, 2017.

STARR, Paul. **The Social Transformation of American Medicine**. Nova York: Basic Books, 1982.

STEINEN, Karl von den. **Brasil Central**. Tradução brasileira de Catarina Baratz Canabrava. São Paulo: Ed. Nacional, 1942.

SUSPENSO Campeonato Estadual. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 30 nov. 1943.

TENUTA, José Augusto. **Cuiabá da tchapa e da cruz**: Pó dexá, é só uma michidinha no baú da nossa história – all right? Cuiabá: Entrelinhas, 2015.

_____. **Cuiabá**: um show de bola. v. 1. Cuiabá: Entrelinhas, [2020?]a. (Coleção História do Futebol Cuiabano). No prelo.

_____. **Cuiabá**: um show de bola. v. 2. Cuiabá: Entrelinhas, [2020?]b. (Coleção História do Futebol Cuiabano). No prelo.

_____. **Cuiabá**: um show de bola. v. 3. Cuiabá: Entrelinhas, [2020?]c. (Coleção História do Futebol Cuiabano). No prelo.

TÓFFANO, Rodrigo Pinheiro. **A sustentabilidade em estádios de futebol**: o caso da Arena Pantanal em Cuiabá-MT. 2013. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAINER, C. Os liberais também fazem planejamento urbano: glosas ao Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro. In: ARANTES, O.; MARICATO, E.; VAINER, C. B. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.

VALLE, P. **A divisão de Mato Grosso**. Brasília: Royal Court, 1996.

VARGAS, H. C. Imobilidade e o limite às escolhas da população. **Revista URBS**, v. 12, n. 47, jul./ago./set. 2008.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Time dos sonhos**: paixão, poesia e futebol. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FONTES ORAIS [Entrevistas e ou depoimentos]

ALMEIDA, Glauco Marcelo. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 16 abr. 2019.

- AUAD, Roberto França. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 9 maio 2019.
- BARRETO, Neila Maria Souza. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 30 abr. 2019b.
- BARROS, Antero Paes de. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 18 abr. 2019.
- DIAS, Gerson Lopes e LOPES, Vivaldo. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 17 abr. 2019.
- DRESH, Aaron. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 6 maio 2019.
- FAIAD, Francisco. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 20 abr. 2019.
- FIÃO, Althair Caetano da Silva. Depoimento ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 23 abr. 2019.
- FREIRE, Nilza Queiroz. Depoimento à jornalista Neila Barreto. Cuiabá, 22 maio 2019.
- GONÇALVES, Marcelo. Entrevista aos autores Ana C. R. Grunennvaldt, José Tarcísio e Vilma Aparecida Pinho. Cuiabá, jul./ago. 2014.
- MACEDO FILHO, Ilarino. Depoimento ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 15 abr. 2019.
- MOREIRA, Ademir. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 8 maio 2019.
- PINHEIRO, Lino. Depoimento dado à historiadora e jornalista Neila Maria Souza Barreto, no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Cuiabá, 30 abr. 2019.
- PULULA, José Eustáquio. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 15 abr. 2019.
- ROMANCINI, Sônia Regina. Entrevista. Cuiabá, 31 maio 2019.
- TENUTA, José Augusto. Entrevista ao jornalista Téo Meneses. Cuiabá, 12 abr. 2019.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia e outros escritos** (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.
- WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

JORNAIS

- [AS TOURADAS]. O **Estado**, Cuiabá, 18 jul. 1916.
- A CRUZ. Cuiabá, n. 870, 31 mar. 1929.
- (revista), v. 1, n. 4. Cuiabá, out./nov. 2011.
- CLUBE Esportivo D. Bosco. O **Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, n. 652, p. 4, 30 jan. 1942.

- CORREIO DO ESTADO. Jornal semanal. Cuiabá: 2 jul. 1922, p. 3.
- CORREIO DO ESTADO. Jornal semanal. Cuiabá: 17 set. 1922, p. 2.
- CORREIO DO ESTADO. Jornal semanal. Cuiabá: 24 set. 1922, p. 4.
- DAUBIAN, Emanuel Ribeiro. Quase concluídas as obras do Estádio Presidente Dutra. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, n. 2.061, p. 2, 31 jan. 1952.
- DESPORTOS. **O Farol**, Cuiabá, n. 12, p. 2, 21 abr. 1925a.
- DESPORTOS. **O Farol**, Cuiabá, n. 36, p. 2, 13 dez. 1925b.
- DESPORTOS. **O Jornal**, Cuiabá, n. 14, p. 3, 6 jul. 1922.
- DISPUTA no Campo do Bosque. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 1, 11 jul. 1940.
- EMPOSSADA nova diretoria do Paulistano. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 7, 8 abr. 1941.
- ESCALADO definitivamente o quadro do Clube Estudantino que irá a Campo Grande. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 1, 12 set. 1940.
- FREIRE, Silva. O atletismo no Corumbaense. **Tribuna**, Corumbá, n. 5.960, p. 1, 16 abr. 1927.
- LIGA Esportiva Cuiabana. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 4, 25 set. 1941.
- O AMERICANO treina hoje. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 7, 8 abr. 1941.
- O ESTADO DE MATO GROSSO. Jornal. Cuiabá: [Diretor: Archimedes Pereira Lima], edição de 18 jul. 1916, p. 2.
- O Farol*, de número 12, na edição de 21 de abril de 1925, em sua página 2
- O GOVERNO estadual e os esportes e o Decreto-lei do Presidente da República e o estádio do Bosque. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, p. 1, 8 out. 1941.
- PORTUGAL, Admar. Ivo de Almeida será homenageado. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, n. 14.910, 3 fev. 2018.
- PÓVOAS, Lenine. Cuiabá de outrora: futebol II – os grandes ases. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 20 jun. 1982.
- SILVA, Pedro. Pedro Silva nos esportes (coluna de esportes). **A Cruz**, Cuiabá, p. 4, 12 ago. 1962.
- SPORT. **Tribuna**, Corumbá, n. 6.520, p. 4, 15 abr. 1929.
- SUSPENSO Campeonato Estadual. **O Estado de Mato Grosso**, Cuiabá, 30 out. 1943.
- TIRADENTES Football Club. **A Cruz**, Cuiabá, n. 870, 31 mar. 1929.

RECURSOS VIRTUAIS

LEOWEGILDO Martins de Melo. Academia Mato-grossense de Letras (site). Cadeiras/Cadeira 14. Disponível em: <http://www.academiadeletrasmt.com.br/site/caadeiras/caadeira-14>. Acesso em: 7 jul. 2019.

AGOSTINI, Swellen Freitas. Clubes de Corumbá... Prédios sólidos situação de mendicância. Correio de Corumbá, Corumbá, 5 out. 2015. Disponível em: <http://correiodecorumba.com.br/?s=noticia&id=20636>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

BARRETO, Neila Maria Souza. May Mulher Cuiabana. **Hipernotícias**, 11 mar. 2013. Disponível em: <https://www.hipernoticias.com.br/artigos/may-mulher-cuiabana/23993>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

_____. Mestre Ranulpho e o Museu do Futebol. **Almanaque Cuyabá**, Cuiabá, v. 4, n. 31, 28 jun./6 jul. 2018. Disponível em: <https://www.almanaquecuiaba.com.br/artigo/mestre-ranulpho-e-o-museu-do-futebol-399>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

_____. Nhá Barbina, a Rainha do Mixto. **HiperNotícias**, 12 abr. 2019c. Disponível em: <https://www.hipernoticias.com.br/artigos/nha-barbina-a-rainha-do-mixto/122942>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

BARRETO, Neila Maria Souza. Zulmira Canavarros: pioneira no futebol. **Hipernotícias**, 29 mar. 2019d. Disponível em: <https://www.hipernoticias.com.br/artigos/zumira-canavarros-pioneira-no-futebol/121605>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

BOAMORTE, Robson. Da construção à demolição: Estádio Verdão e suas histórias. **Globo Esporte**, Cuiabá, 31 mar. 2014. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mt/noticia/2014/03/da-construcao-demolicao-estadio-verdao-e-suas-historias.html>>. Acesso em: 18 out. 2019.

BORBA, Gabriel; SILVEIRA, Tiago. A religiosidade no futebol. **Gabriel Borba Blog**, 21 jun. 2016. Disponível em: <https://gabrielborba.atavist.com/religiosidade-no-futebol>>. Acesso em: 31 out. 2019.

CAMILO, Márcio. TVCA paga só R\$ 30 mil a cada time de MT por direitos de imagem; dirigente chama de esmola. **Repórter MT**, Cuiabá, 3 abr. 2019. Disponível em: <https://www.reportermt.com.br/geral/tvca-paga-so-r-30-mil-a-cada-time-de-mt-por-direitos-de-imagem-dirigente-chama-de-esmola/91224>>. Acesso em: 3 abr. 2019.

CNEF da CBF. Site Oficial da CBF. Consultado em 9 de março de 2012.

CLUBE Esportivo Dom Bosco. **Wikipédia**: A Enciclopédia Livre, 13 ago. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clube_Esportivo_Dom_Bosco>. Acesso em: 31 out. 2019.

COM ELENCO caseiro, Dom Bosco abre estadual sábado (19) contra o Operário FC. **Olhar Esportivo**, 16 jan. 2019. Disponível em: <http://olharesportivo.com.br/noticia/com-elenco-caseiro-dom-bosco-abre-estadual-sabado19-contr-o-operario-fc/10389>>. Acesso em: 31 out. 2019.

COPA do Brasil de Futebol. **Wikipédia**: A Enciclopédia Livre, 19 set. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Brasil_de_Futebol>. Acesso em: 31 out. 2019.

COPA Governador de Mato Grosso de 2011. **Wikipédia**: A Enciclopédia Livre, 7 abr. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_Governador_de_Mato_Grosso_de_2011>. Acesso em: 31 out. 2019.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, jul./set. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011>. Acesso em: 6 nov. 2019.

_____. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade**, n. 1, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es103.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

_____. A magia da seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 73-90, set. 2006. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/39/46>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

_____. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **RBCS**, v. 23, n. 66, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsoc/v23n66/09.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

DOMINGUES, Edson Paulo. et al. (2010). Copa do mundo 2014: Impactos Econômicos no Brasil, em Minas Gerais e Belo Horizonte. Texto para discussão n° 382. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20382.pdf>. Acesso em: 15 set 2019.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Júlio José Campos**. Rio de Janeiro, [201-]. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/julio-jose-campos>>. Acesso em: 31 out. 2019.

FUÁ, Wilson Carlos. História do rádio esportivo de Cuiabá e Copa do Mundo. **Olhar Direto**, Cuiabá, 24 maio 2012. Disponível em: <<https://www.olhardireto.com.br/artigos/exibir.asp?id=4744&artigo=historia-do-radio-esportivo-de-cuiaba-e-copa-do-mundo>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

FUSÃO de forças para reconstruir o Operário. *Gazeta Digital*, Corumbá, 12 dez. 2009. Disponível em: <<https://www.gazetadigital.com.br/editorias/esporte/fusao-de-forcas-pode-reconstruir-o-operario/228210>>. Acesso em: 29 out. 2019.

GABETEL, Jonathas. Especial: a história do Campeonato Mato-grossense em números. **Olhar Esportivo**, 2016. Disponível em: <<http://olharesportivo.com.br/resenha/especial-a-historia-do-campeonato-mato-grossense-em-numeros/43>>. Acesso em: 31 out. 2019.

GRUNENVALDT, Ana Carrilho Romero; GRUNENVALDT, José Tarcísio; PINHO, Vilma Aparecida. O futebol em Mato Grosso: memórias e experiências de atletas negros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., 2015, Vitória. **Anais...** Vitória: Combrace, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/download/7023/3766>>. Acesso em: 28 out. 2019.

GOLDEN GOAL SPORTS VENTURES LTDA (GOLDEN GOAL). (2010) **Calculando o impacto econômico de mega-eventos esportivos**. Disponível em: <http://www.goldengoal.com.br/br/downloads/Retorno_Jogos_Olimpicos.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2010.

GOUSSINSKY, Eugênio. **A inevitável profissionalização do futebol na década de 30**. Disponível em: <www.cidadedofutebol.com.br>. Acesso em 23 mar. 2006.

HISTÓRIA DO FUTEBOL. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<http://cacellain.com.br>>. Acesso em: 31 out. 2019.

IBGE. Mapa Político do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, [s.d.]. 1 mapa, color. escala: 1:10.000.000. Disponível em: <<https://www.guiageografico.com/mapas/mapa-brasil.htm>>. Acesso em 10 jun. 2019.

IELO, Antônio Mário. Acheugas dos primórdios do futebol Matogrossense. **História do Futebol**, 17 jun. 2016. Disponível em: <<https://historiadofutebol.com/blog/?p=89646>>. Acesso em: 29 maio 2019.

JORDÃO, Angela. Dutrinha é patrimônio do município de Cuiabá. **Cuiabá Notícias**, Cuiabá, [2011?]. Disponível em: <<http://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/esportes-cidadania-e-juventude/dutrinha-e-patrimonio-do-municipio-de-cuiaba/3541>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

LENZI, Maria Isabel Ribeiro. Os salesianos, os bororos e a banda de crianças indígenas que mudou a história. In Padre Antônio Malan. **Brasiliiana Fotográfica**, 14 dez. 2018. Disponível em: <<http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=padre-antonio-malan>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

LUIZ, Pedro Aurélio dos Santos; RAMOS, Márcia Elisa Teté. Influências histórico-políticas do futebol na história do Brasil: usos e funções. In: Congresso Internacional de História, 8.; Semana de História, 22. 2017, Maringá. **Anais...** Maringá: UEL, 2017. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3566.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

MASCARENHAS, G. (2011). Megaeventos: Quem vai pagar a Conta? **Entrevista: CMI Brasil** – Centro de Mídia Independente. Disponível em: <<http://prod.midiaindependente.org/pt/red/2011/07/494345.shtml>>. Acesso em 1º ago. 2011.

MATO Grosso. Wikipedia, [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mato_Grosso>. Acesso em: 13 nov. 2019.

MATTOS, Thiago. Especial: história de Mato Grosso no cenário nacional do futebol feminino. **Olhar Esportivo**, Cuiabá, 4 set. 2015. Disponível em: <<http://olharesportivo.com.br/noticia/especial-historia-de-mato-grosso-no-cenario-nacional-do-futebol-feminino/6908>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

MELLO, Sérgio. Clube esportivo Operário Varzea-grandense – Várzea Grande (MT): escudo e uniforme de 1967. **História do Futebol** (blog), 27 jul. 2015. Disponível em: <<https://historiadofutebol.com/blog/?p=74674>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

MELLO, Sérgio. História do futebol em Mato Grosso: dos primórdios à atualidade. **História do Futebol**, 27 jan. 2017. Disponível em: <<http://cacellain.com.br/blog/?p=100642>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

MELLO, Sérgio; IELO, Antonio Mario; SANTOS, Sergio. Esporte Clube XV de Novembro: Cuiabá (MT) – anos 50-60. **História do Futebol**, 12 out. 2015. Disponível em: <<https://historiadofutebol.com/blog/?p=77798>>. Acesso em: 31 out. 2019.

PACHECO, Ronaldo. Várzea Grande lamenta a perda Rubens do Santos, fundador do Operário e de jornal mais antigo. **Olhar Direto**, Cuiabá, 18 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=371900¬icia=varzea-grande-lamenta-a-perda-rubens-do-santos-fundador-do-operario-e-de-jornal-mais-antigo>>. Acesso em: 29 out. 2019.

PARANÁ. Secretaria da Educação. **História da Copa do Mundo de futebol**. Curitiba, 31 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=205>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

PORTAL 2014. **Porque o Brasil**. Disponível em: <<http://www.copa2014.org.br/porque-brasil>>. Acesso em 16 de agosto de 2011.

REIS, Leidane Vieira dos. A relação entre o futebol e religião no Brasil. **Universidade do Futebol**, São Paulo, 28 jul. 2013. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/a-relacao-entre-o-futebol-e-religiao-no-brasil/>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

RIBEIRO, Camila. Quase 4 décadas após 1ª inauguração do Verdão, Cuiabá _recebe' Arena Pantanal. **Circuito Mato Grosso**, Cuiabá, 2 abr. 2014. Disponível em: <<http://circuitomt.com.br/editorias/copa-2014/41420-quase-4-decadas-apos-1-inauguracao-do-verdao-cuiaba-recebe-arena-pantanal.html>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

RODRIGUES, F. X. F. Pierre Bourdieu: esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. **Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/sec.v8i1.999>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

RUITER está desiludido com o atual futebol mato-grossense. **Olho no esporte MT**, Cuiabá, 11 out. 2015. Disponível em: <<http://www.olhoesportemt.com.br/2017/noticia.php?codigo=2084>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

SANDER, Emir. Por um processo de democratização e de moralização do futebol brasileiro! **Carta maior** (editorial). Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/A-derrota-e-a-disputa-pelo-imaginario-brasileiro/31340>>. Acesso em: 9 jul. 2014.

SANTOS, Sérgio. Um craque de Mato Grosso: Pelezinho. **História do Futebol**, 18 out. 2017. Disponível em: <<https://historiadofutebol.com/blog/?p=112224>>. Acesso em: 2 nov. 2019.

SILVA, Pulula da. -Relembrando o passado!: Federação Mato-grossense de Futebol faz aniversário em clima de Copa do Mundo. **VG Notícias**, Várzea Grande, 29 maio 2012. Disponível em: <<https://www.vgnoticias.com.br/imprime.php?cid=11717&sid=11>>. Acesso em: 31 out. 2019.

SILVA, Sidney Barbosa da. História do futebol mato-grossense. **Campeões do Futebol**, 20 dez. 2009a. Disponível em: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/mato_grosso_historia.html>. Acesso em: 4 jun. 2019.

_____. Presidentes da Federação Mato-Grossense. **Campeões do Futebol**, 20 dez. 2009b. Disponível em: <https://www.campeoesdofutebol.com.br/mato_grosso_presidentes.html>. Acesso em: 5 jun. 2019.

SÓ NOTÍCIAS. [S.l.], 2000. Disponível em: <<https://www.sonoticias.com.br/>>. Acesso em: 31 out. 2019.

SOUZA, R.F. de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 20, n. 52, p. 104-121, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622000000300008>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

TELES, VLADIMIR KÜHL. O impacto de uma Copa do Mundo no Brasil. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 13 fev. 2008. Disponível em: <http://www.espm.br/DownloadClipping/20080215/o_impacto_de_uma_copa_do_mundo_no_brasil-13.pdf>. Acesso em: 30 set. 2010.

VAGO, T. M. Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 30-51, 1999. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621999000100003>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

VELASCO, Pedro. Times mato-grossenses conhecem adversários da Copa do Brasil de 2019. **Olhar Esportivo**, Cuiabá, 13 dez. 2018. Disponível em: <<http://olharesportivo.com.br/noticia/times-mato-grossenses-conhecem-adversarios-da-copa-do-brasil-de-2019/10352>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

APÊNDICE 1
CRONONOLOGIA DO FUTEBOL EM MATO GROSSO

ANO		CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
1905	Cuiabá	Segundo Póvoas (1983), o futebol em Mato Grosso teve seu início em 1905, com o padre Antônio Maria Malan (LENZI, 2018), protagonista.	Segundo Póvoas (1983), In: DUARTE, Ederson Brandão Clube Esportivo Dom Bosco: uma história do Futebol. Cuiabá. 2013. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). UFMT. Faculdade de Educação Física, 2012. Orientador: Prof. PhD. José Tarcísio Grunennvaldt. P.20.
1907	Futebol em Corumbá	Sobre o futebol em Corumbá, segundo depoimentos do general César Bacchi de Araújo a Renato Báez (1996, p. 5-7), o futebol corumbaense teve o seu início em 1907.	Renato Báez (1996, p. 5-7)
1909		Chegou a primeira bola	Barros. João Moreira de. Cuiabá e o seu Passado. Resenha Tributária. LTDA. São Paulo. SP. Página 105.
1910		Em 1910, surgiram os dois primeiros clubes de futebol corumbaense, o Sul da América e o Nacional, em Corumbá, e existiu até 1930. Por volta de 1910 havia o 53º Foot Ball Club (o 53º Batalhão de Caçadores); depois, em princípios da década seguinte, o Pátria Foot-Ball (do 16º Batalhão de Caçadores). Militares de Coimbra, Corumbá, Três Lagoas e Campo Grande também formavam suas próprias equipes esportivas, bem como organizavam eventos cívicos em que os esportes compunham parte da programação, além de integrarem a direção ou as equipes de ligas ou clubes de futebol. (DIAS, 2017, p. 71).	BAEZ, 1966, p. 8e DIAS, 2017, p. 71
1910		Por volta de 1910 havia o 53º Foot Ball Club Sul (o 53º Batalhão de Caçadores); depois em princípios da década seguinte, Corumbá.	DIAS, 2017, p. 71
1910		Riachuelo, em Cuiabá e contemporâneo River, Sul américa	BAEZ, 1966, p. 126.

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	(1910-1913), o América do Sul, Nacional (1910-1913).	
1912	Em Corumbá, em 1912, surgiu o clube Botafogo, com jogadores do Colégio Salesiano de Santa Tereza.	BAEZ, 1966, p. 9.
1913	Segundo Duarte (2013, p. 21), é por volta de 1910 que foi disputada a primeira partida de futebol em Cuiabá, entre as equipes Internacional Foot Ball Club (Porto), fundado por Gustavo Kuhlmann x Cuyabá Foot Ball Club (Centro), fundado em agosto de 1913, quando o professor Leowegildo de Mello era diretor da Escola Modelo Barão de Melgaço	DUARTE, 2013, p. 21
1913-1914 at'1948	Guarani, em Corumbá	BAEZ, 1966, p. 128 e 140
1913	Primeira partida entre o Internacional e o Cuiabá	BARROS, [S.p.], p. 105
1913 - 1950	Em 1º de janeiro de 1913, foi fundado o Corumbaense Futebol Clube, o qual recebeu o apelido de Carijó.	BAEZ, 1966, p. 13
1914	Rosariense Sport club – Presidente Ulisses Cuyabano, em Rosário Oeste.	TENUTA, (2020?a), p. 123
1915-1950	Riachuelo Futebol Club, em 24 de fevereiro de 1915, em Corumbá	BAEZ, 1966, p. 13 e 133
1917-1926	1916, foi fundado na Vila Ladário (MS), hoje município do mesmo nome, o Ladarense Esporte Clube	BAEZ, 1966, p. 134
1916	Em 9 de abril de 1916 houve a tentativa da reorganização do Riachuelo Foot-Ball Club.	TENUTA, (2020?a), p. 123
1916 e 1917	Nos anos seguintes surgem novos times, como entre os anos de 1916 e 1917, como o Quinze de Agosto, dirigido por Gonçalo Cristovam (Nenê Guató); o Sete de Setembro, formado por militares do 53º B.C, oriundo de Lorena (SP); o	BAEZ, 1966, p. 87.

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	Iguatemi, que funcionava na Rua Tiradentes; e outros clubes, que emprestaram um colorido especial a Corumbá (BÁEZ, 1966). Em 1916, em função de vários desgastes entre os times de futebol existentes em Corumbá, surge o Coriguá, integrado por jogadores do Corumbaense, Riachuelo e Guarani	
Antes de 1920	O Pátria Foot-Ball (do 16º Batalhão de Caçadores). Militares de Coimbra, Corumbá, Três Lagoas e Campo Grande	DIAS, 2017, p. 71
1917 a 1929	1917 e 1929, os clubes Dom Bosco, Domingos Sávio, Sul América Foot Ball Clube (existiu até 1920), em Cuiabá e Ipiranga, em Corumbá.	BAEZ, 1966, p. 9
1916-1917 até 1926	Surgiu o Constituição Esporte Clube, formado por pessoal civil que servia a Marinha, em Ladário.	BAEZ, 1966, p. 134 e 135
1918	Em 1918 era disputado entre os clubes Corumbaense, Riachuelo, o primeiro clube de Mato Grosso a disputar e conquistar medalhas de ouro, O 15 DE AGOSTO, O 7 DE SETEMBRO, CONSTITUIÇÃO E LADARENSE, CONSIDERADOS DE PRIMEIRA CATEGORIA.	BAEZ, 1966, p. 20
1919	Foi fundado, em Ladário, o Republicano Futebol Clube, por iniciativa de Araújo, calafate do Arsenal da Marinha.	BAEZ, 1966, p. 21
1920	Paulistano	TENUTA, (2020?a), p. 102
1920	Esperança Sport Club, de Porto Murtinho.	TENUTA, (2020?a), p. 103
1921-1926	Em 16 de setembro de 1921 surgiu, em Corumbá, o Comércio Esporte Clube, iniciativas de comerciantes corumbaenses.	BAEZ, 1966, p. 22 e 136
1922	Commercial Foot Ball Club, em Cuiabá	TENUTA, (2020?a), p. 108

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
1936	Em 27 de junho de 1922, por meio de uma reunião, surge uma entidade denominada Liga, para administrar o então sport em Cuiabá, fundada oficialmente em 11 de junho no mesmo ano,	CAMPOS, 1936, p. 20.
1922	Liga Matogrossense de Sports (Desportos) Athleticos (LMSA), na data de 10 de setembro de 1922 – Patrono Leonidas Pereira Mendes.	10 de setembro de 1922 Jornal. (CORREIO DO ESTADO, 1922, p. 4)
1922	Em 1922, no Centenário da Independência do Brasil, em 7 de setembro, a Desportiva, equipe de futebol de Corumbá	BÁEZ, 1996, p. 26
1924	20 de janeiro – Caceres Foot Ball Club, tendo sede da reunião o bar do Corbelino.	TENUTA, (2020?a), p. 123
1925	04 de janeiro, É o mais antigo do estado e o segundo mais antigo do Centro-Oeste em atividade.	
1925	Sport Club Cuiabano, em Cuiabá	TENUTA, (2020?a), p. 131
1926-1965	O futebol em Corumbá, no ano de 1926, chegava ao seu apogeu, com os clubes Corumbaense, Riachuelo e Comércio. Nesse mesmo ano, o Ladariense e o Constituição, em 14 de março de 1926, se fundiram e daí nasceu o Ladário Atlético Clube	BAEZ, 1966, p. 41 e 137
1927	Em 15 de setembro de 1927, nasce a Federação Esportiva Mato-Grossense, em Corumbá, com uma notável participação no erguimento do futebol, formada pelos clubes Corumbaense, Riachuelo, Comércio e Ladário e cuja sede, mais tarde, foi transferida para Cuiabá, com mudança também na sua denominação, que passou a ser Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD),	
1928	Clube Feminino – sociedade civil desportivo-recreativa – 19 de abril.	DORILEO, 2016, p. 36
1928	Na cidade branca aparecem vários times de futebol de várzea ou quadros segunda categoria: Nos	BAEZ, 1966, p. 44

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	times de segunda categoria do futebol corumbaense, ficou célebre na história o Fluminense Futebol Clube de 1927.	
1925	Sport Clube Cuiabano	TENUTA, (2020?a), p. 134
1925	Palmeiras	TENUTA, (2020?a), p. 134
1925	-enquanto o futebol cuiabano patinava em campos improvisados e inadequados para a sua prática, nos municípios do sul do estado de Mato Grosso já ocorriam partidas interestaduais envolvendo equipes do interior de São Paulo, conforme noticiou o jornal A Gazeta do Comercio de Três Lagoas, do dia 14 de outubro de 1925, onde era anunciado um jogo entre a Associação Treslagoense de Esportes Athleticos – ATEA, contra o América Futebol Clube de Araçatuba, de São Paulo, que terminou com o placar de 3x3. Esse mesmo jornal, em sua edição de 12 de dezembro de 1926, anunciava o seguinte: -Noroeste Bauruense vs ATEA : A Comissão diretora do ATEA oficiou ao Noroeste Bauruense convidando-o para vir tomar parte na inauguração do estádio local no dia 1º de janeiro próximo. Podemos antecipar que elle virál.	TENUTA, (2020?a), p. 140
1926	Cacerense Football Club e Rio Branco Foot Ball Club e Vasco da Gama	TENUTA, (2020?a), p. 141
1927	Federação Mato-grossense de Desportos, fundada a 15 de setembro de 1927, mais tarde transferida para Cuiabá, com a denominação de à Federação Mato-grossense de Desportos – FMD, sob o fundamento de que somente nas capitais dos Estados-Membros do País poderiam funcionar as Federações Regionais de Futebol	BAEZ, 1966, p. 41
1927	Fluminense Futebol Clube de	BAEZ, 1966, p. 44

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	1927, em Corumbá	
1927	Rodolfo Wild, Antonio de Mello e Geraldo Andrade, fundaram o 'LAGEADO FOOT-BALL CLUBE'	TENUTA, (2020?a), p. 167
1928	Americano Futebol Clube fundado em 12 de outubro de 1928, pelos armênio naturalizado brasileiro, Lázaro Papazian e Eurides curvo	TENUTA, (2020?a), p. 177
1929	Sociedade Esportiva Campograndense	ARAÚJO, Tomo I, p. 48, s/d
1929 a 1932	em Corumbá houve um período no futebol denominado Período dos Matutinos, entre os anos de 1929 e 1932, constituído pelos clubes de futebol do Corumbaense e do Riachuelo, que conquistaram muitos aplausos das torcidas corumbaense e ladarense. No Matutino do Corumbaense No Matutino do Riachuelo	BAEZ, 1966, p. 48
1930-1945	Em 24 de agosto de 1930 foi fundado o Mato Grosso Esporte Clube, em Corumbá.	BAEZ, 1966, p. 109 e 138
1930-1933	Corumbá – segunda divisão do esporte amador	BAEZ, 1966, p. 144
1930-Década	Cova de Onça, River Foot-Ball Club, Sport Club Comercial,	TENUTA, (2020?a), p. 108
1930	Em Campo Grande, outros times foram surgindo: Em 1930, o Democrata Futebol Clube, Sírio Esporte Clube (da colônia libanesa), Andaraí Clube (militares), Cruzeiro Futebol Clube (dirigido por japoneses), Esporte Clube Juventus, Royal Futebol Clube, Estudantino Esporte Clube e Renner Esporte Clube. [...]	ARAÚJO, Tomo I, p. 49, s/d
1931	Comércio Esporte Clube (19 de Agosto) – fundação-	CAMPOS, 1983, p. 16
1931	Naquele período, surgiam, no sul do estado, outros clubes. Em Campo Grande (hoje MS), os	LELO, Antônio Mário. Achegas dos primórdios do futebol Matogrossense. In: http://cacellain.com.br/blog/?author=18 , acesso em

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	clubes da S. S. Campo-Grandense, do Militar, do S. C. Americano, do Clube Recreativo Amambahy, do Comercial Sport Club (alvinegro), do Democrata Foot-Ball Club (alvianil) e do Internacional F. C. (alviverde/ex-Guarani S. C.). Em Aquidauana (MS), o time do 6º Batalhão do Exército, o Aquidauanense Foot-Ball Club, e o Oriente Sport Club. Em Maracaju (MS), o Maracaju Sport Club. Em Ponta Porã (MS), o Ponta Porã Foot-Ball Club. Em Miranda (MS), o Imparcial Mirandense Foot-Ball Club, o Bela Vista Brasileira, o Bela Vista Paraguaya, o Universal Mirandense e o União Sportiva Mirandense. E, em Porto Martinho (MS), a filiação da Liga Sportiva Martinhense à FMS de Corumbá, composta pelo Sport Club Martinhense e o Comercio Foot-Ball Club (LELO, 2016).	29/05/2019).
1933 a 1960	Segundo Báez (1966, p. 65-71), diversos times de futebol da Segunda Divisão do Esporte Amador fizeram parte do cenário de Corumbá (MS), na década de 1960, tais como: Ferpa (1930 a 1933); Cruzador (1937 a 1940); Fortaleza; Zona Tórrida (1933 a 1943); Gasolina (1940 a 1943); Santa Teresa (1940); Comercial (1940); E. C. Corumbá ; Oeste E. C. (1946 a 1949); Beira Mar (1949 a 1950); Cruz Vermelha (1951 a 1955); Cruzeiro (1958 a 1965); Bom Retiro (1935 a 1937); Carijó (1940-1944).	Báez (1966, p. 65-71 e 147)
1934	Mixto Esporte Clube – 20 de maio	DORILEO, 2016, p. 49
1934	Clube Pelote –em junho de 1934 contemporâneo com o Mixto –	Tese
1930	Pátria – composto por militares do 16º Batalhão de Caçadores.	(Barros. João Moreira de. Cuiabá e o seu Passado. Resenha Tributária. LTDA. São Paulo. SP. Página 108.
1930	EIM 175 – composto por alunos	(Barros. João Moreira de. Cuiabá e o seu Passado. Resenha Tributária. LTDA. São Paulo. SP. Página

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	do Liceu Cuiabano.	109.
1934	Contemporâneos com o Mixto: Americano, Paulistano, Atlético, Palmeiras. Mais tarde: Clube Esportivo Operário Várzea-grandense, Riachuelo, São Cristóvão, Boa Vista.	DORILEO, 2016, p. 9
1934	Associação Athetica Typographica	TENUTA, (2020?a), p. 108
1934	Já existia o Destemido	
1934	Julho, fundação da A.A. Typographica	TENUTA, (2020?a), p. 199
1934 -1937	no período de 1934 a 1937, o Trincheira, o União, mais tarde denominado Centenário e, depois, o Oeste.	BAEZ, 1966, p. 52
1935	Já existiam 5 entidades esportivas: Americano Futebol Clube (que nascera com o nome de América), Clube Esportivo D. Bosco, , Comércio Esporte Clube, Mixto Esporte Clube, Paulistano Futebol Clube	CAMPOS, 1983, p. 16
	XV de Novembro, do Porto, em Cuiabá	MARCELO (Glauco), 2019
1935-1937	em 1935, o Bom Retiro, Corumbá	BAEZ, 1966, p. 52 e 137
1935	Em 1935, houve em Corumbá o primeiro jogo interestadual de futebol, quando o Noroeste, de Bauru (SP), visitou a Cidade Branca. Depois de vencer o Corumbaense e o Ladário ou Riachuelo, o Noroeste perdeu para o Mato Grosso Esporte Clube	BÁEZ, 1966, p. 57
1936	Criação da Liga Esportiva Cuiabana, - LEC - representando: Clube Esportivo Feminino, Mixto Esporte Clube, Esporte Clube Pelote, Esporte Clube Formoso, Comércio Esporte Clube, Americano futebol Clube, Clube Esportivo D. Bosco, Esporte Clube Paulistano, Esporte Clube Destemido, Associação Atlética	CAMPOS, 1983, p. 20

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	Tipográfica.	
1936	Comércio Esporte Clube – inauguração 7 de setembro	BÁEZ, 1996, p. 26
1936	Madureira, do Colégio de Santa Teresa, em Corumbá	BAEZ, 1966, p. 51
1936	Em 1936 existia em Campo Grande cinco clubes: E. C. Juventus, S. E. Campo-grandense, Royal F.C., Estudantino E. C. e Renner E. C	ARAÚJO, Tomo I, p. 51, s/d
1937-1940	Cruzador, em Corumbá – segunda divisão do esporte amador	BAEZ, 1966, p. 144
1937-1940	Fortaleza, em Corumbá – segunda divisão do esporte amador	BAEZ, 1966, p. 145
1938-1943	Zona Tórrida, em Corumbá – segunda divisão do esporte amador	BAEZ, 1966, p. 145
1938	Operário Futebol Clube, o -Galo da Bandeirantes!, como também é conhecido o Operário fundado em 1938, em Campo Grande. A origem do Operário está ligada ao Clube dos Trinta. Encerrou-se em 1972. Era conhecido como o Galo da Bandeirantes, oriundo Clube dos Trinta.	ARAÚJO, Tomo I, p. 55, s/d
1938	Em Campo Grande há o Renner Esporte Clube, Cruzeiro Futebol Clube, Noroeste Futebol Clube e Operário Futebol Clube	ARAÚJO, Tomo I, p. 51, s/d
1938-1939	Depois vieram o E. C. Taveirópolis em 1939, desde a sua fundação até a chegada do profissionalismo, em 1979, no sul de Mato Grosso, nunca aceitou participar dos campeonatos organizados pelo LEMC, em Campo Grande. Sua melhor fase foi em 1984 ficando em quarto lugar no campeonato.	ARAÚJO, Tomo I, p.89, s/d
1939	Existia no Colégio Santa Teresa, em Corumbá, o Sul América.	BAEZ, 1966, p. 59
1940	Santa Teresa, em Corumbá –	BAEZ, 1966, p. 145

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	segunda divisão do esporte amador	
1940	E. C. Comercial, em Corumbá – segunda divisão do esporte amador	BAEZ, 1966, p. 146
1947	o Mamoré Futebol Clube, em 1947, atuante nos anos 40 e 50, liderado pelas famílias Capriata, Ortiz e Reis, que participou de campeonatos brilhante nas décadas de 40 e 50, em Campo Grande.	ARAÚJO, Tomo I, p. 93, s/d
1940-1943	Gasolina, em Corumbá – segunda divisão do esporte amador	BAEZ, 1966, p. 145
1941	É fundado em Campo Grande o Andaraí F. C., o Gremio Esportivo Renner, Operário Futebol Clube, e Esporte Clube Juventus, disputando o campeonato patrocinado pela L.E.M.A.	ARAÚJO, Tomo I, p.74, s/d
1940 a 1941	Samurgir novos quadros de segunda categoria em Corumbá, que formaram a sua liga e disputaram seu campeonato interno, com a participação de Carijó Esporte Clube.	(BÁEZ, 1966) p. 59
1941	Em 1941 Gadia fundou o Andaraí F.C. que disputou o campeonato até 1949	(BÁEZ, 1966) p. 59
1941	Em 21 de abril de 1941, fundou-se o Caroá Atlético Clube em 24 de abril o Esporte Clube Corumbá.	(BÁEZ, 1966) p. 60
1941-1944	A fundação da Liga de Esportes de Corumbá se deu a 14 de julho de 1941, que logo se filiou Federação Mato-grossense de Desportos, fundada a 15 de setembro de 1927, mais tarde transferida para Cuiabá, com a denominação de à Federação Mato-grossense de Desportos – FMD, sob o fundamento de que somente nas capitais dos Estados-Membros do País poderiam funcionar as Federações Regionais de Futebol.	(BÁEZ, 1966) p. 61 e 139.

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
1941	Barroso Esporte Clube, fundado em 26 de agosto de 1941; o Clube dos Nambiquaras, fundado em 27 de outubro de 1941.	BÁEZ, 1966, p. 61
1941	Aparece a seleção de Poxoréu, composta por Alirio, Dito II e Dito I; João, Lauro e Cabobló; Evaristo. Gaúcho, Ventura, Nenê e Malheiros.	TENUTA, (2020?a), p. 268
1941	Aparece o clube 3º Distrito de Várzea Grande	TENUTA, (2020?b) p. 36
1942	Criado em Cuiabá, o Estado Novo Esporte Clube, em Agosto.	TENUTA, (2020?a) 263. volume 1
1942	Em 26 de maio de 1942, em Cuiabá, foi fundada a Federação Mato-Grossense de Desportos (FMD), denominação originária da Federação Mato-Grossense de Futebol (FMF), com a finalidade de gerir o futebol no Estado, isto é, 15 anos após a fundação dessa federação em Corumbá.	(BÁEZ, 1966) p. 41
1942	3º Distrito de Várzea Grande e, outro time chamado várzea Grande ou Várzea-grandense.	TENUTA, (2020?b), p. 82
1942	Quadro do Amor, do argentino Argentino José de Nepomuceno, em Campo Grande.	ARAÚJO, Tomo I, p. 62, s/d
1943	Sociedade Esportiva Noroeste, Noroestão, em Campo Grande. Foi campeão em 1947, 49, 50, 52, 53 e 54.	ARAÚJO, Tomo I, p.62, s/d
1943	A 15 de março de 1943 foi fundado o Commercial Futebol Clube por, Eteócles Ferreira.	ARAÚJO, Tomo I, p.79, s/d
1944	Em 1944, com a criação do Conselho Nacional de Desportos e a regulamentação oficial das práticas esportivas no país a LEMA foi transformada na LEMC – Liga Esportiva Municipal Campo-grandense.	ARAÚJO, Tomo I, p. 74, s/d
1944	União Futebol Clube, do bairro	ARAÚJO, Tomo I, p. 61, s/d

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
	Vila Carvalho, em Campo Grande.	
1944	Faziam parte da 2ª Divisão de Amadores: Guarani, Ferroviário, Aeroviários, Comixta, Botafogo, Mercúrio	BÁEZ, 1966, p. 64
1945-1948	Aparecimento dos times Comixta (1945-1950) e Motorista (1948 a 1965), em Corumbá.	BÁEZ, 1966, p. 64 e 65 e 140
1946-1949	Oeste Esporte Clube, em Ladário, que viveu de 1946 a 1949.	BÁEZ, 1966, p. 59 e 146
1949-1950	Beira Mar, em Corumbá, que viveu de 1946 a 1949.	BÁEZ, 1966, p. 59 e 146
1948	Foi fundado o Clube Atlético Matogrossense, por Makariozenagape João Pires, em 21 de abril de 1948.	TENUTA, (2020?b), p. 151
1948-1965	Criação do Moto Esporte Clube, fundado pelos motorista da capital.	TENUTA, (2020?b), p. 156
1949	Seleção Cuiabana conquistou IV Campeonato Estadual contra o Campo Grande.	DORILEO, 2016. p. 50
1949-1950	Báez (1966, p. 71) afirma que, em 31 de março de 1949, surgiu um novo clube na constelação da LEC, em Corumbá: a Associação Atlética Luso-Brasileira, por iniciativa de Gastão da Costa Ribeiro, Nelson Déniz, Ary Costa, Joaquim Menezes, Dr. Vicente Bezerra Neto (orador oficial) e Joaquim dos Santos (Milton).	BÁEZ, 1966, p. 70 e 141
1949	1º de maio fundação do Clube Esportivo Operário Várzea-grandense Chicote da Fronteira	http://globoesporte.globo.com
1950	Na década de 50 os sapateiros influenciados pelo time do Alfaiate F. C. fundou o São Crispim F.C., em 17 de março de 1954 e, em 1955 passou a integrar o quadro de elite do campeonato da LEMC, já com o nome mudado para 1º de maio futebol clube que resistiu até o ano de 1978.	ARAÚJO, Tomo I, p. 87, s/d

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
1950	Em 1950, oito quadros disputaram o certame da Segunda Divisão: Esplanada, Vasco da Gama, Esporte Clube Corumbá, Brasil Futebol Clube, Beira-Mar, Ipiranga, Brotinho e Nacional, em Corumbá.	BÁEZ, 1966, p. 65-71
1950	João Mussa, fundador do Bariri Esporte Clube, em Várzea Grande.	BARRETO, 2017, p. 96
1950-1961	Em 2 de fevereiro é fundado o Jabaquara Esporte Clube que durou até 15 de maio de 1961.	BÁEZ, 1966, p. 114 e 115 e 141
1951	Liga Cuiabana Independente - LCI	TENUTA, (2020?b), p. 211
1951 a 1955	Cruz Vermelha, em Corumbá, que viveu de 1951 a 1955.	BÁEZ, 1966, p. 59 e 146
1952	Times de Cáceres: Humaitá e Rodovia	
1953	Inauguração do Dutrinha	DORILEO, 2016, p. 55
1955	Em 1955, chegou ao campeonato com o reforço de três jogadores do seu maior rival, o Industrial Esporte Clube Porto	CBF, [201-]; FUSÃO, 2009.
1955	Em 1955 surgiu o Asas Esporte Clube, nome que homenageia o símbolo maior da aeronáutica brasileiro, o avião. Foi campeão em 1958 e bicampeão em 1959. Foi campeão em 1963 e com a chegada da profissionalização em 1972, o ASAS E. C. deixou de existir em Campo Grande.	BÁEZ, 1966, p. 81
1955	Clube Atlético Noroeste, fundado pelo sr. Lázaro, em Campo Grande.	ARAÚJO, Tomo I, p. 62, s/d
1958	O primeiro time de futebol assim considerado, com uniforme próprio, foi o Rondonópolis Atlético Clube (RAC), em 4 de maio de 1958	CARMO, 2005, p. 518
1958-1965	Cruzeiro, em Corumbá	BÁEZ, 1966, p. 147

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
1959	Em 21 de abril é fundado em Poxoreu o Corinthians Esporte Clube	
1959-1965	Dom Bosco, em Corumbá	BÁEZ, 1966, p. 142
1960	Conheci Cláudio Coelho Barreto no final da década de 60. Tinha 18 anos. Ele funcionário do Banco da Amazônia, época em que ser bancário era sinal de bons salários e muito prestígio. Homem entusiasta pelo esporte foi logo tomando conta da cidade. Barreto tornou-se presidente da Liga Municipal de Futebol e, com ele o movimento para murar o velho estádio da cidade. Arregimentou forças e partiu para um movimento que transformou conceitos e logo, o estádio murado, também passava a chamar Estádio Municipal Cláudio Coelho Barreto. O futebol cresceu, novos times surgiram e os domingos eram completamente dominados pelo futebol. —Água do Leste e -Dois de agosto eram times das massas. Estou falando de Guiratinga, cidade que o acolheu, amou e por certo continuará sempre amando Cláudio Coelho Barreto.	MACEDO FILHO, 1993
1962	1962, Hermenegildo assumir a presidência da Liga Esportiva de Rondonópolis	CARMO, 2005, p. 518
1963	Em 1963, com as seguintes equipes: Santos Futebol Clube (base do antigo Rodoviário Esporte clube, do BNER); Batidinha Esporte Clube; Comercial Esporte Clube; e São Pedro Esporte Club (time de São Pedro da Cipa, que fora convidado para se juntar às quatro equipes disputantes. Como o São Pedro não tinha jogadores para as preliminares, um time de várzea chamado Operário, do desportista Luizão, representava-o). Os times do Santos e do Batidinha eram os que possuíam maior torcida.	CARMO, 2005, p. 520

ANO	CLUBES E LIGAS	REFERÊNCIAS NA TESE
1965	Dos fundadores da Liga de Esportes de Corumbá, em 1941, não existem mais os seguintes clubes de futebol em 1965: Esporte Clube Corumbá, Caroá Esporte Clube, Mato Grosso Esporte Clube, Comixta Esporte Clube, Guaraní Esporte Clube, Jabaquara Esporte Clube, Cimento Esporte Clube, Siderurgia Esporte Clube, Clube Luso Brasileira.	BÁEZ, 1966, p. 78.
1967	Surge o Profissionalismo	DORILEO, 2016, p. 55
1970	Um dos maiores expoentes do futebol Campo-grandense, na década de 70 foi Helder Ferrari Paniago, fundador da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul, eleito o primeiro presidente da entidade.	ARAÚJO, Tomo I, p.128, s/d
1971	Inclusão de time cuiabano no Campeonato Nacional – Copa Brasil – O Mixto, com estado ainda indiviso.	MOREIRA, 2019
1971	São Cristovão, de Dito Coro	TENUTA, (2020?c), p. 193
1973	1973 – Formação de um clube profissional em Rondonópolis – União esporte clube	TENUTA, (2020?c), p. 218
1976	Inauguração Verdão	DORILEO, 2016, p. 55
1978	Hoje, 13 de junho, comemora-se o aniversário de 41 anos do –Santo Antônio Esportes Clubel, o mais vitorioso time de futebol amador de Várzea Grande.	https://www.vgnoticias.com.br/artigos/santo-antonio-ec-39-anos-do-mais-vitorioso-time-de-futebol-amador-de-varzea-grande/38614

APÊNDICE 2 – RELAÇÃO DAS LIGAS

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
01. ÁGUA BOA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE ÁGUA BOA CNPJ: 24.990.608/0001-79 Presidente: MARCELO NUNES DA SILVA	Ginásio de Esportes Domingos Zandoná BR – 158 Água Boa – MT CEP: 78635-000
02. ALTA FLORESTA	BARRA ESPORTE CLUBE B ESPORTE CLUB LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE ALTA FLORESTA – LEMAF CNPJ: 00.831.156/0001-14 Presidente: ABRAHÃO LEITE DE CARVALHO Conselho Fiscal: Élson Quadros	Endereço: Rua H-1, nº 119 Bairro: Santa Maria – Setor Industrial Alta Floresta – MT CEP: 78580-000 Mandato: Eleição se realizará no 1º dia útil do mês de dezembro a cada 3 (três) anos 2015/2017 Última eleição: 21/07/2015
03. ALTO PARAGUAI	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE ALTO PARAGUAI CNPJ: 24.977.365/0001-39 Presidente: ALEX DE LAURA DALTRO DE SOUZA	Rua 15 de novembro, s/nº Centro Alto Paraguai – MT CEP: 78410-000
04. ARAPUTANGA	LIGA DE DESPORTO MUNICIPAL DE ARAPUTANGA CNPJ: 24.986.853/0001-02 Presidente: JOÃO MÁRCIO ROCHA	Av. Castelo Branco, nº 194 Caixa Postal 012 Araputanga – MT CEP: 78260-000 Cores: azul e branco
05. ARENÁPOLIS	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE DESPORTO DE ARENÁPOLIS CNPJ: Presidente: HEMERSON LEÔNCIO BRUGNOLI	Av. Presidente Dutra, nº 364 Vila Nova Arenápolis-MT CEP: 78420-000
06. BARRA DO BUGRES	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE BARRA DO BUGRES CNPJ: Nº 03.953.692/0001-80 Presidente: GENIVALDO JOSÉ	Praça Ângelo Masson, nº 1000 Prefeitura Municipal de Barra do Bugres Bairro: Centro Barra do Bugres – MT

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
	NUNES DE ARRUDA	CEP: 78390-000
07. BARRA DO GARÇAS	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE BARRA DO GARÇAS - MT CNPJ (MF): 14.952.972/0001-90 Inscrição Municipal: 0102323-01 Presidente: DEMILSON ALVES MARTINS Vice-Presidente: José Jacó Filho	Rua Dom Aquino, s/nº Fundos Estádio José Valeriano Costa (Zeca Costa) Barra do Garças – MT CEP: 78600-000 . Mandato: 4 (quatro) anos Quadriênio 2018/2021 . Última eleição: 24/04/2017
08. CÁCERES	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE CÁCERES CNPJ: Presidente: AFONSO BRASIL FÉDOR	Rua dos Jornaleiros, Qd.08, Casa 03 Bairro: Vitória Régia – Ginásio de Esportes –Didi Profetal Cáceres - MT CEP: 78200-000
09. CANARANA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE CANARANA CNPJ: 24.991.804/0001-68 Presidente: CELSO LUIZ ZANGIROLANI	Rua Miraguai, Nº 298 Centro Canarana – MT CEP: 78640-000
10. CHAPADA DOS GUIMARÃES	LIGA ESPORTIVA DE CHAPADA DOS GUIMARÃES - LECHAG FUNDAÇÃO: 05/08/2006 CNPJ: 08.365.286/0001-10 Presidente: ÉLSON DE SIQUEIRA XAVIER	Rua 16, Quadra 20, Casa 12 Cohab Vêu de Noiva Chapada dos Guimarães – MT CEP: 78195-000 . Mandato: 3 (três) anos 2016/2018 . Última eleição: 31/12/2015
11. CLÁUDIA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE CLÁUDIA CNPJ: 32.945.776/0001-70 Presidente: FRANCISCO JOSÉ PINTO PEREIRA	Rua Pedro Celestino, s/nº Centro Cláudia – MT CEP. 78540-000
12. COLÍDER	LIGA ESPORTIVA DE COLÍDER CNPJ: 13.627.931/0001-66 Presidente: FRANCISCO PEREIRA DOS SANTOS	Av. Marechal Rondon , nº 965 Setor Leste Centro Colíder – MT CEP: 78500-000 . Mandato: 4 (quatro) anos 2016/2019

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
	Vice-Pres.: Dinarte da Silva	. Última eleição: 25/04/2015
13. DIAMANTINO	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE DIAMANTINO CNPJ: 01.376.938/0001-73 Presidente: ISMAEL SANTOS	Praça Major Caetano Dias, nº 18 Endereço para Correspondência: Rua João Batista Almeida, nº 48 Centro Diamantino – MT CEP: 78400-000
14. DOM AQUINO	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE DOM AQUINO CNPJ: 03.643.749/0001-45 Presidente: MIGUEL BRANK	Endereço: Rua 16, Quadra 04, Casa 05 (Sra. Guaracy Sales Ribeiro) Bairro: Conjunto João de Barro – Esportivo Dom Aquino - MT CEP : 78830-000 Obs: Está aguardando ofício com a nova Ata de eleição. A Sra. Guaracy esteve na Federação dia 10.09.2014 . Mandato: 2 (dois) anos 2009/2010 . Última eleição: 26/01/2008
15. GUARANTÃ DO NORTE	LIGA DESPORTIVA MUNICIPAL DE GUARANTÃ DO NORTE CNPJ: 24.671.984/0001-09 Presidente: EUGÊNIO CAFONI DE LIMA	Av. Jatobá, 1195 Guarantã do Norte – MT Cep: 78520-000
16. GUIRATINGA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE GUIRATINGA CNPJ: 03.633.179/0001-02 Presidente: ABILIO JOSÉ DE SOUZA FILHO	Av. Rotary Internacional, 944 Bairro: Santa Maria Bertilia Guiratinga – MT CEP: 78760-000
17. ITIQUIRA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE ITIQUIRA CNPJ: 03.945.441/0001-54 Presidente: ALFREDO MACHADO PAIVA FILHO	Prefeitura Municipal de Itiquira MT 299, Bairro Arco Íris, nº 621 Itiquira-MT CEP – 78790-000
18. JANGADA	LIGA DESPORTIVA MUNICIPAL JANGADENSE CNPJ: 36.925.949/0001-40 Presidente: EDERZIO DE JESUS MENDES	Endereço: Av. Marechal Rondon, 490 Centro Jangada – MT CEP. 78490-000 . Mandato: Não tem nenhuma ata de eleição . Última eleição: Sr Ederzio apresentou

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
		requerimento de afastamento para concorrer as eleições de 2016.
19. JUARA	LIGA ECLÉTICA AMADORA MUNICIPAL DE JUARA CNPJ: 33.708.553/0001-52 Presidente: MARCOS ANTÔNIO DE JESUS	Rua Bauru, 91Y Centro Juara – MT CEP. 78575-000 . Mandato: Não tem nenhuma ata de eleição. . Última Eleição: Ofício de esclarecimento sobre abandono da Liga datado em 03/04/2014.
20. JAURU	LIGA DESPORTIVA JAURUENSE CNPJ: 00.063.424/0001-03 Presidente: SEBASTIÃO FERREIRA	Rua do Comércio, s/nº Centro Jauru – MT CEP. 78255-000
21. JUINA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL JUINENSE CNPJ: 70.499.900/0001-00 Presidente: PEDRO PAULINO DE BRITO	Av. Nove de Maio, 261 Centro Juína - MT CEP. 78320-000
22. JUSCIMEIRA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE JUSCIMEIRA CNPJ: 01.365.923/0001-00 Presidente: JOSÉ QUIRINO DA SILVA	Rua Dr. Emanuel Pinheiro, nº 257 Juscimeira – MT CEP. 78810-000
23. LUCAS DO RIO VERDE	LIGA ESPORTIVA Leverdense – L.E.L CNPJ: 37.500.170/0001-45 Presidente: FÉLIX ESPÍNDOLA DUTRA	GINÁSIO RIO VERDE Rua Sarandi, s/nº Bairro Rio Verde Lucas do Rio Verde – MT CEP: 78455-000 . Mandato: 2 (dois) anos 2011/2013 . Última eleição: 08/08/2011 LIGA ESPORTIVA DE LUCAS DO RIO VERDE-MT
24. MIRASSOL D'OESTE	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE MIRASSOL D'OESTE CNPJ: 01.395.201/0001-06 Presidente: CENECIR DOS SANTOS SOBRINHO	Rua Antônio Tavares, s/nº Jardim Planalto Mirassol D'Oeste – MT CEP: 78280-000

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
25. NOVA CANAÃ	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE NOVA CANAÃ CNPJ: 24.772.238/0001-01 Presidente: JOSÉ LINDOMAR DE OLIVEIRA Vice -Pres.: Abimael Vieira de Almeida	Av. Brasil, nº 163 Bairro: Nova Canaã do Norte / MT CEP: 78515-000
26. NOVA BRASILÂNDIA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE FUTEBOL NOVA BRASILÂNDIA CNPJ: 33.004.896./0001-36 Presidente: CRISTÓVÃO CATARINO DA COSTA	Av. Brasil, Nº 957 Centro Nova Brasilândia / MT CEP: 78860-000
27. NOVA MUTUM	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE NOVA MUTUM CNPJ: 97.407.365/0001-77 Presidente: JOÃO CARLOS JADANH	GINÁSIO DE ESPORTES Av. Mutum – Nova Mutum – MT CEP. 78450-000
28. NOVA OLÍMPIA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE NOVA OLÍMPIA CNPJ: 24.740.789/0001-85 Presidente: PAULO CÉSAR DOS SANTOS	Rua 30, nº 449 S Bairro: Jardim das Oliveiras Nova Olímpia – MT CEP. 78370-000
29. NOVA XAVANTINA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE NOVA XAVANTINA CNPJ: Presidente: JOÃO BOSCO DO NASCIMENTO	Av. Brasil Central, nº 204 Centro Nova Xavantina – MT CEP. 78690-000
30. NOBRES	LIGA MUNICIPAL DE FUTEBOL DE NOBRES CNPJ: 11.550.539/0001-30 Presidente: ALZIRO MÁXIMO XAVIER	ESTÁDIO MUNICIPAL BALIZÃO Av. Marechal Rondon, s/nº Nobres - MT CEP: 78460-970
31. NORTELÂNDIA	LIGA ESPORTIVA NORTELANDENSE	SECRETARIA DE ESPORTES DE NORTELÂNDIA Av. Prefeito João Macaúbas, nº 55

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
	CNPJ: 01.268.176/0001-91 Presidente: JOCÉLIO PEREIRA DOS SANTOS	Nortelândia – MT CEP: 78430-000
32. PARANAÍTA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE FUTEBOL DE PARANAÍTA FUNDAÇÃO: 13/06/1991 CNPJ: 07.616.664/0001-29 Presidente: LOURDIVAL RIBEIRO GOUVEIA Vice-Presidente: Elvis Pedroso	GINÁSIO DE ESPORTES JAIME VERÍSSIMO DE CAMPOS Rua Padre Jorge Albertini, s/nº Centro –Paranaíta - MT CEP: 78590-000 . Mandato: 2 (dois) anos 2017/2018 . Última eleição: 09/10/2016
33. PARANATINGA	LIGA MUNICIPAL DE DESPORTOS DE PARANATINGA CNPJ. 01.855.295/0001-40 Presidente: JOSÉ CARLOS DOS SANTOS	Av. Brasil, nº 1131 Paranatinga – MT CEP: 78870-000
34. PEDRA PRETA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE PEDRA PRETA CNPJ Nº 03.938.768/0001-07 Presidente: JOSÉ DE DEUS TEODORO	Av. Fernando Correa da Costa, nº 940 Pedra Preta – MT CEP: 78790-000
35. POCONÉ	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL POONEANA CNPJ. Presidente: JUVENAL BENEDITO COSTA FILHO	Travessa do Ensaio, nº 81 Cruz Preta Poconé – MT CEP: 78175-000
36. PONTES E LACERDA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE PONTES E LACERDA CNPJ. 36.910.768/0001-40 Presidente: SAMUEL ABREU DE OLIVEIRA	Av. Marechal Rondon, nº 1615 Pontes e Lacerda – MT CEP: 78250-000
37. POXORÉU	LIGA ESPORTIVA DE POXORÉU - LEP CNPJ. 03.408.804/0001-12 Presidente: ALESSANDRO DOS SANTOS OLIVEIRA Vice-Presidente: José Pedro da	Rua Campo Grande Bairro: Cohab Velha Poxoréu – MT CEP: 78800-000 . Mandato: 2 (dois) anos 2018/2019 . Última eleição: 02/06/2017

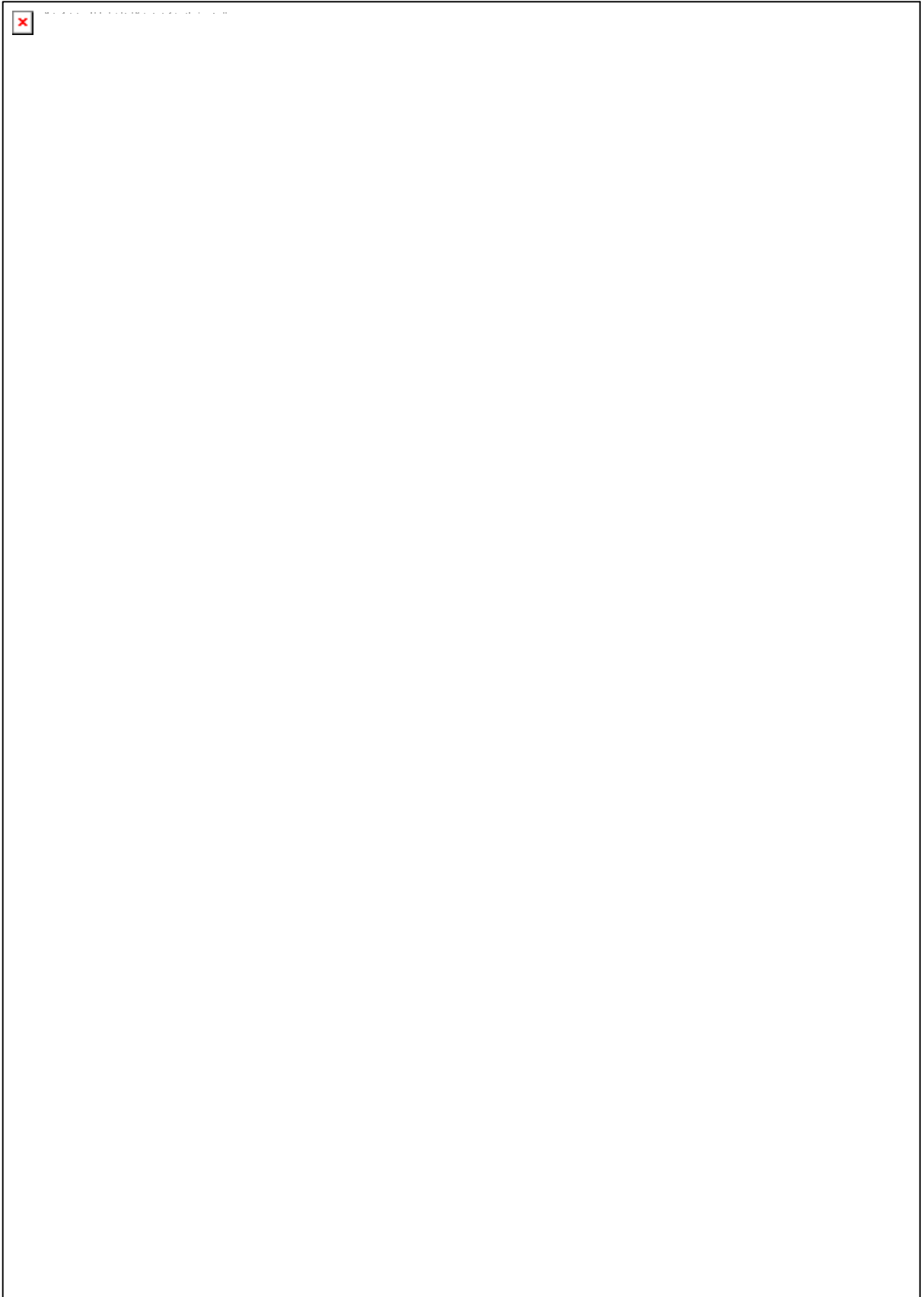
Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
	Silva Junior E-mail: semecpox@gmail.com	
38. PRIMAVERA DO LESTE	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE PRIMAVERA DO LESTE CNPJ. 24.773.111/0001-07 Presidente: GEOVANI HERBERS	Rua Oliveira Portas, nº 1300 Primavera do Leste – MT CEP: 78850-000
39. SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL QUATROMARQUENSE CNPJ. 24.752.834/0001-11 Presidente: JOSÉ CARLOS PANDOVAN	Rua Paraná, 617 Jardim Popular São José dos Quatro Marcos- MT CEP: 78285-000
40. SÃO JOSÉ DO RIO CLARO	LIGA ESPORTIVA RIOCLARENSE CNPJ. 33.710.195/0001-12 Presidente: WALDEMIR DE OLIVEIRA MORO	Rua Canabara, 635 Centro São José do Rio Claro – MT CEP: 78435-000
41. RONDONÓPOLIS	LIGA ESPORTIVA DE RONDONÓPOLIS-LER CNPJ. 03.639.572/0001-03 Presidente: JOSÉ GOMES DA COSTA Vice-presidente: Adones de Souza Magalhães	Rua Vereador Lucas Pacheco de Camargo, nº 1739 Bairro: Jardim Tropical Rondonópolis –MT CEP: 78715-120 . Mandato: 4 (quatro) anos 2015/2018 . Última eleição: 09/01/2014
42. SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE SANTO ANTÔNIO DE LEVERGER CNPJ: Presidente: DANILO BENIGNO DE SOUZA	ESTÁDIO BUGRINHO Rua Praça da Bandeira, nº 1 Centro Santo Antônio de Leverger – MT CEP: 78180-000
43. SINOP	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE SINOP CNPJ. 00.178.954/0001-99 Presidente: MAURO SÉRGIO GARCIA Delegado da Liga: SÉRGIO ROBERTO VILARGA	Rua dos Cajueiros, nº 1584 Centro Sinop – MT CEP. 78550-000

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
	COBERLINO	
44. SORRISO	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE SORRISO CNPJ. 32.945.933/0001-48 Presidente: EDNO GNOATTO	Av. Natalino João Brescansin, nº 1014 Centro (JD – Esportes Magazine) Sorriso – MT CEP: 78890-000
45. TANGARÁ DA SERRA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE TANGARÁ DA SERRA CNPJ. 03.952.876/0001-26 Presidente: JEDSON ZANESCO	Jardim Olímpico (Vila Olímpica REI PELÉ) Av. Tancredo de Almeida Neves nº 2020 N E-mail: ligaesportivatga@gmail.com Tangará da Serra – MT CEP. 78300-000
46. VÁRZEA GRANDE	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL VARZEA-GRANDENSE – LEMVAG CNPJ. 08.797.648/0001-42 Presidente: JOÃO BATISTA DE MELO	Av. Pantaneira, Quadra 19, Casa 01 Bairro: Asa Bela E-mail: fatimadragon1@terra.com.br Várzea Grande – MT CEP: 78150-434 . Mandato: 6 (seis) anos 2014/2019 . Última eleição: 13/04/2013
47. VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE	LIGA ESPORTIVA DE VILA BELA CNPJ. 00.133.988/0001-67 Presidente: VALMIR DOS SANTOS	Rua Dr. Mário Corrêa, 44 Vila Bela da Santíssima Trindade – MT CEP. 78245-000
48. SALTO DO CÉU	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE SALTO DO CÉU CNPJ. 01.903.679/0001-91 Presidente: JADIR ALVES DE SOUZA	Rua Espírito Santo, 202 Centro Salto do Céu – MT CEP. 78270-000
49. TAPURAH	LIGA ESPORTIVA DE TAPURAH – L.E.T. CNPJ. 02.323.097/0001-07 DATA DE FUNDAÇÃO: 29/09/1997 Presidente: JOSELITO PINHEIRO DE ALMEIDA	Av. Paraná, 1100 Centro Tapurah – MT CEP. 78555-000 . Mandato: 2 (dois) anos 2017/2018 . Última eleição: 22/02/2016
50. VILA RICA	LIGA DE FUTEBOL DE VILA RICA CNPJ. 03.148.459/0001-25	Rua 12, nº 1179 – Setor Sul – Centro Vila Rica – MT CEP. 78397-000

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
	Presidente: IVALDO FERREIRA CABRAL	
51. CAMPO VERDE	LIGA ESPORTIVA DE CAMPO VERDE CNPJ. 04.397.814/0001-62 Presidente: ANTÔNIO JOÃO FERREIRA LEMOS	Rua Aracaju, nº 150 Centro Campo Verde – MT CEP. 78840-000
52. NOVA MARINGÁ	LIGA ESPORTIVA NOVAMARINGAENSE CNPJ. 04.700.443/0001-46 Presidente: JAIR FERREIRA DE SOUZA	Nova Maringá – MT CEP. 78445-000
53. NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO	LIGA ESPORTIVA LIVRAMENTENSE CNPJ. 15.007.420/0001-77 Presidente: Dr. ADEILDO MARTINS DE LUCENA FILHO	Av. Carlos Antunes de Almeida, s/nº Prefeitura Municipal: Rua Cel. Botelho Campos, 458 Centro Nossa Senhora do Livramento – MT CEP. 78170-000
54. CARLINDA	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE CARLINDA CNPJ. Presidente: ATALIBIO COELHO	Rua 25 de Janeiro, s/nº Bairro: Cristo Rei Carlinda – MT CEP. 78587-000
55. NOVA BANDEIRANTES	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE NOVA BANDEIRANTES – LEMNOBAN CNPJ. 01.154.740/0001-45 Presidente: SANDRO ROBERTO DA SILVA (Fumaça)	Travessa Alvorada do Sul – 105 Centro Nova Bandeirantes – MT CEP. 78565-000 . Mandado: Última Ata de eleição não informa prazo de mandado . Última eleição: 05/01/2016. Em agosto de 2018 foi autorizado o alvará com isenção
56. BARÃO DE MELGAÇO	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE BARÃO DE MELGAÇO CNPJ. Presidente: BENEDITO ALENCAR DE ARRUDA	Praça José Corrêa Ribeiro, nº 6 Barão de Melgaço – MT CEP. 78190-000
57. CUIABÁ (Bairro Parque)	57. ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ESCOLINHA DE FUTEBOL	Rua F 5, Quadra 61, Casa 05 Setor Comercial

Ítem Município	Liga	Endereço Obs.
Cuiabá)	DO PARQUE CUIABÁ CNPJ. 03.317.185/0001-50	Bairro: Parque Cuiabá Cuiabá – MT CEP. 78095-339
58. PEIXOTO DE AZEVEDO	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE PEIXOTO DE AZEVEDO CNPJ. 24.770.794/0001-30 Presidente: SEBASTIÃO ANTÔNIO DE OLIVEIRA	Rua Oscar Travassos, nº 325 Caixa Postal 36 Peixoto de Azevedo – MT CEP. 78530-000
59. NOVA MONTE VERDE	LIGA ESPORTIVA MUNICIPAL DE FUTEBOL AMADOR DE NOVA MONTE VERDE (LEMFVE) CNPJ. Presidente: ANTÔNIO GERALDO CONJUI	Prefeitura Municipal de Nova Monte Verde Av. Mato Grosso, esquina com a Av. Rondonópolis s/nº Centro Nova Monte Verde – MT CEP. 78593-000
60. MATUPÁ	LIGA MUNICIPAL DE FUTEBOL DE MATUPÁ (L.E.M.M.) CNPJ. 24.771.719/0001-94 Presidente: SEBASTIÃO ANTÔNIO DE OLIVEIRA Vice-presidente: AMAURY DE ARAÚJO SURIANO	Rua 15, nº 250 Centro Matupá – MT CEP. 78525-000

ANEXO 1 – DECRETO N° 24.645



ANEXO 2 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Qual foi o período de apogeu do futebol profissional em Mato Grosso?
2. Quais motivos levaram a decadência do futebol em Mato Grosso? E qual foi o pior período?
3. Qual a contribuição do rádio na trajetória do futebol de Mato Grosso?
4. Qual a relação da TV e o esvaziamento das torcidas nos estádios?
5. Qual a contribuição do estádio Eng. José Manoel Fontanillas Fragelli (Verdão) para o futebol de Mato Grosso?
6. Qual a contribuição da Arena Pantanal -Eng. José Manoel Fontanillas Fragelli para o futebol de Mato Grosso?
7. O modelo de gestão empresarial adotado pelos times de futebol, Cuiabá e Luverdense, é um caminho sem volta para o futebol de Mato Grosso?